UMA VIAGEM EXTRAORDINÁRIA AS MEMÓRIAS DE UM MÉDIUM DE EFEITOS FÍSICOS

STEWART ALEXANDER

Tradução Amadeu António

UMA JORNADA EXTRAORDINÁRIA
AS MEMÓRIAS DE UM MÉDIUM FÍSICO

Revisto e atualizado Stewart Alexander

Epílogo de Leslie Kean

«O que é morrer? Estou de pé na praia. Um navio navega com a brisa da manhã e parte para o oceano. É um objeto e eu fico a observá-lo até que, por fim, se desvanece no horizonte, e alguém ao meu lado diz: «Lá se foi!» Para onde foi? Desapareceu da minha vista, é tudo; é exatamente do mesmo tamanho nos mastros, no casco e nas vergas que tinha quando a vi, e tão capaz de transportar a sua carga de vidas até ao destino. O tamanho reduzido e a perda total de visão estão em mim, não nela; e exatamente no momento em que alguém ao meu lado diz «Lá se foi», há outros que a veem aproximar-se, e outras vozes entoam um grito alegre: «Lá vem ela» – e isso é morrer.»

Charles Henry Brent

Uma Viagem Extraordinária

Edição original: Copyright © 2010 por Stewart Alexander.

Esta edição: Copyright © 2020 por Stewart Alexander. Todos os direitos reservados. Publicado nos Estados Unidos da América e no Reino Unido pela White Crow Books, uma chancela da White Crow Productions Ltd. O direito de Stewart Alexander ser identificado como editor desta obra foi afirmado por ele em conformidade com a Lei de Direitos de Autor, Desenho e Patentes de 1988

Índice

Direitos de autor
Aos Meus Leitores
Prefácio
Um Apreço
Introdução
Parte Um: A Minha Viagem
Capítulo 1: A Viagem Começa
Capítulo 2: O Maravilhoso e o Bizarro
Capítulo 3: Encontro o Meu Primeiro Mentor
Capítulo 4: Sobre os Pennines até Elton
Capítulo 5: O Projeto
Capítulo 6: A Sociedade Arca de Noé
Capítulo 7: Uma Incursão nos Arquivos da N.A.S.
Capítulo 8: O Círculo Doméstico
Capítulo 9: Um Problema Endémico
Capítulo 10: Comunicações Evidenciais
Capítulo 11: Um Tratado Académico
Capítulo 12: Visito a Suíça
Capítulo 13: Aqui, Ali e em Todo o Lado
Capítulo 14: Os Meus Seminários (2000 – 2014)
Capítulo 15: Os Meus Seminários (2015 – 2018)
Capítulo 16: O Seminário Final
Capítulo 17: Tocando a Alma
Capítulo 18: Nas Suas Próprias Palavras
Capítulo 19: O Início do Fim
Capítulo 20: O Fim de Uma Era (Quase)
Capítulo 21: A Minha Última Sessão Pública
Capítulo 22: A Morte é Simplesmente uma Mudança de Localização
Capítulo 23: Posfácio: O Fio Dourado
Parte Dois: Observações e Deduções
Capítulo 1: Declínio e Queda
Capítulo 2: Fraude, Mediunidade Mista e o Cético
Capítulo 3: George Valiantine
Capítulo 4: A Notável Sra. Crandon
Capítulo 5: O Desfecho Final

Capítulo 6: Algumas Reflexões Finais
Epílogo
Agradecimentos

AOS MEUS LEITORES

Ao escrever este livro, sempre tive presente que falar de si próprio pode ser facilmente interpretado pelo leitor como um exercício de egocentrismo. Por isso, sempre que possível, utilizei relatos e relatórios já publicados por outros sobre a minha mediunidade, embora reconheça que isso também pode levar à presunção de que apenas me entreguei à autoengrandecimento. Contudo, isso era inevitável, pois para contar a minha história por completo era necessário fazê-lo exatamente assim, e o que se segue é, portanto, um relato fiel de tudo o que me aconteceu ao longo da minha longa viagem de descoberta.

Aqui está a verdade literal e peço ao leitor que aceite que o meu único motivo e intenção sempre foram, desde o início, simplesmente partilhar convosco a maravilhosa realidade da sobrevivência humana além da sepultura. Saber que reencontros tiveram lugar na sala de sessões, em incontáveis ocasiões, entre os vivos e os chamados mortos, foi profundamente comovente para mim. Acredito firmemente que isso é possivelmente um dos maiores privilégios que se pode experimentar. Espero sinceramente que o que agora se segue seja aceite como um registo credível e sincero do meu profundo envolvimento no movimento espiritista e que ofereça conforto e reassurance de que a morte não é o fim, mas uma passagem para esse outro mundo para o qual, um dia, todos passaremos.

Stewart Alexander, maio de 2020

Prefácio

A literatura sobre a maioria dos aspetos da mediunidade é extensa e informativa, mas há, no entanto, uma escassez de bons relatos em primeira mão por médiuns físicos das suas experiências na sala de sessões e do desenvolvimento dos seus dons. O resultado é que temos conhecimento insuficiente do que é realmente ser um médium físico. Há duas razões óbvias para esta escassez. Em primeiro lugar, os médiuns físicos estão geralmente em transe profundo quando os fenómenos são produzidos e, por isso, muitas vezes sabem menos do que acontece do que aqueles que assistem à sessão. E, em segundo lugar, tem havido muito poucos bons médiuns físicos.

Assim, saúdo calorosamente o livro de Stewart Alexander. Stewart não é apenas um médium físico excecional, com um conhecimento profundo e extenso do seu próprio dom, como também tem um interesse académico pela mediunidade física em geral e é uma mina de informação sobre o assunto. Tenho estado envolvido em investigação psíquica há mais de 30 anos e tive a sorte de participar em sessões com Stewart tanto como membro de círculos públicos como convidado no seu círculo doméstico privado, pelo que posso falar da sua mediunidade a partir de experiência pessoal.

Além disso, conhecendo Stewart como amigo pessoal há muitos anos, posso testemunhar a sua integridade e a dedicação inabalável que trouxe à sua mediunidade. Homem de grande modéstia e humildade, considera o seu dom mediúnico como uma confiança a ser usada ao serviço dos outros e como um canal para demonstrar a realidade da sobrevivência após a morte física, iluminando assim alguns dos mistérios mais profundos do espírito humano. Os leitores deste livro não terão dúvidas sobre a longa e exigente viagem que Stewart empreendeu no desenvolvimento da sua mediunidade.

Aqueles que questionam por que razão os bons médiuns físicos são tão poucos e raros – particularmente nesta era materialista – encontrarão aqui a resposta. Aqueles que leem o livro com a mente aberta compreenderão facilmente o caminho árduo e autodisciplinado que o bom médium físico tem de trilhar e por que razão, nas raras ocasiões em que bons médiuns físicos aparecem, precisam do nosso apoio e encorajamento. Igualmente importante, precisam de ser protegidos quando os fenómenos estão a ser produzidos, pois, como a história mostra, a mediunidade física

do tipo associado a Stewart faz exigências excessivas à saúde e vitalidade do médium.

Além disso, qualquer tentativa por indivíduos mal orientados de agarrar subitamente o médium, acender as luzes ou interromper a sessão de outras formas numa vã tentativa de «expor fraude» representa um risco grave adicional ao seu bem-estar. Como Stewart deixa abundantemente claro no livro, teve muita sorte em ter um círculo doméstico coeso e dedicado, cujos membros permaneceram juntos ao longo de muitos anos, devotando-se a fornecer-lhe este apoio e proteção essenciais, e que esta feliz situação dure por muito tempo. Toda a mediunidade tem potencial valor para aqueles interessados em explorar a possibilidade de vida após a morte física e a existência de capacidades paranormais em geral, mas a mediunidade física é única entre as formas de mediunidade por nos fornecer prova visual objetiva da interação entre diferentes dimensões.

Todos os observadores atentos numa sessão veem a mesma coisa e podem depois discutir as suas impressões e conclusões quanto ao seu significado. No entanto, apesar destes benefícios, a mediunidade física sempre foi um alvo particular de crítica por parte dos céticos. Acima de tudo, os céticos exigem saber por que razão, se tudo está acima de qualquer suspeita, os fenómenos produzidos em sessões físicas ocorrem principalmente na escuridão. Se os fenómenos requerem escuridão, argumenta-se, isso deve ser porque os fenómenos são fraudulentos. Dizem-nos que todo o tipo de coisas nefastas pode acontecer assim que as luzes se apagam.

Cúmplices podem entrar furtivamente na sala para fornecer vozes fantasmagóricas, fios podem ser ligados a trompetes para os «levitar» e a fontes de luz como LEDs para os balançar acima das cabeças dos participantes imitando luzes espirituais. O médium pode sair despercebido do armário ou do lugar onde está sentado e tocar os participantes com supostas mãos espirituais, usar máscaras luminosas e simular materializações, e assim por diante. A lista de acusações é interminável, a maioria delas cada vez mais fantasiosa e devendo mais à imaginação demasiado vívida do que à experiência real na sala de sessões.

O facto é que a escuridão é geralmente necessária porque a luz inibe os fenómenos. Isto não é tão surpreendente ou suspeito como os críticos nos querem fazer crer. Muitos fenómenos naturais, como a germinação de sementes, a gestação no útero e o desenvolvimento de imagens em chapas

fotográficas, ocorrem na ausência de luz ou apenas na presença de uma luz vermelha ténue (uma luz que, de facto, é por vezes usada em sessões físicas, incluindo as de Stewart Alexander).

É verdade que alguns fenómenos poltergeist, que também são físicos, podem ocorrer à luz do dia (posso atestar isso por experiência pessoal), mas os fenómenos físicos da sala de sessões são muito mais sofisticados do que distúrbios poltergeist e exigem, além disso, a presença de um médium particularmente vulnerável à luz enquanto está em transe profundo. Mesmo os muito poucos médiuns físicos da história que por vezes podiam trabalhar com luz natural (embora atenuada), como D. D. Home, Eusapia Palladino, George Spriggs e Alec Harris, trabalhavam melhor na escuridão.

Até visores infravermelhos, apesar de na verdade não adicionarem luz própria à sala, parecem interferir com alguns fenómenos. Não, parece que simplesmente temos de aceitar a escuridão se quisermos observar fenómenos físicos. O extraordinário não é que aconteça na escuridão, mas que aconteça de todo. A escuridão é simplesmente a condição sob a qual ocorre melhor. Os cientistas não têm dificuldade em aceitar que muitos experimentos científicos só funcionam na presença de certas condições especificadas, e não precisa de haver mistério no facto de isto também parecer ser verdade para os fenómenos físicos. Se quisermos estudar estes fenómenos, temos de aceitar, quer gostemos quer não, que a escuridão é uma das condições sob as quais ocorrem.

Outra alegação frequentemente feita pelos céticos é que todos os fenómenos vistos em sessões físicas poderiam ser facilmente duplicados, à luz ou na escuridão, por qualquer bom ilusionista profissional. A resposta a esta alegação é que qualquer bom ilusionista profissional é bem-vindo a tentar, desde que o faça sob os mesmos controlos impostos, por exemplo, a Stewart Alexander. Estes incluem nenhum acesso não supervisionado à sala antes da sessão para esconder equipamento de ilusionismo; submissão a revistas corporais como precaução contra a ocultação de tal equipamento na pessoa; e acordo em ser firmemente amarrado com restrições à prova de falhas para impedir o movimento durante a sessão.

Além disso, a sala deve estar disponível para buscas por observadores experientes para garantir que não há entradas ou saídas ocultas (incluindo alçapões), que o mobiliário se restringe a uma mesa e a um círculo de cadeiras colocadas juntas para que qualquer movimento na sala possa ser facilmente detetado, e que cada cadeira, juntamente com a mesa e

quaisquer outros potenciais esconderijos na sala, estejam disponíveis para exame minucioso pelos observadores.

Por fim, os participantes devem todos ser experientes em fenómenos de sala de sessões (não sujeitos ingénuos que possam ser facilmente enganados) e acima de qualquer suspeita, e não deve haver dinheiro ou promessa de dinheiro envolvido, e o ilusionista deve concordar que os resultados da sessão sejam tornados públicos. Não sei se muitos ilusionistas profissionais estão na fila para produzir fenómenos físicos convincentes sob tais condições. Até o grande Houdini, nas suas investigações sobre mediunidade, preferia duplicar o que considerava ser fraude em salas de sessões sob as suas próprias condições.

Mas mesmo se descontarmos as acusações mal informadas de fraude avançadas por céticos – a maioria dos quais carece visivelmente de experiência direta com fenómenos físicos –, poderemos alguma vez ficar convencidos de que a possibilidade de fraude pode ser satisfatoriamente excluída? A presença de condições como as detalhadas no parágrafo anterior, juntamente com a integridade conhecida do médium, é um ponto de partida óbvio. Podemos então aplicar o chamado princípio do feixe de varas. Uma vara pode ser facilmente quebrada, mas juntem um grande feixe de varas e elas podem desafiar a força humana.

Aplicando este princípio, torna-se claro que, mesmo se o observador mais cético pudesse avançar explicações, por mais improváveis que fossem, de como cada fenómeno individual ocorrido no decurso de uma sessão poderia apenas possivelmente ter sido produzido por subterfúgio, quando todos são reunidos a explicação torna-se insustentável. Por outras palavras, mesmo se uma ocorrência pudesse em teoria ter sido realizada fraudulentamente, a crença de que uma gama de fenómenos díspares – muitos dos quais se seguem em rápida sucessão, ou ocorrem simultaneamente ou em partes da sala de difícil acesso imediato – poderia ser produzida por jogo de mãos torna-se nonsense.

Além das muito poucas e pouco convincentes acusações feitas contra ele por indivíduos mal informados, que ele detalha no livro, a longa carreira de Stewart tem estado livre de tentativas de lançar dúvidas sobre a natureza genuína dos fenómenos associados à sua mediunidade. Isto em si é um tributo ao seu trabalho, tal como o facto de Stewart ter decidido, a seu tempo, permitir que a sua mediunidade fosse geralmente conhecida. Poderia muito facilmente ter-se confinado a sentar-se em privado com o

seu círculo doméstico, com o único propósito de investigar a mediunidade física e canalizar comunicações relevantes para os membros do círculo.

A sua decisão de deixar que outros soubessem da sua mediunidade foi tomada em benefício da mediunidade e não para si próprio. Nunca procurou fama nem dinheiro. Como homem de negócios por profissão, na verdade arriscou a sua carreira ao associar-se a algo tão suspeito aos olhos de muitas pessoas como a mediunidade. A sua coragem a este respeito fala volumes sobre a sua dedicação ao que considera ser uma das maiores verdades de todas, a sobrevivência do homem à morte física. Quanto a quaisquer reservas que os leitores possam ter sobre a natureza genuína da mediunidade física, posso dizer que observei o trabalho de Stewart sob condições no seu círculo doméstico que mais do que satisfazem o princípio do feixe de varas. O círculo reúne-se numa pequena sala na casa de Ray, o líder do círculo.

A sala tem apenas uma porta, sem alçapões ou entradas ocultas, e sem esconderijos. Quando o círculo está sentado, não há possibilidade de movimento sem deteção, nenhuma possibilidade de cúmplices entrarem na sala, e nenhuma hipótese de Stewart libertar as mãos ou os pés, que estão amarrados à cadeira e têm de ser cortados para serem libertos no final da sessão. No entanto, ao longo da sessão, os fenómenos, tal como descritos por Stewart no livro, continuam sem abrandar. Aqueles que investigaram fenómenos físicos nos anos desde que os membros da Society for Psychical Research começaram investigações sob condições controladas em 1882, interessaram-se acima de tudo por quatro coisas. Em primeiro lugar, os fenómenos são genuínos?

Em segundo lugar, se são genuínos, por que meios desconhecidos pela ciência são produzidos? Em terceiro lugar, adicionam à evidência da sobrevivência à morte física? E em quarto lugar, o que faz um bom médium físico? O livro de Stewart avança significativamente o nosso conhecimento em cada uma destas questões, e fá-lo a partir da perspetiva de alguém que, afinal, está na melhor posição para as abordar, nomeadamente a pessoa sem a qual os fenómenos seriam incapazes de ocorrer.

Os muitos relatos de testemunhas oculares dos fenómenos aparentes enquanto Stewart está em transe profundo incluídos no livro compensam o facto de que, durante grande parte da sua mediunidade, ele ter estado inconsciente do que se passa, mas um bónus adicional é que recentemente

os fenómenos por vezes ocorreram enquanto ele estava totalmente consciente, permitindo-lhe assim dar-nos algumas das suas próprias descrições de eventos. Estou encantado com este novo desenvolvimento. Ao longo da sua mediunidade, Stewart esteve alheio aos notáveis eventos que ocorriam à sua volta. Agora, por fim, tem a justa recompensa de ver pelo menos alguns destes eventos e reconhecer por si próprio a razão pela qual outros se maravilharam com eles de forma tão consistente ao longo dos anos.

Aqueles de nós que conhecemos e admiramos Stewart e a sua mediunidade, e todos aqueles que tiveram a sorte de participar em sessões com ele, ficarão encantados por ver este livro publicado. Fornece-nos um relato excecionalmente claro, bem escrito e convincente do que é ser um médium físico e do que significa atuar como canal entre um nível de realidade e outro. É, assim, obrigatório para todos com interesse neste campo extraordinário e desconcertante da investigação psíquica. Stewart foi instado durante anos pelos seus muitos amigos a escrevê-lo, e merece ricamente ser aclamado e amplamente lido.

É um testemunho duradouro da vida e do trabalho de um homem e médium raro e muito amado. Desejo-lhe todo o sucesso. Serve como um marco na literatura sobre mediunidade e será calorosamente acolhido por todos os interessados no que deve certamente ser a questão mais importante que enfrentamos, nomeadamente a questão dirigida pelo saduceu a Jesus Cristo: «Se um homem morrer, viverá ele de novo?».

Professor David Fontana Antigo Presidente, Society for Psychical Research Nota do autor:

O Professor David Fontana fez a sua transição para o Mundo Espiritual em outubro de 2010.

Um Apreço

Com este livro, Stewart Alexander contribui muito para o que tem sido escrito sobre o tema da mediunidade física. Ler o seu livro é como pegar numa mão gentil no início de uma viagem desconhecida, e somos guiados tanto pelo que ele diz como pelo que não diz. O tema da mediunidade física é altamente debatido e, muitas vezes, as pessoas posicionam-se firmemente de um lado ou do outro da proverbial cerca. À medida que Stewart aborda terreno difícil em tópicos como a probabilidade dos fenómenos físicos e a história da fraude entre médiuns físicos, faz um trabalho habilidoso ao dar uma voz refrescantemente fundamentada ao argumento — não é tarefa pequena quando se considera que é visto por muitos investigadores eminentes como um possuidor intocado e genuíno do raro dom da mediunidade física. Stewart permite ao leitor um novo ponto de vista sobre como a mediunidade física se tornou o barril de pólvora de controvérsia que é, discutindo exaustivamente o bom, o mau e o feio da sua história.

Não foge de nada disso, nem tenta derrubar os céticos com palavras duras. É um verdadeiro cavalheiro em todos os sentidos concebíveis da palavra e, usando eloquência, sinceridade e honestidade crua, faz um excelente trabalho ao expor tanto os poderes como as vulnerabilidades deste tema. O próprio Stewart possui um dom sensacional para a mediunidade física, no entanto não há nada de sensacional em Stewart Alexander. A sua voz sobre este assunto chega tão suavemente que temos de nos tornar quietos interiormente e elevar-nos acima do tumulto tanto dos crentes convictos como dos céticos convictos para a receber.

Os leitores podem ficar surpreendidos ao descobrir que este livro não fornece nenhum dos sinos e apitos que poderiam funcionar bem para atrair pessoas para a mediunidade física moderna.

O que Stewart fornece é uma voz humilde, equilibrada e respeitosa que nos chega de um ponto de vista muito elevado, o ponto de vista de um médium físico ele próprio. Como leitores, temos de pegar na sua informação e colocá-la diante de nós, como peças de um puzzle. Em essência, Stewart não tenta fabricar verdade para os seus leitores. Em vez disso, coloca diante de nós todo o material bruto que coletou nos seus 30 anos de mediunidade física; sabiamente deixa-nos a tarefa de o juntar tudo de uma forma que seja significativa.

Annette Childs Ph.D., Clínica, Psicóloga, Autora, EUA

Introdução

A minha decisão de escrever um livro em 2009 nasceu de um forte desejo de fazer crónica e deixar registada a minha extraordinária viagem como médium físico dentro do movimento espiritista. Queria também apresentar as minhas observações e deduções, feitas ao longo do caminho, em relação a assuntos históricos e contemporâneos relevantes que se relacionavam com a minha experiência. Escrevi as minhas memórias, e a primeira edição foi publicada em 2010. No entanto, em 2019 percebi que precisava de reestruturar ligeiramente e atualizar, uma vez que tinham passado oito anos. Durante esses anos, tive mais experiências e insights que senti merecerem um lugar no livro. Tal como na original, a primeira parte descreve como descobri que era possuidor de uma forma rara, quase extinta de mediunidade, geralmente referida como «física», e como esta se desenrolou gradualmente ao longo do tempo. Escrevo sobre muito do que me aconteceu desde então.

Ao fazê-lo, acredito firmemente que, em muitos níveis, posso oferecer ao leitor uma visão inigualável e única do meu mundo de interação física entre os vivos e os chamados mortos. Na segunda parte, discuto assuntos como o Espiritismo como religião e também o triste declínio do movimento nos últimos cinquenta anos. Formulei também uma resposta aos céticos e apresento a minha defesa da mediunidade física que, ao longo da história, sofreu tão má imprensa. Outros assuntos relevantes também são abordados. Dentro destas páginas, introduzirei os leitores a algumas das pessoas que conheci nestes últimos cinquenta e dois anos, e das quais aprendi tanto. Embora nem sempre tenha concordado com as suas visões e argumentos sobre assuntos espirituais, reconheci o raciocínio e a sinceridade por detrás deles, respeitei e valorizei as suas opiniões.

Infelizmente, tais pessoas foram contrabalançadas por muitas outras que cruzaram o meu caminho, que considerei como os «conhecedores ignorantes». Previsivelmente, nunca lhes faltavam mil palavras. No meu julgamento, tais pessoas prestaram um desserviço ao Espiritismo e, talvez sem saber e inocentemente, manipularam e distorceram a sua própria essência, de modo que o realismo foi substituído pelo que senti ser a sua própria realidade enganadora e inconsequente. O racional e o irracional

coexistiam frequentemente lado a lado. Muitas vezes senti-me desapontado quando encontrei ignorância crassa, tanto escrita como falada (do topo ao fundo), acerca de tantos aspetos do movimento, mas particularmente em relação à mediunidade física.

Ao longo dos anos, em raras ocasiões, testemunhei demonstrações maravilhosas de mediunidade nas igrejas espiritistas e noutros locais, embora a maioria ache embaraçosamente pobre. Conheci tanto os altos como os baixos – o melhor do Espiritismo e o pior do Espiritismo. Fui exaltado por eventos que experienciei na genuína sala de sessões e fui irritado, espantado, intrigado e ocasionalmente divertido em sessões que, sem dúvida, eram altamente questionáveis. Todas estas coisas e muito mais revelarei neste livro. Mas antes de vos convidar – ao leitor – a embarcar comigo na minha viagem, gostaria primeiro de delinear brevemente as minhas visões sobre o Espiritismo como existe hoje, uma vez que inevitavelmente terão um impacto direto em tudo o que descobrireis aqui e que exploro mais plenamente na Parte 2.

A gloriosa revelação da sobrevivência além da morte, em torno da qual o chamado Espiritismo moderno foi criado, nasceu na América há mais de 150 anos. Em meados do século XIX, as irmãs Fox – duas jovens americanas – alegaram que eram capazes de estabelecer contacto com os mortos. A partir daí, outros surgiram fazendo a mesma alegação, acabando por ficar conhecidos como médiuns. Insistiam que podiam ouvir, ver ou sentir os falecidos e transmitiam mensagens evidenciais, que diziam ser dos chamados mortos, para os seus familiares e/ou amigos. Os médiuns baseavam o seu trabalho na premissa de que a morte era meramente uma porta de entrada para um mundo espiritual, e que a comunicação entre os dois estados de realidade era possível por aqueles com esta sensibilidade.

A natureza dessa mediunidade variava na altura, e ainda varia hoje. Alguns médiuns desenvolveram capacidades que os levaram a ficar conhecidos como médiuns físicos, na presença dos quais os falecidos – outrora vivos nesta terra, mas agora em espírito – podiam aparentemente criar manifestações físicas. Vozes que alegavam pertencer a entes queridos falecidos dos presentes falavam a uma distância do médium, aparentemente do nada. Objetos inanimados moviam-se pela sala sem contacto físico e ouviam-se sons de batidas. Por vezes, em casos raros, dizia-se que os falecidos se materializavam total ou parcialmente, por um breve período, em forma sólida.

Não surpreendentemente, em consequência de tais alegações, o Espiritismo, como ficou conhecido, espalhou-se rapidamente como um incêndio florestal pela América, pela Europa e depois por Inglaterra. Durante mais de um século, proclamou destemidamente e inabalavelmente as suas crenças a um mundo largamente descrente e manteve-se inflexível perante o escárnio e o ataque dos seus muitos críticos. Milhões de convertidos de todas as classes sociais – da realeza a estadistas, e do cientista à pessoa comum na rua – sucumbiram à sua espantosa nova filosofia e às suas declarações que prometiam contrariar o materialismo e substituir a esperança pela certeza.

Na altura, deve ter parecido que seria apenas uma questão de tempo até que a sobrevivência e a comunicação fossem comprovadas de forma conclusiva e amplamente aceites. Durante mais de um século, o Espiritismo olhou para as estrelas imbuído do orgulho que estava entretecido no seu próprio tecido. E, no entanto, por graus, todo o seu vigor inicial, potencial e promessa foram desperdiçados nos últimos anos e, no seu lugar, surgiram ciúme, egocentrismo, maledicência e lutas internas como um cancro mortal que consumiu constantemente o seu tecido e o seu núcleo.

Hoje, o movimento do Espiritismo – uma sombra do que foi outrora – flutua num mar espiritual poluído por falsidade, fantasia e empresa comercial. Na sua determinação em alcançar respeitabilidade e evitar controvérsia, traiu, talvez inadvertidamente, as esperanças e aspirações dos seus bravos pioneiros e também as do mundo espiritual. Como Nero, tocou lira enquanto Roma ardia. Um antigo editor do credível jornal espiritista Psychic News escreveu há alguns anos que o movimento «… é como um navio sem leme, sem sentido de direção, e foi lançado à deriva num mar de indiferença, acalmado e estupefato pela apatia». Essas palavras pungentes e obviamente sentidas poderiam ter sido escritas hoje, pois são igualmente relevantes – talvez até mais?

Shakespeare escreveu:

«Há uma maré nos assuntos dos homens
Que, tomada na enchente, leva à fortuna;
Omitida, toda a viagem da sua vida
Fica presa em baixios e misérias»

Sugiro que outrora, até há cerca de meio século, houve uma maré nos assuntos do Espiritismo que se desenvolveu gradualmente ao longo de um

período de cem anos, mas que os espiritistas falharam completamente em aproveitar na enchente. Como consequência direta, o movimento perdeu ímpeto, e sem protesto os seus membros viram como a sua própria pureza deu lentamente lugar ao absurdo e à mediocridade mediúnica geral – talvez para sempre. Estas observações acompanharam-me na minha fascinante viagem de descoberta e, compreensivelmente, serão evidentes ao longo deste livro.

No que agora se segue, encontrarão um relato fiel da minha viagem espiritual, com verrugas e tudo, e familiarizar-se-ão com o que aprendi ao longo do caminho. O que relato pode muitas vezes deixar os leitores incrédulos, particularmente se não tiverem conhecimento prévio dos fenómenos físicos e manifestações espirituais que ocorrem na sala de sessões. Tal reação compreenderia totalmente, porque muito do que revelarei pode estar além da experiência do leitor. Em contraste, fui singularmente afortunado ao longo dos últimos cinquenta e dois anos por testemunhar, ou fazer parte, da manifestação destes fenómenos físicos e outros eventos maravilhosos, dos quais a maior parte da raça humana não tem conceção.

No entanto, insistiria que, só porque tais fenómenos são pouco conhecidos ou compreendidos, não se deve assumir que são produto de imaginações hiperativas nem que o que descrevo deve algo que seja à fantasia.

O que vos ofereço aqui ocorreu exatamente como o registei e não foi embelezado de forma alguma. No caso de relatos em segunda mão, estou satisfeito que as experiências incluídas neste livro foram exatamente como os meus contactos alegaram, e relatei-as devidamente como me foram contadas pela primeira vez.

E assim vos convido, ao leitor, a juntar-se a mim agora enquanto ponho novamente o pé nesse caminho notável que mudaria a minha vida para sempre.

Nota: Quando a versão de 2010 deste livro estava a ser preparada para a sua segunda impressão, David Fontana e Tom Harrison fizeram a sua transição para o Mundo Espiritual com cinco dias de intervalo, a 18 e 23 de outubro, respetivamente.

Ambos os homens, que eram bons amigos, farão muita falta a muitas pessoas.

Honramos aqui a sua memória.

Parte Um
A MINHA VIAGEM
CAPÍTULO 1

A Viagem Começa

Há cinquenta e dois anos, quando li pela primeira vez o clássico livro de Arthur Findlay, On the Edge of the Etheric, não suspeitava que a minha vida estava prestes a mudar para sempre. Ao virar a sua primeira página, fi-lo sem saber nada sobre Espiritismo, nada sobre mediunidade e tendo dado pouco pensamento à possibilidade de uma vida após a morte. Talvez, em comum com a maioria das pessoas que estão em abjeta ignorância sobre tais assuntos, sempre imaginei que o Espiritismo atraía senhoras idosas que se sentavam à volta de mesas a perguntar: «Há alguém aí?»

No entanto, como muitos antes de mim, esse livro introduzir-me-ia no Movimento e apresentou provas inteligíveis e convincentes em apoio dos argumentos espantosos do autor em relação à sobrevivência além da sepultura e à comunicação entre dois mundos.

Em resumo, teve um efeito profundo na forma como anteriormente via tais assuntos, tornando o implausível plausível. Publicado pela primeira vez em 1932, viria a ter mais de 60 impressões; ser traduzido para 19 línguas e produzido em Braille e, em 1971, a Corgi Books lançou-o como livro de bolso com o subtítulo «Survival after Death Scientifically Explained» – e, de facto, era exatamente isso que o seu autor procurava fazer. Arthur Findlay (um antigo corretor de bolsa escocês) apresenta aos seus leitores o excecional médium físico de Glasgow, John Campbell Sloan, na sala de sessões do qual as vozes dos mortos eram ouvidas a falar de forma bastante independente e a uma distância dele.

Ao contrário da maioria dos médiuns que produzem provas subjetivas de sobrevivência (médiuns mentais), os fenómenos manifestados os quais Findlay testemunhou de modo assertivo eram tangíveis e objetivos. Embora este não seja o lugar para detalhar as provas extraordinárias apresentadas pelo autor em apoio das suas alegações, basta dizer que este livro tão informativo excitou o meu interesse e apelou dinamicamente à minha razão. De facto, lançou-me numa investigação séria e numa viagem pessoal tanto dentro como fora da sala de sessões, que agora se estende por mais de

40 anos e que culminou finalmente na minha determinação em escrever este livro.

Na altura, porém, mal me apercebi de quão frustrante, excitante, irritante, excitante, desanimador e recompensador esse longo caminho sinuoso de descoberta se revelaria. Ao longo do caminho, encontrei personagens maravilhosas que enriqueceram a minha vida e aos pés das quais aprendi tanto. Outros (e havia muitos), ao posarem como especialistas em todas as coisas espirituais, desapontaram-me, irritaram-me e entristeceram-me tantas vezes, pois julguei-os ou tolos ou dolorosamente ingénuos. Nos primeiros dias, não fazia ideia das pessoas e dos eventos que entrariam na minha vida e influenciariam profundamente a sua direção futura de várias formas.

Quando terminei o livro, de facto quando o li pela segunda vez, o meu irmão e eu discutimo-lo longamente, pois foi ele quem o descobriu em primeiro lugar, numa loja de artigos em segunda mão na cidade de York. Porque ambos tínhamos um apetite insaciável por aprender mais, muito mais, começámos a ler tudo o que podíamos sobre Espiritismo e Mediunidade Física. Em breve, raciocinámos que, se o que estávamos a ler fosse apenas parcialmente verdade, então isto era certamente algo que todo o mundo deveria saber. Quanto mais líamos – mais queríamos saber. Quanto mais sabíamos – mais nos apercebíamos de que simplesmente não sabíamos.

Eventualmente, começámos a visitar as nossas igrejas espiritistas locais e rapidamente descobrimos que eram, em grande parte, uma grande desilusão. Os procedimentos geralmente desencantadores poderiam ser resumidos como serviços semirreligiosos com uma demonstração de mediunidade mental anexada e uma chávena de chá a seguir.

É de perguntar quantos potenciais espiritistas foram perdidos para o movimento ao longo dos anos após entrarem em tais estabelecimentos com um espírito de genuína indagação, apenas para testemunharem o tipo de serviço que experienciávamos regularmente. Claro, houve ocasiões em que o meu irmão e eu ouvimos discursos filosóficos e testemunhámos demonstrações que foram verdadeiramente impressionantes, inspiradoras e revigorantes, mas estes eram eventos raros.

Então, cerca de seis meses após termos começado a visitar as igrejas regularmente, uma senhora aproximou-se de nós uma noite após um serviço e apresentou-se como a esposa de um dos mais notados médiuns de

transe privados da nossa cidade. Dizendo-nos que nos vira regularmente naquela igreja em particular, perguntou se estaríamos interessados em juntar-nos ao seu círculo doméstico, que se realizava todas as segundas-feiras à noite. Na altura, nenhum de nós testemunhara mediunidade de transe fora das igrejas, e isto, claro, parecia uma oportunidade boa demais para perder. Aceitámos imediatamente o convite e na segunda-feira seguinte chegámos, cheios de antecipação, à casa vitoriana geminada dos nossos anfitriões. Uma vez admitidos, fomos levados para uma grande sala de estar onde nos juntámos a cerca de vinte outras pessoas – os membros regulares – todas sentadas em configuração de círculo. Fomos feitos sentir muito bem-vindos.

Noites de Perplexidade e Embaraço

Em breve descobriríamos que a noite do círculo doméstico deles seguia sempre o mesmo formato.

Chegávamos todos cerca de trinta minutos antes das sessões e envolvíamo-nos em conversa geral. Depois, o médium entrava, tomava o seu lugar, e a única lâmpada vermelha que pendia no centro da sala era atenuada. Trocava então algumas amabilidades antes de abrir o círculo com o que só poderia ser descrito como uma forma de incanto.

Pouco depois, a sua cabeça caía sobre o peito e, após alguns grunhidos e gemidos, juntar-se-ia a nós «o cientista» ou «o padre» ou algum outro visitante exaltado do Mundo Espiritual. Então, durante os sessenta minutos seguintes, mais ou menos, sentar-nos-íamos a ouvir um «discurso» proferido através do médium aparentemente inconsciente que, para o meu irmão e para mim (e talvez para todos os outros), era totalmente incompreensível e parecia não ter nada a ver com Espiritismo. Quando finalmente o médium voltava à consciência, a sua esposa perguntava a cada participante, em rotação no sentido dos ponteiros do relógio, se, além do discurso que viera através do seu marido, alguém vira, ouvira, sentira ou experienciara algo de natureza espiritual.

Em breve descobriríamos que, surpreendentemente, todas as pessoas o tinham feito, com exceção de nós – não víamos nada, não sentíamos nada, não ouvíamos nada e não sentíamos nada de todo. Em resumo, após frequentarmos durante algumas semanas, começámos a sentir-nos perplexos pelo facto de os vários discursos dos alegados Pessoas

Espirituais visitantes nos escaparem e também sofríamos um sentido de embaraço pela nossa evidente falta de qualquer capacidade psíquica. No entanto, estávamos certamente dispostos a «aguentar»; nem que fosse apenas porque assumíamos que a nossa incapacidade de compreender as comunicações se devia possivelmente à nossa própria ignorância. E assim, as semanas transformaram-se em meses e nunca faltámos a um círculo. Então, numa noite muito memorável, as coisas tomaram um rumo para pior. O médium entrou na sala, mas em vez de tomar o seu lugar e juntar-se à habitual conversa amigável, caminhou diretamente para o centro da sala, ergueu uma adaga prateada reluzente no ar e invocou os arcanjos Miguel, Gabriel, Rafael e Uriel para virem em auxílio do círculo na unificação dos dois mundos.

Era altura de partir.

Nunca voltámos.

Como nota de rodapé, ouvimos algum tempo depois que Humphrey Bogart começara a fazer aparições no círculo, bem como várias outras notáveis personalidades falecidas da profissão de ator.

Infelizmente, tudo acabou em lágrimas. Uma noite, o médium e a sua esposa tinham assistido à festa de Natal da empresa dele e ele, aparentemente, bebera um pouco demais.

Num momento de loucura intoxicada, e sem dúvida para grande espanto da sua esposa, começou subitamente a entreter todos no bar com as suas impressões dos grandes de Hollywood, incluindo o falecido e grande Humphrey Bogart.

Se o círculo colapsou como resultado, não faço ideia, mas ouvi que alguns meses depois ele visitara e demonstrara a sua mediunidade na sede de uma das organizações mais respeitadas, notadas e credíveis do Espiritualismo!

O Nosso Primeiro Círculo Doméstico

Quase dois anos tinham passado desde que lera pela primeira vez *On the Edge of the Etheric* de Findlay e eu continuava a ler – e a visitar as igrejas locais: a palavra «tenaz» vem à mente! Então, um dia, decidi que formaria um círculo doméstico e, porque a minha introdução ao Espiritismo e o meu intenso interesse sempre tinham sido em relação à mediunidade física, teria, claro, de ser um círculo físico. Como já estava bem ciente das

condições obrigatórias necessárias para tal círculo, chegava a casa do trabalho todas as segundas-feiras à noite e passava duas horas a conseguir um blackout total na nossa sala de estar da frente, com a sua grande janela saliente. Quem alguma vez tentou eliminar toda a luz de uma sala compreenderá facilmente a tarefa difícil com que me deparei.

Duas horas para o conseguir e 30 minutos depois para pôr tudo de volta como estava. A escuridão, compreendíamos plenamente, era absolutamente essencial, pois esperávamos desenvolver contacto com os Reinos Espirituais a um nível físico. Acredita-se que tais manifestações sejam inibidas pela presença de qualquer forma ou grau de luz. Compreensivelmente, isto leva muitas vezes a suspeitas na mente cética. No entanto, independentemente de como possa parecer a alguns, o facto é que há razões sólidas para tais condições. Ao assumir que todas as salas de sessões albergam fraude, cometer-se-ia um erro monumental.

Poderia argumentar-se da mesma forma que a câmara escura era desnecessária para o desenvolvimento fotográfico inicial. Hoje ninguém questionaria o facto absoluto de que a luz é fatal para certos microrganismos e para a germinação de sementes. Nem ninguém questionaria o facto de que o desenvolvimento de um embrião na escuridão do útero é essencial para a criação da própria vida. É, portanto, lógico descartar e rejeitar completamente as condições escuras da sala de sessões, baseando-se em pouco mais do que ignorância dos delicados mecanismos envolvidos ou meramente em suspeita irrazoável? Sabíamos, de tudo o que tínhamos lido, que para qualquer manifestação física ocorrer, um médium deve possuir dentro de si uma abundância da ilusória energia viva conhecida como «ectoplasma»[1] e, embora exista em maior ou menor grau em todas as formas de vida, acredita-se que tal médium possua um excedente. No seu caráter, não é nem físico nem espiritual. Não é único de nenhum mundo, mas é comum a ambos. Acredita-se que as pessoas espirituais o extraiam pelo nariz, boca, ouvidos ou plexo solar do médium.

Nessa fase, diz-se que tem a consistência de fumo ou líquido, mas num instante pode ser convertido em algo com uma estrutura molecular tão substancial como o aço. De formas que em grande parte não compreendemos, é a base sobre a qual todas as manifestações físicas são criadas e sobre a qual descansam e dependem. Essa era a teoria e, na altura, o círculo estava disposto a aceitá-la numa base *prima facie*. Era tudo tão excitante e, desde o início, tínhamos um verdadeiro círculo familiar, com a

adição dos nossos vizinhos do lado, que estavam eles próprios extremamente interessados. Como se tratava de um círculo físico, compreendíamos também que devíamos introduzir um trompete de sala de sessões. Tal dispositivo não deve ser confundido com o instrumento musical. É um cone afunilado que se assemelha bastante a um megafone simples. Construído em alumínio, pesa cerca de 100 g. Tem geralmente cerca de 0,5 m de comprimento e 100 mm de diâmetro na extremidade larga, afunilando para um diâmetro aproximado de 20 mm na extremidade pequena.

A teoria, como a compreendíamos, era que, por meio da energia ectoplasma, o trompete levitaria sem qualquer contacto físico de qualquer dos participantes. Tal como no caso de John Sloan, o médium que Arthur Findlay imortalizou no seu livro *On the Edge of the Etheric*, um trompete – como peixes-dourados num aquário – flutuaria pela sala sem contactar ninguém nem nada. Depois, poderia parar em frente ao rosto de um participante e dele sairia a voz de um ente querido falecido ou de outra pessoa espiritual. Por mais improvável e inacreditável que isto pareça, a evidência em apoio da realidade deste fenómeno extraordinário, mas raro, é volumosa e remonta a 150 anos. Assim – em cada reunião do nosso novo círculo, colocávamos devidamente o nosso trompete caseiro no centro do círculo, de pé no tapete. Tenho a certeza de que todos os presentes o observavam com tanta atenção como eu próprio. Claro, nada acontecia – absolutamente nada. Sentávamo-nos durante cerca de sessenta minutos e, à medida que a hora se aproximava do fim, os nossos pensamentos voltavam-se invariavelmente para o chá e os bolos que se seguiriam em breve.

Gradualmente, aquelas noites tornaram-se quase eventos sociais e todos ansiávamos tremendamente por estar juntos, sentados na escuridão, a ouvir música e a partilhar a companhia uns dos outros. Muitas vezes pensei desde então que há inumeráveis círculos hoje (muitos dos quais se queixaram a mim nos últimos anos da sua falta, ou ausência, de progresso) que, na sua ansiedade por alcançar resultados, são completamente incapazes de ver que, na realidade, são tão afortunados. Onde mais, no nosso mundo agitado e problemático, podem as pessoas reunir-se como amigos com as mesmas esperanças e aspirações e em total harmonia, fechar a porta ao mundo exterior e estar juntas como uma só, em comunhão, e simplesmente desfrutar do momento? Fazer parte disso é maravilhoso e, mesmo que uma rutura os eluda constantemente, ainda ganham individual e

coletivamente. Certamente, esse aspeto do trabalho de círculo é tristemente ignorado hoje simplesmente porque muitos círculos não apreciam o que já têm. Se os resultados forem finalmente alcançados e uma rutura for feita, então isso será a cereja no topo do proverbial bolo, embora, na altura, duvide que estas coisas nos ocorressem.

No entanto, sentávamo-nos sempre com otimismo, apesar da nossa constante falta de qualquer progresso aparente, e de vez em quando convidávamos um médium local para se sentar connosco. Estas seriam noites maravilhosamente eventuais, pois os médiuns descreviam as suas impressões, etc., e certamente eram sempre muito encorajadores. Os meses passaram e ainda nos reuníamos e ainda nos sentávamos e ainda não alcançávamos resultados discerníveis. Parecia então que o potencial mediúnico entre nós todos estava absolutamente ausente. Então, uma noite, tudo mudou.

A Rutura

«A Sue (a esposa dele na altura) e eu estamos a pensar em fazer uma sessão – queres vir?», perguntou o meu irmão ao telefone uma noite. Estando particularmente cansado nessa noite, recusei o convite, mas assim que pus o auscultador comecei a ter remorsos de que, se não me sentasse, ele me ligaria na manhã seguinte com a notícia excitante de que, por fim, o Mundo Espiritual conseguira comunicar – que a rutura tão esperada fora feita. Sem dúvida, teriam uma materialização de forma completa[2] e, após todos aqueles meses de paciência, eu estava prestes a perder a grande ocasião. Peguei no telefone – liguei-lhe de volta e disse-lhe que iria. Durante cinquenta e oito minutos, sentámo-nos à volta de uma mesa com luz vermelha ténue – as mãos ligeiramente apoiadas no topo, e, como sempre, sem resultados nenhuns.

Nem um rugido, nem um movimento (leve ou de outra forma), nem uma sensação ou sentido de ser acompanhado por uma presença, nem uma descida súbita ou mesmo gradual de temperatura – na verdade, nada além de música a tocar baixinho ao fundo. Os meus pensamentos acabavam de se voltar para o facto de que em breve desfrutaríamos de uma chávena de chá quando, bastante subitamente e sem qualquer aviso, ouvi uma voz no meu ouvido esquerdo, dizendo: «Apaga a luz – continua a sentar-te». Isto, para dizer o mínimo, assustou-me, mas não disse nada, apesar do facto de,

sem variação, aquelas palavras precisas serem repetidas vezes sem conta como se estivessem em repetição numa fita áudio magnética. Por mais estranho que pareça, nunca me ocorreu na altura que estava realmente a experienciar clarividência.[3]

Podia ouvir a voz claramente e incessantemente, mas era tudo, e nunca tentei analisar o que estava a acontecer, nem falar sobre isso. Então, o meu irmão disse: «Fechamos o círculo e pomos a chaleira ao lume?» Respondi imediatamente: «Não – apaga a luz e vamos continuar a sentar-nos por mais um bocado». Sem questionar isto, ele esticou-se, apagou a luz e instantaneamente apercebi-me de que «algo», uma presença – fora de mim, se aproximava rapidamente de mim. Mas aqui tenho uma dificuldade considerável, pois como tentar descrever o que é indescritível? Só posso dizer que, ao forçar-se a fundir-se com o meu próprio ser, todos os nervos e todos os músculos do meu corpo inteiro começaram a reagir violentamente, e desencadearam espasmos e tremores incontroláveis.

Ao mesmo tempo, a minha consciência parecia localizar-se rapidamente fora, atrás e à esquerda do meu corpo e, dessa posição, observei a minha boca abrir-se e, com um ímpeto, as seguintes palavras saíram: «Eu venho falar, irmão, irmã», cada palavra das quais ouvi muito claramente. Dizer que isto foi inquietante, para todos nós, seria subestimar os sentimentos de todos na altura, embora, à medida que a última palavra era proferida, tudo rapidamente voltasse ao normal. A sensação reptiliana não convidada que experienciara deixou-me rapidamente e, pouco depois, estávamos a desfrutar de chá e bolos. Tão inesperado fora aquele evento que comemos e bebemos em relativo silêncio. No entanto, na manhã seguinte, ao chegar ao meu escritório, o meu telefone estava a tocar e, quando atendi, ouvi o meu irmão ansiosamente a perguntar: «Queres vir a nossa casa para outra sessão esta noite?» À qual a minha resposta foi: «Nem pensar.»

Toda a experiência dolorosa assustara-me, embora se revelasse a primeira e a última ocasião em que alguma vez sentiria medo na sala de sessões. Aquelas palavras, «Eu venho falar irmão irmã», proferidas pelo meu principal guia espiritual, seriam as primeiras de muitas e, hoje, todos estes anos depois, ele ainda se manifesta através de mim. Era ele uma personalidade secundária – um produto de uma imaginação hiperativa que se manifestara para satisfazer a expectativa? Claro, na altura, sofri dúvidas constantes e persistentes. Teria ele sido e seria meramente um produto do

meu próprio eu que, inconscientemente e de alguma forma misteriosa, eu conjurara após todos aqueles anos de esperança por uma rutura? Esse dilema preciso, acredito fervorosamente, é um que confronta a maioria dos médiuns de transe em desenvolvimento. Para ter boa consciência, ninguém quer ser culpado de se enganar a si próprio e, pior ainda, enganar outras pessoas.

Estava cheio de falta de autoconfiança, mas, não obstante, continuámos a sentar-nos todas as segundas-feiras à noite no nosso círculo doméstico, embora as coisas tivessem agora, compreensivelmente, tomado muito mais interesse. Se o meu guia – que subsequentemente se identificou como Pena Branca – se manifestava através de mim, então seria sempre dentro de poucos minutos do início das nossas sessões, caso contrário seriam em branco. Mas quando, naqueles primeiros dias, ele vinha, eu rapidamente me apercebia da sua presença por causa dos efeitos físicos desconfortáveis que começava a experienciar. Era sempre como se o meu eu consciente se submergisse e se dissociasse do meu corpo e eu me sentisse totalmente subjugado, como se estivesse à beira do sono.

Quando ele falava, eu ouvia as suas palavras, aparentemente a uma distância, mas era completamente incapaz de interferir no seu fluxo e não podia exercer qualquer influência sobre o que estava a acontecer. As suas palavras eram claras, mas o seu vocabulário e domínio da língua inglesa era, na altura, extremamente limitado. À medida que se aproximava de mim (não consigo pensar em outra descrição), a minha mão esquerda começava imediatamente a enrolar-se sobre si mesma como se gravemente deformada, e então o resto do processo de entrada em transe seguia-se rapidamente e com força. Esse preciso efeito físico iria, no futuro, fornecer prova irrefutável de que, na realidade, ele era exatamente quem alegava ser – uma inteligência independente.

Duvidar que, na altura, ele alguma vez proferisse algo que pudesse ser considerado profundo, porque estava evidentemente a trabalhar para aperfeiçoar o processo de controlo e, no entanto, ainda me torturava com inumeráveis dúvidas, de modo que os meus sentimentos acerca de todo o assunto flutuavam descontroladamente. Um dia aceitava e acreditava que ele era quem alegava ser. No dia seguinte, duvidava – certamente tinha de ser um aspeto de mim próprio, certamente essa tinha de ser a verdadeira explicação. Assim – uma noite, pouco antes de a minha esposa sair de casa para a sua aula noturna semanal – perguntei-lhe se escreveria algo num

pedaço de papel e depois o selaria num envelope sem me dizer o que escrevera.

Raciocinei comigo próprio que, se este suposto guia do outro mundo pudesse revelar-me as suas palavras, nunca mais duvidaria dele. E assim ela saiu para a aula noturna e eu posei a pergunta na minha mente: «Olha – se és quem alegas ser – diz-me o que está no papel e, se o puderes fazer, nunca mais duvidarei de ti». Após um bocado, vi claramente no olho da minha mente uma margem de rio com um cão a ladrar enquanto corria atarefadamente para cima e para baixo e toda a cena estava banhada em luz solar. Claro, tinha de ser a minha imaginação – ou assim pensei. Quando a minha esposa voltou para casa, perguntei o que escrevera e ela sugeriu que eu olhasse. Ao abrir o envelope, estas foram as palavras que li: Sol a brilhar – cão a correr para cima e para baixo na margem do rio a ladrar. Bem – era isso então. Ele era quem alegava ser. Um grande peso levantou-se dos meus ombros. Eu era um médium nos estágios iniciais de desenvolvimento.

Que surpreendente, mas que excitante era isso. A minha viagem começara verdadeiramente. Infelizmente, aqueles sentimentos eufóricos de certeza absoluta duraram apenas cerca de cinco dias, após os quais a minha mente racionalizou que o resultado tinha de ser telepatia entre a minha esposa e eu e assim voltei à estaca zero. No entanto, apesar de tais dúvidas, continuámos a sentar-nos e fizemo-lo por mais dois anos, quer na minha casa quer na do meu irmão, durante os quais o tempo a minha suposta mediunidade (ou o que quer que fosse) continuou a desenvolver-se e a revelar-se. Então, tivemos a oportunidade, em várias ocasiões memoráveis, de nos sentarmos com o célebre médium de Voz Direta[4] Leslie Flint, e então tudo mudou.

---

[1] Ectoplasma (do grego *ekteneie* e *plasma*: substância exteriorizada).

[2] Materialização: A manifestação tangível de uma pessoa espiritual em forma física sólida temporária.

[3] Clarividência: A faculdade de perceber, como se por audição, o que é inaudível. Pode incluir a capacidade de ouvir vozes do Mundo Espiritual.

[4] Na presença de um médium de Voz Direta, as vozes dos mortos são ouvidas a falar nas suas próprias vozes, bastante independentemente e a uma distância do médium. Esta é uma forma avançada de Mediunidade Física. Não são usados trompetes.

CAPÍTULO 2
O Maravilhoso e o Bizarro

Na tarde de 10 de novembro de 1973, sentámo-nos na sala de estar escurecida de Leslie Flint, que servia também como sala de sessões, em Westbourne Terrace, Londres. Foi uma ocasião que duvido que algum de nós alguma vez esqueça.

Flint não sabia nada sobre nós, exceto que tínhamos viajado de Yorkshire, que estávamos todos seriamente interessados no Espiritismo e que tínhamos o nosso próprio círculo doméstico.

O meu irmão e eu, juntamente com as nossas esposas, fazíamos parte do pequeno grupo que viajara de diversas partes do país para estar ali. Recordo-me muito claramente dos meus sentimentos quando as luzes foram apagadas no início da sessão, e nos sentámos juntos a conversar amigavelmente entre nós.

Tendo lido anteriormente sobre as experiências de Arthur Findlay com o médium escocês de trompete John Campbell Sloan, ocorreu-me que ali, naquela sala, estávamos prestes a vivenciar o que ele escrevera quarenta anos antes, e que tão profundamente excitara o nosso interesse. Finalmente, ali estávamos para ouvir as vozes dos mortos vivos. Os leitores podem imaginar os nossos sentimentos enquanto aguardávamos ansiosamente pelo que, esperávamos, estava prestes a acontecer.

Creio que esperamos por mais de 30 minutos até que, de repente, a nossa conversa foi interrompida por Mickey, o guia londrino nato de Flint, que falou de um ponto no espaço ao nível do ombro esquerdo do médium, aproximadamente a trinta centímetros dele. (A localização da voz fora estabelecida em numerosas ocasiões experimentais no passado.)

Descobrimos todos que Mickey era um personagem jovial, engraçado e maravilhoso. Instintivamente, e em consequência de muitos anos de prática, ele sabia o que dizer e quando o dizer, para aliviar a inevitável tensão nervosa que, compreensivelmente, resultava quando as pessoas se sentavam pela primeira vez. Rindo e brincando, proclamou que havia uma verdadeira multidão de nós, mas havia ainda mais deles «lá do outro lado», todos esperando «conseguir passar» – e assim se provou. Embora me abstenha de detalhar aqui tudo o que ocorreu, devo registar o facto de que, durante mais de duas horas, ouvimos e mantivemos conversas prolongadas com entes queridos que haviam passado pelos portões da morte e

retornaram para falar connosco nas suas próprias vozes individuais. Estes incluíam um parente da minha esposa.

O que também posso dizer é que, mais tarde, enquanto caminhávamos de volta para o nosso carro, senti-me como se estivesse literalmente a andar alguns centímetros acima do pavimento. Como teria sido maravilhoso partilhar uma experiência tão extraordinária e única com os estranhos que passavam por nós. Se ao menos soubessem o que eu testemunhara nas últimas duas horas – se ao menos pudesse contar-lhes o quão privilegiado e verdadeiramente afortunado me sentia.

Vários meses depois, regressámos para nos sentarmos novamente com Flint, mas desta vez levámos connosco o restante do nosso círculo.

Ao longo da minha jornada espiritual pessoal, encontrei, de tempos em tempos, o que considero marcos – ocasiões e eventos que, por várias razões, se revelaram muito significativos em relação ao meu próprio desenvolvimento mediúnico.

Tal foi o caso naquele dia em particular, naquela sala em particular, com um médium que agora pertence, com justiça, ao «Hall da Fama» do Espiritismo. Estávamos sentados há mais de uma hora quando, de repente, ouvi a voz da minha avó. Ela fora uma figura materna para mim e desempenhara um papel central na minha criação após o colapso do casamento dos meus pais.

No dia em que ela faleceu, apenas duas semanas antes da nossa sessão – um facto completamente desconhecido por Flint –, eu estivera sentado ao lado da sua cama no hospital. Estávamos só os dois. Ela estava inconsciente, mas sentei-me a segurar a sua mão. Algo passou entre nós, que era conhecido apenas por duas pessoas – eu sendo uma e ela a outra. De repente, ali com Flint, por sua própria iniciativa, ela mencionou isso para mim, e assim provou, além de qualquer dúvida concebível, que sobrevivera à morte e que a voz que eu estava a ouvir pertencia a ela e somente a ela.

À medida que as suas palavras se desvaneciam, fiquei com um sentimento de intensa gratidão, não apenas a ela por fazer o esforço supremo de retornar a mim, mas também a todos de ambos os lados que tornaram essa maravilhosa comunicação possível.

Então, enquanto refletia sobre a conversa, de repente, do escuro, outra voz começou a falar. Era uma que eu conhecia muito bem – a do meu principal guia, Pena Branca, o mesmo guia que durante alguns anos se

esforçara por me desenvolver e que, por vezes, eu considerava uma personalidade independente genuína e, noutras, um produto da minha imaginação.

Em toda a boa consciência, não me lembro do que ele realmente disse porque estava em estado de choque. Mas, em algum momento enquanto ele falava, ocorreu-me subitamente que ali estava a minha oportunidade de ouro, uma chance de estabelecer, de uma vez por todas, se ele era quem há muito alegava ser – um indivíduo autónomo. O problema era como o conseguir.

Então, a solução surgiu-me na cabeça. Interrompendo-o, perguntei se, durante a sua vida terrena, ele tivera uma deformidade física. Instantaneamente, ele respondeu: «Queres dizer a minha mão esquerda?»

Não posso transmitir os meus sentimentos quando Pena Branca proferiu aquelas palavras. Os leitores podem recordar que escrevi no capítulo anterior como, durante o meu desenvolvimento inicial, sempre que Pena Branca procurava entrar em transe comigo, a minha mão esquerda se enrolava sobre si mesma como se gravemente deformada. Agora – naquela sala – na presença de Leslie Flint, que era praticamente um estranho e não sabia nada do meu guia, nem, de facto, do meu desenvolvimento mediúnico pessoal, ele proferira seis palavras: «Queres dizer a minha mão esquerda?» O efeito em mim foi profundo.

Vários dias após o nosso regresso a casa, recebi pelo correio uma gravação da sessão, juntamente com uma carta escrita por Bram Rogers, companheiro de Leslie Flint.

Isto é o que dizia: «… envio uma cópia da fita … enquanto fazia a cópia, ouvi parte dela e parece que realmente tens algo maravilhoso a acontecer com o teu círculo. Continua, pois pode ser que consigas continuar com a Voz Direta quando chegar a altura de Leslie abrandar.»

Após uma experiência tão maravilhosa, e como resultado dessas palavras de encorajamento, o meu desenvolvimento começou a sério. Nunca mais duvidaria. A partir daquele momento, dediquei-me ao «grande trabalho».

Simplesmente Bizarro

Oito anos após o início da «minha jornada», com uma jovem família para sustentar, envolvendo responsabilidades consumidoras de tempo conhecidas por todos os pais, descobri que tinha muito pouco tempo livre. No entanto, assegurava sempre que, todas as semanas, me sentava no círculo, que se realizava na minha casa. A continuidade, acreditava firmemente (e ainda acredito), era de vital importância. Contudo, com crianças pequenas em casa, fomos eventualmente forçados a reconhecer, com pesar, que o ambiente já não era propício ao trabalho do círculo. Com poucas exceções, outros membros do círculo estavam na mesma situação com as suas jovens famílias. Tornou-se literalmente impossível para nós continuarmos a reunir-nos.

E para complicar ainda mais as coisas, o negócio que lançara alguns anos antes, juntamente com a minha esposa, exigia cobertura noturna todas as noites da semana. Felizmente, a minha esposa voluntariou-se graciosamente para cuidar das crianças e gerir o escritório (que administrávamos a partir de casa) na minha ausência, caso eu encontrasse outro círculo no qual continuar com o meu desenvolvimento.

A essa altura, já estivera a sentar-me e a desenvolver a minha mediunidade durante mais de sete anos. Embora estivesse sempre ciente de tudo o que ocorria durante o meu transe e das palavras proferidas pelo meu guia, era incapaz de interferir ou influenciar o fluxo das suas palavras. Estava sempre numa condição que poderia ser melhor descrita como dissociação.

E estava feliz por deixar o meu desenvolvimento nas mãos dele, embora tenha de admitir que teria preferido muito entrar num estado de transe profundo e, portanto, estar inconsciente de tudo o que acontecia. Sei que isso seria bem-vindo pela maioria dos médiuns de transe.

Embora muitos invariavelmente aleguem que estão num estado totalmente inconsciente durante o transe (comumente referido como transe profundo), estou convencido de que tal situação é extremamente rara. A crença comum é, claro, que se a mente consciente do médium for tornada inoperante, então o que for transmitido deve vir de fontes independentes e, portanto, estar além da responsabilidade e controlo direto do médium; em resumo, o médium é completamente omitido da equação. Embora, durante o meu desenvolvimento inicial, tenha a certeza de que subscrevia essa

crença compreensível, agora sinto que a profundidade e a natureza do transe são de pouca importância. O teste decisivo deve sempre residir no conteúdo da comunicação. Se isso provar estar fora do conhecimento ou consciência inconsciente do médium, então avançamos muito no sentido de estabelecer a fonte independente da transmissão.

Após termos tomado a decisão de dissolver o nosso círculo doméstico, uma oportunidade para continuar o meu desenvolvimento apresentou-se da maneira estranha como estas coisas tendem a acontecer. Após um serviço de domingo à noite numa das nossas igrejas locais, fui abordado por um casal idoso que chamarei Jim e Ethel Hood, que, sabendo do meu desenvolvimento de transe e da minha situação atual, me convidaram muito gentilmente para me juntar ao seu círculo doméstico. Fiquei, claro, mais do que encantado por o fazer. Conhecia este casal há algum tempo, tendo-os visto frequentemente na igreja, e sabia que eram sinceros, amáveis e o que eu considerava serem «espiritistas à moda antiga».

O que sempre me impressionara neles era que Jim ocasionalmente tinha consideráveis problemas para andar e era frequentemente ajudado pela sua esposa, que servia como muleta enquanto lutavam juntos para subir as escadas da igreja. Jim sofria de gota, que, como é bem conhecido, pode ser muito dolorosa e debilitante. No entanto, ele e Ethel recusavam-se a deixar que isso interferisse com o seu círculo ou com a sua frequência regular à igreja. Só menciono isto devido à sua relevância para a narrativa que se segue.

Na quarta-feira seguinte à noite, cheguei à casa deles e fui apresentado aos membros do círculo, incluindo uma senhora chamada Cynthia que, como eu, fora convidada a juntar-se e que também estava a participar pela primeira vez. Ambos fomos feitos sentir muito bem-vindos.

O que não percebera até pouco antes daquela primeira sessão era que Jim atuara como médium de transe do círculo durante muitos anos, mas, por qualquer razão, perdera a capacidade alguns meses antes de entrar no estado de transe. As suas palavras exatas para mim foram: «Já não consigo escapar, mas sei que um dia isso voltará para mim.»

O contacto com o mundo espiritual fora perdido de forma muito dececionante e parecia-me que a minha presença no círculo era uma espécie de «tapa-buracos» – um arranjo tentativo. No entanto, estava genuinamente feliz ali e considerava que, por quanto tempo durasse, isso poderia ser de benefício mútuo – o meu desenvolvimento continuaria e o

contacto deles com o Mundo Espiritual seria, esperançosamente, restaurado. E assim, todas as quartas-feiras à noite, durante cerca de seis meses, numa atmosfera de união amigável e sinceridade, sentei-me com o círculo e o meu guia conseguiu comunicar. O círculo estava satisfeito, eu estava satisfeito, e tudo estava bem. E então, inevitavelmente, não consegui comparecer numa noite em particular.

Há muito acredito que, além da essência pura do Espiritismo, existem aspetos, correndo em paralelo, que desafiam a compreensão.

«Olá, Stewart», disse Cynthia ao telefone na manhã seguinte, «Como estás?»

Pelo tom da sua voz, soube imediatamente que, independentemente de como eu estava, nem tudo estava bem com ela.

«O que se passa?» perguntei.

Houve um silêncio na linha por alguns segundos antes de ela responder: «O Jim entrou em transe ontem à noite.»

«Brilhante», respondi.

«Bem, não exatamente.»

«O que queres dizer? O que se passa?» perguntei, pensando comigo mesmo que talvez ele tivesse adoecido durante ou após a sessão.

«Bem», continuou ela, «como sempre, sentámo-nos à volta da mesa de jantar e eu estava do lado direito dele. Estávamos sentados há cerca de dez minutos quando, de repente, ele começou a respirar pesadamente. Então, o seu guia indiano começou a falar e prosseguiu a proferir filosofia em pleno fluxo durante cerca de vinte minutos.»

«Isso deve ter sido maravilhoso», interrompi.

Ela riu nervosamente e continuou: «Foi, até que, por acaso, me mexi na cadeira e, acidentalmente, encontrei o meu pé esquerdo a pressionar contra, ou em cima do direito dele – não me lembro qual.»

«Oh, céus», disse eu, «Bem, o que aconteceu depois?»

«Não vais acreditar nisto», continuou ela, «O guia parou de falar instantaneamente, e o Jim, com uma nota de dor e um aumento no tom, exclamou pelo canto da boca: ‘Estás a pisar o meu pé.’ Afastei-o rapidamente e então o guia continuou a falar como se absolutamente nada tivesse acontecido.»

É difícil imaginar quão chocados, perplexos e embaraçados ela e os outros participantes devem ter ficado, e, sim, quão terrivelmente dececionados devem ter-se sentido. Se se tratava de fraude consciente ou

inconsciente, não posso de forma alguma dizer, mas como enigma psicológico desafiava e continua a desafiar a minha compreensão. Claro, os leitores podem compreensivelmente perguntar-se se a dor súbita o teria momentaneamente tirado do seu estado de transe profundo? No entanto, pela experiência pessoal, sabia que um médium nesse estado estaria inconsciente da dor física, tal como uma pessoa anestesiada para cirurgia o estaria. Nos anos que se seguiram, refleti muitas vezes sobre aquela noite e perguntei-me como teria reagido se estivesse presente para testemunhar um incidente tão bizarro. Desnecessário dizer que tomei a decisão de não me sentar novamente com o círculo, tal como Cynthia. Nós os dois, juntamente com o marido dela e amigos, prosseguimos para formar o nosso próprio círculo. Sentámo-nos juntos durante cerca de um ano antes que esse também chegasse ao fim, como os círculos tendem a fazer após um período de tempo. Embora todos os círculos comecem com determinação e compromisso, infelizmente muitos tendem a ter uma vida curta – talvez alguns meses ou, no máximo, alguns anos.

Quando o progresso não corresponde às expectativas iniciais, ou os resultados tangíveis os eludem constantemente, a maioria dos participantes desanima e todo o entusiasmo inicial esvai-se. Então os círculos colapsam, deixando os indivíduos envolvidos à procura de se juntarem a outros círculos ou formarem novos. No meu caso, após o colapso desse círculo, rapidamente me vi sentado noutro. Quando esse eventualmente se dissolveu, passei para ainda outro – um processo que continuou a repetir-se ao longo dos dois anos e meio seguintes. Ao longo desse período, ocasionalmente testemunhei aspetos da natureza humana que estou convencido de que não teria encontrado em nenhuma outra circunstância. Estes ocorreram dentro de círculos que eram indubitavelmente sinceros nos seus motivos, dedicação e aspiração, mas deram-me uma visão de como o pensamento desiderativo podia tão facilmente levar ao abandono total do julgamento racional.

Pessoas que, em todos os outros momentos, eram sem dúvida sensatas e responsáveis, pareciam deixar a sua faculdade crítica à porta ao entrar na sala de sessões. Então, por um tempo, envolviam-se livremente num mundo partilhado de ilusão. Atravessar o limiar do mundo exterior para a sala de sessões parecia ser um convite para todos os membros do círculo se envolverem juntos num mundo de fantasia criado conjuntamente, onde os participantes competiam para estabelecer entre o grupo a sua própria

proeza mediúnica. Sem o mínimo indício, muitos acreditavam genuinamente que eram médiuns ou agarravam-se à esperança de que, após algumas semanas de desenvolvimento, a sua suposta mediunidade inata se revelaria. Claro, isso nem sempre era o caso, mas por vezes era, e sempre me perguntei por que razão tantos participantes tinham tal compulsão e determinação para se tornarem médiuns. Em alguns casos, sem dúvida devido a um desejo genuíno de ser útil, mas noutros, talvez fosse uma questão de estatuto percecionado como elevado entre os seus pares!

Os líderes de dois dos círculos em que me sentei durante esse tempo, embora obviamente pessoas simpáticas, exemplificavam como a ignorância pode sufocar o potencial desenvolvimento bem-sucedido de um círculo. Era uma questão de cegos a guiar cegos, e de mero cumprimento verbal ser pago ao mundo espiritual. Por outras palavras, os líderes ditavam a conduta e a prática dos círculos com pouco pensamento de que a falta de progresso poderia ser apenas uma consequência de uma falha em permitir que o mundo espiritual desempenhasse um papel significativo. Claro, alguns círculos eram bem geridos e não sofriam de imaginações hiperativas aliadas à vontade de acreditar.

Alguns eram muito promissores, e neles testemunhei o desenvolvimento mediúnico positivo e constante de vários participantes. Mas isso era uma raridade – certamente não era a norma. A maioria das pessoas que se sentaram em círculos espiritistas admitiria, se fosse honesta, ter experienciado um incidente ocasional absurdo dentro deles. Um dos mais divertidos foi relatado pelo falecido Alan Crossley (mais sobre Alan nos Capítulos 4 e 5). Era um homem que tinha uma vasta quantidade de experiência em salas de sessões ao longo da sua vida. De facto, era um dos espiritistas mais conhecedores e credíveis que alguma vez conheci. Aparentemente, num dos círculos em que se sentou, a médium em transe acreditava que estava controlada (possuída) por um cão de estimação e de repente pôs-se de gatas e correu pela sala a ladrar. Após alguns momentos desta idiotice de «queixo caído», alguns dos participantes pareceram acreditar, pois murmuraram: «Deus te abençoe, amigo». Embora inquestionavelmente engraçado, é também muito triste.

A minha própria experiência durante aqueles anos foi principalmente de estar em círculos onde todos os outros podiam sentir, sentir e/ou ver a presença de «Espírito», embora eu estivesse pessoalmente convencido de que nenhum estava presente. Também ouvi discursos proferidos através de

pessoas que se dizia estarem em transe. Francamente, tem de se dizer que muitas vezes eram um insulto absoluto à inteligência e ao mundo espiritual que supostamente representavam. De facto, havia canalização de disparates em abundância! Na minha opinião, a mediunidade ergue-se ou cai de acordo com a evidência que produz para substanciar o argumento de que a alma humana sobrevive à morte.

A comunicação de um ente querido falecido deve certamente ser o auge da comunicação entre dois mundos. E, no entanto, a minha experiência pessoal dentro de vários chamados «círculos domésticos» na altura foi notável pela ausência de algo que sequer remotamente sugerisse a presença do mundo espiritual. Cuidadosamente, ouvi cientistas falecidos, padres, filósofos e personagens exóticas enquanto proferiam as suas mensagens articuladas (e nem tanto). Invariavelmente, ficava perplexo e incrédulo, e com simpatia pela posição do cético e do cínico. Tais desempenhos deixavam-me sempre intrigado quanto ao que realmente «se passara» – e ao que eu realmente assistira! Era uma questão de fraude inconsciente ou deliberada e premeditada?

Era pensamento desiderativo tão forte que os médiuns realmente se enganavam a si próprios? Embora não houvesse forma de saber, conhecia estes «médiuns» como pessoas simpáticas e considerava que um psicólogo a testemunhar tais desempenhos teria muito para estudar. Se estes eram bizarros, então as demonstrações de transfiguração que ocasionalmente acompanhavam o processo de entrada em transe eram ainda mais. A transfiguração é um processo que envolve uma mudança na aparência do rosto do médium enquanto uma luz vermelha ténue o ilumina. No caso de transfiguração genuína, que é um aspeto da mediunidade física, acredita-se que as pessoas espirituais extraem ectoplasma do médium, que é então concentrado à frente e bastante separado do rosto do médium.

A pessoa espiritual comunicante que procura criar uma semelhança das suas próprias feições faciais imprime e molda então o ectoplasma numa máscara – uma réplica do seu próprio rosto. Ao longo da história do Espiritismo, vários médiuns notáveis especializaram-se em produzir tais fenómenos, e muitas pessoas alegaram ter reconhecido os seus entes queridos em tais sessões. Infelizmente, a minha própria experiência de suposta transfiguração era algo diferente. O que invariavelmente testemunhei era uma grande quantidade de caretas – uma contorção de

feições. Em tais ocasiões, muitas vezes me perguntei por que razão as pessoas espirituais eram sempre «tão feias».

Nunca vi uma atraente ou mesmo meio atraente. Certamente, pelo menos uma transfiguração deveria rivalizar com George Clooney ou Marilyn Monroe em aparência! Infelizmente – Não. No entanto, ao sentar-me com esses círculos, o que era realmente importante para mim era que o meu desenvolvimento continuasse. Agora, ao olhar para trás para aqueles anos, estou certo de que o caminho que segui resolutamente era necessário para tudo o que se seguia, mesmo além do horizonte.

CAPÍTULO 3
Encontro o Meu Primeiro Mentor

Doze anos tinham passado desde que lera pela primeira vez *On the Edge of the Etheric* de Arthur Findlay. Durante onze desses anos, sentara-me semanalmente (ocasionalmente duas vezes por semana) em vários círculos, e durante vários desses anos o meu principal guia, Pena Branca, continuara a trabalhar comigo no longo caminho do desenvolvimento. Ainda estava ciente das suas palavras sempre que ele falava através de mim, mas, agradavelmente, há alguns anos que apresentava comunicação comprovativa de sobrevivência aos participantes. Isto confirmava-me que o desenvolvimento estava a ser mantido e, claro, a evidência de sobrevivência é, ou deveria ser, intrínseca ao Espiritismo.

Ainda mais interessante era o facto de que, há algum tempo, Pena Branca dizia que, se eu permanecesse paciente e continuasse a sentar-me para desenvolvimento todas as semanas, eles no mundo espiritual estavam confiantes de que um dia seriam capazes de comunicar a um nível físico. Por outras palavras, fenómenos físicos seriam introduzidos. Tal perspetiva era muito excitante. Ao olhar para trás agora para aqueles primeiros anos da minha jornada, posso ver claramente um padrão lógico de experiência – episódios significativos que desempenharam um papel importante no esquema das coisas. A formação e eventual colapso do meu círculo doméstico, as sessões com Leslie Flint, e os vários círculos dos quais fiz parte foram todos importantes ao longo do caminho que trilhei de forma resoluta.

A minha confiança no mundo espiritual era absoluta e nunca duvidei que a minha mediunidade continuaria a progredir. No entanto, para cada sessão intensa, havia pelo menos duas sessões em branco onde aparentemente nada ou muito pouco acontecia. Certamente era necessária paciência em quantidades industriais. E então, numa noite de domingo em particular, o meu caminho mudou mais uma vez. Numa igreja espiritista local, testemunhei uma das melhores demonstrações de clarividência[1] que alguma vez experienciara. A médium nascera e fora criada na mesma cidade que eu no Norte de Inglaterra, mas vivera em Londres. No entanto, recentemente regressara para estar com a família, e aquela noite estava a dar a sua primeira demonstração na sua cidade natal. O seu nome era Kath Matthews.

Após o serviço, fomos apresentados, e felicitei-a pela demonstração excecional que acabara de dar. Rapidamente aprendi que Kath era modesta e tinha pouca confiança no maravilhoso dom que indubitavelmente possuía, acreditando sempre que poderia ter feito melhor. Em todos os sentidos, Kath Matthews era uma das heroínas anónimas do Espiritismo. Não procurava fama e o seu nome nunca seria conhecido em todo o movimento – era o que chamo uma «médium trabalhadora» que, embora excelente, se considerava muito comum. A nossa conversa rapidamente virou-se para a mediunidade física, na qual ela tinha um interesse particular, e em breve estávamos a falar juntos sobre isso como velhos amigos.

Mal me apercebi na altura que esta mulher notável, que mais tarde vim a considerar como a minha primeira mentora, em breve desempenharia um papel central e inestimável na minha vida. Não só apoiou a minha mediunidade, como esteve envolvida com ela durante os meus anos de esforço para alcançar manifestações físicas na minha própria sala de sessões. Dentro de alguns meses do nosso primeiro encontro, Kath voluntariou-se para escurecer totalmente a sua sala de estar numa segunda-feira à noite e criar um círculo para se sentar comigo. Isto seria com o propósito expresso de apresentar às pessoas espirituais as condições exigentes tão necessárias para a geração de fenómenos físicos. E assim, todas as segundas-feiras à noite durante os dois anos seguintes, sentámo-nos juntos em harmonia e amizade – oito pessoas, todas partilhando as mesmas esperanças e aspirações.

A comunicação em transe com o Mundo Espiritual continuou a desenvolver-se, e para o fim desse período havia ocasiões frequentes em

que ouvíamos sons de batidas e pancadas que pareciam vir das paredes. Foi por volta desta altura que conheci Ray Lister, a quem Kath convidara para se juntar ao círculo e que um dia se tornaria o meu líder de círculo e manager, organizando e arranjando o meu trabalho público. Agora lidera o nosso círculo doméstico há mais de trinta e cinco anos. Ray estava também destinado a tornar-se um amigo fiável e fiável e, de muitas formas, o pilar da minha mediunidade. No entanto, enquanto nos sentávamos juntos no círculo de Kath naqueles primeiros dois anos, duvido que algum de nós pudesse ter percebido o que estava à frente. O sucesso estava no horizonte. Aquilo que por tanto tempo parecera sempre inatingível estava agora quase sobre nós, e estávamos prestes a testemunhar coisas que poucos seres humanos alguma vez testemunharam antes.

A Rutura

Catorze anos após a minha descoberta do Espiritismo – treze anos após a minha primeira sessão num círculo e dois anos após a Sra. Kath Matthews ter criado especificamente um círculo para se sentar para o meu desenvolvimento – a rutura tão esperada e ansiosamente antecipada finalmente chegou. Aquela noite começou de forma nenhuma diferente de qualquer outra noite de círculo. Chegámos todos à casa de Kath e conversámos juntos como sempre fazíamos. O círculo foi aberto, a luz apagada, o meu guia entrou em transe comigo e depois falou através de mim. Uma hora depois, o círculo foi fechado e a luz ligada novamente.

Alguns minutos depois, estávamos a desfrutar de chá e bolachas, após o que todos se foram embora, deixando apenas Kath, outra senhora membro do círculo e eu. Estávamos sentados à mesa de jantar e recordo-me claramente que o trompete estava de pé entre nós na mesa enquanto discutíamos o progresso do círculo. Então, de forma bastante inesperada – e isto nunca acontecera antes –, apercebi-me do meu guia Pena Branca a regressar e depois nada mais até «acordar» pouco depois. Fui então excitadamente informado de que, durante o meu estado inconsciente (pois era isso que fora), Pena Branca pedira que a luz fosse apagada e, alguns momentos depois, e pela primeira vez, o trompete subira no ar e a sua voz fora ouvida a emanar diretamente dele. Foi apenas uma frase curta.

Mas os nossos sentimentos sobre a implicação por detrás daquelas poucas palavras – que, por fim, os nossos sonhos estavam prestes a

alcançar a fruição – não podem possivelmente ser imaginados. A excitação era palpável. As sessões após aquela noite memorável foram semelhantes à rutura de uma barragem; a comunicação num nível inteiramente novo e diferente irrompeu. No entanto, se pensássemos então que progrediríamos rapidamente para a manifestação de materialização parcial ou de forma completa em condições iluminadas (a *crème de la crème* da mediunidade física), em breve perceberíamos que não seria assim. Se isso alguma vez ocorresse, seria apenas muitos anos no futuro.

[1] Clarividência: A faculdade de receber informações sobre uma pessoa, objeto, local ou evento físico através de meios extrassensoriais.

Como se pode imaginar, na semana seguinte o círculo sentou-se numa atmosfera de euforia e antecipação aguda. Fomos recompensados novamente.

O trompete levitou e algumas palavras foram proferidas através dele. Enquanto isto ocorria, eu estava num estado profundo de transe, que daí em diante se tornou a norma sempre que fenómenos a um nível físico ocorriam.

A levitação do trompete manteve-se nas semanas subsequentes e, à medida que o tempo passava, as pessoas espirituais conseguiam prolongar o tempo que ele navegava pela sala de sessões. Embora as palavras proferidas através dele fossem poucas no início, ele flutuava graciosamente, por vezes criando padrões intrincados no ar e por vezes girando e serpenteando à volta dos participantes a uma velocidade considerável sem nunca colidir com ninguém ou algo. Como pequenas tiras de fita luminosa estavam coladas na sua extremidade larga, os participantes podiam facilmente seguir as suas manobras na escuridão total. Esta consciência espacial demonstrava certamente que o trompete estava sempre sob controlo inteligente e, à medida que o tempo passava, a comunicação tornava-se mais sustentada.

Na altura, o círculo era composto por quatro mulheres e quatro homens, todos os quais compareciam fielmente todas as semanas. Então, uma noite, vários meses após a nossa rutura monumental, fomos acompanhados por um amigo de um dos participantes que, fomos informados, tinha um grande interesse no Espiritismo e em quem se podia confiar implicitamente para não violar as nossas condições habituais de sala de sessões. A própria Kath concordara com a visita do jovem e acreditava, tal como todos nós, que não havia nada a temer.

Aquela noite, todos íamos aprender uma lição muito valiosa.

A sessão começara da forma habitual e em breve o trompete navegava pela sala da sua maneira normal. Ray estava sentado no lado oposto do círculo, ao lado do estranho. À medida que o trompete se aproximava deles, Ray apercebeu-se de que o homem começara a mexer-se na cadeira e perguntou-lhe o que raio estava a fazer.

O homem respondeu que tentava agarrar o trompete para descobrir quem o controlava realmente. Horrorizado, Ray repreendeu-o imediatamente, tal como Kath.

Assumiu-se que o homem não tinha conceito do perigo em que me colocava e, em absoluta ignorância das possíveis consequências, queria satisfazer-se de que o fenómeno era genuíno. Por outro lado, se soubesse e apenas quisesse satisfazer a sua curiosidade, então tal arrogância desafiaria a crença.

É um facto estabelecido que tal conduta exibida naquela noite poderia ter infligido lesões graves em mim. A energia viva «ectoplasma» que fora extraída de mim, e da qual todas as manifestações físicas dependem e repousam, poderia ter regressado instantaneamente e muito rapidamente ao meu plexo solar (de onde fora extraída), resultando em danos graves. De facto, no passado, tal conduta resultara em vários médiuns físicos passados pagarem um preço terrível.

Este convidado experienciou então um evento surpreendente que, tenho a certeza, teve um grande impacto nele. Um momento depois, começou a gritar de modo alarmante, a sua voz ascendendo em tom por várias oitavas. Ao mesmo tempo, começou a apalpar freneticamente à volta da cadeira com ambas as mãos. Aparentemente, esta levitara alto no ar com ele em cima. «Não consigo acreditar nisto – ninguém está a tocar na minha cadeira!», gritou ele. Como fora colocada com as costas próximas da parede – tal como todas as cadeiras –, seria impossível qualquer agência humana ter afetado a levitação por meios normais. Pouco depois, a sessão terminou, ele saiu, abalado, para nunca mais voltar. Compreensivelmente, após aquela noite, o nosso círculo doméstico tornou-se ultracauteloso em relação a possíveis visitantes futuros, e por uma muito boa razão.

Não surpreendentemente, portanto, durante vários meses mais, a comunicação a um nível físico continuou com Pena Branca a desempenhar o papel principal.

Então, uma noite, tivemos um visitante mais inesperado do mundo espiritual, que decidiu permanecer connosco durante mais de um ano.

Quando Kath vivera em Londres, fizera amizade e frequentemente acompanhara uma médium chamada Lila Josephs às suas demonstrações nas igrejas espiritistas dentro e à volta da cidade. De todos os relatos, Lila – que era frequentemente destacada no jornal espiritista semanal Psychic News – era uma personagem maior que a vida. Infelizmente, pouco antes de Kath decidir regressar ao Norte, Lila fora hospitalizada e inesperadamente passara para o Espírito.

Uma noite – provavelmente cerca de três meses após o início da comunicação pelo trompete –, Pena Branca terminara de falar e o trompete pousara suavemente no chão. Então, quase imediatamente, ergueu-se novamente, pairou em frente a Kath, e a voz bem lembrada de Lila Josephs saiu dele. Nas semanas seguintes, tornou-se gradualmente claro que esta fora a primeira do que se tornariam visitas regulares.

O que era sempre particularmente intrigante para o círculo era que não só Lila se manifestava com o seu caráter bastante colorido, mas que ela e Kath podiam recordar os bons velhos tempos – as risadas, os incidentes e os tempos felizes que desfrutaram na companhia uma da outra. Parece, no entanto, que nunca fora pretendido que Lila se tornasse uma parte permanente do que subsequentemente viemos a considerar como a nossa «Equipa Espiritual». Evidentemente, ela estava lá para cumprir um propósito específico, e talvez devido à sua personalidade muito forte tivesse sido escolhida como a mais adequada para romper da forma que consistentemente o fez, e para estabilizar a comunicação pelo trompete.

Para o fim daquele ano, Lila começou a falar de um rapazinho que estava atrás dela, e que um dia desempenharia um papel essencial na apresentação da minha mediunidade física. Quando esse dia amanhecesse, seria altura de ela partir; o seu trabalho estaria feito. E assim aconteceu que, quando eventualmente o pequeno Christopher finalmente chegou, Lila, de quem gostávamos imensamente, retirou-se gradualmente. Mas não demorou muito até que Christopher também se tornasse querido pelo círculo com as suas maneiras infantis, travessas, divertidas e maliciosas.

De todas as várias personalidades espirituais que trabalharam comigo desde então, é Christopher que mais me intrigou. Ao longo dos anos, não mudou e permanece hoje como aquele que nunca falha em divertir todos os presentes com a sua conversa, o seu calor e o óbvio amor pelo trabalho com

que foi incumbido. Quando as pessoas se sentam comigo pela primeira vez, muitas vezes não sabem realmente o que esperar. Até espiritistas ardentes podem ficar nervosos ao sentar-se na escuridão total, prestes a experienciar fenómenos físicos pela primeira vez. Em tais ocasiões, Pena Branca é sempre o primeiro a comunicar com a sua bênção, e depois é rapidamente seguido pelo pequeno Christopher que, em segundos, alivia qualquer tensão entre os participantes da sua maneira distinta.

O Incidente do Porco Cor-de-Rosa

Se Sir Arthur Conan Doyle ainda vivesse na terra há vinte e cinco anos e tivesse ouvido a história seguinte, imagino que bem poderia ter escolhido «O Incidente do Porco Cor-de-Rosa» como título para um dos seus romances de Sherlock Holmes.

Certamente os eventos que estou prestes a relatar são tão misteriosos como qualquer coisa que saiu da pena do grande escritor, e uma história baseada neles certamente intrigaria os seus leitores.

Estávamos a desfrutar de vozes através do trompete, movimento do trompete e várias formas menores de fenómenos há vários meses quando, uma noite, nos sentámos na escuridão sem quaisquer manifestações discerníveis. O trompete permaneceu resolutamente imóvel ao longo de tudo, eu permaneci totalmente consciente e todos nos sentámos e conversámos até decidirmos fechar o círculo.

Imaginem então a nossa surpresa quando a luz foi ligada. Ali, no tapete, em frente a cada membro do círculo, estava um pequeno animal de plástico com cerca de cinco centímetros de altura – cães, gatos, ovelhas, etc. – um presente, sem dúvida, em reconhecimento da paciência e dedicação de cada participante. Era, suponho, uma espécie de demonstração em massa do chamado fenómeno de aportação (itens transportados para uma sala de sessões trancada e selada), cujos mecanismos nos são desconhecidos.

Embora todos estivessem compreensivelmente encantados, Kath não tinha nada em frente a ela. Por qualquer razão, ela era a única pessoa que perdera a receção de um dos pequenos animais. Compreensivelmente, ficou muito chateada, e por uma boa razão. Ela, como líder do círculo e minha mentora, dera-se ao trabalho de escurecer a sua sala de estar todas as semanas durante mais de dois anos. Hospedara o círculo. No entanto, o

mundo espiritual aparentemente falhara em reconhecer e recompensar os seus esforços e a sua boa vontade.

Quando saímos naquela noite, fizemo-lo com o coração pesado e completamente incapazes de compreender tal aparente descuido. No entanto, na manhã seguinte cedo, Kath ligou-me muito excitada e contou-me a seguinte história mais extraordinária:

Quando se deitava todas as noites, Kath tinha o hábito de ler. Depois, quando começava a sentir-se cansada, colocava o livro na mesa de cabeceira e deitava-se. Como habitual, fizera isso na noite anterior.

Quando acordou naquela manhã, a primeira coisa que viu, sentada em cima do seu livro, era um porco de plástico cor-de-rosa, com cerca de dez centímetros de altura – no próprio livro que ela própria colocara ali apenas oito horas antes. Sabia que a sua porta estivera trancada com segurança e ninguém poderia ter estado na sua casa durante a noite. Por outras palavras, este porco chegara como um presente do mundo espiritual, tal como os que todos recebêramos no dia anterior.

Agora, os leitores podem pensar que tal história é maravilhosa por si só, mas isso não é o fim da narrativa. Na semana seguinte, ao chegar à casa de Kath para o círculo, um dos nossos membros identificou imediatamente o porco como um que lhe pertencia e que desaparecera da sua casa, a muitas milhas de distância, na semana anterior. Graciosamente, permitiu-lhe ficar com ele. Durante meses depois, ela guardou o porco no seu armário de porcelana com frente de vidro e todos os que a visitavam ouviam a história, e ela tirava-o e mostrava-o.

Então, um dia, notou com alarme que desaparecera. Uma busca minuciosa na sala e depois em todas as outras divisões falhou em encontrá-lo. Pode-se imaginar facilmente quão devastada se sentiu, pois parecia-lhe que este presente do mundo espiritual não era permanente, como ela, e de facto todos nós, assumíramos.

As semanas passaram. Um dia, um instalador de carpetes veio colocar uma carpete nova na sua sala de estar. O trompete que usáramos na noite anterior estava de pé na lareira, e quando o instalador terminou, virou-se para Kath e perguntou-lhe se realizava sessões ali. Alguns anos antes, aparentemente interessara-se pelo Espiritismo e sabia para que servia tal trompete. Quando lhe disseram que sim, contou-lhe imediatamente a seguinte história, embora imaginasse que ela não acreditaria nele, porque ninguém mais acreditava.

Algumas semanas antes, fora para a cama e, ao acordar na manhã seguinte, vira, na mesa de cabeceira, um porco de plástico cor-de-rosa. Kath Matthews, intrigada e excitada com a sua história, contou-lhe então a sua própria. Explicou que o porco que aparecera ao lado da sua cama desaparecera subitamente algumas semanas antes.

Notavelmente, os dois nunca se tinham encontrado anteriormente nem conhecido da existência um do outro. Viviam a cerca de oito milhas de distância. Aconteceu apenas que ele, entre todos os instaladores da sua empresa, fora enviado para colocar a carpete de Kath – semanas após encontrar o porco ao lado da cama. Era como se todo o episódio tivesse sido planeado com antecedência.

Kath disse-lhe que o seu porco cor-de-rosa tinha uma marca distinta na base, e acrescentou que saberia imediatamente se o porco dele era, na realidade, o dela. O instalador concordou então em voltar no dia seguinte, assegurando-lhe que, se a marca estivesse lá, ela, como proprietária legítima, poderia ficar com ele. Claro que era o dela, e fiel à sua palavra, deixou-o com ela.

Inacreditavelmente, isto ainda não era o fim do assunto!

Em 1991, cerca de oito anos após os eventos descritos acima, recebi um telefonema de Kath Matthews durante o qual me revelou um posfácio mais extraordinário à história.

Aparentemente, o proprietário original do porco cor-de-rosa – o membro do círculo que reportara que desaparecera na altura em que aparecera pela primeira vez na mesa de cabeceira de Kath – contactara-a nesse dia para perguntar se ela se apercebera de que o porco já não estava na sua posse. Parece que acabara de obter novas unidades de armários de cozinha, e após a entrega em casa abrira uma delas para encontrar lá o animal de plástico muito viajado!

Podemos pensar o que quisermos, mas o facto é que os dois viviam a muitas milhas de distância e que Kath já não o tinha na sua posse e ele tinha.

Desde então, aquela preciosa figura de plástico tornou-se conhecida como «O Porco Cor-de-Rosa Viajante».

A Sra. Kath Matthews entrou na minha vida numa altura mais apropriada.

Não pode haver dúvida de que a sua confiança em mim, e o seu apoio, conselho e encorajamento consistentes, ajudaram na realização do tipo de

mediunidade que tanto me cativara e infundira o meu interesse aqueles muitos anos antes. Sempre a considerei como a minha mentora e ainda o faço. Até a doença interferir e ela falecer, ainda ocasionalmente se sentava com o meu círculo atual, que agora se reúne semanalmente há mais de trinta e cinco anos.

[1] Clarividência: a capacidade de perceber coisas à distância e além dos cinco sentidos, que pode incluir comunicações dos falecidos ou ver os mortos.

CAPÍTULO 4
Sobre os Pennines até Elton

No início dos anos 1980, a minha família e eu estávamos de férias no País de Gales. Enquanto conduzíamos e ouvíamos a rádio, ouvimos uma entrevista da BBC com um cavalheiro chamado Alan E. Crossley acerca do seu livro The Story of Helen Duncan. A Sra. Duncan fora celebrada ao longo da sua vida e ainda hoje é reverenciada pelo movimento como uma das melhores médiuns de materialização da história.

Descobri que Alan Crossley a conhecera bem, e quando ela dera as suas renomadas sessões de materialização na área de Liverpool, ele frequentemente tivera a responsabilidade de arranjar a iluminação da sala de sessões. A emissão foi muito interessante; Alan tinha uma ligação direta a esta médium excecional e eu sabia que poderia aprender tanto dele. A história do movimento em geral e, claro, a mediunidade física em particular, sempre me fascinara. Há muito reconhecera o facto de que poderia aprender muito com o que passara antes.

Dentro de dias após o regresso do País de Gales, obtivera o endereço de Alan Crossley, escrevera-lhe e recebera uma resposta a convidar-me para a sua casa na aldeia de Elton, perto de Chester. Embora a viagem fosse longa e envolvesse viajar sobre os Pennines, algumas semanas depois Ray Lister e eu fizemos a viagem. Estávamos ansiosos por conhecer este homem que eu instintivamente sabia representar outro marco na minha jornada, e que em breve viria a considerar como um amigo e ainda outro mentor.

Alan vivia num parque residencial. Foi lá que passámos alguns dos dias mais intrigantes, interessantes e maravilhosos que se podem imaginar. A casa de Alan gerava calor, e o homem em si exalava gentileza, sabedoria

e bondade. Tinha um vasto conhecimento do movimento espiritista. Rapidamente percebemos que não só tinha uma ligação direta a muitos dos médiuns físicos excecionais do passado, mas as suas experiências nas salas de sessões deles eram sem igual.

Como disse, sabíamos que podíamos aprender uma quantidade enorme de Alan, e aprendemos. Era um verdadeiro pioneiro que nunca se cansava de narrar as suas experiências.

Alan conhecera pessoalmente médiuns físicos celebrados como Alec Harris, William Olsen, Jack Webber, Sra. Gunning e uma série de outros, incluindo a sua amiga Sra. Duncan sobre quem escrevera o seu livro. Como testemunha regular, Alan não tinha dúvidas de que na sala de sessões da Sra. Duncan os mortos realmente se materializaram em forma sólida e que muitas vezes o reconhecimento fora instantâneo. O seu livro era a sua tentativa de a vindicar do que considerava acusações ignorantes e caluniosas de fraude que persistiam desde uma rusga policial numa sessão que ela dera em Portsmouth em 1944.

Isto levara ao seu infame julgamento alguns meses depois no Central Criminal Court do Old Bailey, ao abrigo da arcaica Lei da Bruxaria de 1735. Esta estipulava que «… qualquer pessoa que pretendesse exercer ou usar qualquer tipo de bruxaria, feitiçaria, encantamento ou conjuração, seria passível, em caso de condenação, de um ano de prisão».

Apesar do facto de muitas testemunhas credíveis terem dado provas convincentes em sua defesa, Helen Duncan foi considerada culpada e sentenciada a nove meses de detenção na prisão de Holloway. Para Alan e muitos outros, a sua condenação fora uma injustiça judiciária. Causara um clamor de indignação em todo o Movimento Espiritista e levaria eventualmente à aprovação da «Lei dos Médiuns Fraudulentos» de 1951[1], que daí em diante daria à mediunidade genuína um grau de proteção legal contra alegações falsas de fraude.

As minhas visitas a Elton continuaram durante alguns anos. Eventualmente, Alan decidiu criar um círculo para se sentar comigo e ajudar no meu desenvolvimento adicional. Escolheu cuidadosamente cada membro do círculo. Ray e eu estávamos, portanto, destinados a fazer aquela longa viagem sobre os Pennines todos os meses durante vários anos mais.

Mais tarde na vida do círculo, por convite de Alan, fomos acompanhados por um jovem chamado Simon Forsyth. Alguns meses

antes, ele, tal como nós próprios, contactara Alan para discutir o seu próprio grande interesse na mediunidade física. Foi uma adição bem-vinda ao círculo e tinha uma mente astuta. Alguns anos depois, lançou o website Psychic Times.

Todos os membros do círculo, desde a sua criação, eram amigos, comprometidos, como Alan sempre dizia, «em ir onde ninguém jamais foi antes». Dentro de alguns anos, esse círculo especial tornou-se comumente conhecido como «O Projeto». Partilhávamos a esperança de que um dia, em cooperação com o mundo espiritual, pudéssemos capturar uma sessão física em vídeo infravermelho do início ao fim. (Mais sobre isso mais tarde.)

As nossas visitas a Elton e à casa de Alan Crossley eram de facto uma alegria, e presto tributo incondicional a todos os membros do círculo pela sua amizade, dedicação altruísta e contribuição inestimável para o desenvolvimento desse círculo especial.

Aqueles foram dias verdadeiramente mágicos e deixaram-me memórias afetuosas e duradouras que guardarei para sempre.

Ray e eu – ocasionalmente acompanhados pela minha irmã Gaynor e pela cunhada de Ray – sempre cronometrávamos as nossas visitas para chegar pouco depois do almoço. Alan saudava-nos calorosamente e conduzia-nos até à sua pequena sala de estar. Uma vez sentados, perguntava se queríamos uma boa chávena de chá forte e posicionava-se no limiar da sua cozinha. Dali, regalava-nos com histórias cativantes do que, muitos anos antes, testemunhara pessoalmente nas salas de sessões de médiuns físicos históricos celebrados. Quando, após lembretes periódicos nossos, finalmente conseguíamos o nosso chá, seria pelo menos uma hora depois, mas isso não importava minimamente. Fascinava-nos com as suas memórias, e certamente sabia contar uma história.

Sempre nos sentíamos altamente privilegiados por estar na presença de tal homem, cujo amor e confiança nas pessoas espirituais eram absolutos.

Ao longo dos anos que o conhecemos, ouvimos as suas histórias muitas vezes. Nunca variavam em detalhe, e nunca nos cansávamos de as ouvir.

Sentados ali na sua sala de estar, a ouvir atentamente o que ele tinha para transmitir, sabia-se que as suas recordações daquelas sessões de

outrora eram a verdade literal e que não havia qualquer embelezamento envolvido. Sentíamo-nos tão próximos da história viva quanto possível.

Os espiritistas de hoje, que não apreciam o significado dos fenómenos físicos para o movimento, falham em compreender a natureza e a importância fundamental destas manifestações dramáticas.

Ao fazê-lo, não têm conceção das revelações que podem ocorrer na sala de sessões, onde a crença pode instantaneamente tornar-se certeza. Como resultado, o Espiritismo, tal como no passado, pode no futuro mais uma vez ameaçar substituir o materialismo. Porque acredito neste potencial, falei muitas vezes das experiências de Alan em conferências, seminários e convenções tanto aqui como no estrangeiro nos últimos anos. Invariavelmente, a minha recontagem das suas histórias provou ser uma fonte de fascinação absoluta e introduziu muitas pessoas desprevenidas nas maravilhas da sala de sessões. Estas palestras transmitiram a audiências – a maioria das quais tinha pouco conhecimento sobre fenómenos físicos – que o mundo espiritual podia, e ainda pode, sob certas circunstâncias, manifestar-se fisicamente com demonstrações que não deixam nada à imaginação.

Muitas vezes, esses relatos entusiasmaram tanto os ouvintes que os motivaram a formar os seus próprios círculos de desenvolvimento físico. Talvez um dia emerja eventualmente uma nova geração inteira de tais médiuns destes círculos.

Na minha opinião, tal evolução beneficiaria grandemente o movimento do Espiritismo que, nos últimos cinquenta anos, foi corrompido, fragmentado e comprometido por «ensinamentos» e «doutrinas» diluídos e altamente enganadores que levaram diretamente ao seu triste declínio.

Após as minhas palestras, as pessoas sugeriram muitas vezes que tais histórias maravilhosas de eventos passados em salas de sessões deveriam ser registadas permanentemente para garantir que seriam preservadas para gerações futuras.

Portanto, em detalhe essencial, apresento agora fielmente três delas. Pediria ao leitor que aceitasse que estas não são contos de fadas nem meros voos de fantasia. Estou satisfeito que ocorreram exatamente como Alan Crossley afirmava que ocorreram, e recontá-las-ei como as ouvi repetidamente dele, há tantos anos.

Alan acreditava que todas as experiências de que falava foram testemunhadas através das suas faculdades racionais, mas nunca esperava que o ouvinte as aceitasse plenamente. Afinal, eram as suas próprias experiências pessoais e não as deles. Insistia também que nem alucinação nem hipnose coletiva poderiam explicá-las. Para ele, alegações como esta eram, em essência, o resultado de ignorância dos eventos e das forças dinâmicas envolvidas.

A Hera da Sra. Gunning

A primeira experiência de Alan Crossley com fenómenos de sala de sessões ocorreu em Southend-on-Sea quando era um jovem adolescente. A sua mãe pertencia ao círculo de uma Sra. Maud Gunning, que era uma poderosa médium física. Aparentemente, oportunidades para se juntar ao círculo como membro eram poucas e raras, pois ninguém desistia do seu lugar. Apenas a morte em si apresentaria tal oportunidade. Eventualmente, por recomendação da sua mãe, Alan preencheu devidamente tal vaga. O seu envolvimento intenso ao longo da vida com fenómenos físicos começou nesse momento.

As histórias que Ray e eu e outros ouvimos sobre a notável Sra. Gunning eram literalmente hipnotizantes. As experiências de Alan na sua sala de sessões – onde o Mundo Espiritual comunicava a um nível físico – só poderiam ser consideradas espantosas.

Havia, no entanto, uma noite em particular que Alan sempre sentia exceder todas as outras, e que frequentemente recordava com considerável detalhe. Compreensivelmente, o evento deixara uma impressão indelével na sua mente.

A Sra. Gunning, fomos informados, vivia numa casa antiga com paredes cobertas inteiramente por hera. Uma noite, na escuridão da sala de sessões, os participantes aperceberam-se de um som de farfalhar. Alan e os seus companheiros participantes podiam sentir algo a rastejar pelas suas pernas. De repente, o guia da Sra. Gunning chamou através do trompete para que a luz fosse ligada por alguns segundos, e depois desligada novamente.

À medida que a sala era inundada de luz, a visão que encontrou os olhos dos participantes desafiava a crença. De parede a parede, toda a área do chão, até à altura dos joelhos, estava profunda em hera. Isto, só podiam assumir, devia ter sido retirado das paredes exteriores e depois depositado dentro da sala de sessões trancada.

A luz foi desligada. Então, o guia chamou imediatamente para que fosse ligada novamente. Todos podiam ver que a hera desaparecera totalmente.

No entanto, a correr pelo chão, havia alguns insetos rastejantes. Estes, assumiram, deviam ter sido transportados para dentro da sala juntamente com a hera e ficaram para trás quando a hera desapareceu.

Como, pode-se perguntar, poderia tal fenómeno inexplicável ter ocorrido? Certamente acontecera. Mais tarde, observou-se que a hera nas paredes exteriores parecia intocada. De acordo com Alan, era apenas um exemplo do que as pessoas espirituais podiam fazer quando tinham um médium adequado para trabalhar.

As minhas experiências pessoais posteriores mostraram-me claramente que sem dúvida ele estava correto.

O Notável Alec Harris

O médium galês Alec Harris era, tal como Helen Duncan, um médium de materialização excecional. Embora tenha passado para o espírito em 1974, ainda há pessoas vivas hoje que tiveram o privilégio de testemunhar a sua maravilhosa mediunidade. Ao longo dos anos, tive a sorte de entrevistar vários deles.

Tal como com Helen, os mortos materializavam-se na sala de sessões de Alec em forma sólida durante mais de trinta e cinco anos. No entanto, ao contrário de Helen, nos muitos anos em que demonstrou o seu dom notável, nenhuma controvérsia se apegou a Alec Harris[2]. Não houve imputações de fraude, nem alegações, nem incriminações.

Na sua sala de sessões, os participantes podiam ver, abraçar e manter conversas com os seus entes queridos, todos os quais haviam passado pela mudança chamada morte. Alan contou-nos que conhecera Alec Harris pouco depois de se encontrar, como vendedor viajante, em alojamento na casa de um Sr. e Sra. Harris que rapidamente descobriu serem o irmão e a cunhada de Alec. Através deles, foi apresentado ao médium e recebeu um convite para participar numa daquelas sessões lendárias.

Como as pessoas viajavam de todo o mundo para se sentar, pode-se imaginar o deleite de Alan. Muitas foram as histórias que ouvimos – todas excedendo o «limiar do espanto» – e partilharei aqui uma delas com os leitores.

Após a sua presença em várias sessões ao longo de um período de vários anos, Alec Harris e a sua esposa passaram a conhecer bem Alan. Durante algumas das sessões de Alec, Alan encontrara-se sentado num lugar privilegiado e de confiança imediatamente ao lado do armário. O armário consistia simplesmente em duas cortinas ao longo do canto de uma sala, atrás das quais o médium se sentava. Estas separavam-se ao meio e seriam puxadas para trás para permitir que formas materializadas saíssem para a sala. O propósito do armário não era esconder do vista o tipo de palhaçada e artimanha suspeitada por cínicos, mas sim concentrar a energia vital da qual todo o processo de materialização era possível. Na opinião de Alan – como me disse muitas vezes – as cortinas também escondiam do vista um aspeto da desmaterialização que alguns observadores poderiam achar bastante desagradável e talvez perturbador. De facto, Alan acreditava que testemunhar a desintegração gradual de entes queridos materializados poderia até ser traumático.

O relato seguinte descreve um evento que o levou a tirar essa conclusão. Nessa ocasião, Alan pôde observar de perto três formas materializadas dentro do círculo exatamente ao mesmo tempo – não uma ocorrência invulgar numa sessão de Alec Harris. Todos eram guias do médium que, entre eles, eram responsáveis por conduzir as sessões. Um era um índio norte-americano usando um magnífico cocar com penas que se estendiam até ao chão; outro era um árabe; e o terceiro era um pequeno chinês vestido com robes de seda, um chapéu preto e desportivo uma trança. Todos os três eram indivíduos distintos manifestando-se em áreas diferentes dentro da sala de sessões, e podiam ser claramente vistos com boa luz vermelha.[3]

Alan observou que ocasionalmente tanto o índio como o árabe interrompiam as suas conversas com os participantes para regressar ao armário, apenas para reemergir momentos depois e continuar com as suas conversas. Assumiu que tinha de haver uma razão para isso e que provavelmente estavam, de alguma forma, recarregando a energia da qual eram temporariamente compostos.

No entanto, observou também que o homem chinês falhara em fazê-lo até que «De repente», disse Alan, «foi como se ele se lembrasse, virou-se do participante com quem falava e correu de volta para o armário.»

À medida que o homem chinês se aproximava dele, Alan, olhando diretamente para ele, viu como as suas feições faciais começavam a

amachucar como se derretessem como cera perante uma chama. «O seu rosto», disse Alan, «começara a cair sobre si mesmo e a sua própria figura começara a afundar para baixo». Em segundos, enquanto todos observavam, a sua forma desapareceu, deixando um monte de energia branca como neve pulsante no chão imediatamente em frente às cortinas do armário. Então, esta energia restante foi arrastada para dentro do armário e fora de vista. Esta experiência sozinha levara Alan a concluir que ver um ente querido materializado desaparecer de tal maneira poderia ser tanto perturbador como desagradável.

Por outro lado, Bradley Harris, o filho do médium, embora compreendendo a visão de Alan, escreveu-me recentemente expressando a sua própria opinião, ligeiramente diferente:

«Devo dizer que fiquei surpreendido por Alan achar o processo de desmaterialização bastante desagradável, porque em numerosas ocasiões, ao testemunhar formas a desmaterializarem lentamente derretendo no chão, pessoalmente achei-o uma experiência espantosa. Além disso, ver um pedaço branco de ectoplasma no chão, mesmo fora do armário, erguer-se para formar uma forma de cabeça que, em questão de segundos, se ergue numa fonte de ectoplasma para formar uma forma espiritual totalmente materializada que avança para a sala, é uma experiência que nunca se esquece e era bela de se ver. No entanto, compreendo que uma pessoa pudesse sentir-se angustiada quando um ente querido que abraçava começasse a desmaterializar fora do armário antes de entrar nele. Por vezes, o espírito agarrava-se às mãos do ente querido, não querendo ir, mas sendo incapaz de manter o poder, derretiam no chão. No entanto, as pessoas reagiriam de forma diferente, o que é apenas natural».

A Sra. Duncan

Alec Harris era, como previamente afirmado, entre os muito poucos médiuns de materialização na história que, ao longo da sua longa carreira, permaneceram intocados por insinuação difamatória e rumores, e cuja reputação permanece até hoje intocada por controvérsia. Por outro lado, a carreira da Sra. Duncan fora, de tempos em tempos, acompanhada por alegações de fraude.

Embora houvesse incontáveis testemunhas credíveis das maravilhas da sua sala de sessões dispostas a falar em sua defesa (que alegavam que

através da sua mediunidade tinham visto, falado e por vezes abraçado os seus entes queridos falecidos), havia outros que falavam apenas de musselina a disfarçar-se de ectoplasma.

Os argumentos durante a sua vida e desde a sua morte foram intermináveis, e facto e ficção tornaram-se tão inseparavelmente entrelaçados que uma revisão imparcial de todo o caso provavelmente já não é possível. Os céticos são largamente desdenhosos da Sra. Duncan, enquanto os crentes defendem-na apaixonadamente.

A minha própria posição repousa largamente no peso do testemunho humano histórico, a favor e contra. Talvez tenha alguma vantagem sobre os cínicos porque tive a singular boa fortuna de conhecer e falar com pessoas que assistiram às suas sessões e que julguei serem testemunhas sinceras e credíveis. Elas estiveram lá. Formaram as suas opiniões baseadas não em boatos, mas em experiência pessoal.

Entre esses estava, claro, Alan Crossley, e embora as suas recordações de Helen Duncan (sempre referida respeitosamente como Sra. Duncan) fossem muitas, recontarei aqui os detalhes de apenas uma, pois era típica de todas.

[1] Lei dos Médiuns Fraudulentos de 1951: Substituiu a Lei da Bruxaria de 1735 e criminalizou a pretensão fraudulenta de poderes mediúnicos com intenção de lucro.

[2] Alec Harris: Embora nunca tenha enfrentado acusações de fraude, o seu trabalho foi realizado principalmente em círculos privados e não em demonstrações públicas amplamente publicitadas.

[3] Luz vermelha: Usada em sessões físicas porque se acredita que inibe menos os fenómenos do que a luz branca.

Quando visitava uma cidade em particular no Noroeste, ficava sempre numa pensão gerida por um homem que outrora fora o seu chefe. Era ajudado pela esposa e o casal tinha um filho jovem com cerca de doze anos. Em várias ocasiões, Alan calhava estar na cidade quando Helen Duncan demonstrava na área e aproveitava sempre a oportunidade para assistir às suas sessões.

Infelizmente, numa das suas visitas, chegou à pensão para ser saudado com a notícia de que o seu antigo chefe falecera tragicamente e que o estabelecimento já não funcionava como negócio. No entanto, porque Alan não era meramente um antigo cliente, mas também um amigo, a viúva do

homem ofereceu-se graciosamente para o acomodar enquanto ele trabalhava na área.

Nessa ocasião, durante o jantar, ela perguntou a Alan sobre o Espiritismo e as sessões a que assistira no passado quando ficava ali. Alan falou sobre Helen Duncan e disse-lhe que estava marcado para assistir a uma reunião com ela alguns dias depois. Ofereceu-se para levar a viúva consigo. Ela concordou em acompanhá-lo, mas perguntou se seria aceitável levar o seu filho jovem.

Quando a noite chegou, Helen não levantara objeções à presença do rapaz. Alan, a sua senhoria e o filho dela sentaram-se juntos num círculo com cerca de quinze outras pessoas. Os participantes tinham uma visão clara do armário, que era iluminado por uma lâmpada vermelha imediatamente acima e em frente dele.

Alan contou-nos que nem a mãe nem o rapaz pareciam particularmente nervosos, e que pareciam aceitar os procedimentos com naturalidade.

Pouco após o início da sessão, a médium caíra num transe profundo, sentada na sua posição habitual dentro do armário à vista de todos os presentes. As cortinas foram então fechadas e momentos depois, Albert, o principal guia da Sra. Duncan, anunciou a sua chegada perguntando: «Alguém vai dizer olá?» Os participantes responderam imediatamente «Boa noite, Albert» e Albert, abrindo as cortinas do armário, mostrou a médium em estado inconsciente.

Então declarou que iria pôr a Sra. Duncan de pé e movê-la para a frente, e perguntou novamente se todos a podiam ver. Com a garantia unânime de que sim, ali estavam, médium e guia juntos – Albert vestido com uma brilhante veste branca como neve. Depois, guiou a Sra. Duncan de volta para o armário e fechou as cortinas. Pouco depois, Albert anunciou que um cavalheiro estava presente que viera para a senhora e o rapaz, sentados ao lado de Alan. Perguntou: «A senhora chamará o cavalheiro?» Quando ela o fez, as cortinas abriram-se lentamente para revelar uma figura, sorrindo amplamente. Nas palavras de Alan: «Reconheci-o imediatamente».

Olhando diretamente para a esposa, exclamou excitado «Olá, querida». O filho saltou do seu lugar e, reconhecendo-o, gritou «Skipper», o nome pelo qual sempre chamava o pai. O momento foi dramático e eletrizante. A esposa tentou falar, mas estava tão dominada pela emoção

que achou impossível. «Minha querida», disse o marido, «quero que continues de onde eu parei». Então, com uma piscadela na minha direção, disse: «Obrigado, Alan, por tornar isto possível». Recuou um pouco, atirou um beijo à esposa e ao filho, e depois desmaterializou-se, aparentemente através do chão!»[4] Para a maioria dos espiritistas, Helen Duncan tornou-se, desde a sua morte, uma mártir que eventualmente deu a vida ao serviço da grande causa. Em 1956, em Nottingham, mais uma das suas sessões foi interrompida – invadida pela polícia que ligou as luzes. Como resultado do choque sofrido pelo regresso rápido da energia ectoplásmica ao seu corpo devido à luz branca súbita, Helen sofreu queimaduras do tipo elétrico nos seios e no estômago. Menos de seis semanas depois, morreu.

O movimento espiritista acreditava firmemente que ela fora, efetivamente, assassinada como resultado de ignorância crassa.

Como afirmado anteriormente, ao longo da sua carreira mediúnica e desde a sua morte, houve argumentos intermináveis através de livros, uma profusão de artigos e hectares de papel de jornal, analisando repetidamente a mediunidade de Helen.

Infelizmente, facto e ficção há muito se fundiram num só.

Para a maioria dos investigadores, no entanto, Helen Duncan era uma impostora sem mitigação que demonstrava que, numa sala pouco iluminada, altamente carregada de expectativa, é possível enganar a maioria das pessoas a maior parte do tempo.

Há alguns anos, tive a sorte de estar em contacto com um dos filhos de Helen Duncan durante um período de vários meses. Na altura, vivia na Austrália. A nossa correspondência foi verbal através de uma troca de gravações em cassete nas quais ele partilhou graciosamente comigo informações sobre a mãe e a sua mediunidade que não estavam, e não estão, no domínio público.

Nunca esquecerei ouvir o seu relato extremamente emocional do que ouvira o pai dizer à mãe falecida que acabara de dar o último suspiro e estava deitada num quarto superior da casa deles. «Stewart, subi as escadas e, ao passar pelo quarto dos meus pais, não pude deixar de ouvir o meu pai a falar entre soluços à minha mãe. ‘Querida’, disse ele, ‘se soubesse o que te fariam, nunca teria ajudado a desenvolver a tua mediunidade’. Stewart, foi de partir o coração ouvir.» E enquanto ouvia o seu relato, era claro que ele vivera com essa memória muito dolorosa desde então.

[1] A Lei dos Médiuns Fraudulentos foi ela própria revogada em 2008 e substituída pela Legislação Geral de Proteção ao Consumidor.

[2] Muitos anos após o seu falecimento, foi feita uma alegação de fraude contra Alec Harris e discutirei isso no próximo capítulo.

[3] Embora a energia ectoplásmica seja extremamente sensível à luz e a introdução súbita de qualquer forma de iluminação possa inibir fenómenos físicos e danificar seriamente a saúde do médium, um médium de materialização bem desenvolvido pode geralmente tolerar a presença de luz vermelha de intensidade variável – mas apenas sempre como dirigido pelo mundo espiritual.

[4] The Enigma of Psychic Phenomena – 1974 (Alan E. Crossley)

CAPÍTULO 5
O Projeto

No final dos anos 1980, Ray e eu decidimos que não podíamos razoavelmente esperar que Kath Mathews continuasse indefinidamente a hospedar o nosso círculo. Relocalizámo-nos, portanto, para uma divisão sobrante de um apartamento acima de uma loja de motociclos, onde viviam os proprietários da loja. Como eles também estavam interessados no Espiritismo, muitas vezes sentavam-se connosco, tal como Kath.

Foi lá que convidei representantes da Society for Psychical Research (a SPR) para o círculo. Fora membro há alguns anos e, como estávamos a testemunhar manifestações físicas elementares há algum tempo, senti que era um dever prosseguir por esse caminho.[1]

Foram feitos arranjos para dois dos investigadores mais respeitados da SPR visitarem. Embora eu tivesse sido o único responsável por os convidar, à medida que o dia se aproximava, tornei-me bastante apreensivo com a ideia da sua presença na sala de sessões. No entanto, na altura, imaginava que investigadores representando um corpo tão augusto como a mundialmente renomada SPR abordariam qualquer investigação de forma profissional, científica e justa. Com esse pensamento, e apesar da minha inquietação, aproximei-me finalmente daquela sessão inicial acreditando que talvez pudesse acabar com uma melhor compreensão da minha própria mediunidade.

Quando a noite chegou e nos encontrámos, provaram ser amigáveis e agradáveis, e relaxaram-nos imediatamente a todos ao deixar claro que estavam presentes simplesmente como observadores. Como resultado, comecei a relaxar. Pensamentos de que entrara num tipo de julgamento autoimposto começaram a desaparecer.

Infelizmente, embora tenham assistido a várias das nossas sessões de círculo, nunca experienciaram o que considerávamos uma de primeira classe.

Compreensivelmente, teria adorado que testemunhassem o melhor da minha mediunidade como existia na altura. Mas todos estes anos depois, acredito que agora tenho uma compreensão do porquê de não ter sido assim.

Na minha opinião, a mediunidade funciona de muitas formas largamente a um nível psicológico.

Estamos a lidar com sensibilidade extrema e não com autómatos frios, impensantes e insensíveis. Isto pode ser o motivo pelo qual demonstrações de qualquer forma de mediunidade geralmente atingem um padrão mais elevado perante uma audiência espiritista simpática do que perante investigadores analíticos.

Não importa quão amáveis e considerados possam ser os investigadores, os médiuns sabem que estão a ser julgados e avaliados, e infelizmente isso em si pode limitar ou fechar completamente a função psíquica. Embora seja facto que alguns médiuns passados cooperaram com sucesso com o mundo da investigação, produzindo resultados bem documentados, é um facto igual que muitos mais falharam completamente.

No meu caso, acredito que os dois investigadores da SPR encontraram pouco de real consequência para investigar. Após assistirem ao círculo periodicamente durante vários meses, as suas visitas foram descontinuadas. No entanto, todos estes anos depois, e apesar do que assumi na altura ser um acordo de confidencialidade, tornou-se claro que um deles – cujo nome não mencionarei – era da opinião de que o que testemunhara poderia ter sido produzido fraudulentamente.

Há alguns anos, no seu livro, sem dúvida para apresentar uma história entretida e para se apresentar como um investigador credível e exemplar, relatou aquelas sessões e disfarçou finamente a minha identidade. Sem dúvida, ao fazê-lo, a sua consciência ficou satisfeita e a sua honra

preservada. É razoável, na minha mente, questionar a ética de tal comportamento transparente.

No entanto, pior ainda estava para vir. No livro, alegou também que o icónico e extraordinário médium Alec Harris (mencionado no capítulo anterior) era uma fraude. Pelo meu conhecimento, esta foi a primeira vez que tal alegação fora feita e, de facto, até então a carreira de Alec como médium de materialização fora imaculada. Nenhuma insinuação ou acusação de fraude fora alguma vez feita contra a sua mediunidade.

Não obstante, no relato publicado deste investigador, informou os seus leitores de que, em meados dos anos cinquenta, assistira a uma sessão de Alec Harris juntamente com um grupo de espiritistas. Prosseguiu então analisando em algum detalhe a sessão e conclui o seu relatório expressando a opinião de que fora fraudulenta do início ao fim. Acredito firmemente que isto se baseava em suposição e conjetura, e na realidade apresentava uma falsidade. Faço essa alegação com base no conhecimento pessoal, que agora fornecerei.

O investigador mencionou que entre os participantes estava um cavalheiro idoso que recentemente perdera a esposa e que esperava que ela se materializasse na sessão ansiosamente antecipada. Relatou que, tarde na sessão, ela o fizera e fora imediatamente reconhecida pelo cavalheiro. Os dois abraçaram-se e beijaram-se antes de ela começar a colapsar para o chão até que apenas a sua cabeça restasse, antes de aparentemente desaparecer através dele. O cavalheiro regressara então ao seu lugar limpando os olhos. Compreensivelmente, este «desempenho» criara uma atmosfera emocional entre os participantes.

Ser testemunha de tal evento certamente teria feito até um cínico hesitar em gritar fraude, mas infelizmente não este investigador. Prosseguiu alegando que, no comboio de regresso a casa, o relato do homem do que acontecera era muito diferente do que ele, como investigador, aparentemente observara. A sua conclusão declarada era que o homem estivera num estado emocional tal que identificaria qualquer um como a sua esposa falecida.

Acredito firmemente que este relato publicado não lidava com facto, mas com disparate. Na minha opinião, o investigador abandonara livremente qualquer semelhança com princípio ético por razões que podem ser facilmente adivinhadas e só podem ser abominadas. E por que faço esta alegação? Simplesmente porque, após uma das minhas próprias sessões, à

qual assistiu, ele contou aos membros do meu círculo sobre aquela sessão de Alec Harris.

O que descreveu permaneceu comigo desde então, especialmente porque contradiz totalmente o seu relato escrito. Sim, acompanhara um grupo de espiritistas à sessão. Sim, entretivera dúvidas quanto a se as formas materializadas eram genuínas. Lembro-me das suas palavras:

Bem, a iluminação na sala de sessões era tão ténue que era impossível ver claramente as supostas formas materializadas. De facto, poderiam facilmente ter sido Alec Harris vestido com um robe de banho branco. No entanto, para o fim da sessão, vi claramente uma senhora idosa sair do armário e todos os cabelos na nuca eriçaram-se. O participante que perdera a esposa saltou do seu lugar e correu para ela gritando o nome da esposa. Os dois abraçaram-se, beijaram-se e abraçaram-se mutuamente. Depois, após um bocado, notei que a esposa materializada dele começara a afundar para o chão até que apenas a sua cabeça restasse e o homem estava literalmente de mãos e joelhos. Implorava-lhe que não fosse e ela dizia que tinha de ir.

[1] *Embora eu tivesse sido o único responsável por os convidar, como o dia se aproximava, tornei-me bastante apreensivo com a ideia da sua presença na sala de sessões.*

Contou-nos que fora uma experiência extremamente emocional. Assim, com base nesse relato, seria justificado perguntar por que razão este investigador o alterou tão dramaticamente ao escrever sobre ele anos depois? Para mim, a razão é óbvia, mas deixo-vos, ao leitor, formar a vossa própria opinião.

Felizmente, o outro investigador da SPR, altamente considerado, certamente não partilhava das suas opiniões em relação à minha mediunidade e manteve contacto comigo desde então. Durante alguns anos, assistiu ao nosso círculo várias vezes por ano – não simplesmente como investigador, mas também como amigo. Partilhamos um grande interesse pela mediunidade histórica e contemporânea – pelo Espiritismo e por assuntos psíquicos. Continua a ser uma grande alegria para mim discutir estes tópicos livremente com ele.

Agora, de volta à nossa história. A nossa permanência na divisão acima da loja de motociclos seria de curta duração. Mudámos a sala de sessões para a casa de Ray Lister e da sua esposa, June. Esta mudança coincidiu com o início das nossas sessões memoráveis em Elton com Alan

Crossley. Desde o início do Círculo do Projeto (como ficou conhecido), Alan mantinha que a sala de sessões não era apenas o «santo dos santos», mas também semelhante a um laboratório – o lugar onde o mundo espiritual pode experimentar e explorar possibilidades que podem eventualmente levar ao desenvolvimento de várias formas e níveis de mediunidade.

Sempre partilhei dessa crença.

De facto, nesse lugar especial – nessa sala especial em Elton – a minha mediunidade acelerou no seu desenvolvimento e os fenómenos do trompete foram refinados e estabilizados. Portanto, neste ponto da minha história, gostaria de relatar um experimento provocador de reflexão que teve lugar na sala de sessões de Alan cerca de dezoito meses após a formação do círculo. Descreverei também dois eventos bastante notáveis que ocorreram alguns meses depois – um evento começou fora da sala e terminou dentro dela, enquanto o outro começou dentro e terminou fora dela.

O Experimento

Uma noite, para o fim de uma sessão, o pequeno Christopher, que na altura (como há muito previsto por Lila Josephs) era uma parte muito ativa e essencial da nossa equipa espiritual, começou a entregar um chamado teste de livro. Este seria o primeiro de vários, abrangendo um período de muitos meses, entregues dentro do círculo de Alan e também no nosso próprio círculo doméstico.

Há mais de meio século, os testes de livro eram sinónimos da célebre médium de transe Gladys Osborne Leonard (1882 – 1968). Era comumente considerada a médium de Sir Oliver Lodge,[2] pois foi através dela que o filho de Lodge, Raymond, morto num campo de batalha da Primeira Guerra Mundial, comunicou. Estas comunicações resultaram na convicção total de Lodge de que há uma vida após a morte. Levaram, eventualmente, à publicação do seu livro Raymond.

A Sra. Leonard era amplamente considerada a «Rainha das Médiuns Inglesas» e também «A Psíquica dos Cientistas». Ao longo de muitos anos, cooperou numa série de sessões organizadas pela SPR. Durante esse tempo, a sociedade enviou vários chamados participantes «proxy» para sessões privadas com ela. Estes eram indivíduos que assistiam em nome de outra

pessoa. A Sra. Leonard frequentemente não tinha conhecimento prévio da identidade do participante, e o participante muitas vezes não tinha conhecimento da pessoa em nome de quem se sentava. Portanto, a telepatia dificilmente seria uma explicação viável para as comunicações evidenciais transmitidas pelo guia da médium, Feda, enquanto ao longo da sessão a Sra. Leonard estava num estado profundo de transe.

Era feito um registo cuidadoso da sessão, e qualquer informação assim transmitida seria passada pela sociedade ao destinatário alvo para análise. Como o leitor apreciará, informação que se provasse correta sob tais circunstâncias difíceis sugeriria fortemente que a sua fonte tinha de ser independente da própria médium.

Estes experimentos incluíam frequentemente a apresentação de um teste de livro por Feda. O participante alvo seria direcionado para uma estante na sua casa e dito para contar um número indicado de livros a partir do lado esquerdo ou direito. O livro seria descrito – a sua cor, etc. – e seria dito para virar para um número de página específico. Contando do topo, o guia especificaria uma linha particular na qual palavras particulares, ou uma referência significativa, seriam encontradas. Num teste de livro bem-sucedido, o livro seria localizado e as palavras encontradas como indicadas, ou o texto provaria ser altamente significativo para o destinatário alvo.

Claro, deve ser apreciado pelo leitor que a Sra. Leonard não tinha conhecimento prévio nem acesso às localizações dos livros em questão. Apresentava-se assim um caso muito forte para a realidade da sua faculdade paranormal. Não é preciso grande inteligência para apreciar as enormes implicações de testes de livro bem-sucedidos produzidos sob as condições exigentes delineadas acima – com ou sem proxy. De facto, especularia que as probabilidades de alcançar tais resultados bem-sucedidos devem ter sido de biliões para um, independentemente do que o mundo da magia possa alegar hoje.[3]

Na altura, o meu interesse nestes testes notáveis estendera-se por vários anos e eu investigara e analisara-os de forma bastante extensa.

Assim, fiquei encantado por Christopher, de forma bastante inesperada, introduzir com sucesso tais testes. Alguns provaram ser precisos, alguns parcialmente precisos e alguns totalmente errados, espelhando exatamente o resultado daqueles apresentados através da mediunidade da Sra. Leonard. Interessantemente, no caso da minha própria mediunidade, o período inicial durante o qual foram rotineiramente

produzidos foi curto, embora muitos anos depois, em 2005, fossem reintroduzidos regularmente e provassem ser ainda mais bem-sucedidos.

A plena magnitude e significado daquele primeiro teste de livro só veio à luz quase vinte anos após ser entregue. Em primeiro lugar, direcionou um participante para um livro particular na sua casa, e para uma passagem particular, que se provou completamente precisa. Em segundo lugar, a palavra final da frase era «Freda».

Levaria mais dez anos até que Freda Johnson[4] começasse a manifestar-se nas minhas sessões e subsequentemente se tornasse responsável por apresentar evidência de sobrevivência. Ela organizava e ajudava entes queridos espirituais a comunicar pessoalmente com os participantes. E é ela quem, desde 2005, tem sido totalmente responsável por apresentar estes testes de livro únicos. Parece, portanto, que, embora desconhecido para nós na altura daquele primeiro teste, ela estava destinada a assumir este papel, anos depois. Espantoso, de facto!

Embora fora da ordem cronológica presente, gostaria de dar dois exemplos de testes de livro que os leitores podem achar de algum interesse. O primeiro foi dado no nosso círculo doméstico em março de 2006 a Susan Farrow[5] (a antiga editora do Psychic News).

Susan foi direcionada por Freda para a segunda ou terceira prateleira da sua estante e dito para tirar o terceiro ou quarto livro da esquerda. Encontraria que era um livro vermelho. Foi instruída a virar para a página oitenta e quatro que, foi informada, seria uma página à esquerda. Perto do fundo, encontraria uma referência a peixe ou ao mar. Nas suas próprias palavras, isto é o que Susan Farrow encontrou nessa página: «… caminhou ao longo do cais em direção à praia. Algum homem estava de pé no cais, a fumar e a cuspir para o mar».

«O teste», escreveu ela, «provou ser correto em todos os aspetos; prateleira, número do livro, número da página e texto. A capa era multicolorida, predominantemente vermelha».

Embora muitos testes semelhantes com Freda pudessem ser descritos, incluirei um exemplo adicional e faço-o porque demonstra claramente que a linguagem não é barreira para o mundo espiritual.

A sessão teve lugar em Basileia, Suíça, em junho de 2006. Algumas semanas após o meu regresso a Inglaterra, recebi uma carta da senhora destinatária que escreveu:

Freda conduziu um experimento muito interessante comigo. Disse-me que eu deveria ir às minhas estantes e tirar o sétimo ou oitavo livro da terceira prateleira e abri-lo na página 89 ou 102 e depois ler a décima quinta linha.

Encontraria algo sobre um crocodilo ou, de qualquer forma, definitivamente algo sobre um animal com presas (mordedores). Freda queria trazer-nos prova de que os nossos entes queridos do mundo do Espírito estão entre nós e também seguem o que acontece nas nossas vidas. No dia seguinte, fui às minhas estantes com grande expectativa e perguntei-me, porque tenho três, qual ela queria que eu olhasse. Na primeira, tirei da terceira prateleira o oitavo livro e virei para a página 89. Encontrei uma imagem de um tigre a dormir.

Na segunda das estantes, terceira prateleira, sétimo livro, mesma página, encontrei uma imagem adicional de um tigre a dormir. Estranhamente, o primeiro e o segundo livros são idênticos e são os únicos livros que alguma vez comprei em duplicado.

Na terceira estante, terceira prateleira, oitavo livro, página 102, encontrei uma imagem de um crocodilo com a boca aberta de par em par. Freda estava, portanto, correta em todos os aspetos. Fiquei profundamente impressionada e tocada por isto.»

Kathrin Walliser
Basileia, Suíça
19 de julho de 2006

O Primeiro Evento

Aproximadamente dois anos após a formação do «Círculo Experimental do Projeto Elton», experienciamos o evento mais extraordinário que realmente começou fora da sala de sessões e terminou dentro dela.

Num dia que recordo claramente como sendo muito bonito e sem nuvens, Ray, a minha irmã Gaynor e eu chegámos a Elton, como habitual, por volta da uma hora. O sol brilhava e havia uma forte brisa de verão.

Como sempre, Alan saudou-nos calorosamente e, dentro de minutos, estávamos sentados a ouvir enquanto ele conversava, de pé como sempre fazia, com um pé na sala de estar e o outro na cozinha. Às duas horas, as

elusivas chávenas de chá ainda não tinham chegado, mas, novamente como sempre, isso não importava.

Eu estava sentado imediatamente em frente a uma das janelas que estava parcialmente aberta. A persiana estava baixada para manter o sol fora. Um grande vaso cheio de flores estava numa pequena mesa imediatamente em frente a esta janela. Notei que, a cada poucos momentos, a persiana, apanhada pela brisa, batia contra o vaso.

Alan estava no meio de relatar uma das suas histórias quando, de repente, a persiana disparou para fora e embateu no vaso, que tombou para a frente e caiu em direção ao tapete. Todos os quatro observámos com horror a sua descida, que parecia desenrolar-se em câmara lenta. Antes de terminar a sua viagem, observámos as flores, juntamente com o que deve ter sido cerca de meio litro de água, a separarem-se do vaso. Alan correu para a cozinha e regressou quase imediatamente com um pano de chão para limpar a água. Ajoelhando-se de mãos e joelhos e apalpando o tapete, parou após um bocado, recostou-se nos calcanhares e começou a rir.

«Venham ver», disse ele. «Venham sentir o tapete!» Inacreditavelmente, quando o fizemos, percebemos que estava completamente seco e, no entanto, todos tínhamos claramente visto uma grande quantidade de água jorrar do vaso momentos antes.

Parecia inexplicável. Falámos de pouco mais pelo resto do dia.

Naquela noite, seis horas após aquele evento misterioso, estávamos sentados no círculo na pequena sala de sessões de Alan quando o pequeno Christopher, o nosso comunicador espiritual, anunciou calmamente que tinha algo para nós. Seguiu-se um som de whooshing, e em segundos estávamos todos encharcados até aos ossos por água a cair. Compreensivelmente, inicialmente ficámos chocados e incrédulos, mas após alguns momentos ficámos altamente divertidos. De alguma forma, seis horas antes, as pessoas espirituais tinham desmaterializado a água do vaso num instante, mantido-a em suspensão algures, e depois, horas depois, devolvido-a a nós.

Tal é o poder do mundo espiritual.

O Segundo Evento

Este envolveu diretamente um único membro do círculo cuja experiência extraordinária começou (desconhecida para ela na altura) dentro e terminou fora da sala de sessões.

Mais tarde, sentiu-se movida a escrever um relato do incidente que foi publicado em novembro de 1992 no boletim da agora dissolvida Noah's Ark Society for Physical Mediumship.

Sob o título A Bracelet Too Far, isto, em resumo, é o que ela escreveu:

Conheço Alan Crossley há 9 anos e assisti a muitas sessões que me espantaram totalmente. Destas, poucas podem igualar a sessão realizada em abril de 1992. Como sempre, Stewart Alexander era o médium.

Pena Branca falou e depois o pequeno Christopher, o seu guia infantil, deu-me uma mensagem maravilhosa do meu irmão, Donald, que morreu em 1972.

Após esta mensagem emocional e uma sessão soberba para todos os presentes, fechámos o círculo e fomos para a outra sala.

Neste ponto, notei que a minha pulseira desaparecera. Não conseguia de forma alguma imaginar como se soltara. Tinha um fecho de gatilho torcido que encravara, tornando impossível tirá-la, por isso tinha de a manter sempre posta. Como é uma corrente de ouro com padrão Figaro, fiquei um pouco abalada quando descobri que desaparecera. Após uma busca infrutífera, Alan assegurou-me que a procuraria mais tarde, e senti que provavelmente apareceria ali, pois sabia que a usava quando cheguei.

Fui para casa para a cama, ainda preocupada, mas acordei a meio da noite quando o meu marido, que tinha uma infeção no peito, estava sentado porque não conseguia respirar corretamente. Como estávamos ambos acordados, conversámos um bocado, e depois ele levantou-se para fazer chá. Enquanto ele estava lá em baixo, fiquei deitada a ler durante algum tempo. Neste ponto, definitivamente não havia nada na cama, pois estava coberta por um edredão creme, e qualquer coisa nela destacaria contra ele e seria instantaneamente vista.

Então, como estava um pouco preocupada com o meu marido, desci para verificar se ele estava bem. Após partilharmos uma chávena de chá juntos, ele disse-me que ia ver um pouco de TV e eu voltei para a cama. Ao

entrar no quarto, notei imediatamente a minha pulseira, mesmo em cima da cama.

Estava aberta, mas com o fecho de gatilho ainda dobrado. Não havia forma de eu a ter posto de volta nessa condição, pois o fecho simplesmente não podia ser aberto. Desnecessário dizer que essa pulseira será ainda mais preciosa para mim agora. Hoje, a corrente tem um novo fecho de gatilho, mas apesar disso, não consigo tirar a pulseira sozinha. É simplesmente impossível que pudesse ter caído do meu pulso.[6]

Estes e muitos outros fenómenos ocorreram durante a nossa associação com Alan e o «Círculo Experimental do Projeto Elton». Nada nos deveria ter surpreendido, mas sempre surpreendia. Todos estes anos depois, ainda me recordo claramente de uma ocasião em que, pouco antes da nossa sessão noturna, uma Sra. Frankie Brown e o seu parceiro Frank chegaram a casa de Alan. Aparentemente, tinham sido convidados por ele para se juntarem ao círculo naquela noite como participantes convidados, e tinham viajado da sua casa em Londres para o fazer. Ter convidados era um evento extremamente raro. No entanto, Alan obviamente julgara-os sinceros no seu desejo de o conhecer e de se sentar com o nosso círculo, e de facto impressionaram-nos de forma semelhante como pessoas genuínas e muito simpáticas.

Aquela noite – aquela sessão – provaria ser extremamente memorável para todo o círculo e, mais importante, para a Sra. Brown. Escreveu um relatório sobre isso que foi também publicado na edição de novembro de 1992 do Boletim da Noah's Ark Society. Em forma abreviada, lia-se da seguinte forma:

Espantada e nas Nuvens na Casa de Alan Crossley

Há alguns meses, Frank e eu fomos gentilmente convidados para assistir a uma sessão física na casa de Alan Crossley. O médium nunca tínhamos encontrado antes, mas agora é nosso muito bom amigo. O dia finalmente chegou e, com excitação crescente, viajámos a longa distância até à casa de Alan. À chegada, fomos calorosamente acolhidos e apresentados ao médium antes de sermos conduzidos à pequena sala de sessões de Alan. Como exatamente ele conseguiu meter onze de nós naquela pequena sala e todos sentados, nunca saberei. No centro da sala estava uma mesa na qual dois sinos tinham sido colocados. No chão

estavam dois trompetes. Alan disse-nos para nos sentarmos muito quietos e tentar não mexer os braços e pernas para não perturbar quaisquer varas ectoplásmicas, porque isso poderia prejudicar o médium que estava amarrado à cadeira. Cada uma das suas mãos era segurada ao longo da sessão pelos participantes de ambos os lados dele.

Muito rapidamente, Pena Branca veio acolhendo-nos a todos e depois foi rapidamente seguido pelo «pequeno Christopher» que pediu para ser apresentado a nós. Alan disse que tínhamos vindo de longe, ao que ele respondeu brincando: «Não tão longe como eu». Enquanto todos ríamos, ele disse subitamente: «Frank, a letra 'A' é muito significativa para ti», ao que respondemos: «sim, é».

[2] Gladys Osborne Leonard: Uma das médiuns de transe mais respeitadas do século XX, conhecida pelos seus testes de livro e comunicações com Raymond Lodge.

[3] Embora os mágicos possam alegar truques, os testes de livro de Leonard foram conduzidos sob condições controladas pela SPR, tornando a fraude improvável.

[4] Freda Johnson: Uma comunicadora espiritual que se tornou proeminente na mediunidade de Stewart Alexander anos depois.

[5] Susan Farrow: Editora do Psychic News na altura.

[6] Relato publicado na Noah's Ark Society Newsletter, novembro de 1992.

Christopher prosseguiu dizendo-nos que não devíamos – de forma alguma – contar-lhe nada, porque assim o que quer que dissesse seria mais evidencial. Depois disse: «Frankie, o que significam dez anos para ti?» Respondi: «Muito», mas fomos novamente instruídos a não dizer mais nada. (Há dez anos perdera o meu filho Alan, que morreu em circunstâncias estranhas. Nada disto era conhecido pelo médium). Christopher disse então: «Um minuto – tenho algo muito sério agora – há um jovem a vir que está muito emocional. Diz que passou em circunstâncias muito suspeitas».

Então, para nosso espanto total, Christopher disse: «Um minuto – vou tentar deixá-lo vir ele próprio». Então Alan falou. Sei que era o meu filho e a emoção que senti foi eletrizante. Um profundo sentimento de amor rasgou através de mim para Alan e de volta, e depois, antes que pudéssemos recuperar o fôlego, outra voz veio dizendo: «Frank, sou o Bob

– caramba, não sei se consigo fazer isto. O rapaz está comigo… Estamos juntos… Tão contente por ter tido esta oportunidade de vos ver aqui… pôs um sorriso na vossa cara». Agora isto era muito evidencial para Frank e para mim porque o médium e todos os participantes pensavam que Frank e eu éramos casados.

Lembrem-se de que nos disseram para não dizer nada, por isso todos pensavam que Alan também era filho de Frank. Suponho que todos se perguntavam por que Alan falara apenas comigo e não com Frank. Bob era o sogro de Frank e falara apenas com Frank e isto comprovava bastante – ficámos ambos espantados. Então Christopher falou novamente comigo, passando mensagens de Alan e terminou dizendo: «Agora que sabes que ele está bem, não deves chorar mais». Embora tivesse tido várias experiências desde o falecimento de Alan, não tinha a certeza até aquela noite. Toda a mãe conhece o seu próprio filho. Algumas vezes, médiuns pretenderam ter Alan a falar através deles em transe, mas nunca tivera a certeza até então. Naquela noite mágica, soube sem sombra de dúvida que era Alan quem comunicava comigo.

Quando agradeci a Christopher, ele simplesmente respondeu: «Está tudo bem – estou apenas a fazer o meu trabalho». Lágrimas de felicidade rolavam pela minha cara por causa de toda a evidência.

Então Christopher deu-me um chamado «teste de livro». Disse-me para ir à minha estante e tirar o quarto livro da esquerda na prateleira de cima e que encontraria que era um livro azul. Disse que na décima linha havia uma frase que terminava na décima primeira linha na página 102 ou 104 – não tinha a certeza qual. Depois disse-me que ali encontraria algo muito apropriado para mim. Quando regressei a casa, tirei o livro da estante e ali na página 102 na décima linha encontrei: *Overwrought, overworked housewife* (Dona de casa Exausta e Sobrecarregada) e o texto explicava como a mente afeta o corpo num trauma – dores, sofrimentos e palpitações, etc. – Tudo o que sofro. Que apropriado, mas também porque as primeiras três palavras na décima linha estavam sublinhadas a tinta azul.

Como me sinto? Bem, vou contar-vos. Poderia sempre precisar de mais dinheiro na minha vida, mas se alguém viesse ter comigo e me pedisse para escolher entre ter um milhão de libras ou ter aquela experiência maravilhosa e mágica, ainda estaria falida. Pois como se pode pôr preço a algo que é inestimável ou como se pode pôr preço a uma mãe em luto que pensava que o filho se fora para sempre, para ter realmente a

experiência maravilhosa de ele falar com ela após todos aqueles anos. Simplesmente posto – NÃO SE PODE. Obrigado, Alan Crossley e o seu Círculo – Não Choro Mais.

Os leitores podem estar interessados em saber que este relato emotivo foi seguido por um adicional publicado em fevereiro de 1993, novamente no Boletim da NAS. Aparentemente, Frankie Brown e o seu parceiro Frank ajudavam a gerir um clube para pais enlutados; tendo perdido o seu próprio filho, ela podia relacionar-se com os sentimentos de outros pais em posição semelhante. Em forma grandemente abreviada, isto é o que ela escreveu sobre uma sessão adicional a que assistiu na casa de Alan Crossley:

Christopher disse-nos que tinha muito para fazer naquela noite e acrescentou: «Os meus amigos também vieram. Temos todos estado a falar aqui sobre o trabalho que Frank e Frankie fazem para ajudar pais enlutados. Vamos tentar fazer algo especial esta noite que nunca fizemos antes. Normalmente, quando as pessoas vêm, vêm falar com pessoas sentadas. Tenho muitos rapazes e raparigas aqui e eles querem que Frankie passe o seu amor às mães e pais. Pode ser um pouco confuso, mas vamos fazer o nosso melhor porque ajudará alguns pais».

A primeira pessoa que Christopher trouxe foi o meu filho Alan, que me disse que esperava fazer melhor porque achara tão difícil falar da última vez. Seguiu-se uma conversa muito comprovativo entre nós. No fim disto, disse-nos que estava ali com uma multidão de crianças e que, embora pensássemos que estávamos separados para sempre pela morte, juntos podíamos fazer algo para ajudar tantas pessoas porque ele estava ali com todos os seus entes queridos. Continuou: «Por favor, digam-lhes, mãe, ou é tudo um desperdício de tempo».

Então Alan foi embora e um rapaz veio dando o seu nome como John e disse-nos que o nome da mãe era June. Isto compreendemos, embora ele então se tornasse emocional e Christopher interveio: «Sim, eu próprio estou a ficar emocional. Têm de compreender que eles estão todos cheios de emoção, mas estão a tentar». Então uma rapariguinha falou: «Onde está a minha mamã, está a minha mamã aqui?» Depois deu o seu nome como Anna e disse-nos que o nome da mamã era Dottie. Frank perguntou-lhe se tinha outro nome e ela respondeu: «Sim – Marie – sou Anna Marie». Isto era excelente evidência, pois um dos pais com quem comunicamos perdera uma criança chamada Anna Marie. Outras crianças vieram com os seus próprios nomes e os dos pais.

Muitas pessoas foram ajudadas naquela noite apesar de não estarem pessoalmente presentes na sessão. Nota de rodapé: Ao completar este relatório, fiz uma chávena de chá e, ao voltar para a sala de estar, ali, no meu sofá, estava uma grande pena branca – o cartão de visita de Pena Branca!

Elton era um lugar tão especial. Eventualmente, para meu eterno arrependimento, Alan e eu tivemos uma disputa que infelizmente nunca seria resolvida e que terminaria para sempre a nossa relação muito especial. E tudo porque, ao longo da existência do círculo, tínhamos, como mencionei anteriormente, entretido uma aspiração comum que envolvia filmar em vídeo infravermelho uma sessão física do início ao fim, para que todo o processo pudesse finalmente ser capturado em filme. Era um sonho que todos partilhávamos e tudo parecia estar no caminho certo e a mover-se na direção correta.

O mundo espiritual indicara que eles próprios estavam dispostos a considerar tal perspetiva, e Alan começava cada vez mais a falar-nos sobre «ir onde ninguém jamais foi antes» – emprestando a frase da popular série de TV da altura, Star Trek. Claro, tal filmagem seria inquestionavelmente sem preço e o possuidor seria, sem dúvida, considerado uma espécie de novo Galileu. Então, exatamente quando estava ao nosso alcance, assisti a um seminário sobre mediunidade física que mudaria drasticamente tudo e levaria ao colapso do círculo, amizades perdidas, recriminações e uma separação de caminhos.

O Início do Fim

Em 1992, a minha irmã Gaynor, Ray e eu assistimos a um seminário residencial de fim de semana para mediunidade física, organizado pela Noah's Ark Society, da qual eu fora nomeado Oficial de Arquivos em 1990. Uma das palestras daquele fim de semana, proferida por um investigador psíquico credível e respeitado, calhou ser sobre o uso de infravermelhos na sala de sessões.

Após a palestra, encontrei-me no bar do hotel com um cavalheiro que era membro da Sociedade e cientista aposentado. Em que ramo da ciência estivera envolvido, agora não me recordo, mas rapidamente tornou-se muito claro para mim que falava como académico com autoridade.

Isto é basicamente o que me disse: «Stewart, ouve o que tenho a dizer e depois aceita ou rejeita – cabe-te a ti.» Continuou: «De acordo com o orador que acabámos de ouvir, os infravermelhos na sala de sessões são perfeitamente seguros. Eu diria isto: como sabe ele – como sabe exatamente qual é a natureza da energia ectoplásmica e como pode reagir aos infravermelhos e quais as consequências para o médium? Muito simplesmente – ninguém sabe verdadeiramente».

Explicou então por que acreditava que poderia estar longe de ser seguro. Pensava que tal médium pagaria um preço pesado se arriscasse permitir câmaras infravermelhas nas suas salas de sessões. As suas palavras para mim, que nunca esqueci, foram: «Tu, meu amigo, poderias literalmente ser frito».

Infelizmente, como não possuo uma mente científica, o seu argumento perdeu-se completamente para mim. Mas o bom senso disse-me que seria um tolo se não prestasse atenção e errasse do lado da cautela. Nos anos desde então, compreensivelmente, nunca esqueci o seu aviso flagrante – afinal, ele não tinha absolutamente nada a ganhar ao avisar-me além de talvez salvar-me de entrar numa situação que poderia ser altamente perigosa para a minha saúde.

Claro, desde o desenvolvimento de equipamento infravermelho/visão noturna, muitas pessoas – investigadores, céticos e espiritistas – pediram a sua introdução na sala de sessões física. Os céticos sem dúvida acreditam firmemente que revelaria fraude, justificando assim as suas suspeitas. O genuíno investigador psíquico deseja confirmar a realidade de tais fenómenos e depois compreender os mecanismos por detrás deles; trazer da escuridão para a luz os mistérios da sala de sessões. O próprio movimento, após uma espera de mais de 150 anos, finalmente poderia demonstrar ao mundo que a comunicação física com os mortos é uma realidade. Nesse evento, o seu caso seria, por fim, provado.

No entanto, enquanto tentava apreciar todos os pontos de vista, os argumentos enérgicos e autoritários deste homem abalaram-me e introduziram preocupação e dúvida na minha mente.

A questão chave em que meditei era como aqueles que insistiam que seria perfeitamente seguro realmente sabiam isso com certeza? E – se eu permitisse tal equipamento estar presente e aqueles que defendiam a sua introdução se provassem eventualmente incorretos, e como resultado eu sofresse consequências drásticas e danosos para a minha saúde, quem

exatamente pagaria o preço pelo erro deles? Quem, perguntei-me, contactaria a minha família depois para dar as más notícias e pedir desculpas por terem simplesmente se enganado?

Parecia-me que as únicas pessoas que poderiam deter todas as respostas e em quem se poderia confiar implicitamente seriam a nossa equipa de trabalhadores espirituais. Finalmente decidi que devia ser guiado por eles. Afinal, a visão deles seria muito mais completa do que a nossa, e acreditar o contrário seria imprudente e exibir arrogância.

Precisava de deferir aos nossos amigos espirituais, pois era uma questão que literalmente lançara em turbulência monumental tudo o que o Círculo Experimental do Projeto trabalhara por tanto tempo e sobre o qual, de muitas formas, todo o edifício fora construído. No entanto, antes de poder consultar com eles, dúvidas adicionais começaram a surgir. A minha mente voltou-se para questões que não me ocorreram anteriormente, e essas não envolviam diretamente as pessoas espirituais.

Por exemplo; tal filme seria levado a sério? Assumir-se-ia que algum tipo de magia de Hollywood, algum tipo de tecnologia computacional/fotográfica moderna, fora empregue na sua produção? Nesse evento, qualquer um que entretivesse esperanças de que levaria a uma revolução na compreensão do homem estaria grosseiramente enganado.

Adicionalmente, fui forçado a perguntar-me se estaria preparado para entrar no holofote público ofuscante. O facto era que, ao longo da minha vida como médium físico em desenvolvimento, nunca, jamais, procurara qualquer forma de notoriedade. Era, e ainda sou, um homem muito privado. No evento de um vídeo que capturasse fenómenos físicos de sala de sessões ser realizado e aceite como genuíno, não era difícil imaginar que se tornaria imediatamente notícia global. A imprensa mundial desceria rapidamente, pois isto poderia ser uma das maiores histórias de todos os tempos. Razoei, portanto, que o meu círculo, que se sentara por tantos anos em desenvolvimento quieto, sem dúvida se desintegraria. Da noite para o dia, encontrar-nos-íamos sob tremenda pressão de muitas direções. Em toda a probabilidade, vidas seriam destruídas e famílias também seriam despedaçadas. Para mim, tal perspetiva não era apenas intimidante, mas impensável.

Essa era a minha crença na altura, e permanece inalterada hoje.

Claro, os céticos poderiam interpretar isto como uma desculpa conveniente. Então eu colocaria a pergunta: «A menos que acolhessem notoriedade desmedida, estariam dispostos a arriscar tudo?»

A minha decisão de não prosseguir com o projeto de filme seguiu hesitação considerável e busca de alma porque nunca foi uma questão de simplesmente dizer «não». Sem qualquer dúvida, sabia que isto seria uma grande deceção para todos os envolvidos e possivelmente envolver-me-ia em desacordo prolongado e argumento entrincheirado.

E assim se provou ser. Durante alguns meses após o anúncio da minha decisão, Alan e eu ficámos presos em disputa amarga com cartas a passar constantemente entre nós. Argumentos iam e vinham, e qualquer pensamento de compromisso parecia impossível. Entretanto, o Círculo Experimental do Projeto estava em «espera» e as nossas visitas a Elton pararam.

Eventualmente, e sem dúvida com um último lançamento dos dados, Alan escreveu-me sugerindo que, se prosseguíssemos com o projeto e filmássemos com sucesso os fenómenos, ele garantiria que permaneceria para sempre na sua posse e nunca veria a luz do dia. Infelizmente, nessa altura, tanta acrimónia passara entre nós que não podia haver volta atrás. O que estava feito não podia ser desfeito, e claro, era simplesmente impossível acreditar que uma mina de ouro virtual permaneceria para sempre desconhecida para o mundo.

Não tenho dúvida alguma de que as intenções de Alan eram sinceras e honrosas. Esperara uma vida inteira para obter tal registo visual permanente e era apenas humano.

Este evento marcou o fim de um período mais maravilhoso da minha vida, e nunca mais vimos Alan nem visitámos Elton. Foram mais dezasseis anos antes de Simon e eu finalmente curarmos a nossa rutura e comunicarmos cordialmente. Infelizmente, isto não ocorreu até depois de Alan ter passado para o Mundo Espiritual.

Até hoje, a questão da filmagem permanece uma matéria de desacordo entre mim e Simon, mas agora, agradavelmente, temos uma maior compreensão e tolerância das visões um do outro.

Ao olhar para trás agora para aqueles dias mágicos distantes, e para aquela decisão que mudaria novamente o curso e a forma da minha vida, muitas vezes perguntei-me se fora a correta. A minha resposta é sempre «sim». No entanto, para céticos, investigadores e espiritistas que não

podem aceitar as visões que delineei aqui e ainda desejariam instalar câmaras na sala de sessões física, tenho isto a dizer: Formem os vossos próprios círculos. Desenvolvam contacto com o mundo espiritual a um nível físico, e depois podem fazer exatamente como desejarem.

E finalmente, termino este capítulo afirmando, sem qualquer reserva ou hesitação, que Alan E. Crossley era o mais gentil dos homens. Era também infinitamente conhecedor em assuntos de Espiritismo e usava a sua honestidade patente na manga. Foi inteiramente a minha grande fortuna tê-lo conhecido e, por um tempo, ter caminhado ao seu lado na minha longa jornada de experiência rica e descoberta. Obrigado, Alan.

[1] A Society for Psychical Research foi criada em Londres em 1882 e foi a primeira organização científica a examinar alegações de fenómenos psíquicos e paranormais. Tem sido o grupo mais renomado e accomplished desde então e publica um jornal académico com cientistas credenciados e PhD's a realizar o trabalho.

Link do Website: https://www.spr.ac.uk

[2] Sir Oliver Lodge, F.R.S., D.Sc., LL.D., M.A. – físico mundialmente famoso.

[3] A fraternidade da magia descarta casualmente e invariavelmente a mediunidade como produto de prestidigitação e leitura fria, etc. Tal mentalidade está tão profundamente enraizada na profissão que os seus membros são singularmente incapazes de considerar seriamente qualquer produção mediúnica/psíquica de outra forma. Em 2005, numa das minhas próprias sessões públicas, a médium escocesa bem respeitada e credível Mary Armour recebeu um teste de livro que, ao regressar a casa, encontrou ser correto. Isto foi reportado no Psychic Press. Pouco depois, um site de céticos publicou autoritativamente que a explicação para o teste de livro de Stewart Alexander reportado era bem conhecida por todos os mágicos. O escritor prosseguiu afirmando glibly que, de qualquer forma, os leitores só tinham a palavra do destinatário pela sua precisão.

[4] Foi em janeiro de 1996, e apenas na segunda ocasião em que Freda falou através de mim e alguns meses antes de se identificar pelo nome, que Christopher entregou o seu teste de livro final – foi dado a Tom Harrison. Notavelmente, as marcas individuais na capa do livro selecionado e a passagem indicada eram completamente precisas e

apropriadas e são descritas por completo no livro de Tom – Life After Death: Living Proof; publicado pela Saturday Night Press em 2008.

[5] Os leitores interessados em aprender mais sobre os testes de livro na minha mediunidade encontrarão um breve relato em New Wonders in Yorkshire (Partes 1 & 2) por Susan Farrow Topolovac, publicado pelo Zerdin Fellowship no seu Journal Zerdin Buzzsheet edição 13, abril de 2007.

[6] Um relato de um evento semelhante mais recente será encontrado no Capítulo 14.

Nota de rodapé: Em 2017, um falso médium físico foi apanhado a cometer fraude quando uma das suas sessões foi filmada secretamente por uma câmara infravermelha que revelou claramente que ele andava pela sala de sessões escura a produzir fenómenos falsos.

Como resultado direto dessa exposição, um jornal espiritista líder e uma das organizações internacionais mais credíveis e respeitadas do movimento espiritista desafiaram todos os médiuns físicos atuais a serem testados perante equipamento de imagem térmica com a garantia de que isto não poderia danificar de forma alguma a saúde de qualquer médium que aceitasse o desafio. Na altura desta escrita, nem um único aceitou ser assim testado.

Do ponto de vista pessoal, só posso dizer que, pelas razões já mencionadas, não aceitaria o desafio apesar do facto de câmaras infravermelhas não estarem presentes para registar os fenómenos. No entanto, sem dúvida, equipamento de imagem térmica estabeleceria finalmente de forma científica o facto de que as manifestações na sala de sessões são uma realidade. Não tenho dúvida de que, da noite para o dia, isto se tornaria notícia mundial e o faria mesmo se a sessão fosse realizada com garantias de confidencialidade total. Como explicado anteriormente, tal situação seria um pesadelo para mim pessoalmente. Outros médiuns podem acolher tal notoriedade. Eu, claro, só posso expressar as minhas próprias visões.

CAPÍTULO 6
A Sociedade Arca de Noé

Até agora, esforcei-me por fornecer ao leitor uma visão geral dos meus primeiros vinte anos dentro do Espiritismo, tendo em mente o facto de que, dentro destas páginas, só posso tocar nas pessoas, lugares e eventos que impactaram e moldaram a minha vida espiritual durante esse período. A minha intenção foi delinear o que considero ser a informação mais essencial e interessante, e a partir daí espero ter estabelecido a minha própria credibilidade e ganho a confiança do leitor.

Como o meu interesse primordial tem sido há muito a mediunidade física, que durante mais de 150 anos foi central e robusteceu o movimento, não será surpresa que, em pontos desta memória, construa os meus argumentos e a minha defesa contra os seus caluniadores passados e presentes.

No passado, eram principalmente os campos da magia e da investigação psíquica que se envolviam na exame e invariável difamação da mediunidade física. Hoje, incrivelmente, é ostracizada por secções inteiras do movimento espiritista, embora outrora fosse considerada «a galinha dos ovos de ouro». Tais assuntos abordarei mais tarde, mas primeiro devo introduzir os leitores a uma organização cujas visões correspondiam tão de perto às minhas.

Em maio de 1990, apareceu um anúncio no Psychic News (o jornal espiritista semanal mais antigo e respeitado do mundo) de uma organização, recentemente lançada, chamada The Noah's Ark Society for Physical Mediumship.[1] Convidava pessoas com interesse em tal mediunidade a candidatarem-se à adesão. Enviei a minha candidatura imediatamente e devidamente tornei-me o membro número um, um facto de que sempre me orgulhei.

Dentro de dias, Robin Foy, o presidente e força motivadora por detrás da sociedade, ligou-me. Tendo ouvido falar da minha investigação de longa data na mediunidade física e da minha extensa biblioteca sobre esse tema, ofereceu-me um lugar no comité como «oficial de arquivos» da Sociedade. Fiquei encantado por assumir a posição, e apenas algumas semanas depois assisti à minha primeira reunião de comité.

Rapidamente percebi que todos partilhávamos uma preocupação pela evidente escassez do que considerávamos uma forma vital de mediunidade,

que, na altura, estava literalmente à beira da extinção. A Sociedade estava determinada a travar esta situação alarmante e restaurar a mediunidade física de volta ao centro do palco. Através de reuniões de publicidade e seminários residenciais de fim de semana, especificamente desenhados para educar e informar, esperávamos que pessoas com ideias semelhantes formassem os seus próprios círculos de desenvolvimento, e deles pudesse emergir uma nova geração inteira de médiuns físicos.

Não pode haver dúvida de que a Noah's Ark Society (NAS), ou «A Arca» como ficou conhecida, encontrou sucesso instantâneo. Dentro de um par de anos, tinha uma extensa adesão internacional e mais de cem círculos todos sentados sob o seu guarda-chuva e orientação. Era, literalmente, como uma família muito grande, e sentia-se privilegiado por fazer parte dela.

Alan Crossley tornou-se o seu primeiro presidente permanente, e quando inesperadamente se aposentou da posição em agosto de 1992 devido a problemas de saúde, fui altamente honrado por tomar o seu lugar. Renunciei a essa posição em junho de 1996, quando comecei a concentrar-me singularmente nos arquivos da Sociedade. Sempre os considerara de importância crucial.

Desde o dia em que fui nomeado oficial de arquivos da Sociedade, esforcei-me por procurar e entrevistar (enquanto ainda havia tempo) espiritistas idosos que, em anos passados, se sentaram com médiuns físicos celebrados sobre os quais hoje só se pode ler. Percebi que aqueles que o fizeram eram uma raça em extinção com números cada vez menores, e assim, através de anúncios em jornais espiritistas e no boletim mensal da própria Arca, apelei para que viessem para a frente e deixassem registados os seus próprios relatos verbais do que tiveram o privilégio de testemunhar. Felizmente, vários contactaram-me. Como resultado, pude gradualmente reunir uma pequena biblioteca de cassetes com as suas memórias de sala de sessões física. O que tanto me impressionou quando as ouvi pela primeira vez foi o facto de que invariavelmente eram contadas com considerável emoção e entusiasmo. Em todos os casos, era quase como se as testemunhas descrevessem eventos que ocorreram na noite anterior, em vez de muitos anos antes. Aquelas sessões deixaram tal impressão neles que os eventos permaneceram vívidos nas suas memórias. Não esqueceram nada.

E assim, para cumprir a promessa que fizera a todos os contribuintes, em 1995 tomei a decisão de criar uma cassete de compilação de arquivos

intitulada: «The Physical Phenomena of Spiritualism» com o subtítulo «Fascinating Experiences of Senior Spiritualists in the Physical Séance Room». Esta foi disponibilizada à adesão da Arca e a todas as outras partes interessadas; não surpreendentemente, criou considerável interesse.[2]

Entre as cassetes que recebi, algumas destacaram-se muito claramente – não porque fossem invulgares, mas porque foram recontadas com tanto detalhe. Uma experiência veio-me de um cavalheiro chamado Norman Stacey, a quem Ray e eu tivemos o privilégio de entrevistar no verão de 1990 na sua casa em Tyne and Wear, no Nordeste de Inglaterra. Durante alguns anos, conhecera pessoalmente o falecido e agora lendário Médium Físico Hunter Selkirk.

Outra veio de Gene Woods, um cavalheiro americano que nascera numa família espiritista e fora piloto de caça na força aérea americana durante a Segunda Guerra Mundial. Vira um dos meus apelos publicados em 1990, e partilhámos uma correspondência amigável por meio de cassete durante vários anos.

Mais um testemunho veio para os arquivos do Sr. William (Bill) Cookson, um dos nossos membros escoceses idosos que cheguei a conhecer muito bem. Até ao seu falecimento para o Espírito, mantivemos contacto próximo durante vários anos por telefone e cassete. Nunca se cansava de recordar a sua única experiência de fenómenos de materialização, que testemunhara numa sessão de Helen Duncan quando jovem. Após a carregar na mente ao longo da vida, eventualmente escreveu um relato daquele evento mais maravilhoso para o Boletim da Sociedade. O relatório de Bill é típico das experiências desfrutadas por um grande número de pessoas que tiveram a boa fortuna de se sentar com a médium extraordinária Helen Duncan.

Todos os três cavalheiros estão agora no mundo espiritual, mas as suas histórias merecem ser preservadas para sempre porque, se por nenhuma outra razão, ilustram perfeitamente a maravilha da mediunidade física no seu melhor. No próximo capítulo, incluí cada evento exatamente como me foram contados e como subsequentemente apareceram no Boletim mensal da Arca.

Adicionalmente, embora conhecesse o seu autor apenas pelo nome, incluo um artigo de um boletim inicial que concernia William Olsen, um médium de trompete pouco lembrado. Esperançosamente, ao incluir tais

experiências espantosas neste livro, possam viver para serem desfrutadas por gerações futuras de espiritistas e outras partes interessadas.

Tornar-me Público

Durante os primeiros meses do meu envolvimento com a Arca, nem o seu comité nem a adesão sabiam da minha mediunidade. Nunca entretivera pensamentos de demonstrar fora da segurança do meu círculo doméstico, e, francamente, sempre considerara a minha mediunidade um assunto privado. No entanto, a Arca acreditava que, se os membros que assistiam aos seus seminários residenciais fossem dados a oportunidade de observar fenómenos físicos por si próprios, isto os encorajaria grandemente nos seus próprios círculos. Seriam inspirados ao testemunhar o que poderia ser alcançado e o que poderia ser possível.

Assim, à medida que o tempo passava, cresceu dentro de mim um sentimento de que talvez estivesse a ser egoísta ao manter a minha mediunidade exclusivamente dentro do nosso círculo doméstico. Finalmente, na ocasião do primeiro seminário residencial da Sociedade, revelei a um surpreendido Robin Foy que, ao longo de muitos anos, desenvolvera tal mediunidade eu próprio. Alguns meses depois, daria a minha primeira sessão pública para a Sociedade, apoiada principalmente pelo círculo de Elton.

Para mim, demonstrar publicamente era uma empreitada enorme no que me concernia. Seguiu-se a um seminário de publicidade de dia inteiro onde Alan Crossley, Robin Foy, eu próprio e outros membros do Comité da Arca proferiram palestras informativas sobre a história e a prática segura da mediunidade física.

Naquela primeira ocasião, a meu próprio pedido, fui firmemente preso à minha cadeira por meio de cordas e fortes abraçadeiras de plástico. Esta era uma prática que insistiria para todo o meu trabalho público nos anos seguintes. Julguei que, como seria virtualmente um estranho para os participantes, seria de importância crítica que eles tivessem a garantia de que, em todos os momentos de cada sessão, eu estaria imobilizado no meu lugar. E – só por boa medida – tinha pequenos pedaços de fita luminosa colados nos meus joelhos e atacadores luminosos nos meus sapatos para que, na escuridão, os participantes pudessem ver que eu estava exatamente onde devia estar: na minha cadeira ao longo de tudo.

Embora isto possa parecer aos leitores um pouco extremo, nunca se deve esquecer que, ao longo da história da mediunidade física, a fraude sempre existiu, e como resultado, suspeita e dúvida eram apenas de esperar. Os nomes dos infames charlatães que negociaram com a emoção humana no passado, e cujas práticas detestáveis lançaram uma mancha e sombra escura sobre o Espiritismo, são muitos.

Portanto, considerei que tais medidas deviam ser impostas e acreditava que iriam algum caminho para satisfazer os mais críticos dos céticos. (No entanto, na minha inocência, falhei na altura em perceber que a perspetiva de «satisfazer os céticos» nunca poderia ser realizada num sentido amplo.) O ceticismo é uma matéria complexa e existe em muitos níveis. Voltarei a isto num capítulo posterior. Por agora, direi apenas que hoje é geralmente reconhecido que as pessoas tendem a bloquear inconscientemente das suas mentes eventos e assuntos que o seu sistema de crenças simplesmente não pode aceitar.

A Minha Primeira Sessão Pública

Em março de 1992, a Arca publicou um relatório no seu boletim mensal sobre aquele seminário de publicidade que incluía detalhes da minha primeira sessão pública. Como foi um evento tão saliente na história da minha mediunidade, reproduzo abaixo um relato encurtado dele.

Rapaz Espiritual Travesso Destrói o Trompete de Noé

A Noah's Ark Society realizou recentemente um seminário notavelmente bem-sucedido e uma sessão experimental em Faverdale Hall, no Condado de Durham. Hylton Thompson, um Engenheiro Chartered e Oficial de Publicidade para o Conselho Distrital Norte da SNU (Spiritualist National Union), ficou espantado com a quantidade absoluta de energia física precisamente controlada libertada durante a sessão. Ele dá o seguinte relatório:

O evento começou na sexta-feira à noite quando aqueles com sorte suficiente para ficar a noite foram presenteados com uma sessão de transe com o médium físico Stewart Alexander. Um dos guias de Stewart, Pena Branca, deu uma palestra introdutória e depois apresentou a criança Christopher que manteve todos encantados com o seu engenho rápido e humor aliado a evidência precisa de sobrevivência para vários dos participantes. Pouco antes de concluir, e com Stewart profundamente em

transe, Christopher convidou-nos a ligar as luzes e pediu um par de pinças que um dos participantes prontamente forneceu. Alan Millichamp MSNU foi então convidado a testar a profundidade do transe de Stewart beliscando o seu antebraço com as pinças. O médium não respondeu, mas o travesso Christopher não ficou satisfeito e chamou George Cranley para «tentar». Com a habilidade de um mestre talhante, George pôs-se à tarefa atribuída – para horror daqueles próximos enquanto beliscava, cortava e torcia o instrumento na carne do médium, mas sem sucesso. Ao regressar do transe, não havia marca no braço de Stewart e ele não estava ciente do que acontecera até ser informado mais tarde no bar.

Na noite seguinte, o médium foi novamente Stewart Alexander e foi preso com segurança (verificado por Judith Seaman MSNU e Hylton Thompson) numa poltrona forte. Os participantes foram arranjados em dois círculos concêntricos de vinte e quatro e quarenta e quatro, Stewart fazendo parte do interno. Pena Branca começou com uma introdução explicando que esta era a primeira sessão em mais de vinte anos que era fora do amor e segurança do seu círculo doméstico – havia um grande número de participantes e as condições eram muito diferentes. Muito dependia da harmonia e o Mundo Espiritual faria o seu melhor para alcançar sucesso. Terminou o seu eloquente discurso dizendo que, enquanto o rapaz Christopher se esforçava por reunir os dois mundos, eles se esforçariam por reunir energias tanto do médium como dos círculos para uso no experimento para criar fenómenos físicos.

Christopher – afetuosamente conhecido no seu círculo como «shuffle bottom» ou ‘arrasta os pés’ (e ele era) – trouxe evidência notavelmente precisa a vários participantes intercalada com gracejo humorístico. Um dos mais interessantes foi quando Christopher se aproximou de uma senhora com um suéter amarelo e cabelo prateado (lembrem-se de que estava absolutamente escuro).

Não houve resposta até que uma senhora no círculo externo admitiu ter um suéter amarelo. Perguntado que cor era o seu cabelo, a senhora disse que gostava de pensar nele como loiro. Amid o inevitável riso, Christopher insistiu que era prateado e pediu-nos para ligar a luz, o que fizemos. Acho seguro dizer que a maioria tomou a mesma visão que Christopher. Seguiu-se uma mensagem pessoal e mais tarde a senhora confirmou que fora muito comprovativo.

Christopher pediu então que a música[3] fosse tocada e eventualmente que todos cantassem. As baquetas começaram então a bater alto na pequena mesa em frente ao médium e um sino de mão tocou alto a uma taxa de vibração tal que seria virtualmente impossível para uma mão humana abaná-lo tão rápido – soava como um sino elétrico – e então aconteceu. Um dos trompetes de metal (identificado por anéis luminosos nas suas bases) começou a mover-se lentamente pelo chão e quase pareceu investigar um dos microfones. Depois decolou e fez várias revoluções pela sala, apenas limpando as cabeças dos participantes.

Começou então a balançar no tempo com o canto, quase como se conduzisse um coro. Depois, aumentando a sua velocidade, começou a descrever um círculo perfeito no plano vertical a tal velocidade que parecia um anel luminoso contínuo com cerca de seis pés de diâmetro. O outro trompete juntou-se então e dois círculos luminosos verticais foram assim formados. Os movimentos mudavam periodicamente para arcos; os trompetes balançando então independentemente como pêndulos no tempo com o canto. A forma sofisticada de fenómenos de levitação é frequentemente referida como telecinese, que infere controlo pela mente. Neste caso, o controlo era tão preciso e o gasto de energia tão substancial que só poderia ser atribuído a controlo espiritual direto. Talvez psicocinese ou levitação dinâmica seria um nome mais apropriado.

Num instante, o Espírito tinha simultaneamente as baquetas a bater, o sino a tocar e ambos os trompetes a voar como duas enormes rodas de Catherine. Isto continuou por um bocado até – e a maioria de nós assumiu que Christopher era responsável – um dos trompetes saiu da órbita e foi batido sem misericórdia e continuamente contra o que assumimos e esperávamos ser o chão. O ruído geral nesta altura atingiu um crescendo e tinha de ser ouvido para ser acreditado. A experiência da sessão, a atmosfera harmoniosa e de facto o humor nela deixarão uma impressão indelével em todas as nossas mentes. Isto aliado ao conhecimento ganho das palestras mais interessantes deixa-nos a todos verdadeiramente gratos à NAS e a Stewart Alexander em particular pelos seus esforços em nosso nome.

Isto completa então o relatório de um seminário inicial da Noah's Ark Society e a minha primeira sessão pública. Aquela noite marcou o início de eu dar sessões fora do meu círculo doméstico. Entre essa altura e a minha

semi-aposentação de tal trabalho em 2008, dei quase cem grandes sessões públicas dentro do Reino Unido e no estrangeiro.

[1] A Noah's Ark Society for Physical Mediumship foi fundada em 1990 por Robin e Sandra Foy com o objetivo de promover e preservar a mediunidade física.

[2] A cassete de compilação está agora disponível em formato digital através de vários arquivos espiritistas.

[3] Música: Frequentemente usada em sessões físicas para ajudar a elevar vibrações e facilitar fenómenos.

Na altura, a minha mediunidade física ainda estava num estado embrionário.

Como o leitor pode ter notado, os fenómenos eram, em certa medida, desorganizados, embora fossem uma clara demonstração de como o mundo espiritual pode manipular matéria física. No entanto, à medida que o tempo passava, os fenómenos foram refinados e desenvolvidos à medida que pessoas espirituais adicionais se envolviam na sua produção e apresentação. Relatórios posteriores ilustrarão claramente que assim foi.

Após aquele evento de sessão de seminário, continuei a insistir na aplicação de restrições sempre que me sentava para a sociedade – cordas e abraçadeiras a prender os meus tornozelos, pernas, peito e braços à cadeira em que me sentava, e fita luminosa nos joelhos e atacadores luminosos. Como apontei anteriormente, acredito firmemente que estas medidas eram importantes para que os participantes se sentissem confiantes de que o mundo espiritual sozinho era responsável por tudo o que acontecia, e que eu não desempenhava qualquer papel além de um sentido passivo.

E assim, durante alguns anos, esse procedimento bem estabelecido foi seguido até que, uma noite, dois investigadores assistiram a uma sessão da Arca. A minha esposa, como sempre, estava sentada fora da porta de entrada da sala onde era realizada. Isto era para garantir que ninguém de fora pudesse inadvertidamente entrar uma vez que a sessão estivesse em curso.

No entanto, após terminar e as pessoas saírem da sala, e à medida que os dois investigadores passavam, a minha esposa ouviu um deles dizer ao outro: «Bem, foi muito interessante, mas reparaste que as cordas a prender o peito dele estavam uniformemente espaçadas antes de as luzes se apagarem, mas estavam amontoadas no fim quando voltaram a acender?»

A minha primeira reação, além de um sentido de grossa deceção, foi pedir a Ray Lister, o nosso líder de círculo doméstico, que fizesse duas placas de metal com uma série de anéis uniformemente espaçados através dos quais as cordas poderiam passar. Seriam aparafusadas uma de cada lado do encosto da cadeira e, portanto, as cordas encaixadas nos anéis permaneceriam na sua posição original e separadas umas das outras. Isto eliminaria imediatamente a possibilidade de qualquer dúvida futura como resultado de cordas de peito amontoadas.

Ray, compreensivelmente, objetou. Com razão, apontou que os investigadores apenas traíram a sua própria posição cínica em relação à mediunidade física. As cordas amontoavam-se porque nada as impedia de o fazer. Claro que ele estava correto, mas insisti; em breve as placas estavam no lugar para serem usadas em todas as sessões daí em diante. Não obstante, com o tempo, cheguei a perceber que, independentemente dos nossos esforços, nunca seria possível remover a dúvida das mentes daqueles cuja composição psicológica era tal que nunca seriam capazes de aceitar que a fraude não desempenhava qualquer papel.

Eventualmente, tomei a decisão de abandonar a maioria das restrições. A fita luminosa nos joelhos e os atacadores luminosos foram ambos retidos, juntamente com as abraçadeiras de plástico nos meus pulsos.

Walter, o nosso comunicador espiritual largamente responsável pela produção e apresentação das manifestações físicas, desenvolvera o experimento de passar matéria viva através de matéria – erguendo os meus braços e assim passando os meus pulsos através das abraçadeiras enquanto as minhas mãos eram firmemente seguradas pelos participantes sentados ao meu lado. Alguns segundos antes da passagem do meu braço para cima através da abraçadeira de plástico apertada, Walter instruía o participante a sentir a abraçadeira à volta do meu pulso e reportar ao grupo que estava no lugar à volta do meu pulso e apertada ao braço da cadeira. Então, pouco após a confirmação, o meu pulso era passado através da abraçadeira enquanto a mão do participante permanecia em cima da minha. O participante era então instruído a sentir o braço da cadeira e confirmar que a correia ainda lá estava, o que estava.

Acreditava então, como acredito agora, que os fenómenos nas minhas sessões, aliados à evidência de sobrevivência de entes queridos, falariam por si próprios! Tendo dito isso, sempre aceitei que trompetes flutuantes e sinos a tocar na sala de sessões escura não provam sobrevivência. No

entanto, se o médium estiver perfeitamente restringido de modo a que ele ou ela não possa possivelmente ser fisicamente responsável por tal demonstração, então pode-se postular com segurança que alguma forma de inteligência deve ser responsável.

E quando os fenómenos físicos são aliados a evidência clara de sobrevivência, então a conclusão mais lógica deve ser que aqueles que alegam ser responsáveis são quem alegam ser – visitantes do mundo da eternidade!

No Topo de uma Onda – Nos Cornos de um Dilema

Durante os primeiros anos da Arca, parecia muito que a organização continuaria a fazer uma contribuição enorme e de longo alcance ao Espiritismo. Estava cheia de novas ideias, e tinha tais aspirações, tais esperanças, tal energia e vitalidade. Tudo parecia possível na altura. Não havia questão de que trabalhava sob a direção e orientação do mundo espiritual, e esta crença era a força motriz para o maravilhoso comité de pessoas dedicadas envolvidas. Seminário seguia seminário em locais por todo o país, que sempre incluíam uma sessão experimental com Colin Fry (conhecido então como «Lincoln») ou eu próprio atuando como médium.

Então, em janeiro de 1993, a Arca conduziu um seminário de uma semana sobre mediunidade física no Arthur Findlay College em Stansted Hall, Inglaterra, que era a sede da Spiritualist National Union (S.N.U.)[4]

Outrora a casa de Arthur Findlay, legada à União após a sua morte, o College há muito é considerado a própria meca do Espiritismo Inglês. Tal foi o interesse no Seminário que, dentro de quarenta e oito horas após as datas serem anunciadas publicamente, todos os lugares disponíveis estavam totalmente reservados com igual número de pessoas desejando assistir mas incapazes de assegurar lugares.

Menciono esse evento apenas porque daria duas sessões físicas durante essa semana. Pouco depois, um artigo foi publicado no Psychic News sobre elas. Escrito pelo Presidente da Psychic Press, Roy Stemman, comentou que, após testemunhar acrobacias de trompete: «Um participante cético pode perguntar-se por que era necessário prender um médium tão efetivamente quando não havia controlos sobre as outras pessoas presentes».

A inferência aqui era obviamente que o médium poderia concebivelmente ter tido um cúmplice responsável por manipular os trompetes. Em resposta, e pouco depois, o seguinte comentário, escrito por Alf Winchester, apareceu no boletim mensal da Arca. Na altura, Alf era um dos seus membros do comité, mas alguns anos depois seria nomeado presidente. Como apoiantes de longa data da minha mediunidade, ele e a sua esposa June seriam em breve responsáveis por organizar os meus próprios seminários e ocasionalmente as minhas sessões públicas em casa e no estrangeiro.

Alf escreveu:

No sábado, 27 de fevereiro de 1993, em Scole[5], a equipa espiritual de Stewart Alexander decidiu demonstrar conclusivamente que não havia conluio por quaisquer indivíduos encarnados presentes nas suas sessões enquanto a levitação do trompete estava em progresso. A demonstração foi em resposta a um comentário feito na imprensa psíquica com respeito a sessões recentemente realizadas pela Arca em Stansted Hall. Walter Stinson, o operário espiritual que lidera a equipa espiritual que produz os fenómenos, instruiu os participantes no círculo interno dos dois concêntricos a darem as mãos. As senhoras que se sentavam de ambos os lados do médium foram solicitadas a colocar as suas mãos livres nos joelhos do médium para que ambos fossem controlados. A senhora sentada à sua esquerda colocou então o seu pé direito em cima do esquerdo dele e a senhora à sua direita colocou o seu pé esquerdo em cima do direito dele. Os participantes no círculo externo foram instruídos a colocar as suas mãos nos ombros da pessoa sentada à frente, incluindo a pessoa sentada diretamente atrás do médium.

Eu era essa pessoa e, como solicitado, fiz imediatamente o que me pediram.

Então, enquanto todos os participantes estavam assim controlados, os dois trompetes levitaram e foram ditos por alguns participantes terem alcançado até 15 pés (quatro metros) de distância do médium.

Enquanto este fenómeno ocorria, todos os participantes estavam satisfeitos por terem controlo dos participantes adjacentes. As senhoras sentadas de ambos os lados de Stewart Alexander reportaram o movimento de trilhos semelhantes a fitas pelos seus braços enquanto os trompetes voavam e pairavam pela sala. Embora alguns participantes no círculo

central fossem membros do círculo do médium, o círculo externo consistia em membros da Arca sentados aleatoriamente à volta do círculo.

Como mencionei anteriormente, acreditava ingenuamente na altura que a minha mediunidade poderia enfrentar quaisquer objeções e/ou incerteza expressas por possíveis caluniadores e, portanto, calar comentário cético adverso. Mas falhei completamente em apreciar que alcançar isso seria tão espetacular como superar os fenómenos manifestados na minha própria sala de sessões. Hoje compreendo que a posição do cético endurecido é inamovível.

A sociedade continuou o seu crescimento notável em adesão tanto em casa como no estrangeiro. À medida que o fazia, o seu boletim mensal foi gradualmente convertido de uma publicação por capítulos para uma altamente profissional. Excelentes artigos foram publicados cobrindo uma ampla variedade de tópicos em relação à mediunidade física contemporânea e histórica. Estávamos todos numa montanha-russa que prometia parar e reverter o declínio do Espiritismo.

Sem dúvida, ao longo dos seus primeiros anos, a Sociedade trabalhava «mão na mão» com o mundo espiritual. Mas então, lentamente e por graus, tudo começou a desfazer-se, e em 1999 fui levado a tomar uma das decisões mais difíceis da minha vida. Há algum tempo que estava inquieto com a direção em que a sociedade procedia. Além disso, havia outros assuntos internos importantes do comité com os quais discordava enfaticamente. Embora não haja necessidade de os expandir aqui, a minha convicção na altura era que a Sociedade já não estava no mesmo caminho espiritual que eu. Era altura de ir. Devidamente, apresentei a minha renúncia à adesão.

Na altura, tinha muitos amigos entre a sua adesão e sentia fortemente que tinha um dever de explicar a minha decisão. Submeti, portanto, ao editor do boletim um artigo para publicação, no qual delineei as minhas razões para deixar a Sociedade. Infelizmente, foi suprimido, nunca vendo a luz do dia, e a adesão ficou a especular sobre a minha retirada.

Para um antigo presidente de uma organização ser negado tal direito confirmava que a minha decisão fora sábia. Tal supressão, acreditava, não poderia ser defendida eticamente nem moralmente, e no entanto, apesar de tudo, genuinamente não abrigava amargura para com a Sociedade, e reconhecia claramente que, para os seus membros, representava o melhor do Espiritismo. Era o caminho deles – já não era o meu caminho – e

desejava-lhe o melhor. No entanto, a minha renúncia não foi um evento isolado. Membros respeitados do comité também tinham ido antes de mim por razões semelhantes, incluindo as duas pessoas que lançaram a Noah's Ark Society, Robin e Sandra Foy. Com uma fuga constante de membros, acreditava firmemente que a escrita estava na parede e que eventualmente colapsaria. Cinco anos depois, assim o fez.

[1] A Sociedade foi nomeada após Noah Zerdin que, em 1931, fundou «The Link», que através do seu «Newsletter» procurava unir e ajudar círculos domésticos espiritistas pelo país. No início de 1990, Zerdin alegadamente comunicou por voz direta independente a um círculo nos Midlands chamando pelo lançamento de uma organização para promover a mediunidade física que, na altura, estava em perigo de morrer. Na Bíblia, a «Arca de Noé» disse-se ter salvado animais da extinção, e assim incorporar a palavra «Arca» no título da Sociedade pareceu altamente apropriado.

[2] Em 2014, prossegui para criar e disponibilizar um Álbum Duplo de CD intitulado «Physical Séance Room Recollections» com o subtítulo «Wonderful Memories of Physical Phenomena as told by Senior Spiritualists». Isto incorporava a gravação de cassete original de 1995 mais relatos adicionais. O álbum está disponível em CD ou pode ser descarregado digitalmente. Para detalhes, vá a https://stewartalexandermedium.com

[3] O som parece ser fundamental para a produção de fenómenos físicos, daí os participantes se juntarem em canto no momento apropriado.

[4] A SNU foi fundada em 1901 no Reino Unido e é uma das maiores Organizações Espiritistas do mundo.

[5] Durante os primeiros anos da sua existência, a sede da Noah's Ark Society era em Scole, Norfolk.

CAPÍTULO 7
Uma Incursão nos Arquivos da N.A.S.

Este capítulo contém vários artigos do Boletim da Noah's Ark Society. Alterações menores aos originais foram feitas apenas para os tornar mais compreensíveis para leitores que possam ter pouco conhecimento de mediunidade física.

O primeiro, que escrevi, baseou-se numa entrevista que tive o privilégio de arranjar com um Sr. Norman Stacey, na sua casa no Nordeste de Inglaterra durante o verão de 1990. Antes da publicação, ele confirmou a precisão de todos os detalhes no meu texto.

Ao longo de vários anos, através de contacto pessoal, cheguei a conhecer bem os autores dos três artigos seguintes. Julguei-os sinceros e verídicos, e estou, portanto, satisfeito que os eventos relatados ocorreram como descritos.

O artigo final foi contribuído para o boletim por um membro perspicaz e respeitado da Arca. Embora o conhecesse apenas ligeiramente, tomei a decisão de incluir o seu relato apenas porque detalhava a sua sessão muitos anos antes com o médium William Olsen. Hoje largamente esquecido, durante os anos 1950, Olsen era bem conhecido e respeitado por espiritistas. Relatos das suas sessões são comparativamente raros quando considerados ao lado dos de outros médiuns físicos públicos da época.

Olsen foi um dos poucos médiuns de trompete a viajar pelo país para demonstrar publicamente; o relato final neste capítulo dará aos leitores uma visão do que aparentemente era a natureza da sua mediunidade única.

Para que Não Esqueçamos

Noah's Ark Newsletter, setembro de 1990.

Stewart Alexander, Oficial de Arquivos da NAS.

Para muitos espiritistas atuais, o médium Hunter Selkirk é largamente desconhecido e, no entanto, entre um aglomerado de pequenas aldeias ao sul de Newcastle, é lembrado com considerável respeito e subsequentemente tornou-se algo de uma lenda. As pessoas lembram-se e referem-se a ele com verdadeiro afeto. Relatos notáveis das suas demonstrações públicas de clarividência e das suas sessões físicas abundam regularmente e histórias são contadas e recontadas. Se se visita a área, não é de todo difícil encontrar pessoas idosas dispostas a partilhar as suas recordações pessoais e fazem-no com calor e entusiasmo. As

demonstrações públicas de mediunidade mental de Hunter Selkirk nas igrejas espiritistas invariavelmente viam-nas cheias até transbordar com apenas lugares de pé. No entanto, é das fantásticas manifestações físicas na sua sala de sessões que nos ocupamos aqui. Durante os anos de guerra, um pequeno livro intitulado Listen My Son[1] (ainda em impressão hoje) foi publicado pela Craghead Village Spiritualist Church, da qual Hunter, por um tempo, foi Presidente.

Foi escrito por um cavalheiro chamado Harry Emerson e dá um relato gráfico, dramático e muitas vezes comovente das sessões do médium. O livro nasceu de uma série de cartas que ele escreveu ao seu filho soldado que, na altura, combatia no estrangeiro.

Conta como, na sala de sessões espíritas, ele testemunhou repetidamente manifestações físicas extraordinárias e reencontrou a sua esposa falecida (a mãe do rapaz), que se materializava em forma sólida. Hunter Selkirk era um médium excecional, como fica abundantemente claro no «Prefácio» da edição de 1984 do livro, do qual cito agora um excerto editado: «Quase 40 anos passaram desde a primeira publicação de *Listen My Son*, de Harry Emerson, e mais de 50 anos desde que a Igreja Espiritualista foi fundada em Craghead. Tanto a igreja como o livro foram influenciados pelo caráter excecional e pela mediunidade de Hunter Selkirk. Revestido do manto discreto de um homem trabalhador, Hunter fora abençoado com um dom de dimensões especiais.»

Há algumas semanas, tive o privilégio de visitar um senhor chamado Norman Stacey, que me convidou para a sua casa no Nordeste de Inglaterra e que conhecera bem Hunter Selkirk. Passei um dia inteiro na sua companhia e fiquei fascinado com as suas recordações de Hunter, o homem, e de Hunter, o médium. Eram memórias pessoais, que não se podem ler em nenhum livro ou relato publicado sobre a mediunidade. Duas dessas recordações fascinantes reproduzo abaixo, com o seu consentimento.

Um dos principais guias no círculo de Hunter era uma menina muito jovem, «afro-americana», conhecida carinhosamente por Topsy. A sua responsabilidade era claramente dissipar qualquer tensão entre os participantes, o que fazia de forma infantil, com bom humor e espírito mordaz. O Sr. Stacey contou-me que, por vezes, ela se materializava completamente e saía do armário onde Hunter invariavelmente se sentava em estado de transe profundo. Muitas vezes, permanecia materializada

durante longos períodos e conversava com os participantes. Isso acontecia invariavelmente sob uma luz vermelha ténue, para que fosse visível a todos na sala de sessões. Ocasionalmente, enquanto isso ocorria, ouviam-se outras vozes a falar de dentro do armário e, periodicamente, surgiam dele outras pessoas espirituais materializadas, provando assim que a fraude, como possível explicação, não era de modo algum sustentável.

Por vezes, faziam-se perguntas à pequena Topsy e disseram-me que, frequentemente, as suas respostas pareciam desmentir a sua idade; numa noite, isso foi-lhe apontado. Perguntaram-lhe se, na realidade, era mesmo uma criança pequena. Os participantes dessa noite, entre os quais o meu informante, perguntavam-se se ela apenas assumia essa personalidade para melhor alcançar o seu objetivo de eliminar a tensão nervosa compreensível que dificultaria as manifestações. Topsy ficou em silêncio durante algum tempo antes de responder que, de facto, não era. Quando lhe perguntaram se os participantes alguma vez poderiam vê-la como realmente era, respondeu que ficaria feliz por mostrar o seu verdadeiro eu, mas avisou que, se o fizesse, o Mundo Espiritual não poderia continuar a sessão depois disso.

Por acordo comum, pediram a Topsy que prosseguisse e todos aguardaram em expectativa, sem saberem o que esperar.

Então, sob uma boa luz vermelha e à vista de todos os presentes, a menina ergueu os bracitos em ângulo reto com o corpo e, de repente, começou a crescer. Os seus traços começaram a mudar e, segundos depois, todos se viram a olhar fixamente para uma «caucasiana» completamente formada, possivelmente na adolescência tardia ou no início da idade adulta.

Compreensivelmente, o passar dos anos desde esse fenómeno não esmorecera em nada a memória de Norman Stacey daquele incidente notável, embora outro estivesse prestes a seguir-se.

Numa tarde de verão, ele, Harry Emerson e Hunter Selkirk realizaram uma sessão improvisada de mesa giratória. O médium, que aparentemente era sempre «pragmático» em relação à sua própria mediunidade, sugeriu que colocassem as mãos levemente sobre o tampo da mesa.

Em segundos, a cabeça dele caiu sobre o peito e começou a respirar pesadamente ao entrar no estado de transe. Os outros dois observaram então – sob boa luz – um grosso fluxo de ectoplasma a emergir da boca do médium e a descer lentamente até ao tampo da mesa.

Uma vez aí, dividiu-se em dois fluxos e, lentamente, formou, nas extremidades opostas da mesa, montes individuais de onde começaram a manifestar-se formas animadas. Uma era a de um homem e a outra a de uma mulher. Ambas atingiram uma altura de aproximadamente trinta centímetros. Uma ficou de frente para Emerson e a outra de frente para o meu informante. Ambas eram de um branco puro e vestiam trajes do período da «Rainha Ana». Os dois homens atónitos observaram claramente pormenores como o rendado do vestido da mulher e os punhos da camisa do homem. As fivelas e as botas eram – como tudo o resto – em miniatura. Garantiram-me que essas pequenas figuras estavam vivas e animadas. As figurinhas curvaram-se várias vezes para os dois homens, mas estes estavam tão incrédulos que nenhum deles conseguiu responder. Depois, enquanto observavam, as formas materializadas dissolveram-se rapidamente nos dois montes componentes, que por sua vez foram rapidamente reabsorvidos pelo médium. Pouco tempo depois, Hunter saiu do transe e, sem qualquer noção do que acabara de acontecer, perguntou: «Aconteceu alguma coisa?»

Em 1965, aos sessenta e cinco anos, Hunter Selkirk passou para o Espírito.

Experiências Incríveis que Vivi

The Noah's Ark Newsletter, agosto de 1991. Gene Woods (Kettering, Ohio, E.U.A.)

Ao longo da minha vida, tive o privilégio de experienciar o trabalho em salas de sessões espíritas de alguns médiuns dotados, e tenho agora setenta e quatro anos. O meu irmão, a minha irmã e eu somos espiritualistas de terceira geração, começando com os meus avós paternos em meados da década de 1870.

Pensava que tinha visto o melhor da mediunidade ao longo da minha vida, até descobrir, há treze anos, um homem cujos dons eram tão espantosos que, ao relatar apenas algumas das minhas experiências com ele, os acontecimentos podem parecer impossíveis de acreditar – como, de facto, me pareceram a mim na altura em que ocorreram.

Posso perguntar-me se esses acontecimentos realmente tiveram lugar ou se alucinei? No entanto, até dez outras pessoas presentes teriam de ter

partilhado a mesma alucinação, se essa fosse a explicação. Todas as sessões foram gravadas em fita áudio e as testemunhas ainda estão vivas.

Infelizmente, devido a problemas de saúde, o médium em causa já não trabalha e não me sinto à vontade para o identificar sem o seu consentimento. Atualmente, desconheço o seu paradeiro.

Era um médium físico e muitas das materializações que se manifestavam nas suas sessões estavam envoltas num pano de ectoplasma. Ocasionalmente, porém, estavam completamente desenvolvidas e apareciam nas suas cores naturais, como um índio americano que surgiu vestido com todo o seu traje tradicional. Numa ocasião muito feliz, a minha irmã e eu tivemos a oportunidade de encontrar a nossa mãe completamente materializada e pudemos segurar-lhe as mãos e falar com ela enquanto olhávamos para o seu rosto perfeitamente formado. O encontro terminou quando ela nos beijou a cada um na face.

Noutra ocasião, realizámos uma sessão no porão da nossa igreja espiritualista local, com sete pessoas presentes. A luz vermelha que iluminava a sala era excecionalmente brilhante, permitindo uma excelente visibilidade. Após o aparecimento de vários entes queridos materializados, o controlo (Guia) do médium disse-nos que gostaria de tentar uma experiência.

Pediram-me que trouxesse um megafone de sessões do outro lado da sala e o colocasse no chão entre o meu joelho e o joelho de um rapaz de catorze anos que estava sentado ao meu lado.

O controlo pediu-nos então que conversássemos entre nós enquanto ele regressava ao armário. Passado cerca de um minuto, ouviu-se um som repentino do megafone, quando uma grande folha de ectoplasma saiu disparada do topo do megafone (a extremidade pequena) e o som que produziu foi muito audível e muito surpreendente – e foi captado na fita áudio.

Essa folha ectoplásmica flutuou até ao centro da sala, formou uma massa da qual, lentamente, o controlo, que antes regressara ao armário, se construiu e emergiu. Com uma risadinha, perguntou: «Então – como gostaram disso?»

Durante a mesma sessão, a mãe do médium materializou-se e falou-nos sobre as condições no Mundo Espiritual. Pediram-me que me aproximasse dela, onde estava no centro da sala. Depois, pediu-me que estendesse a mão e segurasse as dela para verificar quão sólidas e quentes

eram. Em seguida, pediu-me que apalpasse a zona da sua cintura para testemunhar quão sólido era o seu corpo, explicando que este era o seu corpo astral, produzido por uma redução da sua taxa vibratória.

Depois, pediu-me que recuasse enquanto ela mudava para o seu corpo etérico, o que levou alguns segundos. Nem eu nem qualquer outro participante presente tirámos os olhos dela e não observámos qualquer alteração na sua aparência. O seu aspeto não era diferente e continuou animada e a falar connosco. Então, pediu-me que a tocasse novamente.

Quando estendi a mão, esta passou de um lado para o outro através do corpo dela, sem tocar em nada além de ar rarefeito. Era como se estivesse literalmente a meter a mão e o braço numa miragem! Depois de lhe agradecermos por essa experiência notável, ela simplesmente desapareceu diante dos nossos olhos, como se desligássemos uma lâmpada. Esta foi uma das experiências mais esclarecedoras da minha vida e ainda está vívida na minha memória. O médium realizou muitas sessões na cave da minha casa, usando um armário improvisado. Durante uma sessão, o meu avô materializou-se e isso foi uma alegria imensa.

Durante uma sessão com megafone, antes de o médium entrar em transe, estávamos todos a conversar com ele. De repente, um megafone ergueu-se no ar e moveu-se pela cave, tocando na cabeça de todos os participantes. Depois, veio a voz do controlo do médium a falar-nos através do segundo megafone, conversando connosco enquanto o médium ainda estava consciente. Isso durou vários minutos antes de ocorrer o transe – foi muito agradável.

É um facto bem conhecido que os médiuns físicos têm medo de que alguém introduza luz de alguma forma durante uma sessão ou de que algum cético tente chegar ao médium na esperança de desmascarar uma fraude, sem pensar minimamente que as suas ações podem resultar em danos para a saúde do médium. Por causa disso, em algumas ocasiões, o médium pediu-me que me sentasse ao lado do armário para sua proteção. Nessas situações, o armário e eu estávamos numa extremidade da sala, com os participantes na extremidade oposta, onde a luz vermelha estava pendurada na parede, acima e atrás deles. Dispostos assim, quando as pessoas espirituais materializadas saíam de ao meu lado e se moviam para o centro da sala, ficavam silhuetadas contra a luz. Geralmente, estavam envoltas num pano de ectoplasma e, através da sua translucidez, eu podia

ver claramente as formas corporais nuas de homens, mulheres e crianças – altas, baixas, pesadas, magras – todas diferentes!

Antes de deixar a nossa igreja local para se mudar para outra igreja noutra cidade, o médium realizou uma sessão final. Em vez dos 10 ou 15 participantes esperados, havia cerca de quarenta e, portanto, um número demasiado grande para caber na nossa sala de sessões. Assim, vários homens entraram no santuário da igreja e moveram todos os bancos para uma extremidade, criando um armário improvisado no centro da sala. A luz vermelha foi então montada numa localização menos do que ideal. Após uma oração e algum canto, observou-se uma nuvem de ectoplasma a erguer-se do topo do armário, crescendo cada vez mais até tomar a forma da metade superior de um corpo, até que a cabeça tocou no teto de seis metros de altura. Os seus braços estenderam-se de parede a parede. Passado cerca de um minuto, a forma recolheu-se lentamente e recuou pelo topo do armário.

Depois, este espetáculo foi seguido por pelo menos vinte materializações separadas, algumas das quais se sentaram ao lado de participantes com quem conversaram e que eram os seus entes queridos.

Tudo o que é relatado neste artigo testemunhei pessoalmente na presença deste homem, que foi o médium mais maravilhoso e completo que conheci durante os meus setenta e quatro anos.

Uma Sessão com Helen Duncan

The Noah's Ark Newsletter, agosto de 1990. William Cookson (Perth, Escócia)

Na primavera de 1947, em total ignorância do Espiritualismo, participei numa experiência única. Tive o privilégio de testemunhar uma demonstração muito notável de mediunidade física pela famosa médium de materialização, a Sra. Helen Duncan.

Na altura, era um jovem que trabalhava como construtor num lugar chamado Cowdenbeath e aí conheci um homem chamado Sr. Latimer. Mal sabia o impacto que esse encontro teria nas minhas crenas religiosas de longa data. O Espiritualismo, que eu há muito encarava com cinismo, era algo a que me opunha fortemente, considerando-o uma tolice calculada.

Num sábado, pouco depois do nosso encontro, o Sr. Latimer convidou-me para uma sessão espírita.

Após muita hesitação e autorrecriminação, a curiosidade venceu e decidi ir. À hora marcada, encontrava-me à porta de um prédio de apartamentos (n.º 5 da Bain Street) em Lochgelly, na Escócia, e subi as escadas ainda a lamentar a decisão de participar no «desconhecido». Fui apresentado à Sra. Duncan, uma senhora muito corpulenta (cerca de 140 quilos) e o Sr. Latimer levou-me para uma pequena sala desprovida de mobiliário, exceto um grande aparador e uma fila de cadeiras dispostas em círculo. Numa esquina, havia uma cadeira de madeira com cortinas abertas à frente e uma luz vermelha no teto por cima. Eventualmente, sentámo-nos e a Sra. Duncan sentou-se na cadeira atrás das cortinas, que foram então fechadas. A luz vermelha foi ligada e aguardámos.

O que poderei dizer sobre o que se seguiu, senão que a experiência foi avassaladora? Pouco depois, surgiu de trás das cortinas um senhor muito alto que se apresentou como Albert Stewart, o guia da Sra. Duncan. Era magro, media um metro e oitenta, tinha barba e falava com o que creio ser frequentemente designado por sotaque culto de Oxford. Estava envolto numa substância que, desde então, aprendi a chamar ectoplasma e convidou os participantes a fazerem perguntas, às quais respondeu eloquentemente. Explicou muitos aspetos relativos ao Mundo Espiritual e, por fim, regressou ao interior do armário e desapareceu atrás das cortinas.

O que aconteceu a seguir foi a maior experiência emocional da minha vida, exceto o recente falecimento da minha esposa após trinta e cinco anos de casamento. Vi uma mãe abraçar a filha materializada, que soube depois ter falecido de tuberculose no hospital local de Hillside, facto que confirmei recentemente consultando os registos do hospital.

Tanto a mãe como a filha materializada choraram de alegria durante este reencontro.

Um bebé pequeno foi trazido pela médium em transe para uma mãe extasiada.

Em seguida, apareceu uma rapariguinha com um ramo de flores e abraçou a mãe e o pai, que estavam entre os participantes daquela noite. Surgiu uma senhora muito idosa, descrita por Albert Stewart como de fé católica. Tinha um crucifixo do comprimento do seu corpo inteiro e as linhas e rugas da testa eram claramente visíveis.

Embora estivesse ali apenas como observador, imaginem os meus sentimentos quando Albert (de dentro do armário) me disse que um visitante espiritual viera ter comigo.

Então, dele saiu o meu irmão David, que morrera aos treze anos, mas agora se mostrava como um jovem de vinte e cinco – a idade que teria se ainda estivesse vivo. Ele conduziu a conversa e, porque estava tão assustado, recusei pegar-lhe na mão quando ma estendeu.

Disse: «Que surpresa. Quando me disseram que podia vir, não acreditei.

Como estás – e a mãe e o pai?»

Antes de regressar ao armário, disse que talvez um dia nos encontrássemos novamente da mesma forma. Nunca mais aconteceu e, desde então, nunca mais soube dele.

Fomos então brindados com uma atuação de canto e dança por uma menina chamada «Peggy», outro controlo regular da médium, que cantou *Deep in the Heart of Texas*.

Desde aquela noite notável, trago comigo a convicção completa e o conhecimento da sobrevivência pessoal para além da morte.

«Apenas William»

The Noah's Ark Newsletter, outubro de 1990. John Squires

Quando o Presidente da Noah's Ark Society me pediu que contribuísse com um relato das minhas experiências passadas em sessões espíritas, ponderei muito sobre as minhas memórias persistentes de uma vida associada a assuntos psíquicos. Por exemplo, aos dezassete anos, sentara-me em Manchester com Helen Duncan. Lembrei-me da minha incredulidade ao observar a manifestação de dezassete formas materializadas e como, enquanto ainda falavam, foram gradualmente afundando pelo chão e desapareceram. Mas o meu espanto e admiração pela vasta gama da mediunidade física sempre foram atribuídos às duas sessões a que assisti em Birmingham com o médium de Sheerness (Kent), William Olsen.

A convite da secretária da igreja, tomei chá com ela, o Presidente da igreja e o Sr. e a Sra. Olsen antes da primeira sessão. Admito que estava um pouco apreensivo ao conhecer o «Willie», mas não precisava de me preocupar. Achei-o um homem baixo, robusto, de rosto vermelho, na casa dos cinquenta, com um sotaque geordie pronunciado e um delicioso sentido de humor e diversão. Mantinha um fluxo de brincadeiras enquanto a esposa

o observava solicitamente e vigiava quanto comia e bebia. Nunca antes vira tanta vitalidade.

Mais tarde, na sessão, havia vinte e cinco pessoas presentes, sentadas numa grande configuração em círculo, e eu tinha um lugar ao lado do médium. O seu assento era uma simples cadeira de braços Windsor de madeira, com uma luz vermelha portátil virada para ela, cuja intensidade podia ser regulada por meio de um reóstato. Juntamente com outro participante, fui convidado para uma sala no andar de cima para revistar o «Willie», para garantir que não levava nada (instrumento ou dispositivo) para a sessão, e verificámos tudo. Nessa altura, os olhos dele já estavam semicerrados e respirava pesadamente ao começar a entrar num estado de transe. Conduzimo-lo para a sala de sessões e para a sua cadeira, onde uma das senhoras participantes coseu o casaco dele da bainha inferior até ao colarinho. Foi então amarrado à cadeira com cordas e as luzes da sala foram apagadas, deixando apenas a luz vermelha do reóstato que iluminava o médium. Nesta fase, via-se que ele balançava um pouco e respirava pesadamente. A esposa dele levou-nos então a cantar com a sua voz rouca e a sessão começou.

Alguns minutos de canto e depois a Sra. Olsen ordenou silêncio e o Willie começou a falar com um sotaque de escola pública cristalino, informando-nos que estava a ser controlado por uma entidade que se afirmava ser um cientista. Falou da sua intenção de demonstrar a extrusão de ectoplasma visível – a produção de vozes independentes (vozes independentes do médium) – a levitação de objetos e, finalmente, a levitação do médium na sua cadeira.

A Sra. Olsen recomeçou a cantar e assustou-nos a todos com a sua voz estridente, e todos nos juntámos. Suspiros pesados vinham do médium e depois, enquanto a cabeça dele rolava de um lado para o outro, ficámos todos em silêncio. Inclinei-me expectante para o rosto contorcido dele, bem iluminado pela luz vermelha, e vi uma substância branca filamentosa a sair da boca e das narinas. Cresceu rapidamente e estendeu-se para fora e para baixo, tremeluzindo constantemente em branco. Espalhou-se num largo semicírculo à volta dos pés do Willie, a apenas alguns centímetros dos meus. Tudo ficou então imóvel e notei que a substância parcialmente transparente, semelhante a gaze, pulsava ao longo da sua largura e comprimento, como se em uníssono com o batimento cardíaco do médium.

De repente, desapareceu. Fixei os olhos no rosto dele e vi ectoplasma a emergir novamente. Desta vez, formou uma estrutura semelhante a uma tromba de elefante e, enquanto balançava no ar à nossa frente, notei que se tinham formado pequenos ganchos semelhantes a dedos na sua extremidade. Observando espantado, vi a «tromba» curvar-se para cima e para trás sobre a cabeça do médium e como os pequenos ganchos se agarraram ao colarinho do casaco. Lentamente, a peça foi puxada para cima até ficar livre da cabeça do Willie e depois, num movimento convulsivo, a estrutura atirou-a para o chão no centro da sala antes de desaparecer rapidamente. Virando-me para o médium, vi que as pernas e os braços ainda estavam firmemente amarrados à cadeira.

Seguiu-se uma breve pausa nos procedimentos, após a qual uma corda de saltar que estava numa mesinha perto de mim foi erguida e começou a saltar pela sala. Isto era visível pela tinta luminosa nas pegas e todos podiam ouvi-la ao bater no chão. Um tamborim disparou então para o ar e começou a tocar, e dois sininhos com pontos luminosos tilintaram alegremente enquanto dançavam no ar. Durante todo este tempo, continuei a espreitar para o Willie sob o brilho da luz vermelha. Os efeitos acalmaram-se e aguardámos a fase seguinte da sessão, que veio rapidamente. Os dois megafones com marcas luminosas dispararam diretamente para o ar como foguetes e começaram a entrelaçar-se perto do teto alto. Desceram em voo picado e todos os participantes se baixaram enquanto passavam por nós sibilando – tão perto que sentíamos o vento que criavam.

Voaram, mergulharam, entrelaçaram-se e dançaram exuberantemente durante vários minutos antes de, finalmente, cada megafone assumir posições em lados opostos da sala e pairar à altura da cabeça. Agora, as vozes começaram e eu ouvia os sons de ambos os megafones. Por toda a sala, os participantes respondiam às vozes dos seus entes queridos. Dos megafones vinham vozes masculinas e femininas e o som de crianças a tagarelar entusiasticamente. Num momento, três vozes espirituais falavam simultaneamente com William Olsen à vista de todos.

Então, mais uma vez, a Sra. Olsen irrompeu em canto com todos a juntarem-se e depois a luz vermelha foi apagada. Alguns segundos depois, veio um clarão ofuscante de luz seguido de um estrondo ensurdecedor do outro lado do círculo.

Pediram as luzes e, enquanto piscávamos os olhos à luz, vimos que o médium, ainda firmemente amarrado à cadeira e em transe, fora levitado e depositado do outro lado do círculo de participantes. Estava em mangas de camisa e o casaco, ao ser examinado de perto, estava como antes, com a costura intacta. O médium foi libertado e levado para fora da sala, deixando os participantes a conversar excitadamente entre si.

Eventualmente, ele juntou-se novamente a nós e, enquanto todos desfrutávamos de uma chávena de chá, notei que parecia fresco como uma alface – positivamente radiante de saúde.

Mais tarde, no quarto de hotel dele, contou-me a história da sua vida – como descobrira os seus poderes após a morte do filho num acidente de viação. Falou-me do facto de a sua mediunidade ter sido testada muitas vezes, mas que nada satisfazia os investigadores. Falou de céticos a apontarem lanternas para ele durante sessões e da frustração sofrida e dos perigos representados por aqueles que se opunham à mediunidade física. Muitos eram espiritualistas que consideravam que a sua mediunidade era de uma forma inferior em comparação com a apresentação de filosofia abstrata em plataforma.

O Sr. Olsen foi finalmente arrastado para a cama pela esposa nas primeiras horas da manhã e fiquei a refletir sobre este homem extraordinário.

Acredito que a simplicidade era a chave dos seus poderes. Não estava interessado na mecânica envolvida na sua mediunidade e não permitia que a especulação se interpusesse no caminho dos fenómenos. Era um homem decente, honesto, bem-humorado que era simplesmente um canal sem questionamentos. Na verdade… Apenas William.

Durante a sua existência, a NAS recebeu muitos relatos ricos de maravilhas passadas em salas de sessões. Acredito que os incluídos aqui são representativos dos acontecimentos que podem manifestar-se com alguns dos médiuns físicos mais notáveis da história. Certamente, estes relatos só podem ser descartados por leitores que concluam que os informantes eram ou tolos crédulos que viram apenas o que esperavam ver, ou que eram desonestos.

Devido ao meu contacto próximo com três dos autores ao longo de vários anos, estou absolutamente convencido de que não eram nem uma coisa nem outra. Embora John Squires não me fosse pessoalmente

conhecido, era altamente considerado e respeitado por vários membros eruditos do comité da Ark.

Não é surpreendente que tais acontecimentos maravilhosos permanecessem cristalinos nas mentes daqueles que os testemunharam e que pudessem ser recordados muitos anos depois com clareza. Se houver alguma virtude e veracidade no testemunho humano, então, pelo menos, devemos certamente dar consideração séria a estes relatos, tendo em mente que são apenas alguns entre muitos.

1 Este livro é altamente recomendado a leitores que desejem saber mais sobre Hunter Selkirk. Editor: Craghead SNU Church, Front Street, Craghead, Stanley, Co. Durham – DH9 6DS. 2 Ao descrever-me este acontecimento maravilhoso em fita de correspondência áudio, Gene Woods insistiu que a mãe dele fora «exatamente» como ele e a irmã a recordavam. A aparência e o caráter dela deixaram-nos absolutamente sem dúvida de que era a mãe deles, em oposição a algum tipo de manequim ou simplesmente um impostor. Os três falaram juntos durante algum tempo sobre assuntos familiares etc. e ele disse-me: «Stewart, sem qualquer dúvida concebível, ela era a nossa mãe viva e respirante e não mudara de forma alguma».

CAPÍTULO 8
O Círculo Doméstico

Embora tivesse estado a participar regularmente em vários círculos domésticos desde 1969, só em 1988, após a nossa saída da loja de bicicletas, é que Ray e eu criaríamos o nosso círculo final. Reuníamo-nos numa pequena sala na casa de Ray e June durante mais de vinte e oito anos. Durante esse tempo, a composição do círculo permaneceu em grande parte inalterada. Os seus membros permanentes eram Ray (o nosso líder de círculo), June (esposa de Ray), a filha deles Denise, juntamente com a minha irmã Gaynor[1] e o meu irmão Michael.

Infelizmente, Michael teve de deixar o círculo em 2000 quando se mudou para Espanha. Em 2008, juntaram-se a nós a filha de Gaynor, Lindsey, e Chris e Jane Jackson, de York. No ano seguinte, o círculo aumentou novamente com a adição de Carol Petch. Mas agora estou a adiantar-me e devo regressar a 1993, pois foi nesse ano que fomos honrados com a visita de um senhor chamado Tom Harrison.

Tivera o primeiro contacto com Tom por carta, quatro anos antes, após ler o seu folheto *Visits by Our Friends from the Other Side*. Baseava-se nos seus diários, registos e recordações do círculo de materialização da mãe dele nas décadas de 1940 e 1950. Fiquei impressionado na altura pela sua óbvia sinceridade e pelos seus relatos extraordinários de encontros, em centenas de ocasiões, com as formas sólidas materializadas dos mortos vivos.

Infelizmente, como mencionei anteriormente, tais fenómenos, outrora considerados por muitos como a crème de la crème da mediunidade física, quase desapareceram nesta última metade de século. Sabia que podia aprender muito com Tom, um dos seus últimos testemunhos sobreviventes.

Tom nascera numa família espiritualista em 1918. A mãe dele, Minnie Rose, desenvolvera os seus dons mediúnicos naturais desde a infância. Aos quatro anos, sentara-se no colo da mãe no círculo doméstico da família, antes de ela se tornar médium. Após ser desmobilizado do exército em 1946 com a patente de major, regressou a casa em Middlesbrough, onde, durante alguns anos, trabalhou na indústria. No entanto, durante esse período e semanas após deixar o exército, o círculo doméstico com a mãe como médium começara.

Talvez, em vista de desenvolvimentos posteriores no círculo, Tom estivesse destinado a devotar a sua vida futura à causa espiritualista. De facto, foi em 1966, apenas três anos após o lançamento de um restaurante gerido pela família, que o destino interveio. Foi-lhe oferecido e aceitou o cargo de Gestor Fundador do Arthur Findlay College em Stansted Hall. Durante o tempo de Tom lá, viajou pelo país para falar sobre a mediunidade notável da mãe e o círculo dela, no qual tivera o privilégio de testemunhar fenómenos tão maravilhosos. (Mais sobre isto no Capítulo 14.)

Em 1991, Tom e eu finalmente encontrámo-nos. Ouvi-o dar uma palestra num seminário inicial da Noah's Ark Society e imediatamente criámos uma amizade.

Então, a 19 de abril de 1993, ele fez a longa viagem da sua casa perto de High Wycombe, em Buckinghamshire, para se sentar com o nosso círculo.

Nessa noite, todos nos sentimos privilegiados por o ter ali e acolhemo-lo como um hóspede altamente honrado. Embora não caiba a mim registar aqui os acontecimentos dessa sessão em particular[2], posso afirmar que depois disso ele visitava regularmente o Norte e o nosso círculo.

[1] Nota do tradutor: No original, "Gaynor,1" – o "1" parece ser uma referência a uma nota de rodapé, mas como não há nota correspondente no texto fornecido, mantém-se como está, presumindo ser parte do nome ou erro tipográfico.

[2] Nota do tradutor: No original, "sitting,2" – novamente, referência a nota de rodapé ausente; mantém-se a estrutura.

Essas visitas eram principalmente para dar as suas célebres e hipnotizantes palestras sobre as sessões espíritas da mãe, onde, anos antes, ele tivera a experiência única de testemunhar mais de 1500 materializações de homens, mulheres e crianças. E foi numa dessas palestras que ele conheceu a sua futura esposa, Ann, que vivia numa aldeia nos arredores da minha cidade natal. A partir daí, as suas visitas ao Norte e ao nosso Círculo tornaram-se mais frequentes e, em 1995, ele acabou por se mudar para a zona para viver com Ann. Então, para nossa alegria, acolhemos ambos como membros permanentes do círculo. Embora Ann nunca tivesse experienciado antes fenómenos físicos, não demorou muito até que se adaptasse a eles como o proverbial pato à água. Cinco anos depois, porém, mudaram-se para Espanha; mas sempre que voltavam ao Reino Unido

visitavam o círculo. Infelizmente, Tom fez a sua transição para a vida superior em 2010.

Após a sua partida, Ann «pegou nas rédeas» e continuou a apresentar as suas palestras. Hoje, o seu conhecimento sobre a notável mediunidade da mãe de Tom é extenso. Mas, mais uma vez, estou a adiantar-me e vou agora regressar a agosto de 1998, quatro anos depois de Ann se ter juntado ao Círculo. Numa sessão específica, na ausência da minha irmã Gaynor, ela foi convidada a sentar-se ao meu lado esquerdo, que era o lugar habitual de Gaynor no círculo. Ali, teve uma experiência notável. Aqui está o que aconteceu nas suas próprias palavras: Relato de Ann A meio da noite, Freda (uma comunicadora espiritual) pediu-nos que testássemos a luz vermelha (montada na parte inferior da mesa de vidro – situada em frente a Stewart) para que pudessem avaliar o brilho que o ectoplasma seria capaz de suportar durante a sessão.

Depois, à medida que o ectoplasma era extraído de Stewart, através do umbigo, segundo nos disseram, podíamos ouvi-lo a crepitar e a estalar, e Michael brincou dizendo que era o pano de queijo que os médiuns supostamente mantêm em segredo para produzir as suas «aparições». Comentei que soava mais como celofane enrugado e Tom disse que era exatamente como se lembrava de há 50 anos. Nessa noite, conseguimos aumentar a luz, mais brilhante do que nunca, e ver uma massa amorfa de ectoplasma, em silhueta, contra a mesa iluminada por baixo. Depois, formou-se numa pinça com a qual poderia ter sido apanhado um «trompete».

Freda instruiu-nos a apagar a luz e pediu-me que estendesse a mão, mas com a palma virada para cima. Estendi a mão direita em direção a Stewart. O meu pulso foi agarrado por dedos fortes, de modo que não conseguia mexer. Stewart, como de costume, estava firmemente amarrado à cadeira com cordas, e os braços presos aos braços da cadeira com abraçadeiras de cabo resistentes, pelo que não poderia ter sido a mão dele a agarrar o meu pulso. Depois, senti algo a mover-se sobre os meus dedos. Em textura, era como um pequeno saco de plástico fino cheio de líquido gelatinoso. O «saco» rolou para cima e para baixo sobre os meus dedos e, de repente, desapareceu e o meu pulso foi libertado. Pus a mão de volta no joelho. Freda falou: «Mais uma vez, Ann.» Estendi a mão e, novamente, dedos agarraram o meu pulso. Desta vez, pareceu-me um pedaço de «pano»

fino mas um pouco áspero que foi colocado e depois puxado sobre os meus dedos.

Disse aos outros: «Algo está deitado sobre a minha mão. É como pano.» Imediatamente, veio a resposta de Freda: «Como pano de queijo.» Sim, era! E sentia-se bastante diferente de uma ocasião anterior em que parecera exatamente voile de seda. Tão rapidamente como viera, desapareceu. Ouvimos Freda novamente: «Então, vamos experimentá-lo no que, suponho, poderia ser descrito como o seu estado desmaterializado. Ou seja, o estado antes de assumir uma forma sólida. Dê-me a sua mão outra vez, Ann. Tem de dizer a todos aqui se consegue sentir algo.» Quando estendi a mão desta vez, além de ser segurada pelo pulso, outros dedos agarraram as pontas dos meus dedos. Ouviu-se um leve som de regurgitação de Stewart e, depois, veio ar fresco sobre a minha mão. Muito suavemente, uma bela brisa fresca fluía sobre a minha mão.

A sensação é difícil de descrever porque não era nada como alguém a soprar na mão, mas mais como o ar frio que flui sobre nós quando abrimos o congelador. Continuou durante alguns segundos antes de eu perceber que o frescor diminuía e a «brisa» se tornava bastante quente. A minha mão foi libertada e baixei o braço. Mais uma vez, fui honrada. Deram-me a experiência que tão poucas pessoas têm – saber o tato dessa substância raríssima – o ectoplasma. Já o sentira antes como carne quando Walter, outro membro da equipa espiritual, me convidara a tocar o dorso da mão dele quando a materializara contra a mesa iluminada por baixo.

Mas ser tão confiada e amada a ponto de me darem essa experiência única daquela noite foi uma maravilha. Sinto que me deram estes incríveis «encontros próximos» por causa do contacto que tenho com as pessoas quando Tom dá as suas palestras sobre a mediunidade da mãe. Poder transmitir-lhes quão perto estão realmente os nossos amigos espirituais e o que é possível entre nós quando há dedicação ao propósito unida ao amor, harmonia e confiança.

Desde 1988, com um círculo estabelecido e duradouro e um local permanente, o meu desenvolvimento mediúnico continuou numa atmosfera de estabilidade, sob a direção orquestrada do Espírito. Nunca pensámos em termos de «nós e eles»; antes, sempre foi uma aventura partilhada. Os nossos amigos espirituais falam frequentemente da «nossa equipa» e da «equipa deles» e de como, uma vez fechada a porta da sala de sessões e aberto o círculo, as duas equipas se fundem para se tornarem uma só.

Sempre a nossa intenção combinada foi fazer tudo o que pudéssemos para servir a grande realidade imutável.

O mundo espiritual manteve consistentemente que o nosso trabalho não beneficia apenas as pessoas que vêm ter connosco na esperança de que os seus entes queridos possam comunicar, mas também pessoas dentro da sua realidade, dentro do seu mundo, que estão igualmente ansiosas por fazer uma ligação. Ao longo dos anos, observámos o progresso lento mas constante do círculo e como as manifestações físicas existentes, embora muitas vezes repetitivas, se expandiram para incluir novos níveis de comunicação física. Claro que houve muitas ocasiões em que as sessões do círculo caseiro pareceram em branco e acredito que sempre assim será. A comunicação entre dois mundos é ténue; é frágil e, francamente, temos pouca noção das condições que a podem afetar e influenciar. Tudo o que podemos fazer – tudo o que alguma vez podemos fazer – é trabalhar em plena cooperação com as pessoas espirituais e dar sempre o nosso melhor.

Katie Halliwell Após uma sessão, já me informaram em algumas ocasiões de que ocorreu um acontecimento extraordinário na sala de sessões que transcendia os fenómenos que passáramos a considerar normais. Embora seja verdade que qualquer comunicação com o mundo espiritual é em si maravilhosa, esses eventos impressionaram-me particularmente e destacaram-se por serem invulgarmente notáveis. Um deles envolveu Katie Halliwell, que desde o nascimento é profundamente surda em ambos os ouvidos e depende inteiramente dos seus aparelhos auditivos. Após uma série de sessões privadas e públicas com o nosso círculo, Katie inspirou-se a escrever notas soltas sobre as suas experiências para a família e amigos, apenas para descobrir que eles não conseguiam compreender nem apreciar a realidade das suas experiências – uma reação comum.

Como podem, de facto, aqueles sem conhecimento ou experiência de tais assuntos aceitar que os mortos regressam à sala de sessões para falar com as suas próprias vozes e aparecer como seres humanos sólidos de carne e osso, animados?! E assim nasceu a ideia de um livro com transcrições acompanhantes e CDs de vozes espirituais gravadas. Katie juntou primeiro três livros curtos que foram combinados num único volume e atualizados em 2020. O seu livro apresenta um registo sincero da experiência única de uma mulher com a mediunidade física. Com a permissão de Katie, apresento abaixo a sua breve descrição da sua primeira

sessão com o círculo,3 não porque fosse de alguma forma invulgar como sessão, mas porque teve um impacto direto no curso futuro da sua vida. Está diretamente ligada ao seu segundo relato4 em que informa os leitores de um fenómeno muito singular que continuou a repetir-se sempre que se senta connosco.

Relatório de Sessão; 8 de julho de 1999 Originalmente publicado em Katie Halliwell: Experiências de Transe, Mediunidade Física e Fenómenos Associados com o Círculo de Stewart Alexander; Parte Um (Edição Revista) 2018 São 10h do dia 9 de julho de 1999 e estou sentada numa área de piquenique a olhar para o lago em Burton Agnes Hall, no East Yorkshire.5 Há uma brisa fresca adorável e hoje é muito especial. Escrevo estas notas com um sentimento de euforia e com lágrimas de felicidade nos olhos. Há muitos anos que me interesso pela possibilidade de uma vida após a morte. Visitei igrejas espiritualistas, tive sessões privadas com médiuns e li muito sobre mediunidade física. No início deste ano, reservei, através da Noah's Ark Society, um lugar num círculo caseiro. O médium era o Sr. Stewart Alexander. Nunca testemunhara pessoalmente fenómenos de sala de sessões físicas e nunca me sentara na escuridão absoluta. Não estava nervosa com essa perspetiva, mas estava bastante apreensiva, embora excitada ao mesmo tempo.

Neste ponto, devo mencionar que sou muito surda e estava preocupada por talvez não conseguir ouvir as vozes espirituais no escuro. Sabia, claro, que a leitura labial não seria possível. Ontem à tarde, cheguei ao meu hotel em Hull e, após uma refeição, telefonei a Ray Lister (o líder do círculo) para lhe dizer que chegara. Pouco depois, ele veio buscar-me ao hotel. Para meu alívio, achei-o adorável e de coração quente, com uma personalidade feliz, o que me pôs logo à vontade. Em casa dele, fui apresentada aos membros do círculo e conversámos um bocado. Infelizmente, não conseguia acompanhar a conversa em grupo e estava preocupada por não conseguir ouvir na sessão. No entanto, Ray disse-me para não me preocupar, pois sentar-se-ia ao meu lado e interpretaria para mim se necessário. Às 20h, fomos todos para a salinha no segundo andar onde a sessão ia realizar-se. Stewart foi firmemente amarrado à cadeira e reparei que colados aos joelhos dele havia dois separadores luminosos que conseguia ver claramente quando as luzes foram apagadas. Via também a tinta luminosa nas partes largas dos dois trompetes e estava inteiramente satisfeita por ninguém na sala poder mover-se sem tropeçar em algo. Um

membro do círculo abriu a sessão com uma oração e depois tocou-se música suave.

Pouco depois, a voz do índio norte-americano, White Feather, começou a falar, aparentemente do ar, e deu as suas bênçãos à reunião. Comentei então o volume alto da voz, que tanto me surpreendera. Ray respondeu que ele era o mais quieto. Depois, uma criança começou a falar. Era Christopher. Uma alma amorosa, alegre e risonha que nos pôs a todos à vontade muito rapidamente. A atmosfera era de amor e toda a minha apreensão anterior simplesmente desapareceu. Após o rapazinho, veio outra comunicadora regular, conhecida como Freda, que passou algum tempo a falar com várias pessoas. Depois, Ray foi convidado a tocar música no leitor de cassetes e logo um trompete começou a flutuar no ar e, pouco depois, o outro juntou-se a ele. Ambos moviam-se acima de nós e um subiu até ao teto. O outro fazia movimentos rápidos ao aproximar-se de um sentado após outro. E então um abrandou e pairou em frente a mim. Ray comentou que estava a olhar para mim e eu respondi: «sim, está».

Depois, o trompete tocou lenta e diretamente no meu braço esquerdo e acariciou-o suavemente enquanto o sino que estava na mesa da sessão começou a tocar e as baquetas começaram a tocar. Walter, outro membro da equipa espiritual responsável por todos os fenómenos físicos, pediu que a mesinha fosse colocada em frente a Stewart. Fui chamada para a frente e instruída a sentar-me de frente para o médium do outro lado. A luz da mesa foi então ligada e pude ver o ectoplasma rolar para a mesa. Parecia espesso como pasta, uma espécie de névoa espessa e em alguns lugares era transparente. Senti-me privilegiada por testemunhar isso e logo vi um dedo formar-se da substância e depois apareceu um polegar e outro dedo. Em breve, uma mão materializada totalmente formada estava à minha frente e tocou nos meus dedos e acariciou o dorso da minha mão. Esperava que o ectoplasma fosse húmido, frio e viscoso, mas, para minha surpresa, não era. A mão – como o próprio Walter disse – pareceria perfeitamente normal e, de facto, era. Saí daquela sessão maravilhosamente eufórica. Senti-me tão privilegiada por ter sido tocada pela mão de Walter; por ter sido tocada pela mão de uma alma do mundo espiritual.

Termino este relatório enfatizando o amor extremo que as pessoas espirituais expressaram ao longo de tudo e o cuidado e consideração que tiveram pela minha deficiência auditiva. Ajuda e Cura do Mundo Espiritual – 2000 a 2003. Originalmente publicado na Parte Dois da trilogia de Katie

Halliwell, 2006. Sou profundamente surda em ambos os ouvidos e ouço muito pouco som sem os meus aparelhos auditivos. Sou surda desde o nascimento, mas como a minha fala é bastante normal, as pessoas muitas vezes não se apercebem de quão surda sou. Durante a minha infância precoce, não conseguia falar corretamente e tive de fazer terapia da fala, que continuou depois de ser transferida para a Odsal House School for the Deaf em Bradford. Como não consigo ouvir corretamente, desenvolvi o hábito de captar fragmentos de conversa e depois tento perceber o que está a ser dito.

No entanto, por estar preocupada desta forma, muitas vezes perco o fio da conversa e, como resultado, não consigo participar tanto quanto desejaria. As pessoas espirituais estão muito cientes disto e sabem e apreciam que a minha audição é gravemente prejudicada. Lembro-me de quão apreensiva e preocupada estava na primeira ocasião em que me sentei com Stewart, sem saber se conseguiria ouvir algo. Estava preocupada porque sabia que estaria sentada na escuridão total e não poderia usar os meus outros sentidos. Não poderia ler os lábios nem observar as expressões faciais das pessoas e procurar sinais de que estavam a falar comigo. No entanto, não precisava de me preocupar. Freda perguntava muitas vezes aos membros do círculo se eu a conseguia ouvir e eles faziam o possível para interpretar para mim. Mal sabia eu, na altura, quanta ajuda e cura receberia das pessoas espirituais no futuro.

Numa sessão a 4 de maio de 2000, Walter deu-me a notícia de que, embora as minhas palavras faladas e escritas sobre a sobrevivência chegassem e tocassem muitas pessoas, nunca seria possível corrigir a minha deficiência auditiva. Ao ouvir isto, percebi que nunca seria curada e, embora Walter continuasse dizendo que «fariam tudo o que pudesse ser feito», o meu pensamento imediato foi que ajudariam falando sempre devagar e pedindo aos membros do círculo que interpretassem. Mal sabia eu, na altura, que preparações estavam a ser feitas no mundo espiritual. Em sessões subsequentes, a minha audição melhorou gradualmente na sala de sessões.

Compreendi que isto era conseguido por meio de um mecanismo auditivo criado pelo mundo espiritual e descrito como tubos que se originavam dentro do gabinete e estavam ligados aos meus ouvidos. Seja qual for a verdade, o facto permanece: enquanto sentada na escuridão da sala de sessões, experimento invariavelmente uma forte sensação de

pressão na parte de trás e no topo da cabeça. Sinto como se estivesse a usar um chapéu. A sensação é tão forte que instintivamente quero levar a mão, mas sei que não devo fazê-lo quando a energia ectoplásmica está presente. No entanto, o facto é que, na sala de sessões, a minha audição melhora de forma inexplicável a tal ponto que consigo conversar com as pessoas espirituais sem qualquer ajuda dos membros do círculo.

Numa sessão a 13 de maio de 2003, Walter explicou: «Katie, deve compreender que sempre que sabemos que vai juntar-se a nós, ao longo do dia criamos condições especiais na sala de sessões que mais tarde lhe permitirão ouvir.» Continuou exclamando: «Se ao menos pudesse passar toda a vida aqui, não teria qualquer problema com a audição.»

Mais tarde, em 2003, Walter dirigiu-se a Tom Harrison com estas palavras: «Sabe que a nossa amiga Katie é, de muitas formas, profundamente surda. No entanto, quando entra nesta sala, onde os nossos dois mundos se encontram e se fundem, então – por causa do trabalho que fez para informar as pessoas sobre a sobrevivência e a comunicação, e que continuará a fazer – é de vital importância que consiga ouvir tudo o que acontece. Por essa razão, os cientistas do meu mundo ligados ao círculo desenvolveram um método pelo qual, uma vez aqui dentro e com a luz apagada, ela ouvirá. Isso, por si só, demonstra claramente o poder do Espírito. Sabemos que há muitos no vosso mundo que sempre procurarão avançar teorias e explicações normais para explicar os fenómenos físicos da sala de sessões, por mais ridículas ou inadequadas que sejam. Mas que expliquem isso, Tom!»

Devo mencionar que, embora o mundo espiritual me tenha garantido que uma cura para a minha condição não seria possível, parece ter havido uma melhoria. No ano 2000, forneceram-me um conjunto de aparelhos auditivos digitais que, ao contrário dos antigos analógicos, não tinham função de controlo manual. Estes foram ajustados por computador para corresponder ao meu grau de surdez e o chip dentro deles regulava o nível de som. Até junho/julho de 2004, estava bastante satisfeita com eles e, depois, o direito tornou-se desconfortavelmente alto. Não podia reduzir manualmente o volume e, como resultado, muitas vezes tinha de o remover. Não apresentava qualquer avaria e, como surgiram problemas (particularmente no trabalho), foram feitos arranjos para testar novamente a minha audição. Isso revelou que a audição no meu ouvido direito

melhorara. Como resultado, o aparelho teve de ser reajustado por computador para reduzir o nível de som.

Desde então, tenho ficado a pensar se a melhoria ocorreu como resultado de cura espiritual! Certamente não sou uma pessoa que chega facilmente a conclusões e aceito o facto de que, muito provavelmente, permanecerei sempre surda. No entanto, não posso ignorar a evidência externa que indica que ocorreu uma melhoria gradual.

Tendo agora dado ao leitor um aperitivo dos aspetos positivos e construtivos do círculo caseiro e da minha mediunidade, no próximo capítulo pretendo lidar brevemente com um aspeto que alguns leitores podem considerar algo desagradável.

Isso, no entanto, será equilibrado pelo Capítulo 11, no qual apresento um artigo, publicado pela primeira vez na Paranormal Review, a revista da SPR. Descreve com algum detalhe os eventos típicos de uma das minhas próprias sessões públicas e o protocolo e as condições em que se realizam. Os leitores poderão então compreender mais plenamente a natureza da minha mediunidade. O seu autor, o engenheiro de investigação eletrónica reformado Lew Sutton, esteve nas minhas demonstrações públicas muitas vezes ao longo dos últimos quinze anos.

1 A minha irmã Gaynor esteve tragicamente envolvida num acidente de viação e passou para o mundo espiritual a 7 de fevereiro de 2009. 2 Os leitores interessados encontrarão um relato detalhado da sessão no livro de Tom Life After Death: Living Proof (Saturday Night Press Publications, 2008). 3 3.ª Edição Publicada pela Saturday Night Press Publications. 2008 (1.ª e 2.ª Edições publicadas de forma privada; 2003, 2004). 4 Experiences of Trance & Physical Phenomena etc. – Parte Dois – Publicada pela Saturday Night Press Publications: 1.ª edição 2006: edição revista 2008 5 Uma bela casa elisabetana aberta ao público. Notas de rodapé: Em 2016, Ray e a esposa June colocaram a casa no mercado e, compreensivelmente, tiveram de converter o quarto usado há muito para as nossas reuniões de sessões de volta num quarto de dormir. Felizmente, a membro do círculo Carol Petch tinha um quarto sobrante em casa e disponibilizou-o exclusivamente para as nossas futuras reuniões do círculo. Além disso, nos últimos anos, a composição do círculo mudou. Devido a pressões de trabalho, Chris e Jane Jackson deixaram o círculo em 2015, mas foram eventualmente

substituídos por duas senhoras adicionais, Emily e Diane. Felizmente, muito rapidamente, a sua presença acrescentou à atmosfera harmoniosa do círculo, de modo que, na prática, o contacto com a equipa espiritual permaneceu positivo e inalterado. Pouco depois, Lindsey emigrou para a Austrália, mas foi substituída pela irmã mais velha Lisa até dois anos depois, quando compromissos de trabalho tornaram impossível para ela continuar a assistir. No entanto, houve uma nova adição ao círculo: Danny, o companheiro da membro existente Denise, e Shelby, a filha de Denise. Apesar dessas mudanças inevitáveis, felizmente o Círculo permaneceu estável e dedicado, e continua a reunir-se todas as semanas para desfrutar da sua ligação única com os reinos espirituais – de facto, é muito um aspeto enraizado em todas as nossas vidas. Na altura da impressão, a Trilogia de livros de Katie Halliwell está a ser revista e condensada num único volume intitulado: Experiences of Trance, Physical Mediumship and Associated Phenomena with the Stewart Alexander Circle: Parts One, Two and Three: Revised and Updated.

CAPÍTULO 9
Um Problema Endémico

Neste capítulo, pretendo responder a acusações passadas de impropriedade dirigidas à minha mediunidade. Preocupa-me que exista uma distinta possibilidade de, em algum momento futuro, surgirem novas alegações de práticas duvidosas, lançando assim uma sombra de dúvida sobre o meu trabalho como médium. Sabendo que introduzir tal material aqui quase certamente se revelaria controverso, hesitei consideravelmente antes de finalmente tomar a decisão de o incluir. A razão informou-me de que não tinha outra opção senão enfrentar os factos em torno de tais assuntos, independentemente de quão difíceis e desconfortáveis pudessem ser. Dito isto, é a minha fervente esperança que, ao abordar questões tão vitais, garanta que terei uma voz no futuro que talvez contribua de alguma forma para contrariar críticos passados e antecipar potenciais.

Como repetidamente salientei, é compreensível por que razão a controvérsia nunca esteve longe da mediunidade física, especialmente devido à sua sala de sessões escura. Infelizmente, imagino que sempre assim será. Como a história ilustra clara e repetidamente, isto é lamentavelmente endémico a tal mediunidade. Embora aceite plenamente

isto, o meu receio é que, quando já não estiver aqui para me defender, possam surgir alegações envolvendo a minha mediunidade; de facto, ficaria bastante surpreendido se não surgissem. O facto é que qualquer pessoa pode alegar fraude e fá-lo-á por uma variedade de razões, a maioria das quais mencionei noutro local. Na minha mediunidade, não incluindo o investigador da SPR descrito no Capítulo 5, insinuações foram feitas apenas em duas outras ocasiões, com muitos anos entre elas. Para demonstrar que nada foi omitido deste livro – que não procurei esconder factos desconfortáveis – tocarei brevemente nelas agora. Ao fazê-lo, fico feliz por deixar a si – o leitor – decidir se alguma, ou ambas, tinham algum mérito.

O que não posso transmitir é o sentimento de devastação total e turbulência emocional que causaram, não apenas a mim pessoalmente, mas a todos os membros do círculo caseiro. De facto, como rapidamente descobrimos, basta uma única acusação para desequilibrar e superar mil relatórios positivos obtidos ao longo de muitos anos. A primeira envolveu duas senhoras da mesma família que vieram ao nosso círculo de convidados há alguns anos. Foram acompanhadas por um senhor idoso não relacionado que por acaso vivia perto delas e que, coincidentemente, reservara um lugar no círculo para a mesma noite. Portanto, viajaram juntos. O que não sabíamos era que, alguns meses antes, a esposa do senhor idoso falecera. O círculo nessa noite pareceu correr bem e, perto da conclusão, a esposa do homem manifestou-se e falou com ele. Compreensivelmente, ele ficou extasiado. Após o fim da sessão, transbordava de alegria. Algumas palavras da esposa significaram literalmente o mundo para ele.

Claro que todos partilhámos o seu prazer, separando-nos nessa noite sabendo que este evento, como muitos outros que testemunháramos antes, mudara fundamentalmente a vida dele. No entanto, a nossa alegria seria de curta duração. Na tarde seguinte, uma das senhoras telefonou a Ray Lister, o nosso líder do círculo, insistindo que tinham visto através de tudo – que a sessão fora fraudulenta do início ao fim. Informou-o de que falara com um amigo que por acaso era investigador psíquico. Aparentemente, ele pedira-lhe que explicasse em detalhe os eventos da sessão. Ela informou-o de que Ray e eu entráramos na sala de sessões primeiro – vários minutos antes de os sentados serem convidados a entrar. «Bem, então, essa é a resposta»,

explicara o investigador. Aparentemente, fora flagrantemente óbvio para ele que, enquanto sozinhos, Ray e eu fizéramos as nossas preparações.

Os trompetes tinham sido presos a fios e, depois, sob o manto da escuridão, era assim que os manipuláramos. Outras explicações igualmente ridículas foram sugeridas para explicar todos os eventos que ocorreram e, previsível mas não surpreendentemente, os fenómenos que ele não conseguira descartar com uma explicação superficial (incluindo as comunicações pessoais) foram convenientemente ignorados. A minha própria angústia ao ouvir isto foi considerável. Mas o que mais me perturbou foi o próprio pensamento de que tal tolice perturbadora pudesse afetar o senhor idoso (caso escolhessem partilhá-la com ele) e pudesse angustiar a esposa dele, que, na noite anterior, fizera esforços tão valentes para comunicar com ele do mundo espiritual. Se ele foi informado, não faço ideia, mas, se assumirmos que sim, seria impossível imaginar a confusão angustiada que deve ter sofrido.

Talvez igualasse a minha! De facto, fiquei tão angustiado que imediatamente cessei todo o trabalho público durante quase um ano, até que finalmente me apercebi de que essas pessoas, com um golpe, tinham parado tudo o que era bom e precioso. Na prática, parara porque duas senhoras e um suposto investigador, que nem sequer estivera presente e nunca se sentara comigo, presumiram fraude. Eventualmente, cheguei à conclusão de que, ao recusar-me a sentar novamente para o público, estava, na prática, a privar o mundo espiritual da oportunidade de alcançar muitas pessoas com a sua mensagem gloriosa. Pouco depois, comecei a sentar-me novamente.

A segunda alegação mais recente veio de um grupo espiritualista que, eles próprios, se reunira durante um longo período para desenvolver mediunidade física. De facto, antes e após a sessão que tiveram connosco, regalaram-nos liberalmente com relatos dos maravilhosos fenómenos que manifestavam regularmente no seu próprio círculo semanal, incluindo o fenómeno excessivamente raro de materialização. Na altura, achei estranho que tivessem escolhido viajar uma distância considerável para assistir a uma sessão comigo quando, aparentemente, experienciavam regularmente, no seu próprio círculo, manifestações tão maravilhosas.

Após a sessão nessa noite, continuaram a descrever em algum detalhe os seus próprios fenómenos enquanto o médium deles dizia muito pouco e simplesmente sorria ao longo de tudo. Mais uma vez, perguntei-me por que

razão tinham vindo ter connosco. Seja qual for o motivo (e aqui tenho os meus próprios pensamentos), poucos dias depois, o nosso líder do círculo recebeu uma comunicação deles expressando efetivamente a sua deceção com a sessão e insinuando fraude. Após ler o email várias vezes, para além dos meus sentimentos de total turbulência interior, não tinha a certeza se sugeriam que eu era o único responsável ou se fora uma espécie de esforço combinado – que os meus próprios membros do círculo tinham conspirado comigo para produzir manifestações duvidosas e/ou falsas e que todos éramos cúmplices no que claramente alegavam ter sido uma espécie de engano.

Falaram de terem ouvido passos à volta da sala de sessões. Afirmaram que, de alguma forma, eu libertara uma mão do vizinho à mesa iluminada para que a mão que aparecera sobre ela, em vez de ser a de Walter, tivesse na realidade sido a minha, ou talvez uma que pertencesse a outro membro do círculo. Afirmaram ainda que as supostas pessoas espirituais pareciam seguir uma espécie de guião, cujo conteúdo variara pouco de uma ocasião anterior (alguns meses ou anos antes) quando um do grupo deles se sentara comigo. Os comunicadores pessoais também foram descartados porque aparentemente não soavam como quando estavam na Terra.

Com incredulidade, li e reli a análise da sessão e, em última instância, senti-me impelido a responder, tal como o nosso líder do círculo. Serviria de pouco propósito detalhar aqui a minha resposta. Mas aprendi uma lição valiosa de todo o episódio, e foi esta: se as pessoas assistem a uma sessão física à procura de «falhas», encontrá-las-ão. Se nenhuma for encontrada, criá-las-ão. Ao encontrá-las ou criá-las, os acusadores recusar-se-ão a enfrentar os factos que falham totalmente em encaixar de forma ordenada nas suas próprias conclusões. E nem lhes ocorrerá que literalmente milhares de sentados antes deles não conseguiram identificar as falhas imaginadas.

A suposição, nas suas mentes, torna-se certeza. A mera conjetura converte-se convenientemente em facto. Se isto pode ser considerado um ato puramente intencional que oculta motivos escondidos ou um inconsciente, não faço ideia; só sei que o bom senso sugere que, em tais assuntos, onde a natureza humana está em causa, não há respostas fáceis.

Em tais situações, relatórios previamente publicados sobre os protocolos e controlos impostos nas minhas sessões não valerão nada. Serão ignorados. Por exemplo, no caso da mão materializada de Walter,

muitas vezes ambas as minhas mãos estão firmemente amarradas à cadeira e claramente vistas como sendo seguradas pelos meus vizinhos imediatos e a mão de Walter, como descrita por testemunhas que são ocasionalmente convidadas a segurar a mão dele, não se assemelha à minha. Além disso, em ocasiões, eu, juntamente com os membros do meu círculo, colocámos ambas as minhas mãos na borda da mesa durante o processo de materialização, de modo que as nossas mãos foram visíveis simultaneamente com a mão de Walter.

Mas o crítico não prestará atenção a isto, independentemente de quem o relate ou quão objetivo seja, se ele ou ela não o observar pessoalmente. Compreendo a dificuldade para aqueles que não experienciaram estas manifestações notáveis em aceitar a sua realidade, porque contradizem o que entendemos ser possível de acordo com o que muitos cientistas nos dizem. Sim, idealmente, precisamos de as experienciar por nós mesmos. Mas não é isso que descrevo aqui. Refiro-me a um descarte direto e ignorante. Uma mente aberta deve prevalecer, e tal negatividade e arrogância não se justifica, especialmente porque tanto sobre a minha mediunidade foi cuidadosamente documentado ao longo de um longo período de tempo.

Da mesma forma, as vozes de comunicadores pessoais, usando o meu aparelho vocal para tentar comunicar, são sumariamente descartadas com base no facto de não corresponderem às terrestres. Pouca ou nenhuma consideração é dada às dificuldades envolvidas em tais comunicações, das quais sabemos virtualmente nada. Na verdade, estes comunicadores usarão muitas vezes linguagem muito pessoal ou alcunhas conhecidas apenas pelo destinatário, o que os identifica claramente. Tal crítica «ultrapassa a crença» pois, na minha opinião, é semelhante a um milagre se os comunicadores conseguirem proferir uma única palavra.

Embora por vezes em sessões públicas haja ocasionalmente semelhanças no conteúdo de comunicação verbal vindo da minha equipa espiritual regular, e também na apresentação de fenómenos físicos, pode legitimamente argumentar-se que tal não é exatamente surpreendente. Os factos são que, ao longo de muitos anos, as pessoas espirituais desenvolveram «uma fórmula» e, embora haja sempre uma variação no conteúdo da sessão, tendem a seguir um padrão estabelecido.

O crítico também ignorará prontamente que, ao longo de muitos anos, dediquei a minha vida à «grande causa» – e servi o mundo espiritual da

melhor forma possível. Durante muitos desses anos, o meu líder do círculo Ray e a esposa June sentaram-se lealmente ao meu lado a fazer exatamente o mesmo. Durante quase trinta anos, para além do círculo caseiro, sentei-me semanalmente para o público na nossa sala de sessões do círculo caseiro e também em locais por toda a Inglaterra, Escócia e País de Gales. Sentei-me na Suécia, na Suíça, na Alemanha e em Espanha. Sentei-me para grupos de pessoas que variavam de dez a mais de cem. Sentei-me para espiritualistas, para céticos, para investigadores individuais e organizações parapsicológicas; em igrejas espiritualistas, salas de palestras e casas privadas.

Sentei-me em condições ideais e em condições não exatamente propícias ao trabalho de sessões.

Repetidamente, testemunhei como vidas foram mudadas. No entanto, tais céticos claramente têm a confiança, após uma breve associação com a minha mediunidade (ou nenhuma), para nos acusar e declarar que «viram através de tudo». Os leitores podem formar as suas próprias conclusões! Embora devesse estar orgulhoso por acusações de impropriedade ou imputações de dúvida de qualquer tipo raramente terem sido associadas à minha mediunidade, o facto é que considero qualquer alegação altamente dececionante e desagradável.

No entanto, na arena da mediunidade física pública, uma reputação relativamente limpa é de facto notável, e por isso devo estar grato.

E assim, aos críticos desinformados – passados e futuros – digo simplesmente isto: Este livro, da primeira à última palavra, apresenta tudo o que desejo dizer sobre a questão controversa da mediunidade física, particularmente no que respeita à minha própria.

Têm direito às vossas opiniões, mas respeitosamente pedir-vos-ia que considerassem a viabilidade das vossas conclusões adversas contra tudo o que está contido aqui, pois é a minha sincera esperança que este livro, pelo menos, apele a todas as mentes razoáveis.

Não posso dizer mais do que isso!

CAPÍTULO 10
Comunicações Comprovativas

Durante os meus anos na Noah's Ark Society, recebemos várias comunicações notáveis e altamente evidenciais no nosso círculo caseiro que só foram confirmadas depois, numa data posterior. Embora outras comunicações semelhantes pudessem ter sido incluídas neste capítulo, selecionei três que acho invulgares e merecem ser registadas para a posteridade.

O capítulo concluirá com relatos de três experiências bastante únicas – não comunicações verbais pós-morte na sala de sessões, mas eventos que apoiam fortemente a realidade supranormal de aspetos particulares dos fenómenos físicos manifestados.

No entanto, devo primeiro descrever brevemente a interação dos dois mundos tal como existia e se manifestava através da minha mediunidade durante o meu envolvimento com a Sociedade, e como continua no presente.

White Feather, que durante alguns anos foi o nosso único comunicador, foi acompanhado em 1982 pela personalidade maior que a vida Lila Josephs, que apresentei no Capítulo 3. Um ano depois, foi substituída pelo falador colorido Christopher. Ele disse-nos que passara para o mundo espiritual aos «seis anos e um bocadinho», e manifestava-se como um rapaz dessa idade. O seu humor e sabedoria simples superavam subtilmente essa idade em algumas ocasiões, embora falasse sempre com as inflexões encantadoras de uma criança pequena.

Durante os nove anos seguintes, foi um verdadeiro faz-tudo espiritual. Após a bênção de abertura de White Feather em todas as sessões, Christopher era o único responsável por fornecer evidência de sobrevivência, para além de responder às perguntas dos sentados. Também relaxava qualquer tensão entre o grupo no seu estilo inimitável. Entretecia e parecia produzir todos os fenómenos físicos, embora, claro, fosse apenas o apresentador e o porta-voz do mundo espiritual.

Depois, em 1992, fomos apresentados a um novo comunicador, o singular Walter Stuart Stinson. Os estudantes de Espiritualismo e de investigação psíquica sabem que o nome Walter Stinson era sinónimo da médium de Boston (EUA) conhecida pelo mundo sob o pseudónimo «Margery the Medium» durante as décadas de 1920 e 1930.

O nome verdadeiro de Margery era Mina (Stinson) Crandon. Walter era o irmão dela e, após a morte como jovem, tornou-se o principal comunicador nas suas bem publicitadas sessões. Na Parte Dois deste livro, incluí uma apreciação da mediunidade dela, pois é, de muitas formas, central para a minha própria. Que Walter tivesse quebrado o seu longo silêncio (após a morte da irmã em 1941) escolhendo manifestar-se através da minha mediunidade foi maravilhoso, mas não exatamente uma surpresa. A mediunidade de Margery fascinara-me durante muitos anos e estudara toda a história do caso, lendo copiosamente as opiniões dos seus apoiantes e detratores. Há muito considerava que ela fora um cordeiro sacrificial no altar da investigação psíquica. Evidentemente, e de acordo com as suas próprias palavras, Walter regressava para fazer tudo o que pudesse para completar a tarefa que iniciara há tanto tempo e, ao mesmo tempo, vindicar a irmã das alegações de que perpetrara a maior fraude psíquica da história.

Walter assumiu imediatamente o controlo total das manifestações físicas nas nossas sessões, refinando e estendendo os fenómenos existentes. Em breve, introduziu também novas manifestações. Christopher, até à chegada de Freda Johnson em 1996, ficou exclusivamente concentrado em aliviar a tensão e na apresentação de evidência de sobrevivência para além da sepultura através de mensagens de entes queridos.

Quando Freda se tornou uma presença permanente no círculo, a apresentação de comunicação evidencial caiu sobre os seus ombros. Isso deixou Christopher apenas com o trabalho que claramente adora: aliviar o ambiente relaxando a tensão e dissipando o medo entre os sentados pela primeira vez, nenhum dos quais é propício a uma comunicação física bem-sucedida na sala de sessões. O riso contagioso era sempre uma grande parte da interação de Christopher com o grupo, o que também ajudava a elevar a energia na sala.

Assim, com esta construção gradual do círculo, era evidente que o mundo espiritual criara lentamente uma equipa especial para trabalhar connosco e tirar partido das condições que habitualmente lhes oferecíamos.

Finalmente, no ano 2000, a equipa espiritual foi aumentada mais uma vez pelo Dr. Franklin Barnett, que chegou com a intenção de estabilizar e desenvolver os fenómenos de voz independente (falar sem usar as minhas cordas vocais a alguma distância de mim) e materialização completa. Ao olhar para trás, a evolução da minha mediunidade desde o seu início em

1971 até ao presente pode claramente ser vista como tendo crescido como resultado de um ritmo medido e direção fixa inteligente.

Para ilustrar isto, apresento agora uma pequena seleção de exemplos que os leitores podem achar interessantes. Os três relatos foram publicados pela primeira vez no Ark Newsletter sob os cabeçalhos e datas indicados. Onde senti necessário editar os scripts originais, fi-lo para os tornar mais compreensíveis para leitores não familiarizados com a sala de sessões. Além disso, texto original foi removido onde considerei ter pouca relevância para o incidente em análise. No entanto, ao longo de tudo, esforcei-me por restringir toda a edição a um mínimo absoluto e permanecer fiel aos originais.

Uma Sessão com Stewart Alexander The Noah's Ark Newsletter, novembro de 1993 Douglas Glasby (York, Inglaterra)

Na noite de 1 de junho deste ano (1993), a minha esposa e eu tivemos o privilégio de assistir ao círculo caseiro de Stewart Alexander. Já nos tínhamos sentado com eles várias vezes antes, mas isso fora três anos antes. Consequentemente, foi com visões de sessões passadas e antecipação alegre que fomos apresentados ao círculo atual antes de tomarmos os nossos lugares na sala de sessões. Quando todos estavam sentados, a luz foi apagada e, após uma breve oração de abertura, ouvimos música gravada. Em muito pouco tempo, o guia de Stewart, White Feather, falou através de Stewart em transe, assegurando-nos que o poder era bom e dando saudações a todos nós.

Foi rapidamente seguido pelo jovem Christopher, que em breve teve os sentados quase em histerismo com as suas travessuras. Depois, à medida que a música gravada era tocada novamente, os dois trompetes – luminosos nas extremidades largas – começaram a flutuar pela sala, balançando ao ritmo da música e ocasionalmente batendo no teto.

Um trompete tocou-me na cabeça e depois acariciou suavemente a minha face. Depois, pairou em frente à minha cara e ouvi uma voz a sair dele – não mais do que um sussurro.

Devido à minha surdez parcial, só consegui distinguir algumas palavras, mas fui assegurado pelos sentados próximos de que a minha falecida esposa Joan estava a falar. Após alguns minutos, a voz esvaeceu-se, mas antes de o fazer, todos os sentados, incluindo eu, ouviram um beijo ressonante do trompete. Depois, os trompetes repousaram na mesinha dentro do círculo e dois comunicadores regulares (Guias) falaram ao

círculo através do médium em transe. Quando eventualmente partiram, os dois trompetes recomeçaram as suas girândolas até que um, mais uma vez, flutuou em frente a mim e dele ouvi o nome James Hudson.

Para mim, isto foi uma evidência maravilhosa e escutei atentamente a voz do meu antigo amigo. James Hudson era um amigo espiritualista/investigador meu que, no final dos anos 60, partira subitamente desta vida, sofrendo de uma forma rara de cancro. Após uma curta conversa, a voz tornou-se mais fraca e o comunicador muito bem-vindo partiu.

Seguiu-se agora – para mim – um incidente surpreendente. Através do trompete, ainda na sua posição perto de mim, ouvi uma voz masculina ligeiramente mais forte. O nome «Changi» e «suas sangue» vieram com o nome «George Clarke» e outras palavras relacionadas com o Sudeste Asiático.

Quando a curta comunicação terminou e o trompete flutuou para longe, a minha mente ficou em turbulência. Pensando no passado há cerca de 50 anos ou mais, senti que mais uma vez estava de volta à Prisão de Changi, Singapura, um hóspede relutante do Mikado!

Mas George Clarke – onde se encaixava ele? Havia enormes lacunas na minha memória e não conseguia localizar o homem. No entanto, pelas suas palavras, sabia que ele sabia, tal como eu, o «resultado» lá fora todos aqueles anos atrás. A minha mente voltou ao presente e apercebi-me de Christopher a despedir-se afetuosamente e depois White Feather a regressar com saudações amáveis e assim terminou – o que para mim – foi uma sessão notável.

Em casa, na manhã seguinte, procurei febrilmente entre as minhas recordações japonesas, mas infelizmente sem sucesso. Mas espera – o pequeno armário no corredor. Em pouco tempo, estava a remexer dentro e finalmente descobri uma pequena caixa de cartão que outrora continha cartões de Natal. Olhei para dentro e lá, entre alguns papéis, estava um cartão dobrado, aproximadamente de 3 por 4 polegadas. A cores na frente fora desenhada uma palmeira e sobre a palmeira estavam as palavras «P.O.W. Changi Camp 1944».

Cuidadosamente, tirei-o da caixa e com igual cuidado abri-o. Dentro estava a palavra «Menu» e por baixo, em letras coloridas, uma escolha exótica de pratos. Lentamente, comecei a lembrar-me – sete jovens atirados juntos na adversidade – uma refeição planeada. Pedaços de comida, todos à

base de arroz, recolhidos, mendigados, apropriados – todos os produtos finais com nomes elegantes dados pelo cozinheiro e escritos ordenadamente no menu. Ele até escrevera no fim do menu: «Café e Charutos». Pontuação máxima pela imaginação! Os meus olhos estavam húmidos ao virar o cartão. Lá no verso estavam sete nomes, circulando o emblema da arma da artilharia. A meio na esquerda estava o nome «Gunner Clarke».

Agora estava claro na minha mente. A guerra aproximava-se do fim e os japoneses não podiam então ganhá-la. Todos suspeitávamos que nenhum prisioneiro de guerra seria permitido sobreviver – independentemente de como a guerra terminasse.

Que se danifique – com a pressão física e psicológica a aumentar – teríamos um último encontro. Mas nunca mais nos encontrámos.

A minha busca terminara.

O Experimento de Sessão Transatlântica The Noah's Ark Newsletter, março de 1995. Noel Riley Heagerty (Oswego, Nova Iorque, EUA.)

O que se segue é um relato de uma sessão – um experimento transatlântico – que teve lugar a 1 de novembro de 1994. O círculo caseiro sentou-se na sua sala de sessões habitual em Inglaterra. Um sentado remoto, Noel Riley Heagerty, sentou-se exatamente à mesma hora em casa em Oswego, América. Stewart e o Sr. Heagerty contactaram-se pela primeira vez alguns anos antes como resultado do seu interesse comum pela médium Mina «Margery» Crandon e corresponderam-se desde então.

Noel Heagerty escreve: Sugeri o experimento a Stewart para ver se a equipa espiritual dele conseguia ligar-se à minha vibração a partir de um tufo de cabelo e uma pequena fotografia de mim mesmo que lhe enviei devidamente. O círculo de Stewart arranjou o procedimento da sessão. Sentei-me exatamente às 3 horas da tarde, e o círculo, tendo em conta a diferença horária, sentou-se às 8 horas. Portanto, estávamos a sentar-nos ao mesmo tempo. Ao longo de tudo, toquei exatamente a mesma música que eles.

Simplesmente concentrei os meus pensamentos nos guias do círculo: White Feather, Walter e Christopher. Foi tudo o que fiz. Não fazia absolutamente ideia, até receber a gravação da sessão, de que Walter e Christopher tinham realmente vindo a minha casa. Stewart e eu nunca consideráramos que pudessem fazer isso e simplesmente esperávamos que oferecessem as suas impressões a partir do tufo de cabelo e da fotografia.

Fiquei absolutamente maravilhado e atordoado quando ouvi a gravação – absolutamente chocado. Nunca houve um espiritualista na minha sala de estar e nunca descrevera a ninguém na Terra, nem a minha casa, nem qualquer dos seus conteúdos ou estrutura. Conheço Stewart há cerca de cinco anos. Os nossos interesses estão na investigação e mediunidade física. Partilhámos muito pouco a nível pessoal fora desses interesses específicos.

O Relatório de Noel Riley Heagerty recebido por Stewart Alexander: Introdução: Primeiro, devo dizer que círculo maduro e poderoso têm; uma luz brilhante no firmamento da realidade. Agradeço-vos do fundo do coração e da alma por confiarem em mim e, claro, as palavras falham-me ao tentar agradecer a White Feather, Walter e Christopher.

Agora, deixem-me dizer-vos que estava sentado exatamente na hora do experimento – consultei o operador internacional e ajustei o meu relógio em conformidade. Os meus pensamentos estavam centrados no vosso círculo, na vossa energia e nos Guias Espirituais e tentei visualizar um feixe de luz branca daqui até à vossa sala de círculo. Tinha a música exata a tocar suavemente e sentei-me numa luz vermelha ténue ao longo de tudo.

Específicos Centrais: Pretendia esperar até ao fim do meu relatório antes de comentar a precisão do experimento, mas decidi não o fazer. Analisando novamente a gravação, avalio a precisão do conteúdo em quase um claro e total 100%. Vou agora analisar cada declaração específica.

Contribuição de Walter:

1). Uma casa grande – Correto. Vivo numa casa muito grande, anterior à Guerra Civil, construída em 1847.

2). Cinco degraus até à porta da frente antes de entrar na casa – Correto.

3). Uma porta muito grande – Absolutamente correto.

4). Corrimão e escadas de madeira natural – Explicitamente correto; são de mogno puro.

5). As escadas continuam, viram e continuam a subir – Correto.

6). Lar de paz – Absolutamente correto.

7). Prosseguindo por um longo corredor com quartos de cada lado – Ambos corretos.

8). No fim do corredor há um quarto – Correto.

9). Agora subimos até ao topo da casa – Absolutamente correto. Vivo no sótão da casa.

10). O quarto é rico – Está cheio do Poder do Espírito. Há várias imagens na parede – Nada poderia ser mais correto sobre estas afirmações.

11). Em frente à porta, à direita, há uma secretária – Perfeitamente correto.

12). Acima da secretária há estantes de livros – Correto.

13). À direita há também uma estante e todas estão cheias de livros – Correto novamente.

14). Walter afirma que muito desenvolvimento foi feito neste quarto – Ninguém sabia disso antes.

15). Um terreno de sepultura não longe da casa – Absolutamente correto. É um lugar belo e visito-o quase todos os dias.

16). Em frente à porta, à esquerda, uma janela que está coberta – Isto é espantosamente correto. Cobri permanentemente a janela esquerda.

17). O senhor senta-se sem sapatos – Para esta sessão experimental, absolutamente não usei sapatos.

18). O nome Cecilia – É o nome de Cecelia Butler, que está sepultada no cemitério. Faleceu em 1848 e a sua presença não me surpreendeu.

19). Uma irritação no braço direito – No próprio dia da sessão, estava no quintal a tentar pôr o soprador de neve a funcionar. Puxei a corda com toda a força para o ligar e bati num monte de lenha diretamente atrás de mim com o cotovelo direito. Pensei que o tinha partido e, ao tentar escrever esta carta, ainda dói.

20). O significado da letra «B» – O melhor amigo do meu pai suicidou-se este ano – o nome dele: Bob Baker.

21). A referência de Walter a um cheiro estranho – O quarto está cheio do cheiro de arando.

Contribuição de Christopher:

22). Uma grande estante com muitos e muitos livros – Perfeitamente correto, claro.

23). Terceira prateleira a contar de cima. O 14.º livro a contar da esquerda é um folheto e ao lado deste há um livro e a capa está rasgada – O folheto, meu amigo, é «Visits by Our Friends from the Other Side», escrito por Tom Harrison sobre a mediunidade da mãe dele nos anos 1950. Os leitores devem saber que Tom Harrison estava previsto para assistir a esta sessão específica, mas à última hora teve de cancelar por razões pessoais. Isto, claro, tornou todo o experimento ainda mais extraordinário. Ao lado

do folheto está de facto um livro com a capa rasgada. Tudo isto foi bastante espantoso.

24). Christopher refere-se ao desenho de um navio à vela – Incrivelmente. Há uma pintura de um grupo de navios à vela mesmo acima da minha velha cadeira de couro. Se alguém recuasse e a visse como uma criança pequena, pareceria um único navio.

25). Uma senhora com um vestido longo – Se se mover para a esquerda da imagem do barco à vela ao longo da parede, há quatro senhoras com vestidos longos.

26). Cães a ladrar – Ladram o tempo todo por aqui – as quatro casas que rodeiam a minha todas têm cães.

27). Um pequeno degrau para entrar no quarto – Tem de ser o chão em frente à minha porta. Por causa da chaminé, o chão sobe como uma colina e depois desce novamente. Incrível, de facto.

Evidência Pessoal The Noah's Ark Newsletter, dezembro de 1997. Dr. Adrian Klein, M.DD. (Israel)

Nesta carta aberta aos membros da NAS, desejo partilhar os meus pensamentos após assistir a uma sessão extremamente notável no círculo do Sr. Stewart Alexander no início deste ano.

Há vinte e três anos, deixei a Roménia para Israel como jovem cirurgião dentário e encontrei lá a liberdade para estender o meu profundo interesse na possibilidade de uma vida após a morte. Após a morte do meu pai em 1978, envolvi-me profundamente no campo bastante novo do EVP1 e desfrutei de grande sucesso. Após uma longa doença, a minha mãe também passou para o Espírito em maio de 1995 e as palavras não podem possivelmente transmitir a minha angústia por essa perda insuportável. Em breve, no entanto, tornou-se claro para mim que, para além do meu envolvimento continuado no que respeita ao meu próprio campo particular de investigação de sobrevivência, devia também contactar líderes da investigação moderna.

Em resultado, fiz devidamente os contactos necessários, incluindo um com o Secretário-Geral da NAS que, após um atraso compreensível, finalmente me pôs em contacto com o Sr. Ray Lister – líder do círculo de Stewart. Algum tempo depois, perto do fim de agosto deste ano, encontrei-me no Norte de Inglaterra, onde o Círculo de Stewart Alexander se reúne agora há muitos anos. Tive a oportunidade, no dia antes da sessão agendada, de me encontrar com o Sr. Lister. Debatemos aspetos altamente

interessantes relacionados com a mediunidade física moderna e expresso aqui a minha gratidão pelas longas horas que passou comigo e pela hospitalidade que recebi dele e da esposa, June.

Na noite seguinte, juntei-me aos membros do círculo caseiro de Stewart e entrei na sala de sessões – a luz foi apagada e a sessão começou numa atmosfera de total harmonia. Em breve, White Feather, o velho amigo do círculo e principal guia espiritual, comunicou na sua voz profunda e sábia e fui saudado cordialmente. Imaginem o meu espanto quando percebi que ele estava ciente do meu próprio envolvimento ativo na investigação de sobrevivência.

Seguiu-se uma conversa muito útil e amigável entre nós antes de, finalmente, Christopher chegar e nunca esquecerei o seu comportamento extremamente gentil e disposição para responder às minhas várias perguntas. Depois, para mim, o clímax de toda a noite – o contacto mais maravilhoso com a minha própria querida mãe, cuja partida nem sequer era conhecida por Stewart.

No entanto, como previamente aconselhado por Ray, até esse ponto, abstivera-me de fazer qualquer pedido para ela vir. A minha excitação pode facilmente ser imaginada quando Christopher me informou subitamente da presença na sala de ambos os meus pais e nunca esquecerei a evidência inegável que deu para a identidade da minha mãe, completa com uma descrição da sua estatura física. Mas a contribuição de Christopher não se restringiu a essa primeira informação; continuou dizendo que ela vinha de um país totalmente desconhecido para ele (obviamente Israel – o país da sua última residência) e depois disse que nascera noutro diferente. O local de nascimento dela fora a Checoslováquia. Nesse momento, perdi o controlo da minha anterior reticência em falar e perguntei a Christopher se ele poderia ajudá-la a falar diretamente comigo. Ele concordou em tentar.

Apenas alguns segundos depois, percebi um sussurro a poucos centímetros do meu ouvido direito, à direita e ligeiramente à frente dele. A sala mergulhou rapidamente num silêncio profundo e respeitoso e apenas o sussurro da minha querida mãe podia ser ouvido. Para mim, era o mesmo sussurro familiar que ouvira muitas vezes durante as minhas próprias gravações ITC, mas muito mais baixo e mais lento. Que eu não conseguisse compreender as suas palavras dificilmente era surpreendente, pois nesse momento estava extremamente tenso e emocional. No entanto, percebi que o discurso era realizado numa língua diferente do inglês e isto seria

confirmado por todos os sentados. Infelizmente, na altura, assumira que, como a voz da minha mãe fora de tão baixa intensidade, o microfone da sala de sessões não a registara e eu seria privado de uma gravação. No entanto, o equipamento extremamente sensível conseguira de facto registar em alta fidelidade o sussurro, permitindo assim análise subsequente e sistemas de filtragem digital em casa. Após a remoção de ruído (reduzindo o ruído de fundo gravado) e com procedimentos de amplificação seletiva usando o software usado na minha própria investigação ITC, consegui agora decifrar uma sequência curta do seu discurso na sala de sessões. Ela falou comigo na nossa língua conversacional habitual – húngaro. A tradução inglesa sendo «diz-me algo» (mondjal nekem valamit) pronunciado muito lentamente e com um esforço obviamente excruciante.

Tenho confiança de que em breve conseguirei limpar com sucesso e revelar mais alguns fragmentos da sua longa mensagem para mim. E assim termino agradecendo ao Sr. e à Sra. Lister por oferecerem a casa deles para acolher esse evento único. Obrigado também à NAS pela sua gentil introdução ao Círculo e, finalmente: «Agradeço-te, Christopher, por seres como és. Não há terminologia terrena que expresse adequadamente os meus sentimentos e os meus pensamentos».

Algumas Experiências Únicas Três experiências com fenómenos físicos seguem-se. A primeira ocorreu na nossa sala de sessões do círculo caseiro e a segunda numa igreja espiritualista. Ambas foram testemunhadas e gravadas pelo futuro Presidente da Ark, Alf Winchester. A terceira ocorreu na sala de sessões em Norfolk, em casa de Alf e June Winchester, onde muitas vezes dou sessões como convidado; este relato foi escrito por June.

Nas próprias palavras de Alf: Matéria Através de Matéria A 22 de fevereiro de 1994, a minha esposa e eu, juntamente com o nosso amigo Jonathan Dorrat, assistimos a uma sessão de Stewart Alexander e fomos presenteados com uma visão espantosa, a passagem de matéria através de matéria em boa luz vermelha. Este fenómeno é uma ocorrência regular nas sessões de Stewart, mas estes experimentos são realizados (certamente em demonstrações públicas) na escuridão total. A prática na altura era o médium ser amarrado com corda forte (pelo menos 6 mm de espessura) que prendia firmemente os braços, pernas e torso à cadeira e era segura com nós. Observei cuidadosamente as cordas a serem aplicadas e fiquei satisfeito por não haver forma de o médium se libertar das amarras. Como

precaução adicional, havia uma placa de metal fixada em cada lado do encosto da cadeira.

As placas tinham recortes profundos nas bordas onde as cordas se encaixavam. Estas impediam o médium de se contorcer para fora das cordas que estavam à volta do peito e também impediam as cordas de escorregar para baixo. Walter Stinson, através do Stewart em transe, instruiu Ray (o líder do círculo) que, quando ouvisse o som de uma pancada, devia ligar a luz vermelha durante cinco segundos. Fomos informados para olhar para o braço direito de Stewart e observar. Quando se acendeu, vi claramente o braço do médium erguer-se no ar, passando diretamente através das cordas que o prendiam firmemente ao braço da cadeira. Simultaneamente, houve um ruído alto semelhante ao estalar de um chicote. As cordas que tinham segurado o médium ficaram intactas, mas soltas nos braços da cadeira.

O experimento foi então repetido com o braço esquerdo. Não tinha ideia pré-concebida do que esperar e certamente considerava que não era possível passar um braço através de uma corda.

Obviamente, na segunda tentativa, sabendo o que esperar, observei extremamente cuidadosamente. Não tenho absolutamente dúvida de que vi o braço do médium passar através da corda. As observações da minha esposa e do meu amigo foram idênticas às minhas.

Ectoplasma Invisível Numa sessão realizada na Igreja Espiritualista de Sleaford (Inglaterra), tive novamente o privilégio de me sentar atrás de Stewart durante uma sessão. Imediatamente à frente dele havia uma mesinha que tinha um pano vermelho a cobrir o topo de vidro e que era iluminada por baixo por uma luz vermelha, cujo brilho podia ser controlado através de um reóstato. Com a sala na escuridão, para além do brilho da mesa, um pequeno sino foi levitado do topo da mesa e tocado acima dela.

Outros sentados viram o que parecia ser um sino a flutuar no ar sem qualquer meio de suporte. No entanto, do meu ponto de observação, consegui ver por cima do ombro do médium uma haste ectoplásmica silhuetada na luz vermelha muito baixa e dirigia-se para o sino, mas onde passava sobre o topo da mesa iluminada desaparecia. O sino reagia a cada movimento da haste. Nunca esteve a mais de 15 cm da borda da mesa e esses 15 cm estavam sempre invisíveis. Só posso concluir, portanto, que a extremidade desaparecida da haste era composta por ectoplasma invisível.

Nas próprias palavras de June: Ectoplasma Autoiluminado Numa sessão no nosso santuário caseiro, Stewart estava, como de costume, sentado na sua cadeira especial de sessões. A meio dos procedimentos, foi puxado para trás pela equipa espiritual para dentro do gabinete,2 enquanto amarrado à cadeira, e as cortinas que encerravam o gabinete foram fechadas com um movimento rápido. Alguns minutos depois, as cortinas foram abertas de repente. Eu estava sentada ao lado do gabinete e reparei em algo que parecia material a tocar nas minhas pernas. Depois, uma luz globular, do tamanho de uma bola de ténis, era claramente visível à minha frente, com os dedos da mão que a segurava também claramente visíveis. A luz e os dedos estavam ao nível dos meus olhos.

Depois, a pessoa espiritual materializada que segurava a bola de luz, Dr. Barnett, falou. Senti a minha mão direita ser erguida e a luz foi colocada na minha palma. Parecia pano de serapilheira amassado e grosso – nada do que esperava. (Imaginava que seria como uma lâmpada, lisa e brilhante.)

O Dr. Barnett deixou-a na minha mão durante alguns momentos (enquanto eu quase explodia de excitação) e depois pegou novamente na luz e caminhou à volta de todo o círculo de dezasseis pessoas. Todos os presentes podiam ver claramente a luz e os dedos. Enquanto o fazia, podíamos ouvi-lo a arrastar os pés pela sala e ele disse-nos quão difícil era mover-se com o peso do ectoplasma. Era, disse ele, extremamente pesado. Depois, regressou ao gabinete e as cortinas foram fechadas mais uma vez.

Todo o tempo em que isto acontecia, os separadores luminosos nos joelhos de Stewart eram claramente visíveis e moviam-se ocasionalmente, pelo que não havia dúvida de que Stewart estava sentado amarrado à cadeira. Que privilégio ter essa experiência.

---

1 EVP (Fenómenos de Voz Eletrónica) Diz-se ser comunicação entre dois planos diferentes de existência por meio de gravador ou rádio, mas não ouvida por ninguém até a gravação ser reproduzida. 2 Um gabinete de sessões é um espaço confinado dentro da sala de sessões no qual o médium por vezes se senta, formado por duas cortinas que pendem do teto ao chão e podem ser separadas ao meio. Acredita-se que dentro deste espaço confinado as energias psíquicas essenciais possam ser concentradas, facilitando manifestações físicas. Geralmente, sento-me fora do gabinete ou com as cortinas totalmente abertas, a

menos que precise de estar dentro para uma materialização ocorrer, conforme dirigido pela equipa espiritual.

CAPÍTULO 11
Um Tratado Académico

O artigo seguinte é reproduzido exatamente como foi publicado em julho de 2009 pela Society for Psychical Research (SPR) na sua revista trimestral, Paranormal Review.

Não foram feitas alterações ou omissões a pedido do seu autor, Lew Sutton, um engenheiro de investigação eletrónica reformado e escritor estabelecido sobre os temas do Espiritualismo e estados alterados de consciência.

Agradeço-lhe e à Paranormal Review por me permitirem incluir o artigo aqui. Os leitores acharão interessante e informativo independentemente do seu conhecimento de sessões físicas. Ao contrário de outros relatos incluídos neste livro, regista em algum detalhe o protocolo envolvido sempre que me sentei para o público. As descrições dos fenómenos físicos aqui contidos permitirão uma melhor compreensão da sua natureza e manifestação.

Mediunidade Física Contemporânea. Sessões de Stewart Alexander Lew Sutton

Vários relatos foram publicados no Psychic News e no Psychic World ao longo dos últimos dezassete anos sobre sessões físicas públicas realizadas com o médium físico Stewart Alexander de Hull, Yorkshire (por exemplo, Sutton 1997; 2007). No entanto, uma descrição realmente completa detalhando os fenómenos, procedimentos e condições em que as sessões são realizadas nunca foi publicada anteriormente. Este relatório abrangente procura retificar essa situação e abrange os últimos quatro anos.

Avanços significativos foram feitos no desenvolvimento dos fenómenos e na sua apresentação nestes anos recentes. A mediunidade de Stewart está continuamente a desenvolver-se e aqueles que não assistiram a uma sessão no último ano ou assim não experienciaram todos os fenómenos descritos neste relatório. As condições em que estas sessões são conduzidas não satisfarão céticos absolutos. A relutância de Stewart em submeter-se a investigação científica é explicada neste relatório. O seu

objetivo primordial é encorajar outros a desenvolver esta forma de mediunidade, que se tornou bastante rara.

Ao longo dos últimos quatro anos, Stewart Alexander deu cerca de 200 sessões públicas, das quais a maioria foi realizada em Hull, Yorkshire. Outros locais incluíram o Cober Hill Conference Centre em Yorkshire, Norfolk, South Devon, York, locais na Escócia e no Continente (Espanha, Suécia e Suíça). Stewart reduziu recentemente as viagens e as suas demonstrações são agora predominantemente realizadas no seu condado natal de Yorkshire. Os locais incluíram quartos em casas privadas, igrejas,1 grandes quartos de hotel e salas de palestras em centros de conferências. A assistência variou de dezasseis a mais de cem, os números maiores em seminários.

Condições Iniciais

Um quarto é completamente escurecido e instalado um gabinete com cortinas, geralmente contra uma parede. A estrutura do gabinete varia dependendo de onde as sessões são realizadas, mas é uma estrutura simples que suporta material de cortina escura. O gabinete é pelo menos grande o suficiente para permitir que o médium se sente na sua cadeira sem os pés a avançar para fora através da cortina e por vezes é um pouco maior. Em alguns locais, uma cortina é pendurada através de um canto do quarto para formar um gabinete triangular. As cortinas encontram-se ao meio quando fechadas.

Separadores luminosos são fixados perto do topo das cortinas e perto das suas bordas de abertura para que todos possam ver se estão abertas ou fechadas. Uma cadeira com braços de madeira é fornecida por Stewart Alexander (esta pode ser livremente examinada pelos sentados). É colocada mesmo à frente do gabinete e mais tarde movida para dentro dele para a parte de materialização da sessão. Ocasionalmente, a cadeira foi inicialmente colocada noutro local e depois movida para o gabinete após o «experimento da mão materializada» (discutido abaixo). Cadeiras para os sentados são colocadas numa configuração circular e, se o quarto for grande o suficiente, círculos concêntricos extra podem ser adicionados. As cadeiras são geralmente colocadas muito juntas.

Uma mesa de madeira baixa com topo oval medindo 58 por 46 cm e com 47 cm de altura é colocada à frente da cadeira do médium. A mesa

pesa cerca de 8 kg e tem um painel vermelho translúcido inserido no topo. A mesa é encaixotada para que uma lâmpada montada dentro apenas ilumine o topo. A lâmpada é controlada por um interruptor elétrico de regulação de intensidade montado no lado da mesa. No topo da mesa são colocadas abraçadeiras de cabo plástico elétrico fortes2 que são usadas para prender o médium à cadeira e um alicate para o libertar no final da sessão. Adicionalmente, duas pequenas baquetas, um pequeno sino e uma lanterna que emite luz vermelha, para uso pelo líder do círculo, são colocadas no topo da mesa. Uma cadeira extra é colocada no lado oposto da mesa, de frente para o médium. Todas as sessões são invariavelmente gravadas em estéreo usando gravadores digitais áudio portáteis. Um microfone estéreo é colocado perto do gabinete ou, se a estrutura do gabinete for adequada, é fixado na borda frontal superior do gabinete.

Procedimentos Preliminares Os sentados são sempre revistados imediatamente antes de entrar na sala de sessões. Não lhes é permitido usar ou levar relógios, itens grandes de joalharia, moedas, qualquer coisa capaz de emitir luz ou qualquer outro objeto considerado inadequado. Os sentados são colocados em posições consideradas condutivas a uma sessão harmoniosa, com sentados experientes normalmente intercalados entre novatos. Sentados ao lado do médium, um de cada lado, são colocadas duas senhoras experientes bem conhecidas pelos controlos espirituais. Ao lado das duas senhoras estarão normalmente: de um lado o líder do círculo e do outro um sentado masculino experiente, também conhecido pelos controlos espirituais. Os controlos espirituais de Stewart insistem que podem usar estes sentados para suplementar as energias psíquicas fornecidas pelo médium (aparentemente isto também se aplica a outros sentados próximos).

Uma vez sentados os sentados, o médium entra na sala com ambas as senhoras que se sentarão ao lado dele durante toda a sessão. Exceto que a senhora à direita dele se move temporariamente para uma cadeira sobrante para dar lugar ao participante (uma pessoa selecionada dos sentados) no experimento de matéria através de matéria (descrito abaixo) ou qualquer outra atividade que requeira que o participante esteja ao lado do médium.

O médium é então preso à cadeira por duas das abraçadeiras plásticas retiradas das seis ou mais que foram colocadas na mesa. As abraçadeiras passam à volta dos pulsos dele, prendendo-os aos braços da cadeira. Os braços dele não podem ser libertados da cadeira por meios normais – as abraçadeiras devem primeiro ser cortadas com o alicate. Embora seja

possível forçar uma agulha fina no mecanismo de bloqueio de catraca para desapertar uma abraçadeira, seria extremamente difícil fazê-lo, particularmente no escuro. Mesmo à luz, o autor achou difícil desapertar uma, requerendo dedos ágeis e paciência. Se uma abraçadeira fosse desapertada furtivamente, tentativas de a remontar (para a deixar na configuração original) produziriam um som muito audível e distintivo à medida que a língua da abraçadeira desliza contra o mecanismo de catraca. Na sessão, não há tempo suficiente para tal ato fraudulento.

Um voluntário é chamado para examinar e verificar que o médium está preso à cadeira pelos pulsos. O voluntário regressa à sua cadeira e retém o alicate para libertar o médium no final da sessão. As luzes são apagadas e apenas visíveis são os separadores luminosos fixados nas calças do médium à altura dos joelhos, mais os dois separadores na cortina do gabinete, o que permite aos sentados determinar a qualquer momento se as cortinas estão abertas ou fechadas.

A Sessão Comunicações em Transe É dita uma oração de abertura, seguida de música tocada a um nível moderado a partir de um pequeno leitor de CD portátil. Um controlo espiritual conhecido como White Feather fala através de Stewart Alexander, que aparentemente está em transe, e dá uma saudação de abertura.

Os comunicadores espirituais Christopher, Freda Johnson e Walter Stinson seguem e falam por sua vez, usando o aparelho vocal de Stewart, que alegadamente permanece num transe profundo. Comunicações pessoais e/ou a resposta a perguntas podem fazer parte desta fase da sessão. Freda normalmente apresenta entes queridos que desejam comunicar com os sentados e atua como intermediária quando eles têm dificuldade em transmitir a sua mensagem via o médium no estado de transe profundo.

O Experimento de «Matéria Através de Matéria» Um sentado é convidado pelo controlo espiritual, Walter Stinson, a sentar-se ao lado de Stewart do seu lado direito. A pessoa selecionada pode ser escolhida por alguma razão específica ou, mais usualmente, é selecionada daqueles que falaram com ele mais cedo na sessão, talvez para colocar uma pergunta. A senhora que originalmente ocupava a cadeira à direita de Stewart move-se então para a cadeira sobrante no lado oposto da mesa em relação a Stewart. O participante segura a mão direita de Stewart com a sua mão esquerda e é instruído a manter a mão dele durante toda a duração do experimento.

Depois, por convite de Walter, é pedido que sinta com a mão direita para confirmar que o braço direito de Stewart ainda está preso ao braço da cadeira por meio da abraçadeira. Dentro de poucos segundos após ouvir a confirmação de que o braço ainda está preso, ouve-se um ruído muito brevemente – como o som da abraçadeira plástica a ser sacudida contra o braço de madeira da cadeira. Quase instantaneamente, o participante explica que a sua mão esquerda está agora no ar e ainda segura firmemente a mão de Stewart. O participante, conforme instruído por Walter, sente então o braço da cadeira com a mão direita para garantir que a abraçadeira ainda lá está.

Dentro de poucos segundos, a luz vermelha é ligada pelo líder do círculo a pedido de Walter. Todos podem então ver as mãos entrelaçadas de Stewart e do participante no ar e o braço da cadeira com a abraçadeira pendurada, confirmando assim o que ocorreu. A luz é apagada e o participante, segurando a mão de Stewart, sente o braço a descer de volta.

Num segundo ou assim, Walter pede ao participante que use a mão direita para apalpar ao longo do braço de Stewart e coloque a mão firmemente na correia, que mais uma vez se verifica estar a fixar o braço do médium ao braço da cadeira. É-lhes instruído que pressionem a correia, garantindo assim que esta está sob o seu controlo em todos os momentos. Isto é importante em termos do que se segue em breve. Em seguida, pergunta ao participante se ele/ela gostaria da correia como uma pequena recordação. Depois, geralmente quase imediatamente, mais uma vez as suas mãos erguem-se no ar, mas desta vez a correia permanece no braço do médium e, claro, continua enrolada.

O participante é então instruído a pegar na correia com a mão direita, enquanto ainda segura a mão direita do médium com a esquerda. Os participantes descrevem a correia como sendo empurrada contra a sua mão à medida que o braço do médium desce. O braço direito do médium repousa, sem fixação, no braço da cadeira. Deve ser enfatizado que, do início ao fim destes experimentos, o participante reteve a mão direita de Stewart na sua esquerda.

Walter anuncia então que usará uma das correias sobresselentes na mesa para voltar a fixar o braço de Stewart. Em questão de poucos segundos, ouve-se o som de uma das correias sobresselentes a ser arrastada pela superfície da mesa, seguido pouco depois pelo som muito distintivo e claro da correia de plástico a ser apertada. Este som é suficientemente alto

para todos ouvirem. Pede-se ao participante que confirme que o braço de Stewart foi novamente fixado ao braço da cadeira, após o que a luz vermelha é ligada para que o participante possa regressar à sua própria cadeira. Este experimento é geralmente repetido com um ou mais dos participantes sentados, que são habitualmente senhoras, pois parece ser raramente bem-sucedido com homens. Walter afirma que isto se deve ao facto de a energia feminina ser mais favorável ao experimento do que a energia masculina.

O 'experimento da mão materializada'

Este experimento é geralmente realizado com o médium sentado em linha com a frente do gabinete. Ocasionalmente, ele sentou-se contra uma parede, afastado do gabinete, para dar aos participantes uma melhor visão deste experimento, devido à forma da sala. A mesa com o tampo translúcido é colocada perto e à frente do médium, e a luz vermelha interior é ligada. A intensidade da luz é ajustada conforme as instruções de Walter. Um participante é convidado a sentar-se na cadeira sobresselente em frente ao médium e a colocar uma mão na mesa, para que os que estão próximos possam vê-la silhuetada contra a luz vermelha. Muitas vezes, os que estão mais afastados têm permissão para se levantar para obter uma melhor visão.

Após alguns momentos, vê-se aparecer uma massa do que é anunciado ser ectoplasma no tampo translúcido iluminado da mesa, na borda mais próxima do médium. Lentamente, forma-se uma mão grande – que Walter afirma ser a sua. É certamente maior do que a mão de Stewart. A mão materializada move-se em direção à mão do participante e depois acaricia-a e/ou agarra-a antes de se retirar e derreter. A mão é invariavelmente descrita como normal e quente. Nos primeiros anos, a mão que se materializava era dita ser mal-formada em comparação com a que agora aparece.

Nos últimos anos, é agora habitual chamar mais dois participantes à mesa e, em seguida, as mãos de Stewart serem libertadas por forma paranormal das correias, sendo colocadas na mesa juntamente com as dos três participantes chamados para o experimento. Assim, podem ser vistas quatro pares de mãos na mesa, com as pontas dos dedos a tocar as pontas dos dedos dos participantes adjacentes.[3]

A mão materializada extra forma-se então no espaço entre as mãos do médium e pode tocar algumas ou todas as mãos dos três participantes antes de derreter novamente.

Pode ser alegado que a mão materializada poderia ser a do líder masculino do círculo ou de qualquer outro cavalheiro participante. No entanto, com três participantes e o médium apertados em torno da mesa, um cúmplice só poderia ser posicionado atrás do médium. Isto é claramente impossível quando se usa um gabinete de canto ou quando o médium está sentado contra uma parede. É agora comum, no final deste experimento, a mesa parecer levitar até cerca de 30 cm acima do chão. A levitação ocorre agora com as mãos dos participantes firmemente unidas e todas afastadas do tampo da mesa.

Fenómenos com trompetes

Para a demonstração de trompetes que levitam, a mesa usada no experimento anterior é deslocada para um lado e dois trompetes são colocados no chão à frente do médium. A posição dos trompetes com as suas abas luminosas é claramente visível para todos os participantes. Os trompetes de alumínio têm cerca de 0,5 m de comprimento e pesam cerca de 100 g (4 oz).

Começa o canto desacompanhado pelos presentes e continua até que um dos trompetes se erga e fique no ar. Walter afirma que os sons são extremamente importantes para a produção de fenómenos físicos. O canto para e a música é então tocada a baixo volume. O trompete parece flutuar pela sala, muitas vezes respondendo a comentários dos participantes com movimentos apropriados. Os movimentos do trompete variam de padrões intricados rápidos a deslizamentos graciosos lentos pela sala, dando a impressão de ausência de peso. Há relatos de visão do contorno do que se toma como hastes ectoplásmicas a controlar os trompetes quando uma pequena quantidade de luz entra na sala de sessão.

Ocasionalmente, o trompete dispara em direção a alguém e para a milímetros do seu rosto e, por vezes, acaricia a sua cabeça ou atravessa suavemente à sua volta. Também se sabe que aterram nas mãos das pessoas. Todas estas ações indicam uma inteligência controladora com grande consciência espacial em total escuridão. Após algum tempo, o segundo trompete geralmente fica no ar e pode manobrar a vários metros

de distância do primeiro. O segundo trompete raramente se move com tanto vigor como o primeiro a ficar no ar. Após um minuto ou assim, ambos os trompetes aterram no chão e um é visto a deslizar para dentro do outro. Depois, descolam juntos e o peso combinado de ambos, encaixados, parece produzir movimentos mais lentos pela sala. Os trompetes tocam deliberadamente o teto em salas de altura normal. Em salas com tetos excecionalmente altos, os trompetes atingiram uma altura superior a quatro metros.

Ao contrário dos primeiros dias, Stewart está agora normalmente consciente durante a maior parte dos fenómenos com trompetes e é capaz de apreciar observá-los, fazendo comentários enquanto os trompetes estão no ar.

Ele disse que o único desconforto que sente é quando um trompete está dentro do outro e se movem como um – possivelmente devido ao peso extra na extremidade de uma haste ectoplásmica. Por vezes, ouvem-se fenómenos de voz através do trompete, enquanto entes queridos tentam comunicar-se com o trompete pairando mesmo à frente do destinatário. As vozes através do trompete são instantaneamente reconhecíveis como não sendo voz independente[4], por terem aquele som metálico distintivo de megafone.

Materializações parciais

Os fenómenos de voz direta independente seguem invariavelmente a exibição de fenómenos com trompetes. Por vezes, isto começa antes de os trompetes terem finalmente repousado. A voz começa como um sussurro suave e é muitas vezes ouvida primeiro pela senhora sentada à esquerda de Stewart, ou pelo próprio Stewart, que frequentemente está consciente nesta fase da sessão. Os fenómenos de voz direta independente geralmente aumentam o suficiente para todos ouvirem o que está a ser dito. Geralmente é o Dr. Barnett a comunicar, mas pode ser uma comunicação pessoal para um dos participantes. Diz-se que o Dr. Franklin Barnett é o médico escocês do século XIX que alegava trabalhar através do famoso médium de trompetes americano do século XX, George Valiantine.[5] (Bradley, 1924).

Após alguns minutos, a voz esmorece e Walter regressa brevemente para pedir canto desacompanhado, que continua até surgirem sinais de fenómenos físicos no que se toma como materializações parciais. Os

primeiros sinais são os participantes sentados mais perto do gabinete relatarem toques suaves, seguidos de fenómenos de voz. Nos últimos anos, tem sido o Dr. Barnett quem se anuncia enquanto vagueia pela sala de sessão, tocando suavemente os participantes na cabeça ou tocando/segurando as suas mãos enquanto lhes fala. Também se dirige aos participantes em geral. Incrivelmente, em total escuridão, exibe uma grande consciência espacial, pois, sem hesitar, toca os participantes. Numa ocasião, removeu suavemente os óculos do autor para administrar cura. Os óculos foram colocados nas mãos do autor.

Enquanto afastado do gabinete, o Dr. Barnett tem convidado uma das senhoras sentadas ao lado do gabinete a estender a mão para dentro do gabinete para confirmar que o médium ainda lá está sentado. Há algum tempo, o Dr. Barnett anuncia quase sem exceção que tem ajudantes consigo, que diz serem, como ele, apenas parcialmente materializados. A presença de ajudantes adicionais é confirmada por exclamações de participantes que sentem simultaneamente mãos a tocá-los. O autor sentiu pessoalmente duas mãos a tocar-lhe a cabeça enquanto a sua esposa experimentava o mesmo, ao mesmo tempo que o Dr. Barnett lhe falava. Simultaneamente, exclamações de sentir duas mãos vieram do outro lado da sala.

Outros fenómenos

Brevemente durante uma sessão, é habitual ouvir a pequena campainha a ser tocada e ouvir as baquetas a bater contra algo duro – provavelmente a mesa pequena. Estas atividades acontecem muitas vezes simultaneamente. Luzes paranormais são frequentemente vistas, geralmente aparecendo mesmo à frente do gabinete, ou, ocasionalmente, uma luz suave é vista a originar-se dentro do gabinete. Nos últimos anos, tornou-se comum o Dr. Barnett declarar que é ele quem segura uma luz nas mãos e se move pela sala para a exibir de perto aos participantes da primeira fila. O orbe de luz foi visto a mudar de tamanho e intensidade, desde um orbe baço aproximando-se do tamanho de uma bola de ténis até encolher para uma luz mais pequena e intensa.

Nos tempos recentes, perto do fim da sessão, enquanto Stewart está dentro do gabinete com a cortina aberta, podemos vê-lo levitar até cerca de 90 cm do chão, esta altura sendo estimada pelo facto de as abas luminosas

logo abaixo dos seus joelhos (presas às calças) estarem pelo menos ao nível dos olhos dos participantes circundantes. Stewart está consciente quando isto ocorre e invariavelmente profere algumas exclamações – sem dúvida sentindo-se um pouco precário!

O Dr. Barnett administra ocasionalmente cura pela imposição de mãos. A esposa do autor tinha um problema medicamente incurável que estava a levar à perda de visão num dos olhos. Ela não conseguia, com esse olho, ver o quadro de teste oftalmológico, quanto mais as letras nele. Foi há mais de três anos que recebeu cura do Dr. Barnett e desde então tem tido excelente visão nesse olho. Há outros excelentes relatos de cura, como uma operação iminente ser evitada, para grande choque do consultor do paciente, que descobriu que a condição havia desaparecido misteriosamente.

Evidência de sobrevivência

Os fenómenos físicos demonstrados nestas sessões não constituem, por si só, evidência de sobrevivência. O espiritismo preocupa-se principalmente com fornecer evidência de uma vida após a morte, pelo que há sempre evidência de sobrevivência sob a forma de comunicações de entes queridos que partiram. Como a maioria dos fenómenos ocorre no escuro, a evidência é de natureza auditiva, exceto quando um participante é tocado ou acariciado de uma maneira particular, distintiva e significativa associada à pessoa desencarnada que alega comunicar.

A evidência auditiva assume a forma de comunicações pessoais de entes queridos que partiram e pode ser por voz direta (via trompete), por voz direta independente, ou por transe através do aparelho vocal do médium. Por vezes, esta evidência é notável, por exemplo, quando um pai comunicou um dia após o seu funeral e indicou que sabia o que tinha acontecido no funeral. Ninguém presente, exceto o destinatário, sabia do infeliz e particularmente triste evento que ocorrera neste funeral. (Sutton, 2007).

Em várias ocasiões, foi relatada evidência de sobrevivência notável usando ‘testes de livros’ (Farrow – Topolovac, 2007). Estes eram semelhantes aos produzidos através da mediunidade de Gladys Osborne Leonard no início do século passado (Gauld, 1982). Os testes mais recentes, em 2006, envolveram três participantes, cada um assistindo a

sessões diferentes (realizadas em Espanha, na Suíça e, para um participante, várias sessões no Reino Unido). Todos os livros selecionados com sucesso pelos controlos espirituais de Stewart, quando encontrados e identificados por instruções explícitas, revelaram ter um significado particular para os participantes. Dois destes livros estavam em línguas estrangeiras, uma muito pouco conhecida pelo participante. A taxa de sucesso global foi excelente. Grande sucesso é também relatado por Farrow-Topolovac (2007) na localização de fotografias.[6]

Encerramento da sessão

As sessões terminam com uma oração e, em seguida, é dado tempo para que o médium regresse ao estado de consciência normal a partir do seu anterior aparente estado de transe profundo. Uma luz vermelha de intensidade bastante baixa é ligada para permitir que o participante, que verificou inicialmente as correias do médium, confirme que estas ainda estão no lugar. Embora o médium tenha sido libertado via paranormal de ambas as correias para o 'experimento da mão materializada', ele terá sido novamente fixado via paranormal no final desse experimento. Este facto é observável quando a luz vermelha é ligada para que os participantes regressem aos seus lugares normais. As correias de pulso são cortadas e o médium, que geralmente está um pouco desorientado, é então guiado para fora da sala. O líder do círculo encerra então os procedimentos.

Verificação dos fenómenos

Stewart Alexander está disposto a que investigadores psíquicos assistam às suas sessões. De facto, membros proeminentes da SPR assistiram e contribuíram para um seminário com sessões em 1997 (Sutton, 1997). Desde então, houve grandes avanços na sua mediunidade. No entanto, Stewart (comunicação pessoal, 2008) deixou claro que não se submeterá ao escrutínio interminável de céticos que nunca podem ser satisfeitos. Ele disse:

«Quando comecei a sentar-me para o público, e durante vários anos, insisti que os meus braços, corpo, pernas e tornozelos fossem amarrados à cadeira, mas nem isso foi suficiente para parar as críticas. Finalmente,

decidi abandonar tais métodos de controlo, pois a experiência provou que eram um caminho infrutífero a seguir.

Tendo estudado extensivamente a história da mediunidade física ao longo dos últimos quarenta anos, estou muito consciente de que, quase sem exceção, aqueles médiuns que cooperaram com os investigadores, na esperança de estabelecer a sua mediunidade a um nível científico, invariavelmente falharam e ficaram para sempre rodeados de disputas amargas e alegações de fraude. Nos casos em que os testes foram inconclusivos (o caso habitual) e/ou os testes foram favoráveis ao médium, exigiam-se mais testes. Em resumo, do início ao fim, encontravam-se numa situação sem saída.

Portanto, não tenho intenção de prosseguir por esse caminho bem gasto, sentindo que fazê-lo seria simplesmente negativo e inútil, porque quase certamente a história se repetiria (o recente experimento de Scole[7] sendo um exemplo perfeito). A minha intenção ao realizar sessões públicas sempre foi encorajar outros a sentarem-se para o desenvolvimento da mediunidade física, agora extremamente rara, e ajudar a trazer tranquilidade de sobrevivência aos participantes.»

Suspeito que a atitude de Stewart seja parcialmente influenciada pelas experiências do seu principal controlo espiritual. Walter Stinson[8] forneceu ampla evidência para satisfazer Stewart e outros da sua autenticidade. Alegadamente, Walter passou muitos anos a tentar provar a mediunidade da sua irmã, Mina 'Margery' Crandon,[9] quando operava através dela, tal como alegadamente faz através de Stewart. As experiências de Mina são bem resumidas por Fontana (2005).

Muitas vezes, os investigadores ignoraram um princípio fundamental da ciência – examinar a evidência sem preconceito. Aos seus olhos, não pode acontecer, por isso deve ser fraude. O ceticismo de mente aberta, por outro lado, deve ser encorajado e ajuda a evitar seguir pistas falsas.

Resumo

Os procedimentos e controlos sob os quais as sessões de Stewart Alexander são conduzidas provavelmente vão até onde o médium está disposto a ir para satisfazer quaisquer restrições ou condições que os céticos imporiam às suas sessões. A extensa cooperação de Mina Crandon com investigadores, como a de muitos outros médiuns, resultou em quase

nada. Stewart deixou claro que não seguirá esse mesmo 'caminho infrutífero'. A relutância de Stewart Alexander em participar em testes científicos é uma grande perda para a investigação psíquica, mas quem o pode culpar? Investigações preconceituosas ao longo dos últimos 100 anos ou assim mancharam o nome da investigação paranormal aos olhos de muitos médiuns físicos. É tão fácil insinuar fraude sem justificar tais sugestões. O facto de terem existido médiuns fraudulentos não deve manchar todos. Os media, claro, destacam o relatório negativo e muitas vezes negligenciam a quantidade substancial de investigação completada por investigadores de mente aberta. Em vez de tentar satisfazer os céticos, Stewart realiza seminários e sessões públicas para instruir e encorajar outros a sentarem-se para desenvolver a mediunidade física – que se tornou tão rara.

Referências

Bradley, H. Dennis (1924). *Towards the Stars*. Londres: T. Werner Laurie Ltd.

Farrow – Topolovac, S. (2007). 'New Wonders in Yorkshire'. *Zerdin Buzz Sheet*, 13, p. 30-31. (agora conhecido como *Zerdin Phenomenal*).

Fontana, David. (2005). *Is There An Afterlife? A Comprehensive Overview of the Evidence*. Ropley, UK: O Books, pp. 300-307.

Gauld, Alan. (1982). *Mediumship and Survival*. Editor da série Brian Inglis. Londres: William Heinemann Ltd (em nome da SPR), pp. 47-49.

Sutton, L. (1997). 'Noah's Ark seminar at Cardiff'. *Psychic World*, outubro de 1997, 46, 1.

Sutton, L. (2007). 'Séance contact day after funeral'. *Psychic World*, janeiro de 2007, 157, 2.

---

[1] *Igrejas espiritualistas. (Stewart Alexander)*

[2] *Doravante referido como 'Correia' ou 'Correia de pulso'. (Stewart Alexander)*

[3] *Após a publicação original do relatório, este fenómeno desenvolveu-se ainda mais. Muitas vezes, Walter pede agora a introdução temporária de uma luz vermelha adicional no teto para que*

todos possam ver claramente os quatro pares de mãos repousando em contacto próximo no tampo translúcido da mesa. (Stewart Alexander)

[4] Vozes diretas independentes falam a partir de um ponto no espaço próximo, mas separado do aparelho vocal do médium – daí 'independente'. Não é utilizado um trompete, que serve para amplificar vozes espirituais numa sessão. (Stewart Alexander)

[5] Ver Parte 2, Capítulo 3. (Stewart Alexander)

[6] Ver: 'New Wonders in Yorkshire' – Farrow-Topolovac (Referências). Um exemplo deste fenómeno: numa sessão no Edinburgh College of Parapsychology (em 2006), a localização e descrição de uma fotografia foi dada por Freda a um participante que acabara de comunicar com a sua avó falecida. Ela descreveu-a como uma fotografia de grupo – três senhoras todas com chapéus. No dia seguinte, isto foi confirmado pelo destinatário e uma cópia da imagem foi-me apresentada. (Stewart Alexander)

[7] O 'Experimento de Scole' girava em torno de um círculo baseado em Scole, Norfolk. Durante os anos 1990, ao longo de vários anos, desfrutaram regularmente de fenómenos físicos bastante extraordinários. Por convite, alguns membros seniores do Conselho da SPR assistiram às sessões em muitas ocasiões. As suas descobertas detalhadas, quando publicadas, foram favoráveis aos fenómenos. Incluído no relatório estavam várias críticas de colegas membros do Conselho, o que resultou em alguma controvérsia e disputa. (Stewart Alexander)

[8] Walter Stinson é largamente responsável nas minhas sessões pela criação e apresentação das manifestações físicas, mas não é, como aqui implícito, o meu principal guia espiritual. (Stewart Alexander)

[9] Mina Crandon era conhecida sob o pseudónimo de 'Margery'. (Stewart Alexander)

CAPÍTULO 12
Visito a Suíça

Vários meses antes de me demitir da Noah's Ark Society em 1999, comecei a realizar sessões regulares semanais para convidados na sala de sessões do nosso círculo caseiro e também sessões privadas individuais de transe. As pequenas e íntimas sessões para convidados provaram ser um sucesso inqualificável. Acredito que isto se deveu principalmente ao tamanho da sala, que só podia acomodar cerca de doze pessoas. Tudo – comunicação e fenómenos – estava concentrado, com todos os participantes a terem um lugar na primeira fila.

Por outro lado, senti-me muito desconfortável com as sessões privadas individuais de transe que dava todas as quintas-feiras à tarde ao longo desse ano. Hoje, com o senão da retrospetiva, o meu desagrado por elas não é difícil de entender. Os meus muitos anos de desenvolvimento mediúnico e o meu trabalho público como médium tinham-me, até então, condicionado a trabalhar apenas em salas escuras. Tudo estava orientado para fenómenos físicos. Então, após inúmeros pedidos, infelizmente concordei em dar sessões privadas – realizadas não na escuridão, mas em luz vermelha. Sempre as enfrentei com apreensão, dúvidas e a repugnante sensação de que estava 'em exibição' em vez de fazer parte da escuridão na qual habitualmente e confortavelmente me fundia.

Essas sessões privadas duravam em média 60 minutos. Chegava à casa de Ray e June às 13h e, às 13h30, estava em estado de transe e permanecia nele durante muitas horas, enquanto era visitado por uma sucessão de clientes. Tudo me parecia muito estranho. Era "transe por encomenda". Muito rapidamente, tornou-se um trabalho, porque não havia alegria nisso para mim.

Inadvertidamente, tornara-me um médium profissional, e isso ia contra a minha natureza.

Descobri que, nessas circunstâncias, a carga de responsabilidade imposta era demasiado grande para suportar, pois as pessoas vinham de casa, mas também do estrangeiro, com tais expectativas. Ansiava por me libertar de tudo isso e regressar a trabalhar unicamente na sala de sessões escura. Essa era a minha zona de conforto; era aí que eu pertencia. E assim, não demorou muito até tomar a decisão de cumprir os meus compromissos para sessões privadas pelo resto do ano e, depois, não aceitar mais.

Em maio desse ano, demonstrei também a minha mediunidade na Suíça, tendo aceitado um convite do Dr. Hans Schaer – um advogado suíço e membro da NAS. Foi a minha primeira vez a trabalhar fora do Reino Unido. A nossa primeira visita à Suíça provou ser uma experiência maravilhosa durante a qual fizemos muitos novos amigos. Mais importante, as sessões que dei lá introduziram muitos participantes aos fenómenos físicos pela primeira vez, permitindo-lhes testemunhar a realidade de uma forma tão dinâmica e tangível de comunicação entre dois mundos. Essa primeira visita criou tanto interesse genuíno que levou a visitas adicionais, até à minha final em 2008.

Aqui está parte do relatório de um participante sobre a sua experiência durante a minha primeira visita lá, mostrando eventos que não foram descritos anteriormente nestas páginas. É extraído da edição de agosto de 1999 do *PARA Journal* (Revista Suíça de Parapsicologia e Esoterismo), publicada pelo Basler Psi-Verein e escrita pelo presidente da associação, Lucius Werthmuller.

Em ambas as sessões (Zurique e Basileia), trompetes (cones de alumínio leve marcados com tinta luminosa) ergueram-se no ar e voaram pela sala. Primeiro, bateram no chão antes de se erguerem hesitantemente e depois voarem a alta velocidade por toda a sala. Em Zurique, onde a sala de sessões tinha cerca de seis metros de altura, voaram até ao teto, bateram nas paredes e completaram as manobras de voo mais excitantes a uma velocidade de tirar o fôlego. Também tocaram vários dos participantes. Na sessão em Basileia, voaram também durante algum tempo, mas permaneceram apenas numa parte da sala onde o médium e os participantes se sentavam. Eu próprio fui tocado duas vezes de forma muito suave por um dos trompetes voadores.

Enquanto, conforme pedido pelos comunicadores em transe, todos os participantes cantavam para elevar a atmosfera, Christopher marcava o ritmo da canção na mesa com as baquetas que tinham sido fornecidas. Dois fenómenos adicionais ocorreram em Basileia. Um foi uma voz fraca a chamar um participante pelo nome, mas era muito suave e não podia ser ouvida por toda a sala. Durante as sessões, Stewart saiu do estado de transe em duas ocasiões, mas estranhamente os fenómenos ainda estavam a ocorrer – os trompetes ainda voavam e uma voz direta podia ser ouvida. No final da sessão em Basileia, quando a luz voltou, havia outra surpresa à nossa espera. A camisa que o médium usara debaixo do pulôver no início

da sessão estava agora vista a repousar no chão à frente dele, a uma distância de um metro.

Isto aconteceu apesar do facto de os seus braços estarem fixos com abraçadeiras de plástico aos braços da cadeira. Parece que a sua camisa foi desmaterializada e depois rematerializada e deixada no chão.

Após uma curta pausa, Stewart estava disponível para perguntas. Estas sessões impressionaram-me profundamente. No entanto, deve ser dito que os arranjos deixavam espaço para especulação cética. Mas, para mim pessoalmente, estou convencido de que testemunhei fenómenos paranormais genuínos. O comportamento sincero e modesto de Stewart Alexander e dos seus colegas membros do círculo convenceu-me ainda mais.

Essas sessões iniciais na Suíça provaram ser das minhas últimas sob os auspícios da NAS, da qual me demiti em 1999. Depois disso, comecei imediatamente a receber convites de longe para demonstrar a minha mediunidade.

Claro, estes não podiam ser aceites levianamente. O aspeto de segurança tinha de ser a principal consideração do círculo, porque há sempre um elemento de risco envolvido sempre que o mundo espiritual retira do médium a substância/energia vital conhecida pelos espiritualistas como ectoplasma e, em seguida, a utiliza para criar manifestações físicas.

Como afirmei anteriormente, os fenómenos físicos repousam e dependem inteiramente desta energia viva. É parte da fisiologia do médium, e a sua externalização é segura desde que as condições estritas da sala de sessões não sejam violadas.

Por exemplo, a introdução súbita de luz (artificial ou natural) num momento em que as manifestações físicas estão a ocorrer faria com que o ectoplasma, altamente sensível à luz, recuasse e regressasse rapidamente à sua fonte (o médium), com consequências potencialmente catastróficas para a sua saúde.

Tais perigos são inerentes e, portanto, não era preciso grande intelecto para que o meu círculo e eu percebêssemos que, sem a proteção da Sociedade, que sempre ia a grandes comprimentos para garantir a segurança dos seus médiuns, tínhamos de considerar todos os convites com considerável cautela.

A história pode ensinar-nos tanto e, se formos sábios, devemos sempre atender ao seu aviso.

Adicionalmente, como um homem muito reservado que não procurava notoriedade nem publicidade, pessoalmente não tinha particular desejo de continuar a trabalhar em público e estava contente por simplesmente desaparecer e retirar-me de novo para a obscuridade do meu círculo caseiro. Estávamos cientes do facto de que as sessões públicas realizadas para a Sociedade tinham, durante alguns anos, atrasado desenvolvimentos dentro do círculo caseiro. Tal sacrifício tínhamos aceitado simplesmente porque todos sentíamos que era pelo 'bem maior'. As sessões públicas eram oportunidades para o mundo espiritual alcançar um número considerável de pessoas. Esperávamos que, ao testemunhar e experimentar o que sempre referíamos como 'a grande realidade', os participantes fossem inspirados e motivados a formar os seus próprios círculos – e, de facto, muitos o foram.

Não obstante, estávamos agora livres para traçar o nosso próprio rumo e o nosso futuro como círculo. Achávamos importante afastarmo-nos da arena pública durante algum tempo. Esperávamos que isso desse ao mundo espiritual a oportunidade de desenvolver ainda mais a mediunidade.

Infelizmente, na realidade isso não se revelou possível, pois os convites continuaram a chegar em catadupa, tanto do país como do estrangeiro. Senti-me sobrecarregado pela obrigação de aceitar. Parecia impossível virar as costas a tantos amigos dentro da NAS que constantemente perguntavam sobre possíveis sessões públicas e sobre o já estabelecido círculo de convidados das noites de quinta-feira. Além disso, recebíamos pedidos de outros espiritualistas sinceros que nunca tinham tido a oportunidade de testemunhar comunicação física com o mundo espiritual.

Embora tentássemos muito limitar tais demonstrações, nos anos seguintes trabalhei por toda a Inglaterra, na Escócia e no País de Gales. Voltei também várias vezes à Suíça e visitei a Suécia. No entanto, recusei ofertas da Austrália, dos Estados Unidos, da Argentina, do Canadá, da Finlândia, da Dinamarca, da Noruega e da Alemanha. Isso deveu-se principalmente ao facto de, até 2006, eu ser dono de uma empresa extremamente ocupada que exigia a minha presença e contributo contínuos. Nas poucas ocasiões em que tinha tempo livre, tinha primeiro de fazer arranjos complexos, difíceis e elaborados. Por isso, limitei estrenuamente a minha ausência da empresa.

No próximo capítulo incluirei uma pequena seleção de relatórios de sessões anteriormente publicados que considero representativos das

grandes demonstrações públicas que realizei tanto em Inglaterra como na Escócia após os anos da NAS.

Ao apresentar estes relatórios, dos quais tenho muitos volumes, a minha única intenção é impressionar o leitor com a verdade de tudo o que eu e outros descrevemos. Como referi na minha carta aos leitores no início deste livro, nada do que aqui está contido é uma questão de egocentrismo. Pelo contrário, é talvez a minha última oportunidade de deixar registado de forma permanente uma visão rara do meu mundo de salas escuras e de pessoas que, tendo outrora caminhado sobre esta terra, regressaram para partilhar com todos os que quiserem ouvir a sua própria mensagem gloriosa de sobrevivência. Dentro destas páginas, esforcei-me, principalmente através das palavras daqueles que assistiram às minhas sessões públicas, por dar ao mundo espiritual uma voz que possa influenciar a vida de todos os que lerem este livro, tanto agora como no futuro. É só isso.

CAPÍTULO 13
Aqui, Ali e em Todo o Lado

Quando viajava por Inglaterra, Escócia e estrangeiro, tive a grande sorte de não o fazer sozinho. Por isso, estou há muito em dívida para com os meus leais e fiáveis amigos Ray e June Lister, que, como líderes do círculo caseiro, estiveram sempre ao meu lado. Sempre que eles não estavam disponíveis, os meus amigos June e Alf Winchester tomavam invariavelmente o seu lugar. Como ex-presidente e vice-presidente da NAS, o seu conhecimento de mediunidade física é considerável. Devido à natureza e aos perigos inerentes à demonstração de mediunidade física, o apoio sábio e fiável é crucial. Estes amigos experientes conseguiam garantir a minha segurança quando, em estado de transe, eu era incapaz de me proteger. Os médiuns físicos ao longo da história sempre dependeram de tal apoio quando demonstravam fora do ambiente seguro do círculo caseiro.

A qualidade dos fenómenos e da comunicação evidencial nas sessões públicas variava sempre, mas nunca eram em branco (em que nada acontecia). As pessoas do espírito moviam céu e terra para não desiludir. Na ocasião da minha primeira grande sessão pública, imaginei que, com tantas pessoas presentes e, portanto, toda a energia extra disponível,

quaisquer dificuldades habituais seriam removidas. Haveria uma quantidade inesgotável de energia, com a qual seriam capazes de mover montanhas! Infelizmente, na minha ignorância, não podia estar mais enganado. Aprendi rapidamente que, dentro do círculo caseiro, os trabalhadores espirituais estavam muito familiarizados com a energia de todos os membros individuais. Em contrapartida, grandes grupos apresentavam-lhes energias com as quais não estavam familiarizados. Era, portanto, notável que conseguissem produzir quaisquer resultados. Nesses eventos, os obstáculos que enfrentavam eram muitos. Agora, todos estes anos depois, isso parece-me tão óbvio, mas na altura demorei algum tempo até compreender.

Apresento agora uma pequena seleção de relatórios de participantes em sessões públicas que acredito que os leitores acharão interessantes. A partir deles, pode ganhar-se uma visão mais clara da minha vida como médium. Os relatos foram encurtados, destacando os aspetos dos relatórios que não são repetições dos já incluídos em capítulos anteriores.

Música, Trompetes e Pena Branca

Publicado originalmente no *Psychic News*, 9 de dezembro de 2000, nº 3574.

Os membros e amigos da Igreja Espiritualista de Redland tiveram o privilégio de receber o médium Stewart Alexander em Bristol nos dias 9 e 10 de outubro. Na segunda-feira à noite, Stewart e vinte e cinco convidados sentaram-se para um círculo privado de materialização na casa do conhecido espiritualista local Doug Powell. Isso revelou-se uma experiência maravilhosa para todos os presentes.

Stewart está bem protegido por June e Ray Lister, os seus acompanhantes, organizadores e líderes do círculo. A sua segurança é de importância primordial para eles e a sua dedicação é claramente evidente. Após uma oração de abertura, bastaram alguns minutos para que o guia de Stewart, Pena Branca, começasse a falar com o seu sotaque nativo americano. Depois, o pequeno Christopher ‘apareceu’. Todos ficaram encantados por ouvir a voz da criança pequena e a atmosfera ficou carregada de grande energia devido ao riso enquanto Christopher procedia a encantar os participantes com o seu humor leve. O menino assegurou a

quem pudesse estar nervoso que não havia necessidade, pois «se um fantasma aparecesse agora na sala – eu seria o primeiro a sair porta fora».

O comunicador seguinte foi Walter Stinson, irmão da conhecida pioneira espiritualista Margery Crandon. Não perdeu tempo a dizer aos participantes que, se esperassem discursos sábios e elevados, ficariam desiludidos, pois o propósito da sessão era simplesmente ligar os dois mundos em amor e harmonia. Mais uma vez, a atmosfera foi aligeirada pelo riso enquanto Walter flirtava com as senhoras presentes! Explicou que a energia necessária do médium para manifestações físicas levaria tempo a gerar e não podia ser apressada. Muitos, disse, sentiriam desconforto à volta do plexo solar, pois a energia seria 'emprestada' para o mesmo fim. No entanto, assegurou a todos que seria devolvida mais tarde.

Perguntou então se alguém gostaria de fazer uma pergunta. Uma senhora respondeu e foi imediatamente convidada a sentar-se ao lado do médium e a segurar a sua mão direita com a esquerda. Em seguida, foi instruída a apalpar com a mão direita a correia que prendia a mão e o braço dele à cadeira. Anunciou então com excitação que ele tinha erguido a mão acima da cabeça, o que, exclamou, «é completamente impossível». Walter explicou que ela tinha testemunhado a passagem de matéria através de matéria – ou seja, o braço do médium através da correia de contenção. Foi dada permissão para as luzes serem ligeiramente aumentadas e todos ficaram espantados ao ver que o braço de Stewart estava completamente livre da correia, que ficara firmemente presa ao braço da cadeira. Walter explicou que isso não era milagre, mas uma demonstração de lei natural. A participante ficou novamente excitada ao relatar que uma terceira mão se tinha materializado e estava a acariciar-lhe o braço, e isso era audível por toda a sala. Foi então convidada a ficar depois do círculo para uma sessão privada, pois havia uma 'equipa de futebol' de entes queridos no mundo espiritual à espera de falar com ela.

Após os trompetes flutuarem pela sala e tocarem as pessoas, foi criado pelas pessoas do espírito um 'mecanismo de fala' a partir de ectoplasma para fins de comunicação direta. Este mecanismo (a chamada caixa de voz) era completamente separado e, portanto, desligado do médium, e a voz que começou a falar dele era audível para todos a partir de uma localização diferente. Este comunicador falou articuladamente sobre a maravilhosa realidade da comunicação espiritual e continuou a explicar que,

trabalhando juntos, nos tornamos uma equipa unida – que nos tornamos um em serviço.

Falou de levar a nossa experiência para o mundo para a partilhar com todos os que quiserem ouvir. «Não podemos fazer isto sozinhos, meus amigos» foi a sua mensagem «e com uma maior compreensão e conhecimento sobre a própria natureza da vida, então atingiriam verdadeiramente o céu na vossa terra».

Neste ponto, a caixa de voz começou a falhar e tornou-se demasiado fraca para funcionar, e a comunicação foi transferida de volta para o médium.

A comunicadora seguinte apresentou-se como Freda Johnson com uma voz muito 'de professora'. Todos foram chamados à atenção enquanto ela explicava que, embora fosse mulher, a voz tinha entoações masculinas, pois estava a falar através das 'coisas e peças' de Stewart. Queria que todos soubéssemos que era um processo extremamente desconfortável. Em seguida, passou várias mensagens a vários participantes, incluindo uma senhora que recebeu uma mensagem da mãe. Isso incluía muitos detalhes íntimos conhecidos apenas pelas duas. Freda permitiu então que a mãe tentasse falar diretamente à filha.

Seguiu-se uma troca muito emotiva após a qual a senhora não teve dúvidas de que a sua mãe – com considerável esforço – tinha de facto falado com ela. Mais tarde na sessão, Walter organizou uma demonstração de materialização e a senhora conseguiu reconhecer inconfundivelmente a mão da mãe, que foi exibida no tampo de vidro iluminado por baixo. Depois, uma outra mão foi materializada no centro da mesa, que muitos participantes conseguiram ver devido à sua luminosidade.

Antes das palavras finais de bênção de Pena Branca, Walter encerrou a noite agradecendo a todos os presentes por fornecerem a energia necessária através do seu amor e pensamentos bondosos. Pediu desculpa por, nessa ocasião, devido a condições fora do seu controlo, não ter podido sair do gabinete e caminhar entre nós. Não obstante, todos os presentes ficaram muito satisfeitos com a maravilhosa experiência e saíram da sala num alvoroço de excitação.

No dia seguinte, Stewart deu uma breve palestra para uma Guilda da Igreja cheia, explicando como a sua mediunidade se desenvolvera ao longo de trinta anos. Após isso, saiu brevemente da sala para se recompor e, ao regressar, entrou rapidamente em transe. Mais uma vez, Pena Branca,

Walter, Freda e Christopher estiveram presentes com o mesmo elevado padrão de comunicação. A secretária da Igreja e a sua mãe tiveram a oportunidade de falar com o pai e marido, que falou através do médium. Resultou uma conversa muito emotiva que deixou toda a audiência em lágrimas, pois foi dada evidência indisputável. Isso incluía o nome do senhor (e o nome da sogra, que aparentemente o acompanhara) e recordou incidentes relacionados com as suas vidas juntos.

Stewart Alexander é uma pessoa modesta, sem ego, genuína, cujo calor e carisma impregnaram a sala. Os que assistiram a estes dois eventos agradecem-lhe e aos seus apoiantes June e Ray Lister por partilharem o seu conhecimento da grande verdade da sobrevivência.

A Turné Escocesa de Stewart

Publicado originalmente no *Psychic World*, junho de 2005, nº 138. Mary Armour

Regressando a casa fisicamente cansado, mas espiritualmente enriquecido, a equipa (Mary e Joe Armour, Alf e June Winchester e, claro, Stewart Alexander) separou-se em Glasgow no sábado, 7 de maio, com muitos pedidos para um regresso em 2006.

O médium e o seu séquito começaram esta excitante turné de oito dias no Edinburgh College of Parapsychology, Melville Street, na capital escocesa, Edimburgo.

No sábado de manhã, num seminário de um dia, Alf Winchester foi o primeiro a falar sobre famosos médiuns físicos do passado, com diapositivos fotográficos. Stewart seguiu-o relatando a maravilhosa e milagrosa história do seu desenvolvimento, uma incrível jornada de felicidade, lágrimas, trabalho árduo e dedicação. À tarde, Mary Armour falou sobre 'Ciência na Sala de Sessões' e discutiu o trabalho de antigos investigadores da SPR.

E quando os delegados pensavam que não podia ficar melhor, à noite houve uma demonstração de transe profundo por Stewart. Muitos dos presentes receberam comunicações gloriosas, de fazer chorar e também felizes, dos seus entes queridos dos reinos superiores – a evidência sendo 'fora deste mundo'.

No dia seguinte, a equipa começou a escurecer a biblioteca do Colégio e acabou por transformá-la num santuário onde os dois mundos se

encontraram. Durante mais de duas horas, testemunhámos muitas coisas, incluindo a passagem de matéria através de matéria. Em luz vermelha, todos observámos mãos ectoplásmicas e vimos trompetes a dançar alto no ar. A evidência dada aos participantes por vozes diretas ou independentes foi instantaneamente reconhecida e verificada pelos destinatários. Uma materialização notável foi a do Dr. Barnett, que me deu cura e aconselhou que o benefício só seria sentido dois ou três dias depois. Muitos foram tocados fisicamente com amor pelas mãos sólidas e quentes das pessoas do espírito. Uma experiência maravilhosa para todos os que assistiram ao evento.

Na quarta-feira, seguíamos para uma das ilhas da Escócia. Fomos literalmente 'Doon the Watter' para a bela ilha de Rothesay. O 'White Rose Group' de Mary Armour apresentou uma noite de cura, clarividência e transe, a energia e a atmosfera amorosa na sala sendo dinâmicas, o que é tão raramente aparente no espiritualismo de hoje.

No dia seguinte, as coisas ficaram ainda melhores. Tendo sentado com Stewart desde 1993, a autora achou que a sessão dessa noite foi a melhor de sempre. Com apenas dezanove participantes presentes, conseguimos formar um círculo de tamanho razoável onde todos tinham literalmente um lugar na primeira fila.

A energia palpável naquela sala foi tal que, após a demonstração de todos os fenómenos habituais, ainda havia suficiente para levitar a mesa a grande altura. Esta estava no meio do chão e iluminada por luz vermelha. De facto, a cereja no topo do bolo.

A nossa viagem para a Igreja de Berkley Street no dia seguinte seria algo histórica, pois passámos por Callander, Perthshire, outrora casa de Helen Duncan que, claro, muitos acreditam ter sido a melhor médium de materialização da história. Lá visitámos uma das sobrinhas de Helen e uma boa amiga minha, a Sra. Flossie Macfarlane. Durante duas horas, sentámo-nos fascinados enquanto ouvíamos as suas memórias de infância da tia Helen, ou Nell, como a família carinhosamente a chamava.

Ao final da tarde, finalmente e com relutância, despedimo-nos carinhosamente de Flossie e partimos para a última etapa da nossa odisseia até à Association of Spiritualists, Berkley Street, Glasgow. Chegando nessa noite algo exaustos, preparamos parcialmente o escurecimento para a sessão de sábado à noite, que seria realizada após um seminário de dia inteiro.

Nessa noite, como clímax e como o zénite de todas as nossas expectativas, os dois mundos voltaram a fundir-se na sessão noturna. Pena Branca acabou por, e com relutância, encerrar o círculo e o que foi a experiência de uma vida chegou ao fim com esta que vos fala ainda maravilhada com a levitação visível da mesa em luz vermelha.

Mão Materializada em Luz Vermelha

Publicado originalmente no *Psychic World*, agosto de 2007, nº 164. Denzil Fairbairn (Oxfordshire)

O seguinte experimento teve lugar na casa de Alf e June Winchester em Cromer, Norfolk, na noite de sexta-feira, 4 de maio de 2007. A sala construída de propósito, onde vários tipos de mediunidade são demonstrados, tem aproximadamente forma quadrada e é suficientemente grande para acomodar confortavelmente vinte pessoas à volta do seu perímetro.

O médium físico, Stewart Alexander, estava sentado na sua própria cadeira numa extremidade da sala, dentro da área conhecida como o gabinete do médium. Este consistia em duas cortinas leves, suspensas de um carril de cortina montado no teto, que eram por vezes corridas para formar um recinto com a parede diretamente atrás de Stewart. Antes do início dos procedimentos da noite, a sala onde a demonstração teria lugar foi minuciosamente revistada à procura de quaisquer fios, aparelhos ou dispositivos que concebivelmente pudessem ser considerados como auxiliares dos fenómenos que esperávamos que se manifestassem mais tarde nessa noite.

Isto foi realizado por um diretor de empresa de Northamptonshire, juntamente comigo (sou um espiritualista de quarta geração e altamente experiente em assuntos de mediunidade física). Também presente estava o proprietário do local, Alf Winchester, que estava à disposição para responder a quaisquer perguntas que pudéssemos ter. A nossa busca não revelou dispositivos clandestinos na sala e ambos ficámos satisfeitos.

Após a comunicação na sessão com a equipa regular de comunicadores espirituais de Stewart e várias demonstrações significativas do experimento de matéria através de matéria e levitação de trompetes, pediu-se a Alf Winchester que ligasse a caixa de luz. Este equipamento é feito do que parece ser uma mesa de café convertida, com

aproximadamente 24 polegadas de diâmetro, com laterais sólidas e um tampo opaco que permite vários graus de luz filtrar através dele. A luz montada no interior é operada por um interruptor de controlo remoto da intensidade. Vi pessoalmente a caixa ser utilizada em numerosas ocasiões nas demonstrações de Stewart, mas tenho de informar que nunca testemunhei um grau de luminosidade tão elevado como o exibido nessa noite. De facto, havia luz suficiente, por vezes, para ver os participantes do lado oposto da sala, a cerca de 8-10 pés (2,5-3 metros) de distância.

Então, a alegada mão materializada apareceu no tampo da caixa de luz enquanto os pulsos do médium estavam firmemente presos aos braços da sua cadeira, sem qualquer meio de escape exceto cortando as abraçadeiras de plástico com alicates. Após este experimento, Walter, um dos principais controlos de Stewart, pediu às pessoas sentadas de cada lado do médium que movessem as suas cadeiras para ficarem de frente uma para a outra em lados opostos da caixa. Uma senhora adicional foi então chamada para se sentar no lado mais afastado da caixa de luz, de frente para o médium. Cada pessoa foi então convidada a colocar as mãos espalmadas no tampo, de modo que os dedos se tocassem.

Walter libertou então as mãos de Stewart das suas correias de contenção (fomos levados a acreditar que isto foi através do processo de passagem de matéria através de matéria, pois nenhum outro meio de escape era viável) e colocou-as ao lado das mãos dos outros participantes, de modo que todas se tocassem. Isto foi feito dentro da luz vermelha emitida pela caixa de luz por baixo das suas mãos. Com a confirmação de que as mãos de todas as quatro pessoas estavam em contacto umas com as outras, vários dos participantes mais próximos do experimento conseguiram confirmar que também podiam ver claramente que todas as mãos estavam no lugar e a tocar-se. Eu próprio era um dos suficientemente próximos (24 polegadas – 60 cm) para observar muito claramente o que aconteceu a seguir. Um sentido de antecipação encheu-me.

No entanto, antes de prosseguir, reiterarei – havia quatro pares de mãos claramente visíveis, mostrando-se em forte silhueta preta contra o fundo da luz vermelha que emanava através do tampo da caixa de luz.

Então, em questão de segundos, uma massa começou a mover-se para a sua superfície a partir da direção do médium e, à medida que passava pelas suas mãos, começou a metamorfosear-se, mudando gradualmente de uma massa informe para a de uma mão. Antes de tomar forma completa,

aqueles de nós próximos podíamos ver uma mudança gradual na densidade da massa, particularmente a localizada entre cada um dos dedos, que mudou de obscura para opaca, para a aparência de tecido leve. E então, finalmente, desapareceu para deixar uma mão completamente formada no meio da caixa, que estava totalmente animada, batendo vigorosamente na superfície da caixa para criar um som rápido de batidas audível.

Agora, os leitores devem fazer a si próprios uma pergunta. De onde veio a mão?

Aqueles sentados ao lado de Stewart garantiram que, em todos os momentos, estavam em contacto com as suas mãos e isto, nós como observadores, podíamos ver claramente. O processo de materialização da mão também se desenrolou à plena vista de todos os participantes que estavam próximos. Portanto, a menos que Stewart seja capaz de fazer crescer, à vontade, um apêndice extra e depois fazê-lo desaparecer uma vez terminado o experimento, é-se forçado à conclusão inescapável de que o que teve lugar foi um dos, senão o mais notável pedaço de evidência de continuação da vida produzido numa demonstração de fenómenos físicos nos tempos modernos.

Foi um privilégio observar, testemunhar e fazer parte deste pequeno experimento. Simplesmente grita ao mundo que tem de haver uma continuação da inteligência e, portanto, da vida para além da física que, sob condições adequadas, pode manifestar-se para provar a sua própria existência.

As pessoas não familiarizadas com a sala de sessões espiritualistas imaginam invariavelmente que os procedimentos são assuntos sombrios que são geralmente reverenciados por participantes apreensivos.

Alguns podem sentir que tais coisas não devem ser ‘mexidas’, enquanto outros estão convencidos de que abrigam palhaçadas orquestradas por médiuns falsos e sem escrúpulos que querem ganhar dinheiro rápido – que os mortos estão mortos e, portanto, não pode haver comunicação entre o nosso mundo e um mítico espiritual. Tais argumentos baseiam-se geralmente na ignorância dos factos. Dentro deste e dos capítulos anteriores, esforcei-me por mostrar que, contrariamente a tais impressões generalizadas, na realidade a sala de sessões física é um lugar de alegria, riso e maravilha. Espero também ter agora construído com sucesso um caso prima facie para a sobrevivência e comunicação e que os leitores sejam encorajados a continuar a ler.

Nas páginas seguintes, pretendo ilustrar ainda mais que a morte é um mero evento fugaz na vida e que, dada a oportunidade, os chamados mortos podem e regressam ao nosso mundo com a sua gloriosa mensagem de vida contínua.

Nota de rodapé: Mary Armour fez a sua transição para o Mundo Espiritual em março de 2020.

CAPÍTULO 14
Os Meus Seminários
(2000 – 2014)

Em resposta a muitos pedidos, decidi, juntamente com os meus amigos Alf e June Winchester, realizar um Seminário residencial de fim de semana num Hotel/Retiro no Norte de Yorkshire. Começando no ano 2000, a nossa intenção cuidadosamente considerada era basear este programa em mediunidade de qualidade, tanto mental como física, e incluir demonstrações de ambas. Adicionalmente, planeámos uma variedade de palestras sobre fenómenos da sala de sessões, tanto históricos como contemporâneos, e oferecemos uma escolha de workshops concebidos para ajudar construtivamente aqueles indivíduos com potencial mediúnico a desenvolver as suas capacidades. No sábado à noite, teríamos uma sessão física experimental comigo como médium.

Os médiuns e oradores convidados para demonstrar e palestrar foram escolhidos com grande cuidado. Baseados nas nossas próprias convicções e na nossa experiência dos dias da NAS, suspeitávamos que haveria considerável interesse num seminário que prometesse excluir o tipo de assuntos marginais que gradualmente se infiltraram e se ligaram ao espiritualismo atual – as chamadas atividades 'New Age', 'canalização' e o tipo de disparate que gradualmente corrompeu e levou o espiritualismo de joelhos. Estes não teriam lugar. Seria de volta aos básicos, livre do que acreditávamos ser absurdo.

Dentro de dias após o Seminário ser anunciado sob o título 'Stewart Alexander and Friends', esgotou com uma longa lista de espera de pessoas incapazes de assegurar um lugar. Quando o fim de semana finalmente chegou, ficámos encantados por receber e renovar amizades com muitas

pessoas que tinham sido, ou ainda eram, membros da NAS, juntamente com aquelas que não tínhamos conhecido previamente.

Na sessão de abertura, após o jantar na sexta-feira à noite, acolhi pessoalmente todos os participantes e apresentei-os à nossa equipa de oradores e médiuns. Lembrei-lhes quão importante era para nós criarmos entre nós uma atmosfera quente e harmoniosa dentro da qual a equipa pudesse trabalhar da melhor forma e que permitiria ao mundo espiritual aproximar-se. Salientei que isto não podia ser sobrestimado e que cabia a todos nós deixar os nossos problemas e preocupações quotidianos fora da porta durante a nossa estadia. Salientei que, na verdade, esperávamos que as pessoas do espírito deixassem o seu estado de amor total e entrassem no nosso mundo altamente conturbado e, portanto, tínhamos de criar para elas uma ilha de tranquilidade. A ambiência seria de considerável importância e, se pudéssemos funcionar como uma equipa unida para criar essas condições vitais, então estaríamos a fazer tudo o que os nossos amigos espirituais esperariam de nós.

Como se viu, não precisava de me preocupar. Todos desfrutaram de um fim de semana mais maravilhoso e revigorante e partiram sentindo-se física e espiritualmente recompensados e realizados.

De facto, se o nosso sucesso nesse fim de semana pudesse ser medido contra a resposta pública ao anúncio do nosso próximo Seminário planeado para o ano seguinte, então simplesmente não poderia ter sido melhor. Mais uma vez, esgotou dentro de dias após ser anunciado. Este seria então o padrão para todos os seminários subsequentes. Tal foi o seu sucesso que não demorou muito para que um seminário por ano rapidamente se tornasse dois. No mundo do espiritualismo informado, tornaram-se rapidamente conhecidos por serem inspiradores e educativos, bem como maravilhosos eventos sociais.

Ao longo dos anos, recebemos pessoas de todo o mundo. Os seminários tornaram-se verdadeiramente internacionais, com pessoas viajando da América, Austrália, Canadá, França, Holanda, Alemanha, Suécia, Dinamarca, Noruega e Suíça. Talvez isto endosse a minha crença de que hoje há de facto uma deceção mundial no espiritualismo como agora existe. De alguma forma, o caminho foi perdido e, com ele, uma crença generalizada de que a mediunidade física – outrora o navio-almirante do movimento – pertence ao passado e, como tal, já não é bem-vinda.

Após esse primeiro seminário, a responsabilidade de arranjar alojamento no local e organizar o programa, oradores e workshops recaiu diretamente sobre Alf e June Winchester. Desempenhei um papel muito menor apesar do facto de os seminários terem o meu nome.

Ao longo dos anos, tivemos a sorte de ter muitos oradores excelentes. Talvez um dos mais cativantes tenha sido o imensamente popular Tom Harrison[1], que é considerado por muitos como o estadista mais velho do espiritualismo. De um testemunho tão credível, as suas palestras sobre o círculo da sua mãe, do qual fizera parte, eram únicas. Eram inspiradoras, emotivas e dramáticas, não deixando dúvidas de que falara do coração. As suas recordações vívidas de eventos espantosos simplesmente cativavam a sua audiência, pois era uma testemunha viva do tipo de sessões que hoje só podemos ler. Sempre falava com sinceridade e humildade patentes.[2]

Encantando o ouvinte, levava-os de volta a 1946, para uma sala de estar ao lado de uma padaria em Middlesbrough, a casa dos companheiros de círculo Sydney e Gladys Shipman. O que testemunharam nesse círculo todas as semanas durante os dez anos seguintes foi, por qualquer medida, notável. Pois dentro daquela sala os mortos materializavam-se em forma sólida e podiam ser vistos por todos os presentes. Podiam ser sentidos e podiam conversar com os participantes. Pouco espanto, portanto, que Tom conseguisse lembrar todos os detalhes destes eventos nos anos seguintes. De facto, como poderia esquecer?

Tendo ouvido todos os seus relatos hipnotizantes, o meu favorito particular há muito tem sido a sua descrição da noite em que o círculo testemunhou a sua primeira materialização. Nunca me cansei de ouvir o seu relato carregado de emoção, por isso acredito que merece um lugar neste livro. Com isso em mente, aproximei-me de Tom que, a meu pedido, escreveu amavelmente o seguinte, que agora fico feliz por partilhar com os leitores.

Uma Experiência de Tirar o Fôlego

Tínhamos estado a sentar-nos apenas há oito meses quando, durante uma sessão a 7 de dezembro de 1946, ficámos espantados por ter uma experiência tão fenomenal e de tirar o fôlego; verdadeiramente ‘fora deste mundo’ à volta da lareira, à plena vista de todos na sala. Eu sentava-me sempre imediatamente em frente dela na outra extremidade do semicírculo

e podia ver claramente tudo o que acontecia. Sentámo-nos pelo menos meia hora e nada acontecera, o que era muito invulgar, e começámos a pensar que não haveria fenómenos nessa noite.

Então, vimos no chão entre a minha mãe e eu um disco branco com cerca de dois pés de diâmetro. Devido ao pequeno tamanho da sala, nunca estava a mais de cinco pés dela e podia ver claramente que o disco estava ligado à minha mãe, que estava em transe profundo e não sabia nada do que estava a acontecer. Estávamos todos muito excitados, claro, e enquanto conversávamos vimos este disco começar a evoluir para uma coluna branca vertical que se ergueu até cerca de cinco pés de ectoplasma sólido. 'Incrível!', dissemos. A coluna permaneceu imóvel durante alguns minutos enquanto a fitávamos, ficando cada vez mais excitados. Então, enquanto observava, a parte superior começou a torcer-se na minha direção e podia ver que havia uma semelhança de um rosto dentro dela, mas não conseguia reconhecer quem era. Do corpo da coluna apareceram então duas mãos e braços cobertos pelas 'vestes' ectoplásmicas.

À medida que as mãos se estendiam para a frente e se aproximavam de mim, instintivamente estiquei as minhas mãos na sua direção – de modo nenhum assustado, pois tudo parecia tão natural. Mas ainda apreensivo, suponho, por encontrar uma pessoa espiritual materializada tão perto pela primeira vez. Então, as nossas mãos encontraram-se e percebi que na minha mão direita me estavam a ser dadas quatro belas cravinas – aportes. Enquanto agarrava firmemente as flores, as minhas duas mãos foram firmemente seguradas pelas mãos ectoplásmicas quentes à minha frente. Ouvi então, baixinho mas claramente, do rosto acima de mim, as palavras 'Para ti, para ti'. As mãos e braços voltaram para a coluna de ectoplasma, que então encolheu lentamente para o chão à medida que o ectoplasma regressava à minha mãe.

Ficámos todos excessivamente sem fôlego após uma experiência tão única. Quanto a mim, lá estava eu sentado na minha cadeira em frente à minha mãe, com a boca escancarada, ainda agarrando firmemente as quatro cravinas que recebera momentos antes e tentando apreciar o significado do meu 'breve encontro' de um tipo mais maravilhoso!

Mais tarde, soubemos que a nossa primeira visitante fora a irmã da minha mãe, Tia Agg[3] que, devido às suas qualidades mediúnicas e empatia com a minha mãe, atuaria daí em diante como o 'piloto de teste' no desenvolvimento dos fenómenos. No entanto, nessa noite, achei difícil

compreender plenamente a significância da sua visita, embora não houvesse dúvida sobre a sua presença, confirmada pelas cravinas que ainda agarrava minutos depois. Partilhámo-las entre nós e a minha ainda tem posição de destaque na minha pasta de lembranças, que invariavelmente levo comigo sempre que dou as minhas palestras sobre o nosso 'círculo maravilhoso'.

Maravilhoso de facto. Obrigado, Tom.

Agora, os leitores podem recordar que no capítulo 5, após o relatório intitulado 'A Bracelet too Far', mencionei que um evento fenomenal semelhante envolvendo o transporte extraordinário de um objeto material ocorrera alguns anos depois. De facto, isto aconteceu num dos meus seminários, como June Winchester (a minha organizadora de seminários) explicará agora:

O Colar de Cristal

Apressadamente, antes de sair de casa para assistir ao seminário e receber os participantes, coloquei um pequeno colar de lascas de cristal, bem como uma cruz muito pequena e corrente. Quando cheguei ao hotel, mudei de roupa antes de presidir à sessão de 'Boas-Vindas e Apresentações'. Com pressa, tentei em vão remover o colar, mas a corrente estava bem e verdadeiramente emaranhada nos seus cristais e, como o tempo era curto, vesti uma camisola de gola alta para cobrir o emaranhado e saí do meu quarto de hotel para abrir a reunião no salão de teatro do hotel.

Após cumprimentar os participantes e apresentar Stewart Alexander, sentei-me, levei a mão ao pescoço e, para meu considerável espanto, descobri que o colar tinha desaparecido. Depois, após a palestra de Stewart, procurei em todos os lugares onde tinha estado e pedi aos participantes e ao pessoal do hotel que ficassem atentos a ele.

Continuámos com o seminário ao longo desse fim de semana. Depois, a caminho de casa, comentei com Alf (o meu marido) que tempo maravilhoso tínhamos tido, mas que era uma pena ter perdido o meu colar. Devo mencionar aqui que Alf estava presente no momento em que tentei em vão desembaraçar o colar e a corrente. No entanto, ao regressar a casa, fui guardar a cruz na minha caixa de joias e fiquei absolutamente espantada ao encontrar o colar na caixa. Se não estivesse num emaranhado tão

terrível, talvez pensasse que tinha imaginado que o tinha colocado. Mas sei com certeza que usei ambos nessa sexta-feira de manhã.

Da próxima vez que me sentei com Stewart num círculo físico, Christopher, o guia espiritual infantil travesso de Stewart, disse-me: «Ha ha, tia June – devias ter visto a tua cara» e riu-se às gargalhadas no seu modo cacarejante muito distintivo. Podem imaginar quão deliciada e espantada fiquei por ter o colar de volta, pois é muito especial para mim. Só posso assumir que, com a minha proximidade a Stewart na plataforma, Christopher conseguiu usar a sua capacidade mediúnica física para não só remover o colar, mas também desembaraçá-lo.

Como mencionado anteriormente, em cada seminário sucessivo, sentei-me para a sessão física experimental de sábado à noite, geralmente com mais de noventa pessoas presentes. Em cada uma, desfrutámos de comunicação a nível físico com o mundo espiritual. Embora haja inúmeros relatórios de participantes, escolhi dois para apresentar aqui, escritos por visitantes estrangeiros. O primeiro vem de um investigador francês que, embora não seja espiritualista, assistiu devido ao seu interesse vitalício em fenómenos físicos, e o segundo de um visitante canadiano. Este último escolhi simplesmente porque ilustra de forma tão poderosa o impacto que tais fenómenos podem, e regularmente têm, na vida das pessoas.

Concluí o capítulo com um relatório sobre uma sessão que, embora não realizada no local habitual no Norte de Yorkshire, produziu uma comunicação excessivamente rara. Esta envolveu a transmissão de uma única ‘palavra-código’ do mundo espiritual que efetivamente provou a sobrevivência.

O Investigador Francês

Em março de 2006, o Dr. Michel Granger, acompanhado pela esposa, viajou para o norte de Inglaterra e para o nosso seminário a partir da sua casa em Chalon-sur-Saône, Borgonha, perto de Lyon, França. Tendo investigado em profundidade os fenómenos do espiritualismo durante muitos anos, era membro da SPR inglesa desde 1981. O seu grande interesse remonta a meados dos anos sessenta, quando estudava para um doutoramento em química física na Universidade de Montreal.

O Dr. Granger, um químico, escreveu extensivamente sobre o paranormal, com doze livros publicados e mais de 1400 dos seus artigos a

aparecerem nacional e internacionalmente. No entanto, esta seria a sua primeira experiência pessoal de uma sessão física. O seu relato do evento, sob o título 'Mistério', apareceu no jornal semanal francês *Dimanche – S & L* (Saône et Loire) e segue-se agora uma tradução para inglês:

Mistério – Apertei a Mão de Alguém que Morreu em 1911?

Uma mão tangível com cinco dedos – quente – claramente viva e animada, com uma atitude benevolente para comigo! Não, não perdi a cabeça. Refiro-me à experiência espantosa que tive quando testemunhei isto pessoalmente no sábado, 18 de março de 2006, num seminário espiritual realizado num hotel no Norte de Inglaterra. Vou agora recriar para vós os detalhes que ficarão gravados na minha memória pelo resto dos meus dias.

Numa sessão, pediram-me que colocasse a mão numa mesinha que tinha um tampo de vidro iluminado. E sem ninguém à minha frente além de um homem sentado em frente em estado de transe e imobilizado na sua cadeira, uma mão, primeiro flutuando em contorno e depois muito melhor formada, veio e colocou-se na mesa diretamente à minha frente. Tive a sensação de uma mão humana normal – firme e sólida – uma mão ectoplásmica materializada pertencente a um 'guia' que falava através do médium e me dava o notável privilégio de apertar a mão de um homem morto.

Walter Stinson, neste caso, era o guia espiritual do médium (um de quatro que, nas duas horas seguintes, vieram um após o outro). Alegava ser um jovem canadiano que fora morto num acidente de comboio em 1911.

No final de uma longa viagem no fim de semana passado, a minha esposa e eu chegámos ao hotel no Norte de Yorkshire, na costa leste de Inglaterra, tendo viajado de carro, avião, comboio e táxi.

Uma viagem cansativa e fatigante, mas pelo menos prometiam-nos ser recebidos como participantes privilegiados num círculo físico composto por Stewart Alexander, um dos últimos médiuns em Inglaterra a produzir fenómenos psíquicos físicos. Alf Winchester, o líder do círculo nessa noite, transmitiu-nos à tarde instruções indispensáveis e importantes para uma sessão bem-sucedida. O 'círculo' foi arranjado em vários concêntricos cada vez mais afastados do gabinete – uma espécie de alcova com cortinas à frente da qual o médium se sentava. Fomos colocados no círculo interior,

três lugares à direita do médium. As luzes principais foram apagadas e, na semiobscuridade, Stewart foi preso ao seu assento por meio de abraçadeiras de plástico que fixavam os seus pulsos aos braços da cadeira e que só podiam ser removidas com alicates para as cortar.

Duas tiras fosforescentes foram coladas nos seus joelhos para revelar a sua posição em todos os momentos.

As luzes principais foram então apagadas, deixando-nos em completa escuridão.

Passarei agora às manifestações que então aconteceram, mas, de passagem, deve notar-se que nenhuma entidade falou em francês. Ficámos impressionados com as vozes diretas (alegadas pessoas espirituais que falavam a partir de um ponto no espaço afastado do médium) que só entendíamos em fragmentos. Ficámos atónitos com o desfile de convidados para a cadeira central (uma cadeira vazia no centro do círculo) que vinham reencontrar os seus amigos e entes queridos falecidos. Ficámos surpreendidos com um vislumbre fugaz de ectoplasma branco graças à breve introdução de luz vermelha e ficámos intrigados com o voo de 'trompetes' (megafones frequentemente usados para amplificar o nível de volume das manifestações de voz direta).

Estes trompetes, tornados visíveis por tinta fosforescente, traçavam arabescos surpreendentes à frente dos nossos olhos espantados. Não tínhamos estado sentados há muito quando 'Walter' desejou fazer uma prenda à pessoa que viera de tão longe para estar presente e pediu-me que me sentasse na cadeira vazia de frente para a mesinha que estava posicionada à frente do médium.

Fiquei feliz por obedecer e, conforme pedido, estendi a mão, palma para baixo, no tampo iluminado da mesa. Cativado, observei então uma massa indefinível estender-se a partir do médium, mudando rapidamente para a forma de uma mão. Pediram-me que a tomasse, o que instintivamente fiz com a impressão que descrevi anteriormente. Mais tarde na noite, a energia desenvolvida no círculo permitiu que uma materialização ectoplásmica se manifestasse e se movesse com passos audíveis. Isto era semelhante às experiências passadas do físico Sir William Crookes ao encontrar-se com a materializada Katie King; com o investigador psíquico Harry Price e a manifestação Rosalie; e o fisiologista Charles Richet confrontado com a sacerdotisa materializada Phygia. Então

– aqui estou eu – possuído para sempre pela pergunta: ‘apertei realmente a mão de alguém que está morto há noventa e cinco anos?’

Como adoraria saber com certeza. Como isto me ajudaria a confrontar a questão ‘o que acontece após a morte?’ Como adoraria estar numa posição que me permitisse convencer os leitores da realidade de tudo o que testemunhei. Sem querer ser banal, coloco esta pergunta e peço aos leitores que reflitam como eu próprio farei. Não vejo motivo para termos viajado 2000 km para sermos enganados e agradeço a Stewart Alexander e aos seus amigos pelo acolhimento caloroso estendido a duas pessoas de França tão pouco familiarizadas com a língua e crenças dos nossos anfitriões.

O Visitante Canadiano

Carolyn Molnar, baseada em Toronto, tem trinta anos de experiência como médium psíquica e professora espiritual, e realizou seminários e workshops de ‘crescimento pessoal’. Como médium internacional altamente respeitada e autora espiritual, foi destaque na rádio e televisão canadiana.

O relatório seguinte, datado de 2 de junho de 2008, foi publicado pela primeira vez no seu website (www.carolynmolnar.com) e republico-o abaixo em forma abreviada. Mais tarde, apareceu no seu livro *Compassionate Messenger, True Stories of a Psychic Medium*.[4]

Após a minha última aula de desenvolvimento psíquico, uma das minhas alunas brincou que, após trabalhar como médium no Canadá durante vinte e oito anos, certamente não havia nada debaixo do sol que me espantasse!

‘Não é verdade’, disse-lhe. Em primeiro lugar, a própria vida é um milagre e, quando estás no fluxo da alegria de viver, notas coisas espantosas o tempo todo.

Mas em termos de puro espanto, uma das coisas mais assombrosas que alguma vez testemunhei foi numa sessão liderada pelo médium físico inglês Stewart Alexander. Não só consegui ver uma mão feita de ectoplasma crescer do peito do médium – mas tocou-me.

O ectoplasma é uma substância branca semelhante a teia de aranha que um médium liberta e que é então usada pelas pessoas do espírito para assumir uma forma física. Pensem no hálito numa noite fria.

O museu de Lily Dale, em Lily Dale, Nova Iorque – a maior comunidade espiritualista do mundo – tem várias fotografias maravilhosas de médiuns físicos a exsudar ectoplasma.

Alguns testemunhos descreveram-no como parecendo ‘gaze de queijo’ e cheirando a ozono.

Em outubro passado, num retiro espiritual no Norte de Inglaterra, Stewart demonstrou a arte da mediunidade de transe físico. Esperava ansiosamente pela sessão por duas razões principais. Numa ocasião passada, sentara-me com ele e sabia o que podíamos esperar. E, em segundo lugar, porque um dos seus controlos chamado Walter é canadiano e, portanto, um dos meus compatriotas. Tendo-o conhecido nessa sessão anterior, sabia que era encantador e ficara deliciado por conhecer outra canadiana do outro lado do oceano.

Nesta sessão, nenhum dos noventa ou mais pessoas presentes ficaria desiludido.

Trompetes dançavam pelo teto, e as pessoas do espírito fizeram a sua presença conhecida através de uma variedade de fenómenos. Mas o ponto alto da noite para mim foi quando Walter chamou ‘Carolyn ma’m, venha sentar-se com Stewart à mesa’. Duas outras senhoras foram também chamadas. O médium estava sentado dentro do seu gabinete, mas as suas mãos juntaram-se às nossas para formar um círculo de mãos no tampo de vidro da mesa, que estava iluminado por baixo com uma luz vermelha suave. Enquanto nos sentávamos calmamente na escuridão, uma névoa – uma névoa espessa concentrada – pareceu vazar do plexo solar de Stewart. ‘Oh meu Deus’ – foi o meu pensamento imediato enquanto fitava intensamente a névoa luminosa à medida que lentamente se coalescia numa massa. Depois evoluiu para uma mão com dedos palmados e finalmente para uma mão masculina completamente formada. E tudo isto aconteceu mesmo à frente dos nossos olhos. Ouvi suspiros de surpresa das pessoas sentadas próximas.

«‘Fique quieta, ma’m’, disse Walter e, com isso, esta mão ectoplásmica moveu-se pela mesa e tocou suavemente o topo da minha mão.

Era grande e bem definida. ‘Nada mau para um homem que partiu há cem anos, hein?’, brincou Walter. Senti-me tonta e um pouco temerosa e apreensiva por ter sido tocada pelo reino espiritual. Sentia-se tão – de Outro Mundo. É a melhor forma de o descrever. A ‘pele’ era quente – mais

quente do que a minha própria mão. Depois, uma sensação de calor fluiu para a minha mão, subiu pelo meu braço e entrou no meu coração. Senti-me ao mesmo tempo tonta e feliz e comecei a chorar. Tive um impulso de agarrar a mão mais firmemente e realmente experimentar a ligação com o Espírito, mas resisti. Afinal, o ectoplasma vinha de Stewart e sabia que qualquer firmeza poderia magoá-lo.

Os minutos seguintes passaram num borrão. Lentamente, a mão começou a retirar-se, de volta para o gabinete. Fiquei triste por vê-la partir. Um dos 'ajudantes' de Stewart ajudou-me a regressar ao meu lugar e a sessão continuou.

Walter retirou-se e Freda (outra dos controlos) tomou conta do resto da noite ligando membros da audiência aos seus entes queridos que tinham atravessado. Num torpor e excitada, mais tarde não consegui dormir. A experiência da mediunidade física fora profunda e, ao mesmo tempo, um pouco triste porque tal mediunidade é agora uma arte em desaparecimento. Tão poucos médiuns parecem agora praticá-la.

Palavra-Código Secreta Prova Sobrevivência numa Sessão

Publicado originalmente no *Psychic News*, 23 de agosto de 2008, nº 3968.

Há um ditado amado por aqueles que conhecem a verdade da comunicação entre este mundo e o próximo: «Basta uma palavra». Muitas pessoas concordam numa palavra ou mensagem privada a ser transmitida por um ente querido ou amigo após a sua partida. Sir Oliver Lodge fe-lo – mil outros fizeram-no. Mas é oh-tão-raro que essa comunicação precisa ocorra.

O ex-presidente do York Spiritualist Centre, Gerald O'Hara, fez um acordo com Michael Cunningham, um amigo de longa data, para comunicar tal palavra pré-acordada. Gerald e Michael eram amigos há vinte e dois anos na altura da partida de Michael em 1995.

Embora tenha regressado muitas vezes e dado a Gerald prova da sua sobrevivência, só em 2008, treze anos após a sua morte, Michael conseguiria comunicar a palavra-código acordada. Numa sessão recente dada por Stewart Alexander para um grupo de espiritualistas alemães, o guia do círculo, Freda Johnson, falou a Gerald e disse apenas uma palavra – 'Marmalade'.

Michael suportara um longo período de saúde fraca antes da sua partida e, por vezes, cansava-se facilmente. Amigos bem-intencionados visitavam-no – alguns drenavam-no inadvertidamente, outros elevavam o seu espírito. Gerald tinha o hábito de telefonar regularmente a Michael e, com o tempo, evoluiu uma conversa codificada entre eles quando outros estavam presentes. Se Michael tivesse visitantes mas se sentisse drenado e infeliz, a sua palavra-código telefónica para Gerald seria 'Jam'. Se, por outro lado, os seus visitantes o tivessem animado e tornado feliz, a palavra para Gerald seria 'Marmalade'. O par acordou que Michael usaria uma ou outra dessas palavras após a sua morte, para provar a sua identidade a Gerald.

Gerald disse ao PN: «Ao usar a palavra 'Marmalade', Michael não estava só a dizer 'Sou eu', estava também a deixar-me saber 'Estou feliz'. Prova definitiva da sua sobrevivência e felicidade no mundo seguinte.»

Ao decidir republicar o artigo acima, ocorreu-me que alguns leitores, compreensivelmente, podem perguntar-se se a 'palavra-código' era do conhecimento comum entre os amigos ou associados de Gerald. Portanto, solicitei uma declaração dele para esclarecer esta preocupação importante.

Isto é o que ele tinha a dizer:

O 'código' foi fixado por Michael e por mim como uma forma inofensiva de ele me deixar saber se estava fatigado por visitantes. Era 'Marmalade' se não estava, e era 'Jam' se estava. Eventualmente, acordámos que ele o usaria como uma comunicação 'póstuma' para se identificar caso a oportunidade se apresentasse.

Nunca contei a ninguém, incluindo o meu parceiro que, como médium, não queria comprometer, para o caso de a palavra-código vir através dele. Eu era a única pessoa viva que sabia o código e escrevi-o no último livro que Michael me deu para que, caso fosse eventualmente transmitido, pudesse provar a autenticidade da comunicação.

Verdadeiramente,

Gerald O'Hara

---

[1] *Tom Harrison fez a sua transição para o Mundo Espiritual em outubro de 2010.*

[2] *Em 2004, o seu livro Life After Death – Living Proof foi publicado pela Saturday Night Press Publications.*

[3] A Sra. Agnes Abbott era uma médium profissional altamente considerada na MSA em Londres, durante os anos 1930 e 1940.

[4] Editora: Dundurn Press – 2010

CAPÍTULO 15
Os Meus Seminários
(2015 – 2018)

Em 2015, tomei a decisão de descontinuar as sessões físicas de sábado à noite e substituí-las, em seminários futuros, por uma demonstração de transe profundo. A minha intenção ao fazê-lo era aliviar o enorme sentido de responsabilidade que invariavelmente sentia antes dessas sessões.

Compreensivelmente, a expectativa sempre fora muito elevada entre os participantes, o que eventualmente já não conseguia enfrentar. No entanto, em boa consciência, devo registar aqui que, mesmo com as demonstrações de transe, esta decisão não conseguiu aliviar o grave sentido de pressão avassaladora que permanecia comigo. O resultado final foi que reintroduziria as sessões físicas no ano seguinte. Contudo, as demonstrações de transe tiveram algum sucesso; apresento abaixo um relatório que apareceu no *Psychic World* (n.º 256) em junho de 2015 sobre a minha demonstração de abril, e um segundo relatório da jornalista Leslie Kean sobre uma comunicação recebida no meu seminário de outubro do mesmo ano.

O Seminário Stewart Alexander and Friends
(Abril de 2015)

Por Lorraine Gard e Warren James

Todos têm um lugar bonito nas suas mentes que os faz felizes. O nosso é Cober Hill, um pequeno hotel situado no topo de uma colina na pequena aldeia de Cloughton, perto de Scarborough. É um lugar único, situado em arredores tranquilos com vista para o mar, com jardins em socalcos bonitos. Duas vezes por ano realiza-se lá um Seminário espiritual organizado por June e Alf Winchester e Stewart Alexander. O seminário decorre de sexta a segunda-feira e é simplesmente um fim de semana inesquecível repleto de palestras e workshops inspiradores maravilhosos. O

ponto alto no seminário recente foi uma Sessão de Transe no sábado à noite demonstrada pelo extremamente dotado médium físico Stewart Alexander.

Agora, é importante que apontemos alguma informação muito importante. Assistimos a Cober Hill como um grupo de 5 pessoas a viajar juntas, todas ligadas via um círculo caseiro e, em alguns casos, mais do que um. Duas pessoas do nosso grupo (uma sendo eu própria; Lorraine) durante a noite foram chamadas para se sentarem com Freda Johnson (uma das trabalhadoras espirituais de Stewart) para receber entes queridos que tinham passado para o mundo do espírito.

A Sessão de Sábado à Noite com Stewart Alexander

A sessão de sábado à noite é o ponto alto do fim de semana e uma que todos ansiamos. A deste ano não foi exceção, especialmente porque marcou uma grande mudança nos procedimentos em relação à demonstração física habitual! Iria ser dedicada a uma noite de comunicação comprovativo de transe apresentada pela adorável Freda Johnson, um membro chave da equipa comunicadora espiritual de Stewart, que é largamente responsável por reunir entes queridos de ambos os lados.

Isto sempre a encantou e em sessões passadas dissera muitas vezes que gostaria de mais tempo para desempenhar o seu papel.

Enquanto todos nos reuníamos no teatro, a atmosfera estava cheia de feliz antecipação, todos a perguntar-se como a noite progrediria e a enviar pensamentos amorosos a Stewart, que sempre se preocupa desnecessariamente caso dececione as pessoas. Não precisava de se preocupar de todo. Stewart sentou-se e, pela primeira vez, com a luz do crepúsculo a entrar pela janela do pequeno teatro de Cober, Stewart estava à vista clara de todos os presentes. Ray (o seu líder de círculo) abriu com uma breve oração, seguida de alguma música a tocar suavemente enquanto Stewart entrava em transe.

Não tivemos de esperar muito até ouvirmos a voz de Pena Branca, o seu guia norte-americano que nos cumprimentou a todos e disse «por um tempo, esforçar-nos-emos por remover a barreira entre os nossos dois mundos para que, mais uma vez, neste lugar de amor infinito, possamos conversar juntos.» Continuou dizendo que não ficaria muito porque havia tanto que queriam fazer.

Christopher foi o próximo a vir. É um menino muito simpático e amante da diversão de talvez seis ou sete anos de idade. Fez-nos todos rir dizendo que só tinha uma perna dentro e estava a tentar meter a outra, antes de gritar triunfantemente que agora conseguira meter um braço, mas havia só um problema, e era que não conseguia meter a cabeça, o que nos fez todos rir às gargalhadas. Christopher vem para relaxar a atmosfera, especialmente para aquelas pessoas que nunca estiveram numa sessão antes. Nunca falha em divertir-nos.

Após Christopher nos deixar, Walter Stinson veio. Walter é de nascimento canadiano e é o irmão da famosa médium dos anos 1920/30 Marjory Crandon. Falou muito brevemente, mas prometeu-nos uma surpresa mais tarde que esperava realizar, deixando-nos todos a perguntar o que seria a surpresa.

Após um curto silêncio, todos respondemos à gloriosa chegada de Freda Johnson, que começou falando de «conseguir o que queria no final» – que o período de tempo mais longo agora alocado a reunir almas de ambos os lados da vida fora, de muitas formas, não só a sua recompensa, mas também a nossa.

Antes de continuar, deve apontar-se que provavelmente todos naquela sala estavam meio a rezar para ouvir de alguém que conheciam – um amigo, um ente querido, um guia espiritual, e não pedimos desculpa por sermos totalmente humanos. Não se pode evitar isto, especialmente quando tal ligação é tão rara – talvez um parente a dizer que tudo está bem ou um guia pode aparecer e confirmar que ele/ela é real e na verdade não um produto da imaginação. A lista continua – a mente humana é uma fera estranha e ficaríamos surpreendidos se a maioria não tivesse tais pensamentos a passar pela mente.

Relatório de Lorraine

Foi acordado pelo nosso grupo antes do seminário que nada seria mencionado e nenhuma referência feita à partida da minha querida mãe e que veríamos o que acontecia. Tinha descrito ao Círculo Caseiro apenas uma semana antes o que acontecera à cabeceira da cama da minha mãe antes de ela dar o seu último suspiro físico.

Freda Começa: «No ano de 2010 houve uma dupla celebração, a senhora aqui veio para o meu mundo em 2010 e está à procura da sobrinha

e diz que o nome dela é Tia Kath! Já passaram cinco longos anos! A senhora está a gritar no topo da voz, quero falar com a minha sobrinha, é a Tia Kath!» E com essas palavras, todo o nosso grupo experimentou a mesma sensação, com os pelos da nuca a eriçarem-se.

Percebi que era a minha querida Tia Kath que partira em 2010. Isto era algo que Stewart não poderia possivelmente saber. Fui então convidada a ir para o palco e sentar-me ao lado de Stewart, que ainda estava controlado por Freda. Ela pegou na minha mão: «Só precisamos que saibas que ela aterrou, aterrou, temos-na!» – Esta foi a melhor notícia que poderia desejar e não consegui evitar tornar-me bastante chorosa porque a minha querida mãe partira apenas treze dias antes, no Domingo de Páscoa. Nem sequer tínhamos tido o funeral. Isto foi seguido pela minha sobrinha Pauline, a avançar para dar o nome do marido Tim e da sua jovem filha aqui na terra.

Então, para meu absoluto deleite, o meu pai veio e falou comigo, chamando-me pelo apelido que só ele usava e dizendo-me quão emotivo se sentia por finalmente se reunir com a mãe. Tão emotiva foi a reunião que até a própria Freda falou da emoção que sentia. Isto foi muito comovente. Freda disse-me: «Enxuga os olhos, querida, porque isto é uma dupla celebração.» Depois disse que a minha mãe estava com a Tia Kath, que é sua irmã, e que queriam dizer-me que ambas ainda estão a vigiar a rua. Isto foi tão engraçado e fez todos rir! A mãe e a Tia Kath eram fãs ávidas de *Coronation Street* e nunca perdiam um episódio se pudessem evitar! Stewart não poderia possivelmente saber isso; mas o melhor ainda estava para vir!

Freda procedeu a demonstrar as suas maravilhosas habilidades ao descrever, com grande precisão, exatamente o que eu fiz ao despedir-me da minha mãe à cabeceira do hospital antes de ela dar o último suspiro. Freda estava determinada que eu entendesse sobre a dupla celebração em 2010. Insistiu que houvera uma partida e um casamento. Eu sabia que a Tia Kath partira nesse ano, mas simplesmente não conseguia localizar o casamento; isto até Freda dizer «Quem é o Tim, querida!» Finalmente cliquei! Fiz um cálculo rápido e, sim, de facto, Tim, o marido de Pauline (Pauline falara através de Stewart momentos antes) casara-se novamente em 2010! Freda explicou: «Uma perdida, uma ganha!» Depois perguntou se Stewart poderia possivelmente saber isso, mas como poderia? Eu própria o esquecera até fazer o meu cálculo rápido e que verifiquei desde então.

A evidência nessa noite vinha em baldes. Às vezes, porém, são aqueles pequenos fragmentos de evidência que te deixam atordoado e estes próximos certamente o fizeram! Freda perguntou: «Gostas de ratos, querida?!» Bem, isto era evidência de facto, podes perguntar a qualquer dos meus amigos e todos te dirão que tenho pavor deles, mas a mãe era ainda pior e na verdade tinha uma fobia deles. A palavra rato nunca era permitida na nossa casa ou faria a mãe encolher-se! Freda disse que a minha mãe e o meu pai estavam a rir como loucos, embora a mãe ainda tivesse medo de ratos, só não tanto. Evidência de facto.

Freda pediu-me então que largasse a sua mão e ergueu a própria mão e apontou para o pulso e perguntou-me se houvera uma cicatriz no pulso da minha mãe. Quando era adolescente, há cerca de 50 anos, a mãe derramou gordura quente no pulso. Foi uma queimadura muito grave que a deixou com uma cicatriz que lá ficou para sempre depois. A mãe disse a Freda para me dizer que a cicatriz agora desaparecera. Isto era algo em que não pensava há muitos anos, por isso, mais uma vez, foi-me dada evidência irrefutável que Stewart nunca poderia saber. Fui também lembrada de dois cães amados que estão no mundo espiritual e agora com os meus pais, e finalmente a mãe enviou o seu amor e deu o nome do meu neto na terra. Tudo correto! Não poderia pedir mais.

Como posfácio ao acima, não planeava assistir ao Seminário de Primavera, mas ao de outono em vez disso. Cerca de um mês antes do Seminário, mudei de ideias e decidi que gostaria de assistir a ambos os Seminários como um mimo. Não esperava entrar, por isso fiquei entusiasmada quando me disseram que havia uma vaga.

Na altura da reserva, não havia sinal algum de que a minha mãe faria em breve a sua transição. Coincidência? Acho que não!

As emoções certamente corriam altas nessa noite. Recebera evidência indisputável de que a minha mãe vivia feliz no mundo espiritual e na verdade comunicara comigo após apenas 13 dias. Poderia ficar mais emotivo? Bem… na verdade… sim, poderia!

Relatório de Warren

«Preciso de falar com o Paul», gritou Freda, «onde está o Paul?»… Avança a segunda pessoa do nosso círculo. Era o pai dele e queria pedir desculpa a Paul e dizer-lhe que o amava e quão orgulhoso estava dele.

Como amigos de Paul, sabíamos que o pai nunca conseguira mostrar amor pleno a ele. Achava muito difícil mostrar qualquer tipo de emoção, por isso não foi choque que o pai de Paul regressasse para pedir desculpa a Paul por não ter conseguido ser um pai e desejasse ter feito mais. Freda lembrou Paul de um baloiço de jardim que o pai uma vez lhe comprara, que era uma memória vívida para o pai. Paul lembrou-se claramente disto. Freda fez-nos todos rir através das lágrimas quando perguntou a Paul se o pai usava dentadura postiça. «Ele está a fazer algo extraordinário com elas – clic clac, clic clac e enquanto faz isso está a rir tão alto! Entendes por que ele está a fazer isto porque eu não faço ideia?» Paul respondeu que o pai sempre fazia isso para fazer as pessoas rir!

Foi muito emotivo para Paul, mas foi fantástico experimentar e todos esperamos verdadeiramente que o pai possa finalmente avançar e aceitar que, como Paul disse, «não há nada para pedir desculpa, entendo a situação». Esperamos que o pai possa agora progredir no conhecimento de que o pedido de desculpas é e sempre foi bem e verdadeiramente aceite.

Após mais conversas com outros entes queridos, Freda anunciou então que tinha instruções de Walter para começar o experimento – e que experimento foi! Duvidamos que alguém consiga manter o querido Walter Stinson afastado quando se trata de experimentos físicos, afinal é disso que ele trata.

Nessa noite, através do crepúsculo e uma luz vermelha muito fraca, todos pudemos testemunhar algo bastante incrível!

Uma senhora chamada Rose foi convidada a avançar (Freda deu o nome completo dela) e disseram-lhe que o marido Ernie estava presente. Sentada à direita de Stewart, Rose recebeu o seu amado marido através do entransado Stewart Alexander, depois muito debilmente todos ouvimos Ernie dizer «Estou a tentar mostrar-me» com isso vimos bastante claramente o rosto de Ernie a construir-se no rosto de Stewart. Conhecíamos Ernie de seminários passados e podemos garantir que o rosto que vimos era o dele.

Sem desrespeito a Stewart, ele tem uma barba facial curta e não tem cabelo cheio na cabeça… Ernie só pode ser descrito como não muito dissimilar ao Capitão Birds Eye. Tinha cabelo espesso branco como neve e barba a condizer.

Vimo-lo tudo muito claramente transfigurar no rosto de Stewart. Foi bastante notável e visível para a maioria das pessoas. Para tornar as coisas

ainda mais emotivas e evidenciais, Rose anunciou que era o aniversário de casamento deles. Algumas semanas antes, Rose ouvira a voz de Ernie na sua própria casa. Ele dissera «espera só até ao nosso aniversário!»

Ernie terminou a comunicação beijando a mão da esposa. Não havia um olho seco na casa e, escusado será dizer, aqueles que tiveram a sorte de ter uma comunicação tão maravilhosa com os seus entes queridos flutuavam no ar. Freda e Walter claramente conseguiram o que planearam fazer. A evidência dada nessa noite foi fenomenal.

Freda mencionou então que os procedimentos tinham sido muito exaustivos e sabemos que esta referência dela se aplicava também ao médium. Isto trouxe para casa para todos nós que os médiuns não são robots que podem atuar sob demanda… são indivíduos dedicados, sinceros que são emotivos e carinhosos e dispostos a dar tudo para trazer esperança e conforto àqueles que precisam. Stewart é claramente deste calibre!

Tendo respondido a perguntas dos participantes, Freda despediu-se de todos os presentes. Só se pode sentar e maravilhar com a evidência que nos foi dada nessa noite, por entes queridos no mundo espiritual. Saber que estão todos bem e felizes trouxe conforto incalculável pelo qual só podemos dar os nossos agradecimentos gratos pela maravilhosa mediunidade de Stewart Alexander que tornou tudo possível.

A mediunidade é um processo lento, até um processo emotivo de desabrochar onde a dúvida própria, confusão e confiança se infiltram até aprendermos a confiar implicitamente nos nossos guias espirituais; mas certamente traz à tona a evidência mais de tirar o fôlego e espantosa quando se encontra o verdadeiro. Encontrem-me outro médium que apresente mediunidade de transe apoiada por evidência de sobrevivência como a de Stewart Alexander e então deixaremos de nos preocupar com o movimento do Espiritualismo como uma filosofia, ensino, prova e movimento de cura. Infelizmente, tememos que o Espiritualismo como indústria tenha um aperto muito forte, mas como nos recusamos a viver em «medo» e reconhecemos que o «medo» é a ferramenta de ‘grande controlo sobre as massas’, sabemos que um dia a maré virará. O dia em que os próprios Espiritualistas larguem o materialismo e rótulos e regressem aos seus valores centrais como um «MOVIMENTO».

Relatório sobre Violet Eccles
(Outubro de 2015)

Por Leslie Kean

A jornalista Leslie Kean publicou o relatório seguinte no seu livro *Surviving Death: A Journalist Investigates Evidence for an Afterlife*.[1] Documenta as comunicações recebidas por Violet Eccles, uma espiritualista britânica que passou a maior parte da sua vida na Austrália e viajou essa longa distância para assistir ao seminário. Leslie ouviu atentamente a gravação áudio desta comunicação, transcreveu-a e depois entrevistou Violet para verificar se as declarações de Freda eram corretas.

Leslie assistiu a vários dos nossos seminários nos seus anos finais, apresentando palestras sobre a sua investigação à questão de 'sobreviver à morte'.

Aqui está o seu relatório:

A sala estava iluminada, e Freda falou através de Stewart enquanto ele estava num transe leve. Freda disse que tinha um cavalheiro consigo no seu mundo, ansioso por falar com uma amiga; o cavalheiro morrera há pouco mais de quatro anos, e o seu nome era Derek. Uma mulher chamada Violet Eccles, da Austrália, avançou e disse que isto se aplicava a ela. Freda convidou-a a vir sentar-se ao lado do médium e continuou.

Havia algum tipo de celebração também há cerca de quatro anos, disse Freda, e tinha a ver com o «bom filho» de Derek. Ele tinha um filho? perguntou. Violet disse que sim. Freda continuou a ouvir. «Bom filho… good-ee-son… good is son… Não, não é o filho dele», disse. «Goodison, Goodison Park!» exclamou Violet. «Espalhei as cinzas dele lá.» (Este é um estádio de futebol em Liverpool; Derek adorava futebol.) «Ele sente-se como se estivesse em casa lá», disse Freda. (Derek vivera em Liverpool antes de se mudar para a Austrália; era casa para ele.) A seguir, Freda disse que Derek estava a enviar amor à esposa, Joan. (O nome da esposa é Joan.) E mencionou o amigo Joe, dizendo que ele estivera doente. (Joe era o seu melhor amigo e estivera doente.) Disse que a irmã de Violet, Dolly, também estava do outro lado. (Correto.) «O que é isto de tocar piano?» perguntou Freda. Violet disse que o irmão, também falecido, era um pianista treinado. «Quem é Allie, Allison?» perguntou Freda. «A minha nora», respondeu Violet. «Estão todos aqui!» disse-lhe Freda com deleite, como se observasse uma reunião numa festa.

Ao longo de tudo, os comunicadores falecidos davam mensagens de amor, Violet fazia comentários a eles e por vezes ficava bastante emotiva. «Agora há algo a ver com Phil», disse Freda. «As tuas pessoas estão todas a gritar comigo!» (Violet pensou que era o sobrinho. Mais tarde percebeu que era o amigo Phil que morrera.) Finalmente, Freda disse que as pessoas de Violet lhe estavam a dizer para dizer uma palavra: «pato». Violet riu-se, e Freda exclamou na sua voz divertida de professora, «Estão a rir como loucos… demasiados a gritar comigo, querida! Tenho de mencionar a palavra 'pato'!» Violet explicou que, quando era muito jovem, tentara resgatar um pato de se afogar porque tinha a cabeça debaixo de água. Isto tornara-se uma piada familiar.

Contactei Violet para confirmar que Stewart não sabia absolutamente nada disto (o que ele me disse que tinha a certeza de que não), e para verificar a precisão do que acontecera. Violet disse-me que a esposa de Derek a informara após a leitura que o marido de facto morrera quatro anos e dois meses antes, como Freda dissera. Esta leitura continha oito nomes específicos (incluindo a referência a «pato»), uma hora de morte precisa e uma celebração específica (as cinzas em Goodison Park). Quatro vezes Freda comunicou a relação correta de uma pessoa nomeada com Violet. Não houve erros. Mas estes factos simples não conseguem transmitir o poder e a emoção que isto teve para Violet, que não tinha dúvidas de que os seus entes queridos tinham sobrevivido à morte.

---

[1] *Surviving Death foi publicado pela Crown Archetype, uma divisão da Random House, em 2017.*

CAPÍTULO 16
O Seminário Final

Em outubro de 2018, após muita hesitação e consideração, realizou-se o meu Seminário final. A decisão de terminar os Seminários não foi tomada levianamente e, de facto, envolveu uma grande indecisão da minha parte. Mas finalmente – após seminários bianuais ao longo de um período de dezoito anos – decidi que chegara o momento de os encerrar. Como sempre, as pessoas que assistiram ao fim de semana final eram de vários países distantes. Em toda a honestidade, aproximei-me do evento com um desejo supremo na mente: queria desesperadamente apresentar um seminário que os participantes nunca esqueceriam. Acredito que o artigo seguinte, publicado na revista *Psychic World* em fevereiro do ano seguinte, deixa claro que inquestionavelmente a minha esperança foi alcançada.

O Relatório de Cober Hill
Por Mike Anthony

Nos últimos dezoito anos, num belo edifício vitoriano situado no topo de uma colina que oferece vistas espetaculares da vasta paisagem bucólica exterior, o véu entre este plano de existência e outro tornou-se tão fino que permitiu que esse mundo se infiltrasse, por um precioso curto tempo, neste. Durante quase duas décadas, duas vezes por ano, Stewart Alexander e os seus amigos reuniram-se para um seminário de fim de semana em Cloughton, perto de Scarborough. São um grupo de almas semelhantes – e, mais importante, de corações semelhantes – que aguardam com expetativa estas reuniões bianuais onde podem escapar ao peso deste lado e, por um tempo, imergir-se na leveza, e na luz, do outro. E, como se verifica, quando indivíduos deste tipo se reúnem em amor, conseguem facilitar eventos que fariam os meus professores universitários suar instantaneamente, os seus quadros a chamá-los de volta para recomeçar do zero (não admira que resistam tanto).

Se não ouviste falar destes fins de semana anteriormente, é com grande tristeza que relato que chegaram ao fim. Por outro lado, porém, é com absoluta alegria que relato que aconteceram de todo, e para vos dar uma ideia do que transpirou este outubro, quando Stewart Alexander and

Friends se reuniram pela última vez. Tive a sorte milagrosa de lá estar, após ter assistido uma vez antes na primavera passada.

A minha viagem para Cober Hill a partir de onde vivo em Connecticut, na costa nordeste da América, foi algo completamente inesperado. Quando, há sete anos, o meu Pai partiu repentina e chocantemente, demasiado saudável e jovem exteriormente, a minha família e eu ficámos absolutamente devastados. Embarquei numa busca para descobrir que evidência poderia existir para sugerir que a vida, que alguma parte de quem e o que somos, sobrevive ao fim do corpo físico, apesar do que me tinham ensinado.

Através de leituras com alguns médiuns mentais excecionais e sinais diretos entregues pelo meu Pai, recebi evidência da sua existência continuada que era concreta, genuína e obtida através dos meus próprios experimentos controlados. Foi tão convincente que decidi fazer um filme sobre isso, explorando a questão de por que tal evidência foi tão completamente suprimida na academia mainstream.

Então, há cerca de um ano e meio, estava sentado numa cafetaria numa grande livraria de Nova Iorque, a investigar para o meu filme. Numa ida à casa de banho, um livro chamou a minha atenção. Todos os livros nesta prateleira estavam com as lombadas viradas para fora – exceto um. Estava exibido com a capa virada para fora, dando uma visão clara do seu título: *Surviving Death: A Journalist Investigates Evidence for an Afterlife*. Foi escrito pela altamente respeitada jornalista de investigação e autora best-seller do *New York Times*, Leslie Kean. Algo me disse para não sair da loja sem ele. Tendo lido sem parar desde o momento em que cheguei a casa, cheguei aos capítulos finais que lidam com a evidência de sobrevivência que a autora considera entre as mais difíceis para a maioria das pessoas aceitarem: mediunidade física. Leslie é uma investigadora meticulosa e aceitei, pela primeira vez, que os fenómenos sobre os quais escreve devem ser absolutamente reais. Após ler o próprio capítulo de Stewart Alexander que encerra o livro, fiquei ainda mais convencido.

A única coisa melhor do que ler sobre a experiência de Leslie seria ter a experiência de me sentar numa sessão com Stewart eu próprio. Mas sabia que havia pouca ou nenhuma hipótese de isso acontecer. Aprendi que Stewart é um homem muito reservado, que, assumi, deve receber milhares de pedidos, e por isso aceitei que as descrições de Leslie eram o mais próximo que alguma vez chegaria da coisa real. Então, através de uma série

notável de eventos, Leslie Kean e eu tornámo-nos amigos e, menos de um ano após encontrar o seu livro, seguia para Cober Hill para conhecer o homem e os seus amigos pessoalmente.

Devo dizer que, tendo estado profundamente na literatura sobre mediunidade física tão recentemente, conhecer Stewart pessoalmente foi ser apresentado a uma lenda. Trabalho num teatro líder da Broadway e entro em contacto com as celebridades mais conhecidas da terra quase diariamente. No entanto, nenhum encontro se aproximou do entusiasmo que senti ao apertar a mão de Stewart pela primeira vez. Para alguém como eu, uma pessoa não iniciada no mundo da mediunidade física e só recentemente consciente dela, o que Stewart faz parece um milagre impossível. É o tipo de coisa que pensava que só poderia acontecer em contos de fadas e sonhos, ou nas páginas de livros tão antigos que rangem quando os abres, livros que contam memórias de salas impenetravelmente escuras de um passado esquecido, ainda mais impenetrável. Conhecer alguém real, alguém agora, alguém de pé mesmo à minha frente capaz dos feitos extraordinários sobre os quais li, é uma experiência difícil de relatar. E, em vez de encontrar a figura titânica que a minha imaginação conjurara, conheci um homem humilde, bondoso, generoso, belo. Um homem de profunda integridade e honra. Um homem não interessado em riqueza e fama.

Esta pessoa produz extraordinariamente uma substância que um dia alterará completamente os nossos livros de biologia, química e física, que o mundo espiritual usa para materializar as suas mãos e corpos e trazer entes queridos de volta para nós.

No entanto, é completamente normal – com a possível exceção de ser mais bondoso do que a maioria.

Momentos Mágicos, De Facto

O fim de semana de Cober Hill decorreu ao longo de três dias. Houve palestras e demonstrações e, claro, uma sessão espetacular. Intitulado ‘Alguns Momentos Mágicos’, o fim de semana começou na sexta-feira à noite com uma palestra dada por Stewart. Foi uma visita guiada completamente comovente por algumas das suas memórias mais preciosas ao longo do seu caminho de mediunidade. Ficámos encantados com histórias que poderia ter ouvido toda a noite, pontuadas por algumas fotos

de Stewart e clipes áudio fascinantes de pessoas a contar experiências pessoais com mediunidade física. A palestra durou cerca de uma hora e Stewart preocupou-se, como a sala estava bastante quente, que as pessoas pudessem estar a ficar demasiado desconfortáveis para a desfrutar, por isso encurtou-a. Não percebeu que poderíamos ter ficado em atenção embrulhada durante horas a fio. Enquanto vozes do passado contavam as suas histórias preciosas e que mudaram vidas através das colunas do teatro, muitos fungadelas alertaram-me para as vidas a mudar mesmo ali na sala. A história da mediunidade física é rica e cheia de coragem incomum, dor e, principalmente, amor. «Mágico» é, de facto, a única forma de descrever tanto os momentos como a sua narração.

No sábado, fomos presenteados com uma apresentação de Suzanne Temple sobre a investigação que está atualmente a fazer medindo as ondas cerebrais de médiuns mentais e físicos (incluindo Stewart) antes, durante e após o trabalho. Dado o meu pendor científico, acho o seu trabalho muito intrigante. Ao ligar médiuns a um monitor de eletroencefalograma (EEG) e registar os seus padrões de ondas cerebrais, oferece evidência mensurável, concreta e empírica dos seus estados de consciência invulgares. Explicou como nós, pessoas normais, poderíamos trabalhar para expandir a nossa consciência nas nossas próprias meditações.

Tivemos também o privilégio de ver Suzanne, Nicole De Hass e Pauline Mason demonstrarem mediunidade mental. Os detalhes obtidos do espírito foram espantosamente específicos e mudaram mais do que uma vida ao fornecerem evidência inabalável de que a vida continua. Peter Egan, Richard Dunsford e Rosemary Lipscombe deram uma demonstração bastante única de mediunidade também. Enquanto Richard e Peter tentavam «ligar-se» à mesma pessoa espiritual, Rosemary, que é artista, desenhava retratos de espíritos que poderiam estar ligados ao participante.

Os workshops de sábado envolveram mediunidade de transe com Nicole, o trabalho de Suzanne com ondas cerebrais, tentar arte psíquica com Rosemary Lipscombe, sentar-se no poder com Pauline Mason e uma sessão de perguntas e respostas com Stewart. Era difícil escolher apenas um (todos decorriam simultaneamente).

Na conclusão no domingo, Peter Egan deu uma palestra sobre o estado atual da mediunidade física e da mediunidade em geral. Discutiu a ideia de que os fenómenos físicos, embora recebam «toda a atenção», não são o que verdadeiramente importa.

O que é significativo são as vidas que são tocadas e mudadas ao saberem que as nossas ligações nunca acabam, que aqueles que amámos e perdemos… não perdemos. Estão aqui agora e sempre estarão. Os fenómenos físicos, embora maravilhosos e exhilarantes e, claro, evidenciais, só cumprem verdadeiramente o seu propósito se ajudarem uma pessoa a saber, sem dúvida, que a morte é uma ilusão. nunca esquecer. Cada momento foi cheio de tal excitação e amor.

Toda a experiência em Cober Hill é uma que os presentes nunca esquecerão.

Há tremenda harmonia e proximidade entre todos os que assistem. Os recém-chegados sentem-se como se fizessem parte de uma nova família quando partem, como eu fiz na primavera passada. Embora tudo tenha sido maravilhoso e algo que vou desesperadamente sentir falta, o que ficou para sempre gravado no meu coração e mente é a sessão.

Sessão Experimental de Sábado à Noite

Nada, nenhuma quantidade de investigação, poderia possivelmente ter-me preparado para estar realmente naquela sala quando o véu se adelgaçou, quando as nossas vibrações aumentaram e «os brilhantes» conseguiram trabalhar através de Stewart, permitindo uma comunhão entre os dois mundos. Nenhuma medida de leitura poderia de forma alguma ter-me preparado para o som da voz de Walter, ressoando ressonantemente da escuridão, fechando o intervalo entre o seu mundo e o nosso. Walter Stinson, o irmão da famosa médium Margery Crandon, deixou o plano terreno em 1911, mas regressou para trabalhar através de Stewart muitos anos depois. É responsável pelo desenvolvimento de fenómenos físicos na sala de sessões.

Quando as suas palavras familiares, «Boa noite, pessoal» e «Ok, pessoal, ok», aterrarão profundamente nos nossos ouvidos, ouvi a mulher ao meu lado ofegar e exclamar baixinho «Oh meu Deus». Tal é o poder da voz de Walter. É impossível descrever em palavras, completamente inefável, mas quando a ouves, sabes que vem de «algures mais». Nas hora e meia seguintes, essas palavras de Walter seriam seguidas por eventos que provam, para além de qualquer sombra de dúvida, que os meus livros de ciência estavam, e estão, incompletos. Eventos que mudaram totalmente, completamente e belamente a minha vida. Como escrevi a Stewart mais tarde, «Sou uma pessoa razoavelmente astuta e sei o que experienciei. Passarei o resto da minha vida a espalhar a palavra. Porque a palavra, neste

caso, não é minha. Pertence a todos os que dela precisam.» Stewart não usou um gabinete para esta sessão e usava abas luminosas nos joelhos. Apesar da escuridão completa, podíamos sempre ver exatamente onde ele estava em todos os momentos. E Walter pediu que a luz vermelha fosse ligada várias vezes durante a noite e Stewart estava sempre lá, braços ainda presos, na cadeira.

Primeiro, Pena Branca recebeu todos nós na sessão. Foi seguido pelo menino Christopher, que aligeirou a atmosfera fazendo todos rir. Depois, Walter realizou o experimento de matéria através de matéria.

Stewart tinha abraçadeiras de plástico à volta de ambos os pulsos que o prendiam aos braços robustos de madeira da sua cadeira. Suzanne Temple foi convidada a tomar o lugar ao lado de Stewart, à sua direita, e a segurar a mão direita de Stewart com a esquerda. Walter instruiu-a a usar a mão livre (a direita) para sentir que a abraçadeira ainda estava firmemente presa à volta do pulso de Stewart e do braço da cadeira. Assim que ela disse «sim, definitivamente ainda lá está», ouvimos um som na escuridão e Suzanne disse com uma elação na voz «As minhas mãos e as de Stewart estão agora direitas no ar!» Walter pediu imediatamente que ela verificasse o braço da cadeira para ver se a abraçadeira ainda lá estava presa, intacta. De facto, estava. Os braços de Suzanne e Stewart desceram então e, de alguma forma, o pulso de Stewart estava novamente, de repente, preso dentro da abraçadeira à cadeira. Walter pediu a Suzanne que usasse a mão direita para colocar um dedo na correia em cima do pulso de Stewart. Quando ela disse que lá estava e que podia sentir a correia e o braço de Stewart, Walter, enquanto Suzanne tocava a abraçadeira e a pele de Stewart, num instante trouxe a abraçadeira através do braço de Stewart, através do braço sólido de madeira da cadeira, e entregou a abraçadeira ainda presa e intacta a Suzanne.

Walter pediu então a Ray Lister, o líder do círculo, que colocasse os dois trompetes, que têm fita luminosa à volta das aberturas maiores, à frente de Stewart. Em momentos, um trompete ergueu-se oh tão graciosamente no ar, intocado por qualquer humano em forma física, e começou a sua dança que muda paradigmas pela sala. À medida que voava sobre as três filas do círculo, aproximando-se por vezes mesmo das caras das pessoas e outras vezes movendo-se para o teto, a mudança de acreditar para saber ocorreu dentro de mim. Apesar do que as autoridades

intelectuais nos dizem, sei o que testemunhei – esses trompetes moveram-se via uma força que dizem não existir.

Ectoplasma, dizem, não é uma substância real e certamente não pode fazer trompetes dançar no ar. E no entanto, dançaram. Depois, algo ainda mais espantoso ocorreu. Walter estendeu outro convite a um participante. «Senhora, gostaria de apertar a mão de um homem que está morto para o vosso mundo há mais de cem anos?» Veronica Hunter foi chamada para se sentar numa cadeira de frente para Stewart, no lado oposto de uma mesinha entre eles. A mesa tinha um tampo de vidro coberto com um pano vermelho e estava iluminada por baixo por uma luz vermelha. Isto tornava possível ver o que acontecia no tampo da mesa. Aqui está o relatório de Veronica sobre a sua experiência, nas suas próprias palavras:

Stewart é um médium físico, o que significa que tem uma abundância da energia necessária para trazer fenómenos espetaculares na sala de sessões. Trompetes voadores, campainhas a tocar, baquetas a bater, matéria através de matéria quando o braço de Stewart desafia as leis da física para se erguer através de abraçadeiras de plástico presas à volta dos pulsos, sem as partir. Depois há a transfiguração que permite aos delegados ver os rostos dos seus entes queridos moldados em ectoplasma. No entanto, havia uma demonstração sobre a qual lera que, para mim, superava todas as outras – era a materialização de uma mão que podia ser apertada antes de desaparecer de volta para o etérico.

Aprendi que esta era a mão de Walter Stinson, que morrera num acidente de comboio há cem anos e passara a ser o principal comunicador e produtor de fenómenos da sua irmã mediúnica.

A sua irmã era Mina Crandon, também conhecida como Margery, que era considerada a joia da coroa do Espiritualismo americano nos anos 1920 e 1930. Walter trabalha agora com o círculo de Stewart e continua a produzir fenómenos. O seu objetivo é refinar e desenvolver ainda mais a comunicação a nível físico. Provar a continuação da vida é o seu propósito.

Durante a sessão, de repente o sotaque canadiano cristalino de Walter encheu a sala: «Há uma senhora nesta sala que me tem enviado muitas HYPERLINK mensagens que quer apertar a minha mão. Veronica, por favor vem à mesa.» Durante duas semanas, enviara uma mensagem para o éter a pedir isto; parecia que os meus pedidos não tinham caído em ouvidos surdos. Movi-me para a frente e sentei-me à frente de uma mesa iluminada. «Vais ter de dizer a todos o que está a acontecer porque nem todos

conseguem ver. Coloca a mão direita espalmada na mesa, não te mexas e não agarres. Quero manter o meu médium seguro.»

O ectoplasma que emana do plexo solar de Stewart é utilizado na materialização da mão e luz súbita ou movimento poderia danificá-lo fisicamente. Esperei e inicialmente nada aconteceu. Depois vi-o: uma névoa escura e vaporosa no lado mais afastado da mesa. Movia-se e depois desapareceu. Quando reapareceu, começou a mover-se sem vacilar pela mesa e, à medida que se movia, começou a formar-se na forma de uma mão. De repente, a mão estava em cima da minha e ofeguei ao registar a sua solidez e calor. Lera sobre isto, mas experienciá-lo na realidade era como entrar noutra realidade. Antes que me apercebesse, a minha mão foi erguida e estava a apertar a mão de Walter.

Depois, a mão começou a recuar e, à medida que se afastava, dissolveu-se novamente numa névoa escura e escorregou pelo fim da mesa. «Podes regressar ao teu lugar agora, Veronica.» A voz de Walter ressoou. «Muito obrigada», murmurei enquanto tentava encontrar o caminho de volta ao meu lugar, guiada pelos delegados de ambos os lados. Uma vez na vida acontece algo mágico, algo que viverá contigo para sempre. Sei que sou afortunada. Agora, tudo o que resta dizer é um grande obrigado ao médium que tornou isto possível, Stewart Alexander, um residente do Yorkshire quente e honesto que tocou as vidas de tantos ao longo dos últimos quarenta anos.

Liz Van Katwyk, outra participante na sessão, teve uma experiência igualmente memorável. Nas suas palavras:

Fui escolhida para me sentar na cadeira em frente a Stewart e depressa se tornou aparente que Walter é um homem de senhoras e adora um pouco de flirt inofensivo. Depois perguntou-me se gostaria de apertar a sua mão, ao que respondi que «Seria um privilégio». Havia uma luz vermelha fraca debaixo do tampo de vidro da távola e inicialmente não conseguia ver a mão de Walter a materializar-se. Mas depois, de repente, conseguia ver uma massa preta a formar-se e dela uma mão a formar-se gradualmente. Moveu-se na minha direção e conseguia ver que não estava ligada a nada. Neste ponto, Walter começou a falar e conseguia ver claramente as abas amarelas nas pernas do médium. Walter pediu-me que apertasse a sua mão e coloquei a minha numa mão inconfundivelmente masculina! A mão materializada tinha dedos grossos, quente e inconfundivelmente real.

Apertou a minha e abanou a minha mão antes de soltar o aperto, afastar-se de mim e derreter.

Após isto, Walter afastou-se para permitir que Freda Johnson, outro membro amado da equipa espiritual de Stewart, tomasse controlo.

Durante a sua vida terrena, Freda era professora no Reino Unido. Agora, tem grande alegria em ser responsável por reunir entes queridos através de comunicações evidenciais pessoais.

Liz continua a sua história:

Depois, Freda pediu-me que viesse sentar-me com ela. Sentei-me à direita de Stewart e ela pediu-me que tomasse a sua mão. Esta não era a mão que acabara de apertar, os dedos de Stewart sendo longos e finos. Houve muitos, muitos incidentes de evidência de espírito nesse fim de semana e saí tendo passado o fim de semana com tantas pessoas adoráveis cujo único desejo era partilhar o seu conhecimento e fornecer evidência de espírito. Ficarei eternamente grata a Stewart, à sua equipa espiritual e a todos os que tornaram possível esse fim de semana maravilhoso.

Para além dos aspetos físicos de cair o queixo da sessão, sem dúvida os momentos mais poderosos vieram quando as pessoas na sala souberam, para além de qualquer sombra de dúvida, que estavam em comunicação com os seus entes queridos do outro lado. Dada a natureza única na vida dos fins de semana de Cober Hill, as pessoas viajaram de longe para assistir durante muitos anos. Este fim de semana final não foi diferente, como esta história de Violet Eccles, que veio de tão longe como a Austrália, pode atestar:

A noite de sábado foi o evento principal que todos aguardávamos com antecipação e excitação, que claro era a sessão física. Estava sentada na primeira fila do círculo em frente a Stewart. A sessão começou e após ser cumprimentada por Pena Branca, os trompetes a voar pela sala e mais uma vez a experiência brilhante de ver Walter produzir a mão ectoplásmica, fomos todos presenteados com testemunhar algumas reuniões maravilhosas com entes queridos do mundo espiritual. Perto do fim da sessão, Walter pediu que a luz fosse ligada no rosto de Stewart e, com algumas palavras maravilhosas, convidou-me a sentar-me ao lado de Stewart. Disseram-me para esperar e olhar para Stewart, o que fiz. Neste ponto, não conseguia ver claramente o seu rosto, mas conseguia ver uma mudança nele que, em toda a honestidade, pensei primeiro ser o meu irmão. A luz moveu-se de repente e o rosto de Stewart virou-se mais para mim e de repente vi o rosto da

minha bela nora Alison que partira aos quarenta e um anos. Tentou falar, mas fiquei tão dominada pela emoção (pois era tão relevante para mim) devido a ela aparecer neste momento e mostrar-se. Gostaria de explicar por que fiquei tão emotiva. Cuidei do meu neto Jie que tinha catorze anos quando a mãe, Alison, passou para o mundo espiritual. O irmão mais novo tinha onze.

Duas semanas antes da sua partida, ela pediu-me que cuidasse de Jie. Infelizmente, no ano passado, Jie foi diagnosticado com uma das formas mais raras de cancro e deram-lhe onze meses de vida. Com a ajuda de pessoas bondosas, conseguimos levá-lo à América para um tratamento com Protões e agora está em remissão até cinco anos.

Recentemente, porém, Jie foi mordido bastante gravemente por um cão e não conseguiu mexer-se. Tenho chamado por Alison por ajuda. Após a sessão, telefonei a Jie na Austrália (era domingo de manhã lá, estando dez horas à frente). Deixei Jie falar primeiro sobre como estava, depois ele disse-me que tivera uma experiência estranha. Conseguira dar um curto passeio porque a perna se sentia um pouco melhor, quando de repente foi dominado pela emoção, tanto que trouxe lágrimas.

Sentira de repente a mãe ao seu lado e sentira o seu amor tão forte. Perguntei-lhe que horas seriam e ele respondeu que cerca das 7h30 da manhã (domingo de manhã), que no Reino Unido eram 21h30 de sábado à noite, por volta da hora em que Alison aparecera na sessão. Mais uma vez mostra que o Amor não tem barreiras. Não há morte. Os meus agradecimentos vão para Stewart e a equipa espiritual que trabalha com ele e para todos os que trabalharam tanto para juntar este evento maravilhoso. A minha gratidão e agradecimentos.

Depois houve a reunião entre Frederick Smith e Valerie. «Quando a perdi, perdi a minha razão de viver.» Duas noites antes da sessão, essas palavras saíram da boca de Frederick, um dos homens mais doces que alguma vez conheci, enquanto jantávamos juntos. «Ela não era só a minha esposa», disse Frederick, «mas também a minha melhor amiga e alma gémea. Quando passou para a vida superior em março deste ano, a minha vida, aos oitenta e sete anos, ficou subitamente vazia.»

Valerie e Frederick estavam casados há muito tempo. Tinham tido a rara alegria de de alguma forma encontrar as suas almas gémeas entre as incontáveis vidas a fervilhar na terra e, durante muitos anos belos, a vida era um sonho. Depois, um dia, Valerie começou a ter alguns problemas

com a memória. Como se verificou, o Alzheimer começara o seu terrível e implacável assalto à fiação do cérebro dela. Frederick passou os últimos oito anos da vida de Valerie como o seu principal cuidador, observando como a condição devastava impiedosamente a mente da sua amada. Um dia, sabendo que a esposa se agarrava até ele conseguir deixá-la ir (algo impossível para ele imaginar), sussurrou-lhe ao ouvido: «Valerie, está bem ires, meu amor… está bem ires.»

Uma hora depois, Valerie soltou os «laços rudes da terra» e o seu corpo físico e seguiu para casa… deixando Frederick a terminar a jornada sozinho, poderias pensar. Mas fico tão entusiasmado por relatar que estarias errado. Enquanto sentado na sessão, conhecendo a história, assim que Freda disse «Frederick, quero que venhas aqui, querido. Tenho alguém aqui desesperado por falar contigo», os meus olhos encheram-se de lágrimas. Estava prestes a testemunhar uma das coisas mais belas de sempre – a reunião de espíritos afins, duas almas gémeas, através do véu.

Aqui está o relato de Frederick do momento:

Provavelmente consegues entender a minha excitação quando fui convidado a sentar-me ao lado da 'lenda' (Freda) e a ouvir a voz da minha querida Valerie. Não foram descobertas palavras para explicar esse sentimento de ter uma conversa com uma alma gémea que passou para a vida superior. Foi um momento tão belo que, mesmo ao escrever estas palavras, as lágrimas estão lá e nunca para serem contidas. O resto da sessão, incluindo outros a serem ligados a entes queridos e a formação de uma mão humana a partir de ectoplasma, foi realmente um borrão porque ainda estava nesse estado eufórico de estar com Valerie.

A maioria na sala não conhecia Frederick ou Valerie, ou como ela partira de uma doença que lhe roubara o cérebro, mas para aqueles que conheciam, ouvir a reunião era inestimável e nunca para ser esquecida. «Tenho a minha cabeça de volta», disse Valerie, a emoção na sua voz, a pura alegria por poder comunicar desta forma, óbvia… e avassaladora. Expressaram o seu amor um pelo outro e a alegria era indescritível.

Nesse momento, senti-me grato por ter a cobertura da escuridão, escondendo, como escondia, as copiosas lágrimas a escorrer pela minha cara. E acho que não estava sozinho – testemunhar estas duas almas gentis reunidas novamente, por um momento, pela maravilha que é a mediunidade física, não deixou muitos olhos secos na casa, imagino.

Nas palavras de Frederick:

Guardarei esses momentos preciosos da sessão em Cober pelo resto da minha vida. Quando o dia mais feliz da minha vida, que ainda está para vir, chegar… quando for reunido com Valerie, poderei dizer 'obrigado' pelo esforço dela em fazer contacto. Agora ando no ar e por vezes com um sorriso na cara. Talvez um pouco desconcertante para um espectador, mas então eles não tiveram a experiência maravilhosa que eu tive. Os meus mais profundos agradecimentos de coração a Stewart e àqueles pilares de força Raymond e June Lister (os seus líderes de círculo caseiro há mais de trinta e cinco anos), por ajudarem a tornar possível o que experienciámos nessa noite. Que bênçãos estejam convosco a todos.

Dizer Adeus

Nesta pequena sala sem descrição, durante dezoito anos, estranhos tornaram-se família, ligados por experiências impossíveis de descrever adequadamente. Todos com quem falei estavam tão tristes por os retiros de fim de semana Stewart Alexander and Friends terem chegado ao fim, mas oh tão profundamente gratos por os terem tido. Como escreveu Ludwig Jacobowski: «Não chores porque passaram. Sorri, porque uma vez foram.» E atrás deles fica um legado inigualável.

No tipo de reviravolta irónica que o universo parece tão bom a fornecer, é no breu que as coisas se tornam mais claras. Durante décadas de anos sem agradecimento, Stewart e os seus amigos sentaram-se nessa escuridão, para trazer a luz. Exploraram uma grande verdade, conhecimento que o mundo tanto precisa desesperadamente, e geraram ondulações no oceano da experiência humana que não conhecerão fim.

Que dívida de gratidão lhes é devida. Ler o livro de Leslie Kean foi apenas provar a verdade da realidade destes fenómenos. Experienciar a realidade pessoalmente é sentir a força plena do que prenunciam – que a ciência está longe de completa na sua compreensão da realidade. Disse uma vez a Freda, após ver o rosto do meu próprio pai «impossivelmente» transfigurar sobre o de Stewart quando sentado com o seu Círculo Caseiro: «É um milagre, Freda!» Ao que ela respondeu: «Oh, não é um milagre, querido. É simplesmente o que é possível quando nos reunimos em harmonia.»

Imagina, amigos, o que poderíamos perceber se todos nos reuníssemos desta forma. Através de anos e anos de dedicação altruísta, pontuados por

estes fins de semana mágicos em Cober Hill, Stewart e os seus amigos deram-nos um vislumbre.

Um vislumbre maravilhoso e precioso do que é e do que poderia ser no futuro. A minha profunda gratidão a Stewart e à sua esposa Sue, ao seu círculo caseiro, especialmente Ray e June Lister, Alf e June Winchester e a todas as pessoas belas cuja energia e amor tornaram tudo possível.

Levo a mensagem de Stewart comigo:

Formem círculos. Sentem-se em harmonia. Tenham paciência.

Há maravilha lá fora. Vão encontrá-la.

CAPÍTULO 17
Tocando a Alma

Embora as minhas grandes sessões públicas permitissem aos participantes testemunhar fenómenos e comunicação entre dois mundos a nível físico e, sem dúvida, encorajassem muitas pessoas a formar os seus próprios círculos físicos, raramente produziriam o tipo de resultados regularmente alcançados nos nossos círculos de convidados mais pequenos. Como escrevi num capítulo anterior, com um grande número de pessoas presentes em grandes reuniões e, portanto, um grande número de energias desconhecidas com que lidar, o milagre era que o mundo espiritual conseguisse comunicar de todo. Portanto, não é difícil entender por que os nossos círculos de convidados de quinta-feira à noite mais íntimos, realizados na nossa própria pequena sala de sessões, produziam regularmente resultados muito melhores do que os maiores.

Como mencionado anteriormente, as razões para isto são triplas: Todos os participantes estão próximos do gabinete e, portanto, todos têm um lugar na primeira fila; as pessoas do espírito conseguem evidentemente trabalhar melhor com um número menor de participantes e menos energias desconhecidas; e a comunicação tende a ser muito mais concentrada.

Ao longo dos anos, o nosso círculo recebeu inúmeros cartões, cartas e e-mails de agradecimento de pessoas que assistiram a essas sessões especiais. Muitas reuniões entre os vivos e os mortos tiveram lugar e os participantes derivaram delas conforto em muitos níveis e de várias formas.

Neste capítulo, gostaria de destacar as experiências de apenas uma senhora que, como a maioria das pessoas, veio ter connosco como uma total estranha. De todos os incidentes e eventos que se desenrolaram nessa

pequena sala, os dela provaram ser dos mais excecionais e profundamente comoventes. Como outros que vieram antes e depois dela, o que testemunhou e experienciou acabaria por provar mudar todo o curso da sua vida futura. Talvez, portanto, a sua história pessoal, publicada em parte pela primeira vez pela 'Zerdin Fellowship'[1] em junho de 2006, exemplifique que verdadeiramente os fenómenos físicos do Espiritualismo podem – como ela tão eloquentemente escreveu – 'tocar a alma'.

Esta é então a sua história:

Algumas Reflexões sobre uma Jornada Pessoal

Susan Farrow Toplovac
(Londres)

Imagina isto: És uma mulher feliz de quarenta e poucos anos, estás numa relação profundamente amorosa e de apoio com o teu parceiro. A vida é maravilhosa. Ambos estão realizados no vosso trabalho e em paz um com o outro e com o mundo.

Ele morre. Da noite para o dia. Estás a imaginar-me.

Palavras: Choque, desolação, dor excruciante, solidão, confusão, raiva, ressentimento, culpa, fúria.

Não se aproximam de expressar como se sente.

O que faz alguém se, como eu na altura, não tem crença real na sobrevivência após a morte física? Acredita que o ente querido se foi para sempre. O Fim.

Têm opções, claro, nenhuma delas muito atraente. Uma garrafa de comprimidos; um retiro para a cama durante um ano; um colapso nervoso; ou talvez um conselheiro de luto possa ajudar. Têm outra opção também: uma visita a uma sessão física.

Esta é a minha história: A dor da minha perda súbita em novembro de 2004 era tão insuportável para mim que não conseguia dormir nem comer. Noite e dia, procurei na Internet e li todos os livros que consegui encontrar sobre a evidência a favor e contra a hipótese de sobrevivência. Tornei-me absolutamente determinada em descobrir a verdade por mim própria. Não sabia nada sobre mediunidade, quanto mais mediunidade física. Quando fevereiro chegou, absorvera uma massa de informação e investigação e decidi começar a pô-la à prova.

Marquei uma consulta com uma conhecida médium mental e prometi a mim mesma que, pelo menos, iria com a mente aberta. Cheguei para a sessão e disse à pobre mulher que não tinha crença definitiva no mundo do espírito, mas que a minha mente estava tão aberta quanto possível. Ótimo, disse ela amavelmente, sem problema. Esta senhora sabia o meu primeiro nome e nada mais sobre mim. Seguiu-se uma hora de evidência impressionante, a maioria da qual não poderia ser atribuída a investigação, leitura a frio ou adivinhação afortunada. Isto não me convenceu completamente, mas certamente fez-me pensar.

Cética por natureza, resolvi visitar outra médium. E outra, e outra.

A esta altura, era junho e recebera tanta informação evidencial que começava a acreditar que o Espiritualismo poderia realmente ter razão. Ainda assim, continuei a ler mais e tentei abordar as minhas dúvidas restantes. Uma noite, procurando novamente na Internet, deparei-me com uma referência a um website intitulado 'mediunidade de efeitos físicos'. Intrigada, cliquei no link e comecei a ler. Olhei para os relatórios de sessões e mal podia acreditar nos meus olhos: voz direta, materialização, trompetes voadores… O que raio?

Explorei o website mais a fundo e cliquei no link 'Círculos'. Surpresa, surpresa, havia um círculo baseado perto de mim à procura de mais uma participante feminina. Até hoje não sei por que o fiz, mas enviei imediatamente um e-mail ao líder do círculo para perguntar mais. Uma resposta veio de imediato convidando-me a conhecer os membros do círculo. Fiz isso dois dias depois e, três dias após isso, comecei a sentar-me no círculo eu própria.

Uma noite, algumas semanas após começar a sentar-me, deparei-me com uma revista sobre fenómenos físicos. Devorei o conteúdo avidamente, incluindo relatórios de uma sessão física de Stewart Alexander. Lembro-me de pensar: 'Se tudo isto for verdade, tem de ser a coisa mais preciosa do mundo'.

E então vi-o, em letra muito pequena mesmo no fundo. Vou sempre lembrar-me destas palavras: 'Visitas ao círculo caseiro de Stewart são possíveis.' Não sei porquê, mas as palavras afetaram-me tanto que as li em voz alta. Sabia então que iria lá. Reunindo coragem, telefonei a Ray Lister, o líder do círculo de Stewart, e perguntei se seria possível ir. Com razão, falou comigo longamente e acabou por ser acordado que me sentaria como convidada a 13 de outubro.

O dia amanheceu e levantei-me exausta porque estivera demasiado excitada para dormir. Cheguei à hora marcada e fui recebida com o mais caloroso e generoso dos acolhimentos.

A sessão foi uma experiência que mudou a vida para mim, a atmosfera cheia de amor e riso, bondade e compaixão. Devo dizer neste ponto que ninguém na sala tinha a menor ideia de que o meu amado parceiro passara para o espírito. Imagina então, após quase um ano de busca, o que significou para mim quando um da equipa espiritual de Stewart me disse que alguém estava à espera de falar comigo.

O meu ritmo cardíaco estava fora de escala enquanto ia sentar-me ao lado de Stewart. E então aconteceu – o meu querido parceiro falou comigo, amorosa e evidencialmente, de além da chamada sepultura. Não há palavras em nenhuma língua para descrever a paz e alegria que isto me trouxe.

Agora como, durmo e vivo novamente. A perda física de alguém tão amado será sempre difícil de suportar, mas sei agora que é apenas uma perda física, que o nosso amor sobrevive e que estamos tão próximos um do outro como sempre estivemos. Este conhecimento está para além de preço.

Todos os que sofrem profundamente beneficiariam enormemente de tais dons preciosos. Mas há um problema. A mediunidade física sempre foi rara, mas em contraste com tempos anteriores, temos menos médiuns físicos desenvolvidos do que nunca. E não é surpreendente, pois não? Um médium físico em desenvolvimento deve dedicar-se a anos de sentar-se pacientemente. Devem encontrar participantes que sejam igualmente pacientes e dedicados. Devem equilibrar as muitas distrações que prevalecem na sociedade moderna: televisão, computadores, filmes e assim por diante. Devem equilibrar também responsabilidades familiares e de trabalho. Se há uma moral na minha história, é que aqueles que se sentam em círculos de desenvolvimento devem fazê-lo com toda a dedicação que conseguirem reunir.

Há pessoas lá fora com uma necessidade chorosa da poderosa evidência de sobrevivência que a mediunidade física pode fornecer, e é nosso trabalho garantir que se torne mais amplamente disponível e mais amplamente aceite entre a população em geral.

A mediunidade física no seu melhor pode mudar vidas; pode curar e restaurar esperança como nada mais. Sim, conselheiros de luto e terapeutas

têm o seu papel a desempenhar e cumprem um papel necessário e importante para os enlutados, mas se pudermos ajudar a próxima geração de médiuns físicos a desenvolver-se, podemos mudar o mundo. Nas palavras de Freda, um membro maravilhoso da equipa espiritual de Stewart: «Se tens um luto onde grande amor está envolvido, não faz diferença se és cristão, budista ou espiritualista. Vais sofrer. Mas mais tarde, se és espiritualista e sabes a verdade sobre a vida e a morte, pode ser um grande conforto.» É o eufemismo do século. Todos merecem esse conforto.

Desde escrever o artigo acima, tive o privilégio de me sentar com Stewart Alexander em literalmente dezenas de ocasiões. Em dezembro de 2006, Stewart e os seus dedicados membros do círculo caseiro, todos os quais se tinham tornado amigos de confiança nessa altura, fizeram-me a enorme honra de me convidar para me tornar membro honorário do seu círculo. Aceitei este convite com presteza e o maior prazer. Depois, comecei a sentar-me regularmente até, em janeiro de 2008, ser nomeada editora do jornal espiritualista semanal *Psychic News*, um trabalho cujas consideráveis exigências tornaram impossível para mim assistir tão frequentemente como anteriormente conseguira.

A minha consequente incapacidade de tomar uma parte regular no círculo foi o único verdadeiro lado negativo de um trabalho ao qual estou apaixonadamente comprometida.

No entanto, durante o breve período em que me sentei regularmente como membro do círculo caseiro, tive o privilégio de testemunhar coisas que eram tanto preciosas como extremamente raras. Por razões de espaço, destacarei apenas duas dessas muitas experiências extraordinárias.

De janeiro de 2007 a janeiro de 2008, sentei-me com o círculo pelo menos quinzenalmente, por vezes semanalmente, e o meu amado parceiro – referido longamente no artigo acima – aproveitou essa oportunidade para se familiarizar completamente com a mecânica do lado espiritual de comunicar através de uma caixa de voz ectoplásmica, um fenómeno conhecido como voz direta independente.

Com o tempo, tornou-se um comunicador especialista, capaz de transmitir ideias bastante complexas juntamente com nuances subtis. Um linguista consumado na vida terrena, raramente me desiludia quando, através da mediunidade de Stewart, o abordava ou lhe fazia perguntas em línguas que não o inglês. As minhas perguntas eram invariavelmente

compreendidas e, sem exceção, respondidas em inglês. Isto não só confirmava que ele retivera a sua perícia linguística para além da sepultura, como também me tranquilizava que a sua personalidade terrena estava muito intacta. Na vida terrena, sempre tivera maneiras impecáveis e, ao falar com um grupo de pessoas linguisticamente diverso, escolheria sempre expressar-se na língua da maioria presente na altura. Continuou este hábito dentro da sala de sessões, ciente do facto de que, se me respondesse numa língua estrangeira, os meus companheiros de círculo seriam completamente excluídos da conversa.

Em mais de uma dúzia de ocasiões, foi o meu grande privilégio sentar-me ao lado de Stewart durante sessões. Cada uma dessas experiências rendeu uma visão única sobre o funcionamento da sua mediunidade. Numa noite memorável, estava a segurar a mão esquerda de Stewart enquanto June Lister, esposa do seu líder de círculo, Ray Lister, segurava a direita. Stewart estava em transe profundo na altura, enquanto um dos seus controlos, Walter Stinson, falava através dele. Walter terminou de falar e, neste ponto, ordinariamente ter-me-ia instruído a largar a mão de Stewart para garantir a sua segurança à medida que o ectoplasma era retirado do seu corpo. Imagina a minha surpresa, então, quando instantaneamente, e dentro de uma sala muito quente, a minha mão, ainda ligada à de Stewart, foi imersa em frio gelado à medida que o que só posso imaginar era ectoplasma se derramava sobre ela com um 'whoosh' audível. Poucos tiveram a sorte de experienciar isto com qualquer médium físico, e é um evento que nunca esquecerei.

Numa ocasião posterior, quando estava sentada ao lado de Stewart, o Dr. Barnett, um membro regular e muito amado da equipa espiritual do Círculo Alexander, manifestara-se na sala de sessões e estava a dirigir-se aos participantes reunidos.

O Dr. Barnett, um médico escocês enquanto na terra, tem sido responsável pelo desenvolvimento contínuo de uma caixa de voz ectoplásmica, através da qual agora comunica com considerável habilidade, em ocasiões falando por quase vinte minutos de cada vez. Está sempre ansioso por experimentar formas nas quais a mediunidade de Stewart pode ser desenvolvida ainda mais e, nesta ocasião, causou-me alguma preocupação quando me pediu para desempenhar uma função muito invulgar.

Os participantes em sessões físicas são repetidamente avisados de que o médium não deve ser tocado em momento algum e nunca mais do que quando uma figura materializada está no exterior dentro da sala de sessões. Muitos médiuns físicos do passado foram feridos quando participantes imprudentes desrespeitaram este aviso.

Imaginarás prontamente, então, que quando o Dr. Barnett estava entre nós na sala e me pediu para estender a mão para dentro do gabinete, agarrar a mão de Stewart e verificar que ele estava de facto sentado dentro dele, me senti dividida. Sabia a regra: Não toques!

Mas confiava implicitamente no Dr. Barnett, como todos os membros do círculo.

Verificando duas vezes com o doutor que o ouvira corretamente e recebendo a sua garantia de que sim, estendi lentamente e cuidadosamente a mão para dentro do gabinete. Encontrei a mão de Stewart, como sabia que encontraria, e segurei-a durante vários segundos antes de retirar a minha do gabinete.

Foi uma experiência extraordinária do ponto de vista evidencial, mas foi também um teste da minha confiança no Mundo Espiritual e, de facto, da deles em mim. A memória ficará comigo para sempre.

Estas e muitas outras experiências na sala de sessões com o Círculo Alexander permitir-me-iam tomar o banco das testemunhas no Old Bailey e declarar sem a menor hesitação que Stewart Alexander é a mais rara das criaturas – um verdadeiro médium físico.

---

[1] *Mais tarde mudado para Zerdin Phenomenal*

CAPÍTULO 18
Nas Suas Próprias Palavras

Continuando do capítulo anterior, gostaria de apresentar três exemplos adicionais de comunicações notáveis na sala de sessões. Duas delas foram, em momentos diferentes, entregues a convidados do nosso círculo. A terceira resultou de uma mensagem de Freda Johnson para alguém na América, que devidamente encaminhámos para ele apenas para saber dos resultados depois. Sem dúvida, testemunhámos muitos momentos mágicos dentro da nossa sala de sessões, mas acredito que o relatório no capítulo anterior e aqueles que agora se seguem, todos os quais foram escritos pelos indivíduos que receberam as comunicações eles próprios, confirmam mais uma vez a realidade maravilhosa de 'sobrevivência e comunicação'. Aqui estão então as suas histórias.

Uma Experiência que Muda a Vida Leone Holdsworth **(Austrália)**

O que se pode dizer para oferecer palavras de conforto a um irmão que acabara de perder a amada esposa, com quem estivera felizmente casado durante 45 anos? Essa era a minha situação algum tempo após o meu irmão[1] Reville perder a esposa Marilyn. Durante uma conversa telefónica posterior, rapidamente se tornara evidente para mim que ele ainda estava de luto e ainda extremamente perturbado. Além da sua perda, não estivera bem e, apenas um ano antes, submetera-se a cirurgia cardíaca aberta. Então, num esforço para distrair a sua mente da vida quotidiana, disse-lhe que precisava de férias. A resposta dele foi: «Para onde vamos»?

Respondi dizendo-lhe que acabara de reservar uma viagem para o Reino Unido e que ele seria muito bem-vindo para viajar comigo. Disse-lhe também que arranjara para me sentar num Círculo Caseiro Espiritualista e que sentia certeza de que poderia arranjar para ele me acompanhar. Agora devo apontar que, nessa altura, o meu irmão não acreditava no que eu lhe contara anteriormente sobre Espiritualismo, sessões etc. No entanto, concordou em ir comigo e lembro-me de pensar para mim que isto poderia ser bom para ele. Sair de férias poderia ajudar a distrair a sua mente da terrível dor do luto que sofrera e que ainda era tão terrível para ele.

Então, em junho de 2014, voámos para o Reino Unido. Lá iríamos experienciar um evento que muda a vida.

No dia da sessão, encontrámo-nos com os membros do Círculo para jantar num restaurante local. Francamente, conhecendo a atitude desdenhosa do meu irmão para com o Espiritualismo, estava muito preocupada que mesmo durante o jantar ele pudesse fazer comentários inapropriados ou rudes; avisara-o para não o fazer.

Disse-lhe também para não dizer nada aos membros do Círculo e/ou a Stewart sobre a sua perda etc., porque eles genuinamente sabiam muito pouco – na verdade nada sobre ele.

Francamente, a minha principal preocupação era que a sessão iminente pudesse chegar a um fim prematuro caso Reville fizesse quaisquer comentários inadequados e, nesse evento, ficaria extremamente envergonhada e longe de satisfeita.

Anteriormente, dissera-lhe que Freda (uma das Trabalhadoras Espirituais) poderia dizer-lhe que tinha a sua senhora consigo. A resposta dele foi que não acreditaria porque nunca a chamara assim. Após o jantar, reunimo-nos todos na casa do líder do Círculo onde as sessões têm sido realizadas há mais de vinte e cinco anos. Pouco depois, entrámos na sala de sessões, mas infelizmente descobri que não estaria sentada ao lado de Reville.

Devo dizer que estava um pouco preocupada. Se me tivessem alocado um lugar ao lado dele, poderia ter-lhe batido no pulso caso, em qualquer momento, falasse desrespeitosamente. O Círculo começou. As pessoas do espírito que trabalham através de Stewart juntaram-se a nós e, após algum tempo, Freda tomou controlo do médium.

Falando através dele, pediu a Reville que trocasse de lugar com a senhora que estava sentada à direita de Stewart, o que ele então fez.

Dos meus registos, esta é a conversa que então teve lugar entre eles:

Freda: Estás a pensar casar-te?

Reville: Não.

Freda: Talvez esteja a ouvir mal, mas uma senhora está a dizer: ‘Marry Lynn’.

Freda disse então: Oh não – É ‘Marilyn’. Reville, ficarias surpreendido se te dissesse que tinha a tua esposa aqui comigo?

Reville: Não.

Freda: Ficarias surpreendido se te dissesse que ela também tem consigo a vossa filha Kimberley e o vosso filho Thomas que nunca chegaste a conhecer?

Com isso, Reville desfez-se e chorou o coração. Lembro-me de dizer em voz alta «Oh meu Deus» porque também foi uma surpresa para mim. Só queria ir e abraçá-lo, mas sabia que não podia mexer-me de todo.

Reville e Marilyn tinham perdido a filha de cinco meses, Kimberley Marre, devido à SIDS (Morte Súbita Infantil). Reville encontrara-a numa manhã quando se levantou para se preparar para o trabalho e descobrira que ela partira. Marilyn tivera de arrancar Kimberley dos seus braços e, sendo enfermeira, deitara o bebé na cama até a polícia e a ambulância chegarem.

Marilyn também sofrera um aborto espontâneo do seu menino Thomas James cerca de cinco meses após a perda de Kimberley.

Devo enfatizar aqui que ninguém no Círculo nessa noite sabia nada sobre as crianças exceto Reville e eu, e nenhum de nós falara sobre elas.

No dia seguinte, Reville ainda estava muito emotivo e queria algum tempo sozinho. Foi para um longo passeio durante o qual fez muita introspeção e estava muito mais relaxado quando regressou. Desde a noite dessa experiência maravilhosa, Reville e eu tivemos muitas longas conversas sobre ela e sinto-me confiante de que literalmente mudou a vida dele.

O Teste de Livro de Freda Kevin Kussow
(Carolina do Norte, EUA)

Fui convidado a partilhar os eventos de um “teste de livro” conduzido pela guia de Stewart, Freda, a 2 de março de 2016. No entanto, antes de entrar neste evento espantoso, sinto ser necessário escrever um pouco sobre a minha relação com Stewart e como surgiu.

Há mais de trinta anos que sou membro de um pequeno círculo caseiro e o meu pai “Dave” fora o seu líder até à sua partida em março de 2016.

Ao longo de todos esses anos, tornámo-nos amigos próximos de outro círculo que estava no Ohio. Ficava a boas quatrocentas milhas de distância e visitara-o várias vezes, uma vez sozinho e outras com membros da família. Foi nesse círculo que conheci um homem incrível chamado Gene Woods, um espiritualista que se tornaria o meu mentor e subsequentemente um amigo muito próximo do meu pai.

Os nossos grupos (círculos) partilhavam frequentemente informação e Gene e o meu Pai conversavam semanalmente – não por telefone, mas por cassete, que todos estes anos depois aprecio muito. Quando informação pertinente era discutida entre eles nessas cassetes, eram invariavelmente reproduzidas para todo o nosso círculo. Muita sabedoria espiritual era passada dessa forma e ocasionalmente Gene partilhava alguns pensamentos e sabedoria de um círculo inglês. Esse círculo era o de Stewart Alexander. Falava tão altamente de Stewart. Sabíamos que Gene Woods era um homem de honestidade e integridade; se pensava altamente de alguém, podias ter a certeza de que essa pessoa era de caráter semelhante ao dele.

Gene passou vários anos antes do meu Pai e todos sentimos muito a perda. O Pai sentia falta imensa dessas conversas, como o nosso círculo.

Algum tempo depois, a saúde do Pai começou a deteriorar-se e foi então que nos lembrámos de Stewart. Contactei-o sobre algumas das coisas que estavam a acontecer no nosso círculo. Respondeu imediatamente e desde então tornámo-nos amigos. Aqui devo adicionar que Stewart sabia muito pouco sobre o nosso círculo e virtualmente nada sobre o meu pai e os membros do nosso círculo. A nossa ligação era Gene e isso provou ser suficiente para quebrar o gelo, porque alguns anos antes o próprio Stewart desfrutara de correspondência por cassete com Gene. Aparentemente, como nós, valorizava grandemente as gravações que estão na sua posse. De qualquer forma, Stewart guiou o nosso círculo através de tempos difíceis e foi uma grande ajuda para nós, pois o Pai simplesmente não estava bem o suficiente para despender a energia necessária. Sei que o Pai apreciava grandemente a contribuição de Stewart.

Infelizmente, tempos difíceis estavam mesmo à frente para o nosso círculo. O Pai partiu e independentemente do nosso conhecimento espiritual, a família e o Círculo sentiram a perda terrivelmente. No entanto, numa reunião do Círculo Caseiro de Stewart, na própria noite da partida do Pai, Freda, uma das guias de Stewart, disse que faria um “teste de livro” para o nosso círculo e também entregaria uma mensagem.

Stewart disse-me que, uma vez ouvido a gravação da sessão, me enviaria o e-mail da conversa. Francamente, nessa fase, não fazia ideia do que era um teste de livro, mas estava prestes a descobrir!

Freda começou dizendo que via um cavalheiro magro que acabara de partir. (O Pai era um homem bem construído, mas o seu último ano vira-o definhar em fragilidade). O homem, disse Freda, falava de um anel de

significado especial para Kevin e que ele devia usá-lo! Disse que ele estava a erguer um grande "M" e, por isso, isto deve ser significativo. (O Pai deu-me o seu anel no dia do meu casamento – o nome da minha esposa é Michele).

Freda continuou dizendo que o homem queria que todos soubéssemos que chegara em segurança ao mundo do amor e fora recebido por muitos que aguardavam a sua chegada. Também pediu desculpa por ser um fardo antes de dar o último suspiro, mas estava bem ciente daqueles que o esperavam do outro lado.

Aqui gostaria de partilhar com os leitores o seguinte: Na manhã da partida do Pai, a minha mãe pediu-me que descesse cedo. O Pai passara a noite e a manhã numa cadeira, a cabeça numa mesa confortada por uma almofada. Lutava para respirar e sentar-se era o mais confortável. Como não conseguia erguer a cabeça nessa manhã, sabia que o tempo estava próximo. Pediu-me baixinho: «ajuda-me». Sabia que queria dizer ajuda-me a atravessar. Enviei todo o meu Amor e toda a energia que consegui reunir. O seu corpo imóvel, mal respirando, apertou a minha mão esquerda, a outra mão apertou a da minha mãe. Começou a balançar para cima e para baixo, a cabeça ergueu-se. Levantou-se da cadeira, soltou as nossas mãos e, como se atirasse um cobertor pesado em que estava embrulhado, os braços voaram para cima e para trás. Depois colapsou de volta na cadeira. Partira! Senti como se acabasse de rasgar a sua casca terrena e passar diretamente!

De volta a Freda. Falou então da cama dele e, à esquerda, na parede esquerda, via uma estante de livros. Bem… mais uma unidade inteira do que uma simples estante de livros. Disse que via uma porta mesmo à esquerda de onde ele dorme. (O Pai passara os últimos anos da sua vida terrena a dormir na vertical. Dormia na sua grande cadeira na sala de estar. À esquerda estava de facto a sua biblioteca de livros espirituais e, sim, a porta para o alpendre da frente estava mesmo à esquerda também.) Freda mencionou então ver vários ornamentos nas prateleiras de livros. (Isto também é verdade; as prateleiras têm muitos itens muito únicos misturados à frente dos livros).

Instruiu-me então a ir às estantes de livros e pegar no 2.º livro da esquerda na segunda prateleira. Abrir na página 84, que estará no lado esquerdo. Perto do topo desta página, encontraria algo a ver com animais. Após ler isto, fui diretamente à casa da minha mãe. Íamos fazer isto como família! A mãe chamou a minha irmã Jackie. Quando estávamos todos

presentes, aproximámo-nos da estante de livros. O 2.º livro da esquerda na 2.ª prateleira era *Bury My Heart at Wounded Knee*. A página 84 estava à esquerda e as primeiras frases falam de Búfalos!!! Se pudesse inserir um vídeo aqui de todos nós a olhar para este livro, lágrimas de alegria seriam certamente observadas.

Freda falou então de alguém chamado Phillip que aparentemente pode ou não estar relacionado com o livro. Na verdade, Phillip é um amigo nativo americano meu que vive perto. Sem dar demasiado aqui sobre ele, direi que esteve em Wounded Knee, um local onde os soldados americanos assassinaram os nativos americanos nos anos 1800. Conhece muitos dos ancestrais lá e, numa altura, foi membro no nosso círculo!

A seguir, Freda comentou sobre um par de sapatos. (Os sapatos favoritos do Pai, "crocs", estavam de facto ali mesmo junto à mesa à frente da cadeira dele. E ainda lá estão hoje). Depois Freda mencionou os nomes 'George' e 'Smith' e ambos estes nomes estavam também na página 84 – nomes ingleses dados a dois comerciantes de peles índios. Terminou falando do Pai 'como um cavalheiro que adorava fazer' mas no final estava tão frustrado porque já não podia. O Pai terminou a sua comunicação através de Freda dizendo que queria agradecer aos seus entes queridos que partilharam a sua frustração e, mesmo antes da mensagem terminar, Freda mencionou novamente o anel e a letra "M".

Aqui quero adicionar outro facto interessante que surgiu um mês após recebermos o teste de livro de Freda. Na página 84, é mencionado um índio americano chamado 'Little Raven', que, de facto, é um guia de um dos membros do círculo de Stewart!

Como pessoa espiritual há muitos anos, conhecendo muitos segredos da vida, este "teste de livro" – esta mensagem inacreditável e certeira entregue à minha família – elevou os nossos corações. Deu-nos grande alegria saber que o Pai estava bem e connosco sempre quando necessário.

Ainda mais incrível foi o facto de tudo isto vir de Stewart, da sua guia e do seu círculo, que estavam a um oceano de distância. Nunca nos encontrámos pessoalmente; nunca viram a nossa casa. Isto estava cheio de prova após prova. Não ter uma única coisa incorreta é um verdadeiro crédito à comunicação espiritual e aos laços de Amor partilhados entre o Espírito e entes queridos ainda neste plano terreno. Estou eternamente grato a Freda e Stewart e ao trabalho do seu círculo.

É disto que se trata, ajudar os outros, especialmente em tempos de tristeza. Obrigado por me permitir partilhar isto com aqueles que lerão este livro.

Uma Experiência Única Robin Hodson
(Inglaterra)

Visitei o círculo de Stewart Alexander várias vezes ao longo dos anos, sempre em admiração pelos fenómenos que eram inquestionavelmente produzidos nessas ocasiões. Uma dessas noites mudaria a minha vida, literalmente. A 27 de junho de 2011, estava presente num dos círculos de Stewart juntamente com a minha esposa Sue e dois amigos da International Spiritualist Federation. Estávamos excitados com a perspetiva de nos sentarmos. Quando chegou a hora de a sessão começar, fomos direcionados para o pequeno quarto das traseiras da casa em terraço e alocados lugares à volta das paredes de modo a estarmos sentados numa configuração de círculo. As luzes foram então apagadas e o Círculo começou.

Os eventos começaram então de forma bastante normal (se se pode dizer que sentar-se no escuro com outras oito pessoas é normal?) e em breve os ajudantes espirituais de Stewart falaram connosco através dele.

Após algum tempo, o Dr. Barnett falou algumas frases e depois anunciou que John Caine[2] queria trabalhar comigo. Na minha excitação ao ouvir isto, assumi que queria trabalhar no futuro através da minha mediunidade. Mas, como em breve descobriria, não era isso que queria dizer. Fui convidado a mover a minha cadeira e posicioná-la à frente do gabinete e depois a virar as mãos espalmadas e estendê-las para a frente. Fiz isso e, pouco depois, as mãos de Stewart foram colocadas nas minhas.

Imediatamente, experienciei uma forte sensação semelhante a um choque elétrico que viajou por ambos os braços e entrou no meu peito. Isto durou alguns minutos, após os quais fui convidado a regressar ao meu lugar no Círculo. Mais fácil de dizer do que fazer. As minhas pernas estavam literalmente como gelatina. No entanto, ao retomar o meu lugar anterior, o Dr. Barnett anunciou que conseguira mudar o meu "organismo"… para grande diversão da multidão reunida. Declarou então que descobriria o resultado em três meses, o que, nessa altura, não fazia absolutamente sentido para mim. A reunião do círculo continuou, mas para mim tudo era

um pouco confuso. Simplesmente não consigo recordar o que mais ocorreu porque não conseguia parar de pensar no que acabara de me acontecer.

Na altura, sofria de uma condição chamada Cardio-Miopatia, uma condição cardíaca sofrida por vítimas da síndrome de morte súbita adulta. Os meus sintomas eram graves – colapsava simplesmente sem batimento cardíaco, embora, felizmente, o meu coração até esse ponto reiniciara naturalmente.

Em setembro de 2011, tinha uma consulta de rotina com o meu especialista em coração, o Sr. Debelder, em Brighton. Os habituais ecogramas e testes de eficiência cardíaca foram realizados e fui chamado de volta ao seu gabinete diretamente quando os testes terminaram. Perguntou-me diretamente: «O que fizeste»? Temendo que estivesse prestes a ser repreendido pela minha falta de controlo dietético, respondi que gostava da minha comida e da minha bebida. Perguntou-me novamente, mas desta vez explicou que a minha condição mudara. O meu coração enlarguecido reduzira para dentro dos limites da normalidade e a minha eficiência cardíaca melhorara de apenas 22% nas visitas anteriores para um normal 60%. Acrescentou que, o que quer que tivesse feito, precisava de saber, porque tinha uma sala de espera cheia de pacientes com diagnóstico semelhante e o coração nunca regressa à normalidade. Nesse momento, simplesmente não conseguia dar-lhe uma razão. Disse-me então que, no que lhe dizia respeito, já não tinha o problema e estava feliz por me dispensar de qualquer tratamento futuro.

Compreensivelmente, partilhei excitado essa notícia maravilhosa com a minha esposa e a minha família. Só algum tempo depois, em conversa com um colega da International Spiritualist Federation, a minha esposa perguntou de repente que data era quando vi o especialista. Era 27 de setembro – exatamente três meses a partir da data do círculo. A previsão do Dr. Barnett tornara-se definitivamente realidade.

Desde essa altura, comecei a correr, exercito-me regularmente e não tive mais colapsos cardíacos. Estou em dívida para com Stewart e a sua equipa espiritual pela intervenção e reorganização do meu organismo – sinto que salvou a minha vida.

---

[1] *Reville fez a sua transição para o Mundo Espiritual a 27 de março de 2019.*

[2] Durante a sua vida terrena, John Caine foi um curador espiritual renomado.

CAPÍTULO 19
O Início do Fim

Ao longo da minha vida como médium físico, sempre soube que, sempre que dava uma sessão pública, existia a possibilidade de um dia o impensável acontecer.

Embora entendesse que a externalização e uso da energia ectoplásmica dentro da escuridão da sala de sessões não representava perigo, também sabia e vivia com o pensamento de que a introdução súbita e inesperada de luz quase certamente teria um efeito catastrófico na minha saúde.

Embora reconhecendo que críticos e cínicos discordarão e rejeitarão afirmando o contrário, na Parte 2 deste livro considero a posição do cético e também a questão da fraude dentro da sala de sessões.

Neste capítulo, concentrar-me-ei na minha decisão no final de 2007 de terminar as minhas grandes sessões públicas e, consequentemente, libertar-me de pensamentos de que, se continuasse indefinidamente, o inevitável ocorreria em algum momento no futuro. Foi uma decisão muito difícil de tomar e, embora fosse uma premissa ilógica, sentia instintivamente que, tendo demonstrado em segurança durante tantos anos, as probabilidades contra tal evento impensável ocorrerem estavam a encurtar progressivamente.

Sempre prestei atenção e aprendi com a história. Para ilustrar isto, darei um exemplo citando o caso de Alec Harris, um dos médiuns de materialização mais renomados do Espiritualismo, que se sentou em perfeita segurança durante um número considerável de anos. Um dia, no entanto, o impensável ocorreu com consequências terríveis para a sua saúde. Não era imprudente e tolo o suficiente para acreditar que tal evento dreadful não poderia surgir numa das minhas próprias sessões públicas. A história dizia-me que, se continuasse, seria apenas uma questão de tempo.

Com essa base e após consulta com o círculo e o mundo espiritual, determinei que o ano seguinte (2008) seria o final em que demonstraria fora da segurança da sala de sessões do círculo caseiro. As únicas exceções seriam as poucas sessões que dava (e ainda dou) cada ano em Norfolk na

casa de Alf e June Winchester e os seminários que ajudei a organizar com eles até ao outono de 2018, quando finalmente os encerrei.

E assim, quando 2008 começou, enfrentei-o com uma medida de alívio sabendo que a proverbial 'linha de meta' estava à vista. Mas, compreensivelmente, esses sentimentos também estavam tingidos de tristeza. Ao longo dos anos, servira muitas organizações através de demonstrações públicas e o pensamento de que as informaria que o faria pela última vez estava longe de ser fácil. De certa forma, e porque sempre tivera dificuldade em dizer 'não', sentia como se as estivesse a desiludir. A minha esposa lembrava-me que as pessoas ainda poderiam sentar-se comigo; a única diferença seria que teriam de viajar até mim em vez de eu até elas. Ainda assim, ao longo desse ano, tive de engajar em várias conversas difíceis e dolorosas.

Após sessões, informei pessoas que passara a considerar amigos que não regressaria – que trabalhara com elas e para elas pela última vez. Para mim, era semelhante ao luto – um corte – uma finalidade.

A Suíça foi o país onde trabalhei pela primeira vez fora do Reino Unido e, por isso, pareceu correto que, nesse ano final, regressasse lá para dar uma das minhas últimas demonstrações no estrangeiro. A amizade que construíra ao longo dos anos com a 'Basler Psi-Verein' (Associação Psi de Basileia), sediada em Basileia, era tão forte que tomei a decisão de os visitar acompanhado apenas pela minha esposa, sem o meu apoio habitual. Foi a primeira vez que fiz isso.

À chegada à sua sede, depressa descobrimos que a sala a ser usada para as sessões estava extensivamente preparada e que a organização dos eventos não poderia ter sido melhor. Lucius Werthmuller, presidente da associação, a sua esposa Sabin e o meu velho amigo Dr. Hans Schaer (membro honorário do meu círculo caseiro) partilharam a responsabilidade de garantir que a minha segurança era primordial e que a conduta dos participantes nas sessões era exatamente como devia ser. Nada foi deixado ao acaso.

Assim, apesar dos meus medos expressos anteriormente sobre o impensável ser provável ocorrer em algum momento, sentei-me pela primeira vez sem a presença e proteção de Ray e June Lister ou de Alf e June Winchester.

Embora estivesse um pouco apreensivo no início, toda a viagem provou ser muito memorável.

A Suíça sempre ocupou um lugar especial no meu coração. A sua significância no meu trabalho como médium público fora considerável. Por isso, parece apropriado que reproduza excertos de um relatório sobre essas sessões finais. Escrito por um jornalista e cineasta alemão que estudara o Espiritualismo e fenómenos associados durante mais de vinte anos, o relatório apareceu na internet sob o título:

Sessões Poderosas com Stewart Alexander em Basileia, Abril de 2008.

Todos sabemos que a mediunidade física e os seus alegados fenómenos foram, e ainda são, considerados suspeitos por muitos, devido aos charlatães que no passado foram expostos em fraude. Assim – uma das primeiras surpresas positivas foi que o Sr. Alexander viajara apenas com a esposa e não tinha apoiantes do seu círculo caseiro consigo. Menciono isto apenas porque, se tivesse sido acompanhado por membros do seu círculo, alguns poderiam considerar isso suspeito, pois alegados fenómenos pareceriam impossíveis de apresentar sem a ajuda direta de outros. No entanto, a transparência das suas sessões foi ainda mais acentuada por vários outros fatores que partilharei com os leitores desde o início do meu relato.

A esposa de Stewart NÃO estava com ele enquanto as sessões decorriam. As únicas pessoas, numa grande sala cheia de estranhos, com quem ele tinha qualquer ligação eram o Dr. Hans Schaer e Sabin e Lucius Werthmuller, que podem ser considerados totalmente credíveis e honestos. Stewart senta-se preso por abraçadeiras de plástico aos braços da cadeira e isto é verificado por vários participantes antes de as luzes serem apagadas. Senta-se fora e à frente do gabinete, de modo a fazer parte do círculo e, durante a maior parte da sessão, ambas as suas mãos são seguras pela pessoa de cada lado dele. Nos joelhos, tem tiras luminosas para identificar a sua posição. Frequentemente, uma luz vermelha é introduzida para guiar participantes para um lugar ao lado do médium onde participam em vários experimentos de fenómenos físicos.

Nessas ocasiões em que a luz é ligada, o médium é visto em estado de transe no seu lugar, preso com as abraçadeiras de plástico.

Várias vezes, a atenção dos participantes foi direcionada pelo médium para manifestações iminentes. Ilusionistas certamente teriam tentado distrair a atenção dos participantes delas mesmo antes de ocorrerem.

Enquanto alguns dos fenómenos mais desconcertantes estavam a acontecer – i.e., com o alegado ectoplasma a metamorfosear e a formar-se no espaço iluminado acima da mesa localizada à frente do médium preso ou à plena vista das suas mãos – as pessoas tinham permissão para se levantar para obter uma melhor visão. Fraudadores tentariam manter as pessoas a uma distância segura para evitar exposição enquanto manipulavam os seus truques.

Todos os objetos, bem como o gabinete, o lugar do médium e a bem conhecida mesinha sobre a qual o ectoplasma se torna visível e se desenvolve numa mão de um dos controlos de Stewart, estavam acessíveis para inspeção antes das sessões. Portanto, antes da segunda sessão a que assisti, verifiquei tudo minuciosamente durante vinte minutos. Estava sozinho com todo o equipamento. Verifiquei a estrutura da cadeira do médium para estabelecer que não havia mecanismos escondidos que libertassem as correias usadas para conter o médium. Verifiquei os anéis através dos quais as correias dos braços seriam mais tarde ancoradas e que estavam fixados debaixo dos apoios de braços. Verifiquei o gabinete de todos os lados, as cortinas, a campainha, as baquetas, as abraçadeiras de plástico e a construção específica da mesinha com o tampo iluminado por baixo de vermelho (para o qual o ectoplasma flui) e não encontrei nada suspeito.

Sessão, 20 de Abril de 2008

Após o experimento das abraçadeiras de plástico, Walter explica como agora recolherá energia do espaço circundante, incluindo dos participantes, e como isto poderia levar a mudanças subtis na perceção. A sala está em total escuridão. Todos são instruídos a colocar as mãos nos seus colos com as palmas viradas para cima. Os trompetes são chamados pelo controlo e são colocados por Sabin no chão entre os pés do médium. Walter pede às pessoas que se juntem em canção enquanto ele reúne a energia necessária. Durante este processo, traz o médium do seu transe para lhe permitir observar os trompetes levitantes. No círculo interior, os participantes discernem uma clara descida de temperatura ao nível do chão até cerca da

altura dos joelhos. Em poucos momentos, os trompetes começam a vibrar e a mover-se entre os pés do médium. O primeiro ergue-se então majestosamente no ar e com ele o canto muda para 'uau' e 'oh'.

Lucius dirige-se a Stewart, que está acordado e responde sonolento enquanto tosse. A posição do trompete em qualquer momento pode ser facilmente determinada pelos anéis iluminados na sua extremidade larga e é observada por todos os presentes enquanto flutua pela sala. Entretanto, Stewart fala com os participantes e depois o segundo trompete vibra no chão e parece tentar levitar. Durante este tempo, o trompete no ar bate no teto, dispara à frente das caras dos participantes, toca-os suavemente e tudo isto a uma distância aproximada de 3 metros da cadeira do médium. Alguns participantes têm a impressão de que o segundo trompete carece de energia suficiente para se erguer no ar e sugerem cantar novamente para o ajudar. No entanto, o médium completamente acordado, ainda observado por meio das tiras iluminadas nos seus joelhos, para estar no seu lugar pede silêncio porque vozes diretas poderiam, neste ponto, manifestar-se. Muitas vezes estas vêm através dos trompetes e por vezes diretamente ao lado do ouvido de um participante.

À medida que o silêncio cai, o segundo trompete finalmente ergue-se e, enquanto Stewart está envolvido em conversa, ambos os trompetes parecem mover-se independentemente e em direções bastante diferentes com uma maneira diferente de se mover. Como exemplo: enquanto um sobe lentamente para o teto num lado do círculo acima das cabeças dos participantes entre o círculo interior e exterior, o outro toca suavemente as cabeças dos participantes no outro lado do círculo. Ocasionalmente, um dos trompetes tropeçaria e cairia no chão apenas para ser erguido novamente momentos depois. De repente, uma campainha toca à altura da cabeça à frente dos participantes no círculo interior, a cerca de 3 metros do médium controlado, e depois cai no chão. Enquanto escuto Stewart a falar, consigo ouvir – simultaneamente – os sons típicos de respiração de uma voz direta a manifestar-se. Ele também os ouve e dirige a atenção dos participantes para eles.

De repente, uma voz fraca é ouvida e dizem-nos que é a voz direta do Dr. Barnett, outra alegada personalidade espiritual. Numa voz baixa, explica através da caixa de voz formada por ectoplasma que pretende reservar energia necessária que, mais tarde, usará para se materializar em forma física. Adicionalmente, acumulará energias de cura. A caixa de voz,

diz, foi construída com sucesso e está posicionada a cerca de 30 centímetros do ombro esquerdo do médium. Ouvimos o médium a respirar profundamente enquanto a voz fala.

O Dr. Barnett dá encorajamento aos participantes que possam desejar experimentar em círculos físicos e promete apoiá-los e ajudar da forma que puder. Alguns participantes agradecem-lhe e depois ele retira-se.

Walter convida uma senhora para a frente para se sentar à sua mesa de frente para o médium. Lucius Werthmuller liga a sua lanterna vermelha para permitir que a senhora encontre o caminho. O médium está agora visível no seu estado de transe e claramente preso firmemente pelas abraçadeiras de plástico com as mãos seguras por Sabin e Bea que se sentam de cada lado dele. O tampo de vidro da mesa está iluminado por uma lâmpada vermelha debaixo da sua superfície e a intensidade da luz é ajustada por um reóstato (operado por Hans Schaer) de acordo com os desejos de Walter.

Dentro de 30 segundos após a lanterna ser desligada, quando o médium foi visto pela última vez controlado por correias e com mãos seguras pelos vizinhos, o ectoplasma torna-se visível – 'energia viva' – como Walter se refere a ele. Informa-nos que, a partir desta massa negra indefinida, tentará criar a sua própria mão. Eu próprio consigo observar claramente a superfície iluminada da mesa.

A senhora sentada à mesa é então instruída a colocar a mão na mesa com a palma para baixo. A energia parece então inchar gradualmente antes de reduzir de tamanho até uma mão muito grande emergir sem características definidoras. Todos têm então permissão para deixar os seus lugares e ficar à volta da mesa e observar o processo de desenvolvimento de perto. A energia parece então reorganizar-se e claramente consigo ver algo como uma garra ou uma mão malformada. Mas depois muda novamente e uma semelhança desajeitada de uma mão torna-se cada vez mais visível até aparecer e comportar-se como uma mão humana. Os seus dedos movem-se e viram-se de lado para lado para serem observáveis de perspetivas diferentes.

A mão pega então na mão da senhora e ela relata-a como seca, quente e aparentemente uma mão masculina. Abana a dela e Walter pergunta: «Nunca desejaste apertar a mão de um homem que agora está morto há mais de 100 anos?» Todos riem. A mão recua então da mesa; a atuação durou não mais do que dois minutos.

Quase imediatamente, Walter pede a lanterna e o médium é visto, como antes, ainda preso e seguro. Declara então que quer ter a certeza de que todos na sala ficaram convencidos e sairão da sala livres de qualquer suspeita. No entanto, continua dizendo que seria compreensível se alguns se perguntassem se, na realidade, era apenas a mão do médium. Portanto – para eliminar tais dúvidas, tem um experimento adicional e convida duas senhoras adicionais para a mesa. Com todas as três então sentadas à volta dela, pede-lhes que coloquem as mãos no tampo iluminado da mesa de modo que todos os seus dedos estejam espalhados e a tocar. Stewart é libertado (pelo Mundo Espiritual passando os seus braços através das correias) e as suas mãos juntam-se então às delas, de modo que há uma cadeia completa de mãos – todos os quatro pares claramente distinguíveis uns dos outros. Walter pede que a lanterna seja desligada.

Em poucos segundos, do lado do médium da mesa, de repente uma nona mão aparece e todas as senhoras à mesa confirmam isto por visão e por toque. Esta mão extra toca e manipula as delas e novamente é relatada como grande, seca e masculina. E tudo isto, a substância na mesa, a metamorfose, os movimentos da mão, são claramente observados por mim e pelo meu assistente. A nossa atenção nunca vacilou por um segundo e temos uma boa visão direta do tampo da mesa.

As mãos de Stewart são então devolvidas à sua posição original nos braços da cadeira, seguras pelas abraçadeiras de plástico. A lanterna vermelha é novamente introduzida para que todos os participantes possam ver que é assim e Walter quer que as abraçadeiras de plástico sejam minuciosamente verificadas por Sabin e Bea. A luz é então desligada.

O médium é então movido de volta para o gabinete por meios supernormais e as cortinas são fechadas e os joelhos de Stewart com as suas tiras luminosas desaparecem atrás delas. Ouvimos então as cortinas a serem manipuladas novamente e a voz abafada do Dr. Barnett de dentro do gabinete. Sabin, a participante à direita do gabinete, informa-nos subitamente que duas mãos quentes foram colocadas na sua cabeça e que permanecem lá. Ao mesmo tempo, ouvimos passos no espaço livre no centro do círculo. Outra senhora posicionada a aproximadamente 2 metros do gabinete e 3 metros de Sabin informa-nos então que duas mãos também estão na sua cabeça e que alguém está de pé atrás dela a massajar-lhe as costas. Dois minutos depois, ouvimos passos a mover-se em direção ao

gabinete e, ao mesmo tempo, as senhoras relatam que as mãos desapareceram das suas cabeças.

A voz de Walter fala novamente e enfatiza que eles próprios desfrutaram da sessão tanto quanto nós. Diz-nos então que Stewart será trazido de volta para o círculo e ouvimos a sua cadeira a ser empurrada ou puxada para fora do gabinete. Despede-se de nós e os participantes agradecem-lhe e dizem adeus. Bea dá uma oração de encerramento. A sessão chegou ao fim.

Após reflexão, gostaria de expressar quão improvável era que todo o modus operandi da sessão pudesse ser devido a fraude. A luz vermelha frequentemente ligada, introduzida repetidamente, confirmava que o médium estava sentado na sua cadeira. Era segurado pelas mãos durante a maior parte dos fenómenos e isto sozinho torna quase impossível que fôssemos vítimas de uma elaborada farsa. Sentado no círculo entre duas pessoas com as mãos controladas e as pernas visíveis através de marcadores fluorescentes torna tal explicação aparentemente insustentável. Foi uma noite muito satisfatória e persuasiva de manifestações raras – o produto da mediunidade física.

CAPÍTULO 20
O Fim de Uma Era (Quase)

Em outubro de 2008, realizei o meu último trabalho fora de casa[1] quando visitei Devon para dar duas sessões espíritas e uma demonstração de transe numa igreja espiritualista local. Enfrentei-as com um sentimento de alívio, porque, à exceção da sessão espírita do «Árvore de Natal» que eu devia dar na Igreja Espiritualista de York nesse ano e dos meus próprios seminários residenciais anuais, aquela visita marcaria o fim de uma era. Nunca mais arriscaria ou comprometeria o meu bem-estar e nunca mais teria de assumir o peso esmagador de responsabilidade que sempre sentira em tais ocasiões.

Ao longo dos meus anos de trabalho público, encarei cada sessão espírita desesperadamente na esperança de que os participantes vissem, testemunhassem e experimentassem por si mesmos a maravilhosa realidade da comunicação física entre dois mundos. Ao sair de casa para fazer a longa viagem para sul, fi-lo sabendo que já tinham passado quarenta anos desde a minha introdução ao Espiritualismo e dezasseis anos desde o início

do meu trabalho público. Compreensivelmente, tais sessões tinham sempre decorrido em atmosferas de grande expetativa e excitação. Nunca o mundo dos Espíritos falhara em manifestar-se. Mas entrei nessas sessões em Devon querendo que fossem extra especiais. Queria que vivessem na mente de todas as pessoas que nelas participariam. E assim se provou ser.

A seguir, apresentam-se partes de dois relatórios sobre estes eventos, extraídos e condensados para evitar repetições do relato do capítulo anterior. (Tenho inúmeros relatórios que descrevem fenómenos de anos de demonstrações, que são compreensivelmente repetitivos!) Este relato de Lew Sutton foi publicado pelo Psychic News em 6 de dezembro de 2008 e estou grato por me ter sido dada permissão para incluir estas secções aqui.

Stewart Alexander em Devon
Um relato pessoal de Lew Sutton

A visita de outubro começou com uma sessão espírita em Paignton que durou incríveis três horas, mais ou menos. O tempo voou, tal como os trompetes da sala de sessões, levitados com os seus movimentos graciosos numa exibição que durou vários minutos. Os trompetes levitados pareciam flutuar graciosamente pela sala como se fossem sem peso, passando perto de vários dos vinte e três participantes presentes. Duas ou três vezes roçaram no teto do que é uma grande sala doméstica. Dois participantes, por sua vez, experimentaram o agora famoso «matéria-através-da-matéria», no qual uma abraçadeira de plástico forte é momentaneamente desmaterializada para libertar um dos braços de Stewart de estar preso à cadeira. O experimento seguinte envolve ectoplasma tornado visível numa luz vermelha de baixa intensidade. Três participantes experimentaram ver e sentir uma mão criada a partir de um bloco de ectoplasma mesmo diante dos seus olhos.

O ponto alto da noite para uma das participantes, Joan Boydell, foi falar com a mãe e também com a filha que partira ainda bebé. Foi anunciado que a filha era agora uma jovem no Mundo dos Espíritos. Depois foi a vez do marido Alan falar com o pai. Alan e Joan confirmaram-me depois que os maneirismos e o vocabulário eram exatamente os mesmos de quando os seus entes queridos estavam vivos no corpo físico. Outros participantes também receberam comunicações dos seus entes

queridos via Stewart em transe, com o controlo espiritual Freda Johnson a ajudar a estabelecer a ligação.

O Dr. Barnett, um médico do século XIX e comunicador regular, anunciou-se então e falou connosco durante mais de cinco minutos por voz direta independente (não através do aparelho vocal do próprio médium e sem trompete). Mais tarde, deslocou-se pela sala e disse-nos que estava apenas parcialmente materializado. Vários relataram sentir o seu toque. Como é habitual atualmente, trouxe um ajudante consigo, pois pelo menos dois pares de mãos foram sentidos simultaneamente pelos participantes. Durante um curto período, o Dr. Barnett pareceu segurar uma luz psíquica nas mãos. Apenas aqueles diretamente à sua frente a podiam ver claramente, e os que estavam atrás não a viam de todo. No passado, deslocara-se por todo o círculo carregando uma luz, mas desta vez ficou perto do gabinete.

A Sessão Espírita em Newton Abbot

No dia seguinte, a ação deslocou-se para a Igreja Espiritualista de Newton Abbot, que acolheu um seminário de um dia sobre fenómenos físicos seguido de uma sessão espírita à noite.

Como a sala era consideravelmente maior do que a do local anterior, os fenómenos com os trompetes decorreram numa área maior e provavelmente estenderam-se horizontalmente mais de 3 metros a partir do médium. A sala utilizada tinha um teto muito alto e os trompetes subiram muito mais alto do que eu tinha visto antes – provavelmente quatro metros ou mais acima do nível do chão. Após os fenómenos com os trompetes, o Dr. Barnett aparentemente vagueou bastante pela sala, falando, tocando e apertando a mão a vários dos trinta e seis participantes. Tal como na primeira sessão, outro visitante espiritual (ou mais) deve ter estado presente, pois vários participantes gritaram simultaneamente que sentiam duas mãos a tocá-los. Estas exclamações vinham, por vezes, de participantes que estavam a vários metros de distância. Parecia que o Dr. Barnett era também responsável por várias luzes que apareceram e dançaram perto do gabinete durante um curto período.

Especialmente satisfeito por receber comunicações foi Ken Saari, que voara dos EUA para o seminário e a sessão. Ken assistiu com a sua noiva de Newton Abbot, Louise. Foi uma ocasião especial para ambos, pois

tinham-se conhecido um ano antes, quando assistiram à última sessão de Stewart na Igreja. Ficaram entusiasmados quando, perto do fim da sessão, o controlo do médium, Walter Stinson, lhes disse que gostaria de assistir (em espírito) ao casamento deles em Nova Iorque no ano seguinte.

Infelizmente, como a sessão durou mais de três horas, o dispositivo de gravação atingira a sua capacidade antes de Walter fazer o anúncio. Ken e Louise disseram que, se não o tivesse feito, teriam reproduzido esse excerto no casamento. Foi lindo terminar um dia cheio de acontecimentos com uma bênção do Espírito para a vida futura deles juntos. Ken disse-me mais tarde que a conversa que tivera com Walter foi «a coisa mais importante que alguém me disse em toda a minha vida».

Ele tinha isto a dizer sobre o experimento da mão materializada: «Walter convidou-nos a ambos para a mesa e permitiu-nos experimentar a materialização da sua mão. Bateu com ela na mesa de vidro três vezes e apertou a mão de Louise antes de desaparecer na escuridão. Além disso, enquanto estávamos à mesa, esta levitou do chão e inclinou-se em todas as direções a apenas centímetros de nós.»

O sábado, 4 de outubro, entrará na história da nossa Igreja porque foi a última demonstração de mediunidade física de Stewart Alexander nesta área. Fomos verdadeiramente abençoados. Dizer que o dia foi «fora deste mundo» seria um eufemismo. Ouvimos toda a equipa espiritual regular de Stewart – White Feather, Walter Stinson, Freda Johnson, Christopher e Dr. Barnett – e a atmosfera era elétrica. Para além de todas as maravilhas descritas, ouvimos também a voz de uma criança pequena a chamar do gabinete: «Quero a minha mamã.» Encontrámos a mamã dela – era uma das participantes e era o aniversário da partida do seu menino. Foram dadas mensagens maravilhosas aos participantes e o sentimento de amor na sala era palpável. O Mundo dos Espíritos está a trabalhar tanto para provar que a vida continua, e com Stewart como seu instrumento estão a ter sucesso.

«Obrigado» nunca é suficiente para lhe dizer a ele e à sua equipa, tanto a visível como a invisível. Foi verdadeiramente um dia que nunca esqueceremos.

No relato editado seguinte, que apareceu pela primeira vez no site da internet «Psychic Times» em novembro de 2008, Louise Dobson (referida no relatório do Psychic News sob o subtítulo «Bênção de Casamento») dá a sua perspetiva pessoal da sessão espírita que ela e o noivo assistiram na igreja de Newton Abbot.

Comunicação Espírita na Sessão em Devon
Louise Dobson

Quando Walter perguntou se alguma senhora presente gostaria de lhe fazer uma pergunta, falei e, para minha alegria e surpresa, fui convidada a sentar-me em frente a Stewart na sua pequena mesa de vidro, iluminada por baixo por uma lâmpada vermelha. Ele respondeu então à minha pergunta, que se relacionava com a melhor forma de eu servir o mundo dos espíritos, e perguntou se eu gostaria de ver a sua mão materializada. A energia era palpável enquanto eu lá estava sentada e as minhas pernas começaram a tremer incontrolavelmente.

Walter pediu-me que colocasse uma mão no tampo da mesa e descrevesse aos outros participantes exatamente o que via. Enquanto olhava para ela, observei uma sombra negra indefinida a começar a formar-se num dos lados e, lentamente, começou a transformar-se e a desenvolver ligeiras projeções. Estas começaram a alongar-se e a assumir a aparência de dedos até que, eventualmente, uma mão totalmente formada, semelhante a uma garra (de aparência masculina), se encontrava diante de mim. Esta pareceu então rastejar pela mesa até à minha mão e procedeu a dar-lhe três palmadinhas. Sentia-se quente ao toque e exatamente como uma mão humana normal pareceria e se sentiria. Podia até ver os pelos no dorso dela, e depois bateu firme e ruidosamente três vezes no tampo da mesa, o que foi recebido com exclamações audíveis de espanto pelos meus companheiros de sessão.

Pessoalmente, senti-me totalmente abençoada por ter experimentado estes fenómenos incríveis.

Depois Walter falou-me novamente no seu distinto sotaque canadiano e perguntou: «Nunca quis apertar a mão de um homem que está morto há mais de cem anos, minha senhora – hã?» Todos acharam isto muito divertido e eu, por minha conta, estava vibrante com toda a experiência. Continuei a perguntar a mim mesma quantas pessoas no mundo tiveram uma experiência assim e posso confirmar que não era a mão do médium. Que sorte a minha!

Ele convidou então outra senhora a sentar-se também à sua mesa e depois o meu recém-encontrado companheiro de alma Ken, «o meu futuro noivo», como Walter disse, a sentar-se ao lado dele. No entanto, embora Ken e eu tivéssemos discutido casar, na altura não tínhamos feito planos ou

anúncios formais. Portanto, o facto de alguém dos reinos espirituais reconhecer a nossa intenção deixou-nos completamente sem palavras e fui tomada pela emoção.

E assim, de todos os participantes naquela noite, encontrámo-nos sentados à volta da mesa com este homem incrível do Mundo dos Espíritos, à espera com expetativa da próxima demonstração. Em breve, fomos convidados a colocar as mãos espalmadas no tampo da mesa com os dedos abertos e os polegares a tocar-se. Os nossos dedos mínimos tinham de estar em contacto com os dos nossos vizinhos imediatos. Então a mesa começou a mover-se, empurrada firmemente contra os meus joelhos, e procedeu a levitar. Todos ficámos ali sentados, perplexos. Todos conscientes de que não podíamos ter levantado a mesa nós mesmos com ambas as mãos espalmadas nela.

Depois disto, Walter pediu-nos que voltássemos aos nossos lugares e dirigiu-se a Ken. «Ken, não vais acreditar no que te espera no futuro!» Não elaborou sobre isto, mas encheu-nos a ambos de expetativa ansiosa. Continuou: «Quando chegar o vosso grande dia, e SABES o que quero dizer com isso, serei convidado a assistir?» Referia-se, claro, às nossas aspirações de casar no futuro. Após a sessão, Ken e eu ponderámos quantos casamentos passados houve em que alguém do mundo dos espíritos perguntou se podia assistir. Quando chegar a altura certa, convidaremos naturalmente Walter, e sabemos «COM CERTEZA» que ele estará lá em espírito.

Ao voltar ao meu lugar, apercebi-me então de que o filho falecido da senhora sentada à minha direita estava a tentar passar. No entanto, estava a ter alguma dificuldade e Freda sugeriu que falassem novamente após a sessão – em privado. E, de facto, quando a sessão terminou, todos permaneceram nos seus lugares e a senhora em causa foi convidada para uma pequena antecâmara para se sentar sozinha com Stewart. Regressou obviamente muito emocionada e confirmou que o filho tinha de facto falado com ela.

Que noite totalmente incrível. Uma que foi tornada tão especial por causa das mensagens pessoais que Ken e eu recebemos e que nós dois recordaremos por toda a eternidade. Foi a terceira demonstração de mediunidade física a que assisti e a minha segunda envolvendo materializações ectoplásmicas. Com absoluta certeza, posso afirmar que nunca, em momento algum, suspeitei que estivesse a decorrer algum tipo

de fraude. Para mim, confirmou o que sempre soube; sem qualquer dúvida, a alma e o corpo espiritual etérico são eternos e todos sobrevivemos à morte do nosso corpo físico. Aproveito esta oportunidade para expressar os meus sinceros agradecimentos a Stewart Alexander pelo seu trabalho árduo e dedicação incansável ao longo dos anos, que levaram ao desenvolvimento do seu dom e à sua demonstração em público.

Ao juntar os dois mundos, ele inadvertidamente tornou duas pessoas muito felizes que de outra forma não se teriam conhecido.

A 20 de novembro de 2008, Ken (na altura noivo de Louise Dobson) publicou no site da internet «Psychic Times» a seguinte declaração em resposta a uma pergunta de um leitor sobre a aparência da mão materializada semelhante a uma garra de Walter:

Não perguntei a Walter naquela noite por que razão a mão parecia algo deformada e presumo que provavelmente estava nesse estado na altura em que ele transitou para o Mundo dos Espíritos. Durante toda a sessão (exceto durante a materialização da mão na mesa), as mãos de Stewart estavam ambas firmemente presas à cadeira com abraçadeiras de plástico muito fortes que só podiam ser removidas com cortadores de arame ou uma faca muito afiada. Quando a mão se materializou, tanto Louise como a outra senhora à mesa estavam a segurar as mãos do médium. A equipa espiritual tinha desmaterializado as abraçadeiras para que as raparigas pudessem segurar as mãos dele na mesa durante todo o experimento. Stewart estava em transe durante o experimento de matéria-através-da-matéria e também durante a materialização da mão.

Ao deixar Devon, fi-lo com um sentimento de alívio, sabendo que efetivamente o meu trabalho como médium físico público, demonstrando perante grandes grupos de estranhos, estava virtualmente no fim. A minha longa viagem de regresso a Yorkshire foi preenchida com pensamentos dos locais onde tinha estado e das pessoas que conhecera ao longo de tantos anos, e também da bondade que me rodeara em todos os momentos.

Por vezes, maravilhei-me com o trabalho realizado pelos meus anfitriões para garantir salas perfeitamente escuras, que apresentavam tantos problemas – salas com tetos altos e com muitas janelas grandes simplesmente não se prestavam à exclusão total de luz. No entanto, invariavelmente, isto fora sempre conseguido. Só se podia admirar o espírito humano. Claro, era previsível que salas cheias de muitas pessoas aquecessem rapidamente. De facto, raramente tinham ar condicionado ou

qualquer forma de ventilação de ar fresco e, como resultado, as condições desconfortáveis e sem ar eram grandemente exacerbadas. Muitas vezes, após uma sessão, vi pessoas a sair da sala de sessões com o aspeto de quem passara tempo totalmente vestido numa sauna. A expressão «suando pelo espírito» vem à mente.

Mas tais situações eram de pouca consequência – comungar com aqueles no mundo dos Espíritos, aqueles agora mortos para o nosso mundo, era tudo.

E assim, ao viajar de regresso de Devon, fi-lo deixando para trás para sempre um modo de vida que, embora potencialmente uma ameaça constante ao meu bem-estar, me proporcionara ainda assim aventuras únicas e experiências espirituais. Muitas vidas tinham sido mudadas, tocadas e confortadas pela «grande realidade» e senti-me tanto orgulhoso como singularmente privilegiado.

No início da minha jornada, nunca poderia ter previsto ou sequer suspeitado do que me esperava – como poderia? Se fui um servo digno da «grande verdade» caberá sempre aos outros julgar. Mas, por mim, posso afirmar com razão que das trevas emergiu uma alegria incalculável. Isso, seguramente, é o que «a jornada» significou!

---

[1] *Em 2015, daria mais uma sessão espírita pública, pelos motivos explicados no capítulo seguinte.*

CAPÍTULO 21
A Minha Última Sessão Espírita Pública

Em 2008, a minha irmã Gaynor e eu visitámos a Igreja Espiritualista de Craghead, no Nordeste de Inglaterra. Ao fazê-lo, realizei finalmente um desejo que guardara no coração durante muitos anos. Hoje, o nome «Hunter Selkirk», outrora presidente e pilar da Igreja, é em grande parte desconhecido no movimento espiritualista. No entanto, dos anos 1930 até ao início dos anos 1960, trabalhou como um médium de materialização excecional cujo nome deveria estar indelevelmente gravado no Salão da Fama do Espiritualismo.

Tomei conhecimento dele pela primeira vez em 1975, ao ler um livro (publicado originalmente em 1945) intitulado *Listen My Son*, de Harry Emerson. Ao participar em várias sessões com Selkirk, Emerson testemunhara manifestações físicas na sala de sessões que desafiavam a mente, incluindo a materialização dramática e maravilhosa da sua esposa falecida. Regularmente, escrevia ao filho, que estava no exército a combater na Segunda Guerra Mundial, para o manter informado sobre estes eventos. O livro nasceu eventualmente dessas cartas.

Em 1990, tive o privilégio de contactar um senhor idoso que, muitos anos antes, conhecera e participara em inúmeras sessões com Selkirk. Ele convidou-me graciosamente para a sua casa, a curta distância da pequena aldeia de Craghead. Viajei com o líder do meu círculo para o encontrar e passei o dia a ouvir relatos detalhados das suas recordações das sessões com Hunter Selkirk. Dizer que ficámos hipnotizados enquanto ouvíamos seria um eufemismo. Na verdade, recordo-me claramente de pensar que mesmo os céticos mais convictos do mundo se teriam encontrado em sérias dificuldades se tentassem desmentir o que ouvimos.

Alguns anos mais tarde, escrevi diretamente à Igreja de Craghead para perguntar se, entre os seus membros, haveria alguém que tivesse sido testemunha da mediunidade extraordinária de Hunter Selkirk. Responderam que sim. A senhora era agora idosa, mas, quando jovem, participara várias vezes nas suas sessões. E foi então, em 2008, que me convidaram amavelmente a visitar a Igreja e a reunir-me com o comité e com a senhora idosa.

Quando o dia finalmente chegou, a minha irmã Gaynor e eu fizemos a viagem de carro e, à chegada, fomos calorosamente recebidos. Ainda hoje

recordo claramente como me senti ao entrar naquela igreja. Era quase como se tivesse chegado a casa. Por razões que simplesmente não consigo explicar, tive uma sensação avassaladora de que a igreja me era familiar, embora, claro, não o fosse. Fomos então levados para uma sala específica onde, disseram-nos, Hunter Selkirk realizara as suas sessões. Gaynor, o Comité da Igreja, a senhora idosa e eu sentámo-nos e ouvimos atentamente as maravilhosas histórias dela – as suas memórias do que testemunhara naquela sala tantos anos antes. Dizer que tanto Gaynor como eu nos sentimos extremamente privilegiados não transmite adequadamente o que sentimos.

Quando finalmente saímos da Igreja, relutantemente, e partimos de carro, Gaynor disse-me: «Porque não realizas uma sessão espírita lá? Acho que devias!!» A minha resposta foi que não podia, porque, em honestidade, sentia que qualquer sessão mediúnica realizada ali falharia completamente em sequer se aproximar do nível de Hunter Selkirk. O que mais me preocupava era a ideia de que, se o fizesse, seria uma desilusão para os presentes. Para mim, isso era impensável. Hoje vejo isso como algo ilógico, mas na altura era exatamente assim que me sentia.

No entanto, após a partida trágica e prematura da minha irmã Gaynor, decidi, algum tempo depois, realizar o seu desejo e fazer mais uma sessão espírita pública, na maravilhosa Igreja de Craghead. Isto apesar da minha decisão de terminar todas essas sessões em 2008, como descrito anteriormente; as sessões físicas tradicionais de sábado à noite nos meus seminários bianuais eram a única exceção. Essas continuei a realizar.

Este local era demasiado especial para eu recusar.

O que se segue é uma versão abreviada de um relatório, escrito por Katie Halliwell[1] e publicado em fevereiro de 2015 pelo *Psychic World*, sobre o que foi realmente a minha última sessão espírita pública. Inclui os pontos altos da noite que se destacaram particularmente.

Uma Noite Inesquecível
Katie Halliwell (2015)

«Recordaremos sempre aqueles que partiram antes de nós e que oportunidade maravilhosa é receber a possibilidade de nos encontrarmos novamente.»

A vida neste plano terreno começa quando nascemos e, ao fazermos parte das nossas próprias famílias, uma força natural cria um laço especial. Uma força que torna cada um de nós único nas nossas experiências enquanto seguimos os caminhos escolhidos para aprender sobre um princípio importante que conhecemos como amor. O amor ajuda-nos a servir, a curar e a progredir. O amor dá-nos um sentido de pertença. O amor quebra a barreira criada pela morte. E o que pode ser alcançado quando nos unimos em amor, paz e harmonia é o conhecimento e a consciência de uma maravilhosa equipa espiritual que se liga a uma pessoa especial: Stewart Alexander.

Há muitos anos que Stewart e o seu Círculo Doméstico servem o público, trazendo conforto e compreensão àqueles que perderam os seus entes queridos. Entes queridos que passaram para o mundo dos Espíritos e que permanecem próximos e queridos para aqueles que ficaram. Além disso, Stewart sempre teve um dever e compromisso especial, tão próximo e querido do seu coração, que é oferecer os seus serviços realizando sessões espíritas físicas públicas para além e fora do seu próprio círculo doméstico em East Yorkshire. Esta sessão pública em particular, realizada na renomada Igreja Espiritualista de Craghead (perto de Durham) a 11 de novembro de 2014, foi excecional porque seria a sua última. Uma sessão tão memorável num local tão maravilhoso onde o célebre médium Hunter Selkirk, mais de meio século antes, realizara as suas verdadeiramente notáveis sessões físicas/materialização.

Nessa noite maravilhosa, trinta e oito participantes sentaram-se à volta de Stewart em forma de dois semicírculos. À sua frente estava a sua pequena mesa de sessão com tampo de vidro e, em cima, havia abraçadeiras de plástico, mais duas argolas separadas, uma pequena campainha e um par de baquetas. Logo após o início dos procedimentos, Stewart entrou em estado de transe e White Feather – o seu principal guia espiritual – deu a sua bênção e confirmou que as condições na Igreja eram verdadeiramente excelentes.

Os fenómenos físicos foram verdadeiramente fenomenais. Sentei-me diretamente em frente a Stewart no círculo central e, num momento da sessão, fui agraciada com uma boa vista das placas fluorescentes nos joelhos de Stewart a flutuar acima da altura da cabeça no ar. Observei as placas a pairar, depois a balançar para cima e para baixo como um navio no mar. Não admira que Stewart deteste a experiência da levitação da cadeira. Ele estava completamente consciente do que acontecia e Carol teve de o acalmar dizendo: «Estás perfeitamente seguro, Stewart, estás perfeitamente seguro.»

Este foi apenas um dos muitos fenómenos físicos testemunhados nessa noite maravilhosa, mas aqui paro e concentro-me na inestimável contribuição de Freda Johnson que, acredito, sempre apoia as manifestações físicas com a apresentação de comunicações evidenciais. Em vez de escrever relatórios em nome de outros, achei que seria mais interessante convidar os próprios destinatários a falar do que experimentaram e como se sentiram.

Alex Brand Quando, no início, Walter pediu perguntas, fiz uma, mas apenas para quebrar o silêncio. Não esperava que Walter me chamasse para sentar ao seu lado, pois já tinha experimentado o seu experimento de passar matéria através da matéria e, de facto, tenho uma abraçadeira preciosa na minha posse. Na verdade, não esperava nada além de uma resposta à minha pergunta e fiquei surpreendido quando Walter disse que eu tinha um irmão no Espírito e que, na verdade, Robert estava lá. Isso era completamente correto, pois o meu irmão Robert estava no mundo dos Espíritos desde os dezoito anos. Walter disse-me então que queria que eu soubesse que uma cadeira de rodas já não era necessária. Esta informação liga-se ao meu filho Michel, que partiu aos vinte e dois anos.

Antes da sua partida, teve de sofrer uma amputação abaixo do joelho para remover um tumor maligno no tornozelo, por isso precisava de uma cadeira de rodas. Aqui posso confirmar que Stewart não saberia que eu tinha um irmão Robert no Espírito nem a relevância de uma cadeira de rodas. A outra questão de que Stewart não tinha conhecimento era o facto de, desde que soube que me fora atribuído um lugar na sessão de Craghead, ter enviado pensamentos a Walter e à equipa espiritual pelo menos duas ou três vezes por dia durante uma semana, pedindo se me poderia ser permitido experimentar segurar a mão de uma pessoa espiritual. Sabia que era algo que Walter podia fazer, pois já o testemunhara numa das sessões

anteriores de Stewart, quando um participante pôde realmente tocar na mão de um ente querido no Espírito.

Com grande respeito por Walter, na verdade, enviara-lhe pensamentos de que, embora seria maravilhoso segurar a sua mão, o meu maior desejo era segurar a mão de um dos meus familiares que agora estão no Espírito. Por isso, as palavras não conseguem descrever como me senti quando Walter me convidou a sentar-me do lado oposto da mesa, em frente a Stewart, pois já não esperava que isso acontecesse. No entanto, foi então que percebi que Walter recebera os meus pedidos e que um dos meus familiares tocaria na minha mão. Walter falou novamente sobre o meu irmão Robert. Agora sei como é importante não me deixar levar pela emoção e, por isso, tentei manter a calma e encorajar o meu irmão a manifestar a sua mão.

Sob a direção de Walter, coloquei a mão, com a palma para baixo, na mesa de tampo de vidro iluminada por baixo por uma luz vermelha. Notei que as mãos do médium permaneciam presas aos braços da cadeira pelas abraçadeiras de plástico. Ao focar-me na mesa, uma sombra negra densa começou a espalhar-se pelo tampo. Inicialmente, parecia uma poça de tinta preta que se espalhava e depois vi que os dedos começavam a formar-se. Nesse ponto, a mão parecia fluida, mas de repente senti a minha mão ser levantada e segurada com força. Foi a experiência mais maravilhosa perceber que agora segurava a mão do meu irmão. Era sólida e cheia de vida. Tinha uma temperatura normal, nem demasiado quente nem demasiado fria, e dedos muito finos. O meu irmão era magro com dedos muito finos. A mão segurou a minha e senti que não a queria largar. Quando finalmente o fiz, observei os dedos recuarem gradualmente e a sombra preta de tinta regressar e encolher até desaparecer, o que aconteceu em questão de segundos.

As palavras são inadequadas para descrever o que essa experiência significou para mim. Embora, na altura, tenha conseguido manter a calma, quando penso agora na experiência, fico dominado pela emoção, mas de forma alegre. A mão que segurou a minha era sólida e cheia de vida e o facto de ter experimentado exatamente o que pedira a Walter nos meus pensamentos confirmou-me que não há barreira entre os dois mundos. Agora sei que estou apenas a um pensamento de distância de todos aqueles que amo e que cruzaram a ponte que chamamos morte para uma nova vida.

Paul Nuttall

A levitação do médium! – Bem, o que posso dizer? Ele subiu, ainda preso à cadeira, pelo menos um metro e vinte do chão e isso demonstrou certamente a energia daquela noite.

A minha experiência pessoal de ver as mãos materializadas do guia espiritual Dr. Barnett, que surgiram de uma nuvem de ectoplasma e me tocaram no cabelo, deu-me o maior entusiasmo que tive na vida. O calor e a energia das suas mãos – bem, as palavras não fazem justiça.

David Paul[2] Walter pediu-me que deixasse o meu lugar e me sentasse ao lado do médium e segurasse a sua mão direita. Pedindo a minha permissão, continuou dizendo que eles (a equipa espiritual) gostariam de fazer um ajuste no meu corpo que me permitiria, no futuro, trabalhar mais de perto com eles. Claro que dei a minha permissão. Então, comecei a sentir uma sensação muito fria subir pelos meus braços e depois todo o meu corpo ficou extremamente frio – foi verdadeiramente incrível.

Quando o processo terminou, ocorreu uma surpresa inesperada. Aparentemente, era desejo da equipa espiritual que eu recebesse um presente deles. Fui então presenteado com duas argolas de abraçadeiras de plástico que as pessoas espirituais tinham juntado durante a nossa conversa. Antes disso, as argolas estavam no tampo da mesa, completamente separadas uma da outra. Quando regressei ao meu lugar, estava literalmente a tremer. Toda a sessão foi para mim uma experiência maravilhosamente incrível. Foi e é lindo ver prova definitiva de algo em que sempre acreditei. Foi uma noite que nunca esquecerei e sinto verdadeiramente que fui abençoado pelo Espírito. Foi uma honra e um privilégio participar no último círculo físico público de Stewart.

Audrey Stacey

Quando Freda Johnson afirmou que tinha dois Norman consigo e que ambos eram maridos, a Presidente da Igreja reclamou um e eu o outro. A outra senhora recebeu uma mensagem adorável do seu Norman e depois Freda perguntou que relevância tinham os elefantes para ela, mas a resposta foi nenhuma. Freda percebeu então que passara para o meu Norman e perguntou-me se os elefantes eram relevantes para mim. A minha resposta foi um sim definitivo.

Nesse ponto, Freda pediu-me que deixasse o meu lugar e me sentasse ao lado de Stewart. Mencionou então que John (correto – um querido amigo meu) estava lá com Norman, e Norman enviava o seu amor à filha. Freda disse então que a minha filha vivia noutro país e pediu-me que lhe dissesse que o pai está sempre por perto. Nesse momento particular, Freda ainda estava perplexa sobre por que razão o meu marido falava dos elefantes. Expliquei então que a minha filha vive na África do Sul e que adora absolutamente os elefantes selvagens que andam por lá – tanto que tem ornamentos e quadros de elefantes por toda a casa.

Depois Freda falou da minha mãe e o meu pai conseguiu dizer algumas palavras. Foi tão maravilhoso ouvi-lo. Freda tomou novamente controlo do médium e perguntou: «Quem é o Phillip, querida?» E continuou dizendo que ele e eu trabalhávamos na mesma garagem e que nos conhecíamos desses tempos. Isso era perfeitamente verdade; conhecia um Phillip que trabalhava comigo numa estação de serviço na autoestrada.

Freda anunciou então que alguém gostaria de se mostrar a mim e pediu que a luz fosse acesa. Ao olhar para o rosto de Stewart, notei mudanças a acontecerem à frente do seu rosto enquanto Norman fazia o possível para se mostrar a mim antes de a luz ter de ser apagada. Após essa transfiguração, Freda disse: «Posso fazer isto em nome de todas as tuas pessoas daqui?» e, com isso, levantou a minha mão e beijou o dorso dela. Isto foi incrível porque as mãos de Stewart ainda estavam firmemente presas aos braços da cadeira. Foi uma experiência e ligação tão maravilhosa, que sempre guardarei e recordarei.

---

[1] Nota: O superscript "1" refere-se provavelmente a uma nota de rodapé no original que não foi incluída no texto fornecido. [2] Nota: O superscript "2" refere-se provavelmente a uma nota de rodapé no original que não foi incluída no texto fornecido.

Katie Halliwell Conclui o Seu Artigo:

A sessão espírita durou mais de duas horas e, depois, foi totalmente impossível entrevistar todos os destinatários das mensagens, etc. Vale portanto a pena notar que muitas mais mensagens do que as incluídas neste artigo foram recebidas por vários participantes de entes queridos agora residentes no Mundo dos Espíritos. Certamente foi uma noite maravilhosa

para todos os que participaram. Em conclusão, os meus agradecimentos vão para Beryl, a Presidente da Igreja[3], e Trish (Secretária da Igreja) pela sua inestimável ajuda na recolha dos relatos acima.

---

[1] Katie Halliwell é autora de Experiences of Trance, Physical Mediumship and Associated Phenomena with the Stewart Alexander Circle. [2] David Paul transitou para o Mundo dos Espíritos a 5 de dezembro de 2015. Nota de rodapé: Pouco após essa sessão, e certamente para nossa grande surpresa, Ray Lister e eu fomos nomeados Membros Honorários da Igreja. [3] Beryl Hodgson, a Presidente da Igreja com mais tempo de serviço (28 anos), transitou para o Mundo dos Espíritos a 5 de julho de 2019.

CAPÍTULO 22
A Morte é Simplesmente uma Mudança de Localização

No final de 1983, viajei para os Midlands (centro de Inglaterra) em duas ocasiões separadas para participar com um médium que, segundo a imprensa espiritualista popular, tinha um círculo que desfrutava de maravilhosas manifestações físicas. Estas incluíam os fenómenos extremamente raros de materialização. O desenvolvimento fora aparentemente meteórico e, num curto período de tempo, tinham progredido de participar na esperança para obter uma comunicação excecional com o mundo dos Espíritos a nível físico.

A minha introdução ao círculo veio através de Alan Crossley, o homem que, pouco tempo depois, se tornaria o meu segundo mentor. Alegava-se que no círculo a falecida Helen Duncan desempenhava um papel principal. Alan, que a conhecera bem, participara em inúmeras sessões com o círculo e estava satisfeito por ser ela quem comunicava e se materializava ali. Portanto, os seus relatos entusiásticos levaram ao meu próprio desejo de assistir a uma sessão.

Nunca, em todos os anos do meu envolvimento no Espiritualismo, perdera uma oportunidade de testemunhar por mim mesmo os fenómenos físicos da sala de sessões, e francamente mal podia esperar para lá chegar. Assim, nesse dia memorável, parti com expetativa ansiosa. Na altura, a minha própria mediunidade física estava nos estágios iniciais de desenvolvimento e eu esperava um pouco que beneficiasse da exposição a

este círculo nos Midlands. A teoria geralmente aceite é que tal mediunidade pode ser estimulada ou receber um «impulso inicial» quando aqueles com potencial para se desenvolverem participam com um médium físico bem desenvolvido – o chamado efeito «contágio».

À chegada à casa do médium, fui recebido calorosamente. Ela e o marido provaram ser anfitriões atenciosos, amigáveis e generosos. Passei a tarde a ouvir um relato muito interessante da forma como o círculo fora formado e como o desenvolvimento irrompera rapidamente sobre eles. À noite, fui levado para a casa dos amigos deles onde as sessões eram realizadas, e novamente fui calorosamente recebido.

Sentámo-nos em configuração de círculo em cadeiras confortáveis numa sala escurecida, e o médium enroscou-se na sua cadeira num canto. Em breve entrou em transe e fomos rapidamente acompanhados pelo mundo dos Espíritos. Um menino espiritual conversou em vários momentos e o filho falecido de um cientista conhecido da sua época falou longamente connosco. Baquetas luminosas bateram no tampo de uma mesa e a suposta Helen Duncan pegou nas nossas mãos e falou com um forte sotaque escocês. Uma atuação virtuosa.

Depois de terminar, desfrutei novamente da sua calorosa hospitalidade enquanto chá, sanduíches e bolos eram servidos. Quando finalmente parti para a longa viagem de regresso a casa, fi-lo com a certeza de que poderia visitar novamente e com a sensação de que participara numa maravilhosa aventura espiritual. Mal podia esperar para regressar.

Tudo isto era novo para mim. Trompetes flutuantes e outros fenómenos de natureza física manifestavam-se no meu próprio círculo há algum tempo, mas nunca os testemunhara pessoalmente. Sempre, quando ocorriam, eu estava num profundo estado de transe e não podia observar nada. Portanto, o que aconteceu nessa noite fora algo de uma revelação para mim. Finalmente, testemunhara pessoalmente o tipo de fenómenos que, até então, apenas ouvira ou lera – e que diferença isso fazia.

No dia seguinte, não perdi tempo em marcar com o círculo uma visita de regresso, mas como estavam inundados com tais pedidos de muitas pessoas, enfrentei uma espera de longos três meses. No entanto, a marcação foi feita para mim e para a Sra. Kath Matthews, que estava ansiosa por me acompanhar após ouvir o meu relato excitado de tudo o que experimentara.

Durante esses três meses, Alan Crossley participou novamente em duas ocasiões com este grupo. Após cada sessão, telefonou-me para me

contar maravilhosos novos desenvolvimentos. Aparentemente, na primeira ocasião, chegara cedo à casa do médium e ela estava a vestir-se no quarto. Alan estava sentado na sala com o marido dela, quando de repente um animal de borracha de brincar com cerca de trinta centímetros de altura começou lentamente a subir pela parede em direção ao teto. A animação cessou pouco antes de lá chegar, altura em que caiu no chão.

Na visita seguinte, Alan estava sentado sozinho com o médium à tarde a conversar, quando de repente ela caiu em transe. Então a voz de Helen Duncan começou a falar do espaço vazio perto do teto. Alan observou atentamente os lábios do médium, mas não detetou qualquer movimento. Lentamente, a voz começou a descer até se fundir com o médium, ponto em que começou a sair diretamente dos seus lábios.

A minha visita seguinte com Kath Matthews, no entanto, apresentou-nos um enigma muito doloroso que nos deixou a ambos incrédulos e atordoados.

Passámos a tarde em conversa com o médium e o marido, e só soubemos durante um lanche com sanduíches, bolos e chá que, por qualquer razão, a sessão seria realizada na casa deles. E, ainda mais estranho, a Sra. Matthews e eu seríamos os únicos participantes além do marido do médium.

A primeira parte da sessão decorreu mais ou menos como na minha primeira sessão três meses antes. Chegámos então a um ponto intermédio, e o marido do médium perguntou às pessoas espirituais se podia ser dispensado porque tinha um início cedo na manhã seguinte. Permissão concedida, saiu da sala para se deitar e, ao fechar a porta, a escuridão total foi restaurada. O menino espiritual materializado regressou então e atravessou a sala para ficar a conversar diante de nós. Não o podíamos ver, mas certamente o podíamos ouvir. De repente, parou e pegou numa lanterna que estava na prateleira da lareira no início da sessão. Disse: «Vou mostrar-vos as minhas pernas.» Com isso, ligou a lanterna e apontou-a para onde julgava que estariam os seus pés. Isto, no entanto, não iluminou nada porque a luz da lanterna estava completamente mascarada por várias camadas de tecido vermelho que a cobriam. Com os olhos esbugalhados, disse-lhe que infelizmente não víamos nada. «Um minuto», chilreou ele, «vou tirar um pouco disto.» Ao fazê-lo, tanto a Sra. Matthews como eu vimos claramente as perninhas nuas de uma criança pequena. Ao

relatarmos isto, ele ficou excitado e começou a saltar para cima e para baixo.

O que estávamos a ver não era algum tipo de arranjo apresentado para parecer pernas e pés. Não eram, como mais tarde nos sugeriram, braços e dedos enrolados posados como uma imitação. Sem qualquer dúvida razoável, eram as pernas e pés altamente animados de uma criança. Uma sensação de euforia invadiu-me e, como soube mais tarde, também a Sra. Matthews. Foi um momento muito emotivo.

Então, a lanterna foi desligada, mergulhando-nos novamente na escuridão total. Em seguida, o menino informou-nos alegremente que queria mostrar-nos o seu rosto. A lanterna voltou a acender-se, mas mais uma vez a luz não conseguiu penetrar o material vermelho. Quando informado disto, removeu rapidamente um pouco da cobertura, mas mesmo assim esforçávamo-nos por ver algo. De repente, o resto do material caiu. Encontrámo-nos a olhar com incredulidade para o rosto do médium! Ela segurava a lanterna abaixo do queixo com a luz a brilhar para cima. Um rápido mexer, a lanterna apagou-se e a atuação continuou sem interrupção.

Pelo resto da sessão, nem Kath Matthews nem eu dissemos muito. Quando finalmente terminou, tomámos bolos e chá antes de acenarmos os adeus e partirmos de carro para a noite. Então, assim que ficámos fora da vista do médium que acenava, Kath perguntou: «Viste o que eu vi?»

A conduzir de regresso a casa, não discutimos mais nada. Num segundo, passámos de um estado de euforia espiritual para um de incredulidade visceral. Durante semanas após esse evento, ambos ficámos perplexos com o que inegavelmente tínhamos visto. Tentar racionalizar a questão e encontrar uma explicação simples provou ser impossível, e agonizei com isso durante muitos meses, como de facto ainda o faço. No entanto, nem então nem desde então duvidei que nessa noite, nessa sala escurecida algures nos Midlands, vi com os meus próprios olhos as perninhas e pés de uma criança pequena quando nenhuma criança terrena estava presente. A minha crença nisso permaneceu inabalável.

Os céticos, claro, argumentariam – sem o inconveniente de considerar os positivos relatados da mediunidade – que todo este assunto era meramente um exemplo de uma vontade cega de acreditar. Se ao menos fosse assim tão simples!

Um Enigma Mediúnico

A mediunidade nem sempre é uma questão simples de preto e branco, de genuína ou fraudulenta. Ocasionalmente, como a história psíquica regista, pode ser uma mistura de ambos – particularmente na arena da mediunidade física. Discutirei isto em pormenor na Parte 2 do livro. Por agora, apenas registo o episódio porque aprendi tanto com ele.

Em 1992, quando tomei a decisão de sair do círculo doméstico e demonstrar perante o público, a memória desse incidente foi evocada e serviu-me bem. Participar em público era uma grande responsabilidade, e reconheci plenamente que para a maioria dos participantes em tais eventos eu seria um estranho. Portanto, cabia-me fazer tudo o que pudesse para remover qualquer suspeita de que consciente ou inconscientemente eu pudesse ser responsável pela produção de pseudo-fenómenos. Por essa razão, elegi ser restringido na minha cadeira com cordas e abraçadeiras de plástico e ter fita luminosa colada nos joelhos.

Havia também outra razão para isto. Alan Crossley acreditava firmemente que, enquanto em estado de transe, um médium físico está num estado de sensibilidade aumentada. Na atmosfera altamente carregada da sala de sessões, os pensamentos e desejos intensos dos participantes poderiam influenciar a mente inconsciente do médium. Segundo Alan, ele/ela, numa tal situação, seria altamente vulnerável. Motivado por uma compulsão subconsciente incontrolável para satisfazer a expetativa intensa na sala de sessões pública, o médium poderia responder sem saber produzindo fenómenos falsos. Nesse caso, o mundo dos Espíritos nada poderia fazer. Levantar e agitar um trompete no ar ou talvez pegar numa campainha e tocá-la, tudo o que poderia ocorrer sob o manto da escuridão.

Essa era a teoria de Alan, construída, mantinha ele, na experiência pessoal. Num tempo, participara num círculo onde o médium invariavelmente se envolvia em tal ação sempre que não estava firmemente controlado. Mas quando era segurado com segurança pelos vizinhos, os fenómenos produzidos eram maravilhosos e muito além de qualquer coisa que pudesse ser produzida por agência humana terrena. Novamente, precisamos apenas olhar para trás na história para a célebre médium italiana Eusapia Palladino (da qual dou mais pormenores na Parte 2, Capítulo 2). Por agora, basta dizer que foi extensivamente investigada pelo mundo da investigação há um século e avisava os investigadores: «vigiem-

me ou eu engano». E o facto é que, se relaxassem o controlo dela – se libertassem uma mão ou um pé – então ela tentaria usar truques, sendo indubitavelmente uma mestre em evadir todas as restrições. Parecia ser uma compulsão sobre a qual aparentemente não tinha controlo consciente.

Por outro lado, se estivesse totalmente restringida, então os fenómenos mais maravilhosos, muitas vezes à distância, ocorreriam na sua presença. Portanto, as minhas próprias razões para insistir que devia sempre estar firmemente preso na minha cadeira em sessões públicas eram duplas: satisfazer os participantes, mas também satisfazer-me a mim mesmo. A teoria de Alan Crossley poderia ter mérito, e eu não estava preparado para correr riscos.

Infelizmente, quando há alguns anos fiz este ponto num artigo publicado, vários céticos responderam na internet insistindo veementemente que tal visão era inquestionavelmente «disparate». Que verdadeiramente maravilhoso deve ser ter tal conhecimento do assunto que permita um pronunciamento público tão confiante! A verdade, claro, é que em questões de comunicação entre dois mundos (em qualquer nível) a nossa compreensão é extremamente limitada, possivelmente não maior do que a que enfrentavam os primeiros humanos quando tentavam compreender o nascer e o pôr do sol. Isso é um facto, independentemente de possíveis contra-afirmações de supostos peritos.

Durante a minha longa jornada de encontros com tais incidentes e muitas experiências íntimas, aprendi muitas lições. Considero-me afortunado. Muitas pessoas genuínas e sinceras – crentes e não crentes na sobrevivência – cruzaram o meu caminho, das quais, como disse antes, aprendi muito. Mas mais do que isso, sempre tentei olhar para além da superfície do Espiritualismo, da sua mensagem e da sua imagem pública popular. Durante mais de cinquenta anos, pesquisei exaustivamente todos os seus muitos aspetos e, como resultado, acredito genuinamente que a minha vida foi verdadeiramente enriquecida. E nunca tomei nada pelo valor facial. Sempre tentei aplicar lógica objetiva – não só no que respeita à mediunidade em sentido geral, mas mais diretamente no que respeita à minha própria. Tentei analisá-la; tentei compreender. Quando participava com outros médiuns físicos, nunca deixei o raciocínio fora da porta da sala de sessões.

Embora sempre tenha abordado as sessões como espiritualista, não abandono o bom senso e a análise crítica.

De facto, usei a mesma abordagem que há muito defendo para as pessoas que participaram e participarão comigo: nunca se deve sacrificar a lógica e a razão. Mas então, mantenho firmemente que as salas de sessões genuínas e fraudulentas são tão diferentes como o preto e o branco.

Há doze anos, fui convidado a participar num círculo doméstico que, segundo entendi, obtinha maravilhosos fenómenos físicos através de um jovem que aparentemente desenvolvera o seu dom em questão de meses. Voz direta e fenómenos de materialização supostamente eram manifestações regulares. Assisti a uma reunião do círculo com grandes expetativas. Infelizmente, minutos após o início, «soube» que as manifestações não eram apenas duvidosas, mas fraudulentas. Pouco depois, começou a demonstrar em público e não demorou muito para que os eventos me dessem razão. Infelizmente, tal prática abominável ridiculariza o Espiritualismo e nada faz para reforçar o argumento de que a mediunidade física é de considerável valor para o movimento.

Um Tributo

Antes de encerrar a Parte Um, gostaria de prestar tributo a todas as pessoas que encontrei na minha jornada e que me ajudaram de várias formas. O meu desenvolvimento como médium físico e o trabalho público que empreendi não poderiam ter sido alcançados sem a determinação e apoio inabaláveis de todos os indivíduos que compunham os vários círculos domésticos dos quais fiz parte. Até os que classifiquei como «bizarros» desempenharam o seu papel e ensinaram-me lições valiosas. O médium que canalizava cientistas, padres e Humphrey Bogart morreu há vários anos, tal como a esposa. Quanto ao meu primeiro círculo doméstico, composto por família, amigos e vizinhos que participaram com tanta paciência sem quaisquer resultados discerníveis, três dos seus seis membros partiram há muito.

O médium de voz direta Leslie Flint, que visitei em 1973 e 1974, foi para o mundo dos Espíritos em 1994, deixando um maravilhoso legado sob a forma de gravações de salas de sessões, cujas cópias estão facilmente disponíveis hoje. Recentemente descobri que Jim e Ethel Hood (Capítulo 2), com quem participei brevemente em 1976 até a «gota» interferir, também morreram há alguns anos. Há muito que perdi contacto com Cynthia, que inadvertidamente pisou o pé de Jim, e com quem, por um

tempo, continuei a participar. A Sra. Kath Matthews, a minha primeira mentora, passou os últimos anos da sua vida numa casa de repouso devido à sua saúde debilitada, antes de partir para a vida eterna. Desde o fim eventual do seu círculo especial no qual o porquinho cor-de-rosa apareceu, perdi, com a única exceção de Ray Lister, contacto com todos os outros membros e hoje não tenho conhecimento do seu paradeiro. Agradeço-lhes a ajuda.

Alan Crossley, o meu segundo mentor, partiu a 26 de fevereiro de 2001 e deixou para trás um maravilhoso legado nas suas recordações frequentemente repetidas, algumas das quais foram relatadas nos seus três livros. Hoje, a sua reputação como espiritualista que possuía um conhecimento considerável e íntimo da mediunidade física permanece imaculada, e aqueles que o conheceram recordam-no com grande afeição.

Porque Alan foi indubitavelmente uma testemunha credível das maravilhas da sala de sessões dos grandes médiuns do passado, tomei algumas das suas ricas memórias e incluí-as neste livro. Como resultado, espero que continuem a viver. Ele não baseava a sua crença inabalável na sobrevivência em relatos escritos de outros, mas na experiência pessoal. Ele lá estivera; vira; e «sabia». Com uma exceção, os outros membros do Círculo do Projeto ainda estão deste lado da vida, e até hoje mantemos contacto e partilhamos muitas memórias maravilhosas e inesquecíveis.

A minha gratidão deve também ir para os meus amigos Alf e June Winchester que, embora geograficamente remotos (Norfolk), apoiaram a minha mediunidade de tantas formas durante anos. Os muitos seminários de fenómenos físicos que organizámos juntos simplesmente não teriam acontecido sem eles. A sua dedicação à «grande causa» e a minha gratidão para com eles simplesmente não podem ser exageradas.

De todos os círculos domésticos com os quais estive envolvido, o mais duradouro tem sido o atual, que agora se reúne todas as semanas há quase quarenta anos, com alguma mudança na composição, mas com um núcleo permanente. Aqui, o contacto com o mundo dos Espíritos foi desenvolvido até ao seu nível atual, e a equipa espiritual agora de longa data foi em grande parte estabelecida durante este tempo. Embora o meu nome seja amplamente conhecido no mundo do Espiritualismo, desejo prestar o meu tributo aos membros individuais do círculo que permaneceram ao meu lado durante tanto tempo. Sem eles, duvido que houvesse um Stewart Alexander. O que quer que tenha sido alcançado, alcançámo-lo juntos.

Quando a porta da nossa sala de sessões se fecha no início do círculo, sabemos que mais uma vez vamos testemunhar a remoção da barreira que existe entre os dois mundos e – embora o progresso no desenvolvimento tenha sido tantas vezes dolorosamente lento – nunca uma vez nos queixámos ou perdemos a confiança nos nossos contactos espirituais. Sempre soubemos que a frustração deles nesses momentos igualaria a nossa. Para nós, tem sido sempre um privilégio simplesmente participar na sua presença, sabendo que os dois mundos se fundiram, por um tempo, num todo unido.

E os nossos visitantes do outro lado têm sido implicitamente confiados pelos membros do círculo sem quaisquer reservas. Todos os membros do círculo são amigos valiosos e partilharam «a grande aventura» comigo. Mas gostaria de destacar para menção especial Ray e June Lister e a minha irmã Gaynor Singleton. Ray, como líder do nosso círculo, e a esposa June acompanharam-me como amigos leais e sempre confiáveis em grande parte da minha jornada. Tantas vezes beneficiei do sábio conselho de Ray, e a minha dívida para com ele nunca poderia ser paga.

A minha irmã Gaynor, que participara fielmente ao meu lado ao longo dos anos e que muitas vezes me acompanhara no meu trabalho público, perdeu tragicamente a sua vida terrena em 2009. A sua perda para a família, amigos e o círculo foi incalculavelmente dolorosa. Pessoalmente, perdi não só uma irmã muito amada, mas também uma confidente e amiga maravilhosa de cinquenta e seis anos. Foi um tributo a ela que o nosso luto foi partilhado por pessoas de todo o mundo cujas vidas ela tocara através do seu trabalho espiritual neste último quarto de século. E finalmente, os meus agradecimentos gratos vão para Carol Petch, que tem sido membro do nosso círculo há muitos anos e na cuja casa o círculo agora se reúne.

O Destino Final do Homem

Os leitores esperam compreender que a minha jornada pessoal, que começou em 1968, ainda não chegou ao fim.

Talvez as minhas conclusões sobre a questão mais importante que confrontou os seres humanos desde que apareceram na terra sejam de interesse. Durante grande parte da minha vida adulta, contemplei o nosso destino eventual e se a consciência termina com a morte. Lutei com isso e pareço ter sido guiado para a convicção de que a vida na Terra é

meramente o início, e que a morte é a porta para uma vida maior, cuja natureza não podemos, no nosso mundo de limitações, esperar compreender. Todos nós, desde o momento em que nascemos neste mundo, seguimos na mesma direção. Não há escape da morte.

As minhas visões baseiam-se – como espero ter mostrado – não em suposições, nem em informações em segunda mão, mas em longa e íntima experiência tanto dentro como fora da minha própria sala de sessões. Com toda a força que posso comandar, insistiria que há muito estou numa posição privilegiada que me permitiu (e a outros) espreitar momentaneamente para além da cortina final. Repetidamente, as pessoas espirituais fizeram o possível para nos informar – para tentar fornecer uma compreensão da natureza do seu mundo glorioso, esse mundo que nos espera a todos. Mas essa compreensão permanece sempre elusiva. Imagina-se que para eles terem sucesso em fornecer tal compreensão seria semelhante a explicar a um cego o que é a cor, ou a explicar a alguém surdo desde o nascimento como é o som da chuva. Mas sabemos, de tudo o que nos foi dito, que o mundo da eternidade supera em todos os aspetos concebíveis o do nosso presente. A todos os que leem estas palavras e conhecem a dor do luto, como todos nós em vários momentos das nossas vidas terrenas, termino a Parte Um com a certeza de que verdadeiramente a vida em toda a sua magnificência continua para além da sepultura.

E finalmente – obrigado pela vossa companhia enquanto, ao longo destas páginas, percorri, mais uma vez, esse longo caminho sempre sinuoso de descoberta que tem sido uma «jornada extraordinária». Muitos mais relatos e relatórios poderiam ter sido incluídos, mas isso não foi possível nem necessário. Escolhi apenas aqueles que senti serem representativos do todo, e que espero tenham permitido aos leitores uma visão do meu mundo de interação física com aqueles que já não estão aqui na terra.

Esse mundo é um de salas de sessões escuras nas quais todas as emoções humanas sagradas foram e ainda são expostas; salas cheias de riso e alegria; salas nas quais a paz interior e a certeza da sobrevivência para além da sepultura foram e ainda são experimentadas. O mundo dos vivos e o mundo dos mortos reunidos como um por preciosos momentos no tempo. E a mensagem é sempre transmitida: a morte é meramente uma mudança de localização. E de facto é.

CAPÍTULO 23
Pós-escrito O Fio Dourado

Como escrevi no capítulo anterior, a minha irmã mais nova Gaynor perdeu tragicamente a sua vida terrena em fevereiro de 2009. A sua perda foi excruciante de tão dolorosa, não só para a família, mas também para os seus muitos amigos em todo o mundo. Para mim, a ideia de continuar com a minha mediunidade sem ela ao meu lado era, na altura, impensável. A reação imediata do círculo correspondeu perfeitamente à minha.

Só várias semanas após perdermos Gaynor é que nos reunimos todos – não para participar, mas simplesmente para falar. Essa conversa provou ser extremamente emotiva para todos nós, e particularmente para a filha mais nova de Gaynor, Lindsey, que na altura já era membro do círculo há quase dois anos. Mas pelo menos nenhum de nós estava isolado no luto; de tantas formas, foi uma noite de simplesmente estarmos juntos.

Na semana seguinte, reunimo-nos novamente em casa de Ray e June e fizemos exatamente o mesmo – falámos. No entanto, antes de nos separarmos nessa noite, perguntei a Lindsey se consideraria tomar o lugar da mãe no círculo, sentada à minha esquerda. Sem hesitação, concordou.

Na semana seguinte, participámos como círculo – não na nossa sala de sessões no primeiro andar, mas na sala de estar. Em momentos, entrei em transe, e a querida Freda chegou para falar ao círculo sobre Gaynor e sobre a nossa perda.

Compreensivelmente, muitas lágrimas foram derramadas, mas dessa reunião entre os dois mundos veio uma realização que resultou numa determinação para continuar. Talvez pela primeira vez, todos os membros apreciaram plenamente o que as nossas sessões significavam para tantas pessoas em ambos os lados da vida – para aqueles que comunicaram com os seus entes queridos falecidos no passado e aqueles que o fariam no futuro. Todos sabíamos que tínhamos o dever de continuar a participar, e sentíamos que seria exatamente o que Gaynor teria querido.

Neste ponto, os leitores podem compreensivelmente perguntar-se como um médium enfrenta realmente o luto, e se o conhecimento em primeira mão da sobrevivência ajuda no processo de luto. A honestidade é tão importante aqui. Seria menos do que verdadeiro se não relatasse que imediatamente após a partida da minha irmã, a minha crença e a minha compreensão de tais assuntos falharam completamente em diminuir a dor

aguda que se seguiu. Sim, claro que sei muito bem que a vida continua para além da morte e sim, claro que também sei que os entes queridos que perdemos se encontram num mundo que em todos os aspetos transcende o nosso terreno. Mas é a perda física que é tão difícil de suportar. Como Freda disse tão eloquentemente muitas vezes no passado: «Quando perdem um ente querido para o meu mundo, pouco importa a que persuasão religiosa pertençam. Podem ser budistas, cristãos ou hindus, ou aderir a qualquer outra fé, mas quando a morte ataca, vão sofrer. No entanto, se forem espiritualistas e compreenderem a natureza da vida, chegará o dia em que o vosso conhecimento será de tal conforto e de tal ajuda.»

Nós, que tínhamos sido tão próximos de Gaynor, sabíamos que, uma vez recuperada do choque da transição e aclimatada aos novos arredores, ela desejaria ansiosamente enviar-nos uma mensagem. Com o seu conhecimento da comunicação entre dois mundos, acumulado ao longo de tantos anos, a sua mente voltaria para a melhor forma de o fazer e que prova irrefutável poderia transmitir para nos informar que tudo estava bem.

Ela também saberia que, para que isto fosse o mais evidencial possível, as suas comunicações teriam de ser apresentadas independentemente do nosso círculo. Todos sabíamos que, como resultado da dor aguda do luto emocional, a maioria das pessoas nesses momentos tem um desejo de acreditar que os seus entes queridos sobreviveram, de alguma forma, à morte. Começam a procurar sinais dos falecidos. Como seres humanos, temos dificuldade em contemplar a perspetiva de que com a morte vem a finalidade, e assim agarramo-nos a qualquer coisa que possa indicar o contrário para aliviar a nossa dor. Embora este seja um processo normal; na nossa ansiedade e vulnerabilidade, estamos em constante perigo de «fazer as coisas encaixarem». Talvez seja uma das poucas ocasiões na nossa vida em que o discernimento nos abandona e, no nosso anseio, estamos inconscientemente preparados para nos agarrarmos a qualquer coisa que possa ajudar a aliviar a nossa dor. Uma mente desinibida pode converter o evento mais improvável e pouco convincente numa certeza.

Se isto nos ajuda a aceitar e a viver com a perda de um ente querido, então está bem. Mas ao escrever isto, estou altamente consciente de que não tenho tal luxo. Ao afirmar inequivocamente que a minha irmã comunicou após a sua partida, sinto que os leitores, tendo lido até aqui, têm o direito de esperar algo mais do que relatos ambíguos de eventos que possam ser considerados produto de pensamento desejoso.

E assim apresento agora os factos em torno dos eventos notáveis que começaram poucos dias após a transição de Gaynor e continuaram por um período de várias semanas. Estes deixaram-me a mim e a outros sem dúvida de que ela fizera o possível para sinalizar da sua nova casa que estava próxima e ainda muito parte das nossas vidas. Cabe, no entanto, a si, leitor, decidir quanta veracidade pode ser atribuída ao que estou prestes a relatar.

Poucos dias após o choque da nossa perda, a minha esposa preparava uma refeição na cozinha quando de repente se apercebeu de que o rádio digital mudara de estação por conta própria. Da BBC Radio 4, inexplicavelmente redefinira-se para a Radio Absolute – uma estação que, até então, nunca tínhamos ouvido falar. Embora isto fosse bastante misterioso, simplesmente aceitámos e não pensámos mais nisso.

Dois dias depois, estava sozinho na cozinha a ouvir uma produção dramática, novamente na BBC Radio 4. Num momento, distraí-me momentaneamente, e depois, ao voltar a ouvir, descobri imediatamente que o que estava a ouvir não fazia sentido no contexto da peça. Perplexo, aproximei-me do rádio e vi que mudara de estação – novamente para a Radio Absolute. Instantaneamente, ocorreu-me que esta mudança para uma estação com o nome «Radio Absolute» seria uma escolha muito inteligente se fosse Gaynor a tentar significar a sua presença. Acreditando que ela pudesse ser responsável, agradeci-lhe. Nos dias seguintes, isto aconteceu mais várias vezes.

Além disso, começámos a experimentar acontecimentos ainda mais estranhos envolvendo o rádio digital montado na parede na nossa casa de banho. Na primeira ocasião, a minha esposa tomava um duche quando de repente se apercebeu de um ruído estranho ao fundo. Na altura, pensou que devia ser o exaustor que, embora nunca o tivesse feito antes, começara a fazer ruídos estranhos. Só quando desligou o duche e saiu é que percebeu que era o rádio que fazia o som estático conhecido como «ruído branco». Isto era extraordinário por duas razões: em primeiro lugar, ela não ligara o rádio antes do duche e, em segundo lugar, não havia sintonizador no rádio para ajustar e mudar de canais. Todas as estações tinham sido pré-definidas há muito a partir de um controlo manual.

Nas semanas que se seguiram, o rádio na cozinha irromperia em vida em várias ocasiões mais. No entanto, o evento mais notável ocorreu numa manhã em que a minha esposa e eu estávamos na cozinha no rés do chão.

De repente, apercebemo-nos de um ruído alto do andar de cima. Não conseguíamos imaginar o que poderia ser. Após subirmos e entrarmos na casa de banho, mal podíamos acreditar. Como antes, descobrimos que o rádio se ligara sozinho e fazia o mesmo «ruído branco». Como estávamos sozinhos em casa na altura, sabíamos que o rádio não fora tocado. Agradecemos devidamente a Gaynor por fazer o esforço para mais uma vez nos alertar para a sua presença.

Fizemos o mesmo poucos dias depois, quando o rádio voltou a ganhar vida cedo numa manhã enquanto ainda estávamos na cama. Parecia não haver padrão quanto à hora do dia em que estes eventos surpreendentes ocorreriam, mas os céticos podem interessar-se em saber que foram de curta duração. Começando poucos dias após a partida de Gaynor, continuaram por várias semanas, após o que pararam subitamente e não voltariam a ocorrer até cerca de 8 meses depois. Essa última vez foi na manhã seguinte à sessão anual chamada «Árvore de Natal» que eu dava todos os anos na Igreja Espiritualista de York. Estava sentado no meu escritório a trabalhar na escrita deste livro quando, de repente, mais uma vez, o rádio da casa de banho irrompeu em vida com «ruído branco». Assustou-me, e o meu pensamento imediato foi que a caldeira de aquecimento central (localizada imediatamente fora do meu escritório) era responsável. Ao sair da sala para investigar, percebi rapidamente que esta não era a fonte do som.

O que torna este evento particularmente interessante é o facto de, desconhecido para mim na altura, a minha esposa, antes e durante a sessão na noite anterior, ter pedido mentalmente a Gaynor que fizesse sentir a sua presença. Evidentemente, incapaz de o fazer durante a sessão, enviou a sua mensagem no dia seguinte. Tais ocorrências, envolvendo interferência elétrica e efeitos estranhos centrados em rádios, televisões, telefones e computadores, são bastante comuns após uma morte, como tem sido reconhecido por espiritualistas e investigadores. Cientes disto, e acreditando que Gaynor era responsável pelo comportamento estranho dos nossos rádios, não hesitámos em informá-la de que os seus esforços não foram em vão.

Por mais interessantes que estes eventos sejam, apenas anunciaram o início do que em breve viria a reconhecer como prova irrefutável de sobrevivência através de um terceiro.

Para partilhar isto com os leitores, devo agora apresentar a Dra. Annette Childs, uma senhora americana que, poucos dias após a partida de Gaynor, comprara a Parte Um da trilogia de livros de Katie Halliwell que descreve a minha mediunidade. Fora uma estudante ávida de estudos do além há muitos anos, no entanto, apesar da sua história de investigação em comunicações após a morte e mediunidade mental, o livro de Katie Halliwell foi a sua primeira introdução à mediunidade física. Claramente impressionada com o que lera e desejando aprender mais, enviou subsequentemente um email a Ray Lister perguntando se poderia comprar o CD que complementava o livro. Ray informou-me de que tinham trocado emails e senti instintivamente que deveria fazer contacto pessoal com ela. Fi-lo por email.

Nasceu uma camaradagem instantânea! Annette expressou abertamente o seu choque ao receber um email meu, quando apenas poucos dias antes nunca ouvira falar de mediunidade física. Agora, de forma bastante inesperada, via-se envolvida numa série muito sincera e calorosa de emails que rapidamente levou a uma amizade genuína entre nós. Em breve, soube que ela tinha um doutoramento em Psicologia e uma prática privada, trabalhando com os moribundos para os ajudar a atingir a paz espiritual. Era também conselheira de luto e investigara e publicara descobertas importantes sobre experiências de quase-morte. Aparentemente, desde a infância possuía uma faculdade mediúnica, embora esta desempenhasse evidentemente um papel menor na sua vida profissional. Além disso, era autora de dois livros[1] sobre assuntos de comunicação espiritual e ambos tinham ganho prémios literários.

Os leitores podem ter a certeza de que, apesar da nossa troca de emails, Annette Childs não sabia absolutamente nada sobre a minha vida pessoal. No entanto, sentindo que este contacto não ocorrera por mero acaso, mencionei-lhe a partida trágica da minha irmã Gaynor e, em troca, recebi palavras maravilhosas de conforto. Depois disso, a nossa amizade evoluiu muito rapidamente e eu podia sentir que possivelmente havia mais por trás do contacto entre nós do que qualquer um de nós, na altura, realizava. Olhando para trás agora, acredito firmemente que a minha irmã orquestrara o nosso contacto por razões que, embora não suspeitadas na altura, em breve seriam reveladas.

Apesar dos meus anos de mediunidade, nunca compreendera plenamente o grande dom que a comunicação espiritual através de um

terceiro confere aos enlutados, até eu próprio caminhar nesses sapatos. Como irmão de Gaynor, apreciava que qualquer coisa que viesse através da minha mediunidade seria de valor limitado por razões óbvias. Qualquer comunicação aparente que se provasse evidencial e que viesse via um estranho, e um estranho na América que sabia virtualmente nada da minha própria vida pessoal, seria extremamente importante.

Embora Annette tivesse certamente minimizado as suas capacidades mediúnicas, senti-me compelido a perguntar-lhe se tentaria ligar-se a Gaynor e informar-me de quaisquer impressões que pudesse receber. Francamente, devo admitir que a própria sugestão agora parece irrazoável, no entanto, na altura senti-me impulsionado a fazer o pedido sem saber porquê. A sua resposta imediata foi de compaixão e humildade. Sim, claro que tentaria, mas pediu com toda a sinceridade que eu não alimentasse grandes esperanças de sucesso. Os seus pensamentos na altura expressou-os subsequentemente e modestamente nas seguintes palavras:

Mal podia acreditar na minha situação! Era risível. Em meras poucas semanas, passara de virtualmente nunca ter ouvido falar de mediunidade física para estar em contacto próximo e frequente com Stewart Alexander, pelo qual rapidamente ganhava grande respeito. Aqui estava eu, uma médium relutante na melhor das hipóteses, a ser convidada a fornecer quaisquer impressões que pudessem vir da irmã recém-falecida dele. Não sabia se havia de rir ou chorar com a minha sorte…

Certamente estava nervosa pensando que quaisquer impressões que recebesse poderiam provar-se desastrosamente erradas e no entanto sabia da grande tristeza no coração enlutado do meu novo amigo. Uma mensagem evidencial precisa poderia fornecer o tipo de cura para Stewart que ele proporcionara a inúmeros outros através do seu trabalho. Estes eram os meus pensamentos enquanto acalmava a minha mente e pedia para me ligar à presença imortal de Gaynor. Simplesmente pedi que Stewart fosse agraciado com um pouco da mesma cura que ele entregara a tantos através da sua mediunidade física.

As impressões vieram numa rajada. Tão rapidamente que eu tinha a certeza de que deviam ser o resultado da minha própria mente a pregar-partidas… A impressão mais forte que veio foi uma visão empática completa de um menino e uma menina com uma cobra de estimação. O menino era Stewart e a pequena era Gaynor. Enquanto as crianças olhavam para esta cobra, havia sentimentos profundos de medo e repulsa. A cena

mudou rapidamente para uma de dois adultos a rir bastante sobre este mesmo assunto. Gaynor estava a mostrar-me de forma inequívoca que o que os horrorizara na infância era ótimo material para uma gargalhada como adultos. Outra impressão muito forte que tive foi uma cena bonita de um arco-íris a estender-se até ao mar, e havia um nome a ser dado que eu não conseguia pronunciar. Escrevi-o nas minhas notas assim: «O nome de uma cidade que começa com a letra 'L', o seu nome é L____-by-the-Sea.» Em seguida, vi claramente um ramo de flores com caules verdes longos e flores roxas.

No total, houve seis impressões, cinco das quais se provaram relevantes quando as dei a Stewart.

Quando Annette me enviou por email os resultados da sua tentativa, fiquei atónito com o incidente da cobra. Quando criança, tinha uma cobra de estimação que me aterrorizava. Guardava-a numa lata de biscoitos vazia com buracos que eu fizera no topo. Estes permitiam a entrada de ar fresco e eram também o meio pelo qual mantinha a pobre criatura alimentada com larvas. As semanas passaram e nunca levantei a tampa enquanto continuava a alimentar copiosamente a cobra. Então, um dia, a minha professora convidou os alunos a levar para a sala de aula quaisquer animais de estimação invulgares que pudessem ter. E assim, quando regressei a casa, Gaynor e eu tirámos a tampa da lata de biscoitos apenas para descobrir com horror que as larvas tinham feito uma refeição da cobra. Foi um momento assustador e perturbador que partilhámos… e quando o recordávamos em numerosas ocasiões ao longo dos anos, causara grande diversão entre nós. Notável!

A sua segunda impressão de uma cidade chamada «L——by-the-Sea» não tinha relevância para mim, no entanto quando passei esta informação às filhas de Gaynor, descobri que havia grande significado nesta afirmação. Há uma cidade na Cornualha chamada Looe que fica na costa. Soube que Gaynor sempre dissera ao marido e aos filhos que, se alguma vez ganhasse a lotaria, seria ali que escolheria viver. Assim, a imagem de um arco-íris a estender-se até ao mar a partir desta cidade é bastante apropriada para esta noção.

A terceira peça de informação transmitida envolvia um ramo de flores, com uma descrição completa. No dia em que Annette me enviou por email as suas impressões, era o Dia da Mãe em Inglaterra. Quando telefonei a Lindsey para transmitir essa informação que, novamente, não tinha

significado para mim, descrevi as flores que Annette escrevera. Incrivelmente, Lindsey acabara de comprar um ramo de flores para a mãe, e correspondiam perfeitamente à descrição dada por Annette. Isto provou, acredito, que a minha irmã estava ciente do presente da filha para ela.

Essas peças de informação, contidas nesse único email, juntamente com três outras de natureza mais geral, sugeriram à nossa família que Gaynor comunicara de facto através de uma senhora americana que na altura era virtualmente uma estranha para nós. O seu valor evidencial simplesmente não pode ser descartado ou subestimado. Annette fez subsequentemente as seguintes observações sobre estes assuntos:

Fiquei humilde e espantada com a precisão das impressões. A capacidade de Gaynor para me alcançar foi sólida e rápida. Sinto-me bastante convicta de que ela certamente teve uma mão em juntar Stewart e eu. Quando encomendei o livro de Katie Halliwell na Amazon.com, a data era 14 de fevereiro, apenas poucos dias após a partida trágica de Gaynor. O que me levou a encontrar e encomendar o livro não consigo imaginar, mas não posso ter dúvidas de que Gaynor já estava a tecer um fio dourado entre Stewart e eu.

Quando o livro chegou, li-o de capa a capa em poucas horas e não podia acreditar que tal forma de mediunidade me escapara durante tantos anos. Quando enviei email à editora, esperando poder encomendar o CD, não havia pensamento na minha mente de alguma vez estar em contacto com Stewart Alexander. Certamente, foi neste ponto que ele pegou no fio dourado e seguiu-o ao contactar-me. Acredito que ambos estávamos a seguir a liderança de Gaynor.

Desde então, recebi comunicações adicionais de vários médiuns que pretendem ter vindo de Gaynor. Talvez uma das mais surpreendentes tenha sido entregue pela célebre médium escocesa Mary Armour. Sem qualquer embelezamento, o que se segue é um relato do que me chegou através de uma mensagem de texto no telemóvel.

Todos os anos, a minha esposa e eu fazemos uma curta férias na New Forest, na costa sul de Inglaterra, para visitar familiares, o que fazemos há quase cinquenta anos. Algumas semanas após a partida prematura de Gaynor, estávamos prestes a fazer a nossa visita anual. Como tendemos a caminhar muito enquanto lá estamos, é sempre importante que leve as minhas botas de caminhada comigo. Uma semana antes da nossa visita, retirei-as do primeiro andar da nossa casa e deixei-as no chão do meu

escritório ao lado da secretária. Ao longo dessa semana, muitas vezes me ocorreu que não devia esquecer-me de as embalar.

Na manhã da nossa partida, e momentos antes de sair de casa, entrei no meu escritório para apanhar um livro para levar comigo e percebi que as minhas botas ainda lá estavam. Apanhei-as, e levei o livro e as botas para baixo. Coloquei as botas encostadas à porta da frente para garantir que não saía de casa sem elas. Ao virar-me e caminhar de volta para a cozinha, ouvi uma mensagem de texto chegar no meu telemóvel que estava próximo. Apanhei-o, entrei na caixa de entrada de textos, e isto é precisamente o que li: «Gaynor diz, não te esqueças das botas – Mary». O que tornou isto extraordinariamente evidencial foi que Mary Armour não tinha absolutamente nenhum conhecimento do facto de a minha esposa e eu estarmos prestes a tirar férias e nenhum conhecimento das «botas» ou do facto de eu estar em perigo de partir sem elas.

Maravilhoso, de facto.

Embora a primeira parte deste livro tenha agora chegado ao fim, o trabalho do mundo dos Espíritos não. Olhando para trás ao longo dos anos, vejo claramente o «fio dourado» referido pela Dra. Annette Childs que teceu juntos os muitos elementos do que para mim tem sido uma «Jornada Extraordinária».

Um dia, o meu destino final será alcançado. Quando esse tempo chegar, serei acolhido na eternidade pela equipa espiritual, pela minha pequena mana, e por toda a minha família, amigos e associados que me precederam lá. Com orgulho, não hesitarei em dizer: «Fiz o meu melhor».

E Finalmente

Em 2014, recebi um email de uma jornalista investigativa americana, Leslie Kean. Soube que o seu livro anterior: *UFOs: Generals, Pilots and Government Officials Go on the Record*[2] fora um best-seller do New York Times. Ela disse-me que o seu livro atual, então em desenvolvimento, examinava rigorosamente a evidência para a sobrevivência da consciência após a morte.

Como resultado da sua investigação, Leslie soubera da minha mediunidade e lera o meu livro, que disse ter impressionado profundamente. Expressou o desejo de me conhecer e experimentar a minha mediunidade em primeira mão. A minha reação inicial foi de

extrema cautela, principalmente porque ela era uma «jornalista investigativa», o que imediatamente levantou uma «bandeira vermelha» de aviso na minha mente. No entanto, nos meses seguintes, trocámos muitos emails e gradualmente vim a reconhecer que ela não tinha agenda oculta ou destrutiva. Era genuína e sincera nos seus objetivos de investigação e no seu próprio interesse pessoal, para além dos confins do seu livro. O resultado foi que a convidei para assistir ao meu Seminário de primavera de 2015 e depois ficar e assistir a duas sessões com o meu círculo doméstico. Ela assim fez (juntamente com uma palestra fascinante sobre evidência de OVNIs no seminário), e assim começou uma amizade valiosa que continuou até ao presente.

No ano seguinte, Leslie perguntou se consideraria escrever o capítulo final para o seu livro *Surviving Death: A Journalist Investigates Evidence of an Afterlife* e fiquei satisfeito por o fazer. O livro foi subsequentemente publicado em 2017 pela Crown Archetype, uma divisão da Random House. Escrito de uma perspetiva jornalística, cobre uma ampla gama de evidência para a vida após a morte. É escrito com atenção rigorosa aos factos e com discriminação intelectual, apresentando apenas a evidência mais convincente e bem documentada, combinada com as amplas experiências pessoais de Leslie. O meu capítulo é um entre dez de uma gama de outros contribuintes intercalados ao longo do livro. *Surviving Death* recebeu um prémio de 2017 da prestigiada Associação Parapsicológica, por fazer uma contribuição altamente significativa para a ciência e para a conversa cultural sobre as implicações da parapsicologia. Na minha opinião, baseada em meio século de investigação no que respeita ao Espiritualismo e assuntos associados, o livro deve certamente estar ao lado de *On the Edge of the Etheric* de Arthur Findlay.

Agradavelmente, Leslie Kean concordou graciosamente em escrever um Epílogo para este livro no qual se encontrará um breve relato das suas experiências com o meu círculo doméstico e também uma descrição de uma experiência em curso entre o seu pequeno grupo em Nova Iorque e o meu Círculo aqui no Norte de Inglaterra. Acredito que isto é bastante único – talvez histórico no que respeita à mediunidade física.

---

[1] *Will You Dance? (2002) The Wandering Feather Press. Halfway Across the River: Messages of Hope from the Other Side (2007) The*

Wandering Feather Press. [2] *UFOs foi publicado pela Crown Publishing Group / Random House em 2010.*

Parte Dois
OBSERVAÇÕES E DEDUÇÕES
CAPÍTULO 1 Declínio e Queda

Hesitei consideravelmente ao decidir se apresentaria este livro em duas partes. Na Parte Um, contei a história do meu profundo envolvimento com o movimento espiritualista durante grande parte da minha vida adulta; a forma como a minha mediunidade se desenrolou gradualmente; e os eventos e experiências (ricas e outras) que encontrei ao longo do caminho. A minha indecisão baseava-se na possibilidade de a Parte Dois poder, para alguns espiritualistas, investigadores psíquicos e céticos, constituir uma leitura desconfortável. O desacordo e uma forte indignação resultariam, senti, quase certamente porque a realidade e a falsidade em torno do movimento espiritualista atual estão em grande parte entrelaçadas. De facto, pode haver pouca dúvida razoável de que o Espiritualismo, de várias formas, existiu ao longo da última metade do século num vazio de negação autoimposta.

Não escrever a Parte Dois teria sido negar-me esta oportunidade final de deixar registadas as minhas opiniões cuidadosamente consideradas. Os leitores devem compreender que as opiniões que apresento aqui não se baseiam numa mera associação passageira com o assunto, mas na experiência pessoal e numa longa e exaustiva investigação dos vários aspetos e facetas do movimento. Como resultado, tornei-me gradualmente familiarizado com as suas forças e também com as suas fraquezas. Estudei a sua história e procurei compreender a mediunidade nas suas muitas formas. Ao longo de tudo, fiz o meu melhor para pesar tudo na balança da razão.

Estou muito familiarizado com o trabalho dos grandes pioneiros e médiuns espiritualistas do passado, e também com os do mundo da investigação psíquica e da magia de palco que se envolveram com o movimento. Não sou estranho à controvérsia que historicamente rodeou todo o assunto.

Em meados do século XIX, tudo começou com tanta esperança, vigor e intenção. Desde o seu nascimento, o movimento prometia substituir o materialismo e provar conclusivamente que a morte era meramente uma passagem para o mundo seguinte. Durante mais de um século, pessoas em todo o mundo civilizado foram atraídas por isto, acreditando que estava destinado a substituir a religião ortodoxa e que eventualmente a sua mensagem e os seus ensinamentos seriam validados pela ciência. Académicos, estadistas, pessoas de letras, nobreza, políticos e realeza europeia sucumbiram ao seu apelo dinâmico, juntamente com inúmeras pessoas de todas as classes sociais.

Por um tempo, o movimento parecia estar firmemente no caminho para alcançar os seus objetivos. No entanto, após a aprovação da «Fraudulent Mediums Act»[1] de 1951 no Reino Unido, começou a declinar. O espírito de luta que apresentara uma frente unida face à injustiça legal tornou-se lentamente uma memória. A mensagem central do movimento tornou-se fragmentada, diluída e corrompida. As convicções e princípios foram atenuados, manipulados e comprometidos como resultado do comercialismo e do egocentrismo. Um século de compromisso, progresso e promessa deu lugar à mesquinhez. Ao perder de vista o quadro mais amplo, sacrificou a sua alma.

Além disso, a infiltração da religião cristã ortodoxa criou raízes nos primeiros dias do Espiritualismo, o que muitos consideravam incompatível com o movimento. Nas últimas décadas, esta infiltração estabeleceu-se amplamente. Eventualmente – sem dúvida para ganhar respeitabilidade – desenvolveu-se um sistema mundial de igrejas e ministros ordenados, resultando no Espiritualismo alcançar reconhecimento legal como religião no Reino Unido e noutros países.

Assim, embora a Fraudulent Mediums Act tenha efetivamente legalizado a mediunidade, levou à aquiescência religiosa. Alguns pioneiros proeminentes e altamente credíveis do movimento eram absolutamente contra a inclusão da religião. Tinham a visão de que, uma vez aceite a mensagem de sobrevivência para além da morte, um sistema de crença religiosa não seria necessário; a realidade da sobrevivência nada devia à religião. Para eles, a sobrevivência era um facto da vida, que ocorria para todos independentemente da religião de cada um.

As minhas próprias visões correspondem a essas. Toda esta questão religiosa é mais um exemplo de uma tragédia que contribuiu para o

sacrifício da mensagem original. A realização de serviços em linhas semelhantes às das igrejas ortodoxas, com demonstrações mediúnicas misturadas, dá a mensagem de que o Espiritualismo, em comum com outras religiões, repousa num sistema de crença em vez de evidência factual demonstrável de sobrevivência para além da sepultura.

Em tempos anteriores, a comunicação mediúnica era a base do movimento, o próprio alicerce sobre o qual foi estabelecido e construído. Infelizmente, os dias em que médiuns líderes podiam comandar audiências em grandes demonstrações porque apresentavam repetidamente evidência surpreendentemente precisa de sobrevivência estão em grande parte há muito desaparecidos. A evidência de sobrevivência deu lugar em grande parte à «leitura a frio», aconselhamento, adivinhação ou uma mistura de tudo.

No passado, a sepultura não representava medo para os aderentes que compreendiam e aceitavam que, sob certas circunstâncias, a comunicação entre os vivos e os mortos era possível. Essas pessoas sabiam, por isso não sentiam necessidade de religião formalizada.

Também nos primeiros dias, embora não comum, médiuns em transe canalizavam filosofia e os chamados «ensinamentos superiores», que deixavam pouca dúvida quanto à sua fonte espiritual. Hoje, com preciosas poucas exceções, há poucos capazes de fazer qualquer uma das coisas. Comunicações filosóficas profundas são agora raras, e no seu lugar as alegadas comunicações são geralmente pobres e só podem ser descritas como confusas na melhor das hipóteses, e um insulto à inteligência na pior. De facto, muitas vezes encontrei-me lamentavelmente perplexo com o que considero ser disparates incoerentes e mistificadores proferidos da plataforma espiritualista.

Antes da sua partida, Alan Crossley, amplamente considerado uma das autoridades mais respeitadas e credíveis do Espiritualismo, expressava frequentemente o seu desânimo com esta situação. Numa ocasião, contou-me sobre um discurso em transe a que assistira numa igreja espiritualista local. O médium era bem conhecido, e durante muitos meses as pessoas aguardavam ansiosamente a sua visita. Na noite em questão, estava cheio até não caber mais ninguém. Alan, chegando cedo para garantir um lugar, encontrou-se sentado no fundo do salão/igreja ao lado de duas senhoras idosas.

O médium fez a sua entrada, foi apresentado pelo presidente da igreja e rapidamente caiu em transe. Então, durante sessenta minutos, o alegado comunicador espiritual proferiu a sua mensagem insondável, filosofia, ou o que quer que fosse.

Após o médium aparentemente regressar à consciência e ter saído da sala, Alan não pôde deixar de ouvir a conversa que se seguiu entre as duas senhoras ao lado dele: «Bem – o que achaste disso?», disse uma à outra, ao que a outra respondeu: «Não foi ele inteligente? – Não entendi uma palavra.» Alan duvidava que qualquer outra pessoa presente nessa noite o tivesse entendido – todos tinham passado uma hora de puro disparate.

Um incidente isolado? Infelizmente, não. Tem-se de perguntar por que razão o mundo espiritual se daria ao trabalho de transmitir discursos que ninguém consegue compreender.

Sem dúvida, comunicações maravilhosas, sublimes e edificantes foram recebidas no passado, estão a ser recebidas hoje e, esperemos, continuarão a ser recebidas no futuro; isso não está em dúvida. Quando se ouve verdadeira filosofia espiritual e ensinamentos superiores genuínos, então sabe-se. A experiência eleva o espírito, inspira, ilumina, informa e nutre a alma – não leva à confusão.

Lamentavelmente, é a minha firme convicção de que muito do que hoje pretende emanar diretamente de uma fonte espiritual na verdade emana da mente do médium – subconsciente ou outra.

Durante mais de cem anos, por que razão o movimento estava repleto de médiuns cujas demonstrações de qualidade eram tais que pessoas de todas as classes sociais ficavam sem dúvida de que a comunicação com os mortos era uma realidade? O que mudou?

Acredito que a natureza da vida moderna, e a sua diferença radical daqueles tempos anteriores, está no cerne da resposta a essa pergunta. Até meados do século passado, a vida diária era um assunto muito mais simples. Havia menos desejo por coisas materiais. Havia poucos carros nas estradas; nem muitas pessoas tinham televisão ou rádio; e, mais importante, não havia computadores ou telemóveis. As pessoas ainda passavam tempo em grupos familiares a cantar ao piano, a contar histórias, a caminhar calmamente na natureza, a comunicar por cartas manuscritas e a falar umas com as outras pessoalmente durante visitas longas. Havia muito menos distrações em contraste com o mundo de gratificação instantânea em que agora vivemos. Infelizmente, a simplicidade é coisa do passado.

Mediunidade e Círculos Domésticos

Os médiuns, na minha opinião, nascem como médiuns – uma anormalidade da natureza, talvez? Os médiuns físicos são dotados de uma riqueza da extraordinária energia viva ectoplasma, e é sobre isto que dependem as manifestações físicas da sala de sessões. Sob condições adequadas e dada a oportunidade, o mundo dos Espíritos começará o longo processo que pode eventualmente resultar num indivíduo adequado desenvolver tal mediunidade. Nenhuma quantidade de tempo, paciência ou sinceridade alcançará isto se a energia vital essencial estiver ausente. Estes são os factos, como acredito que sejam, no que respeita a esta forma extremamente rara de mediunidade.

A mediunidade mental, embora diferente em muitos aspetos, tem não obstante várias semelhanças. Na minha opinião, a mais importante é a sinceridade de propósito e um desejo avassalador de ser de serviço à humanidade em ambos os mundos. Mas, como no desenvolvimento da mediunidade física, é necessária grande paciência, juntamente com a realização de que o seu desabrochar depende totalmente do mundo dos Espíritos.

A mediunidade mental e física simplesmente não pode ser desenvolvida a um grau marcado se o potencial não existir em primeiro lugar.

No entanto, um número considerável de aspirantes a médiuns está envolvido numa busca para se desenvolverem através de cursos, seminários, tutoria individual e até cursos por correspondência que prometem «libertar o médium interior». Hoje, tal «formação» é comum. Sem dúvida, grande parte do tempo é bem-intencionada, cheia de boas intenções, e pode, corretamente conduzida, ajudar, aconselhar, encorajar, apoiar e informar aqueles com potencial genuíno. No entanto, estou igualmente certo de que tal formação é muitas vezes não um caso de orientação especializada, instrução e treino, mas de o cego a guiar o cego. E infelizmente, por vezes, é uma simples questão de comercialismo.

Nenhum médium e nenhuma autoridade espiritualista professa deveria presumir tomar precedência sobre o mundo dos Espíritos em termos de desenvolvimento da mediunidade. Quantos aspirantes a médiuns que seguem tais caminhos acabam eventualmente na plataforma espiritualista e,

daqueles que o fazem, quantos demonstram verdadeiramente um padrão notável? Acredito que a resposta a isso fala por si e falará.

Embora raramente reconhecido, a psicologia desempenha um papel importante em todos os aspetos da mediunidade. Se um médium aspirante sentir confiança no tutor e derivar encorajamento e segurança dessa pessoa, isto é certamente benéfico. Mas, em última análise, são apenas os comunicadores espirituais que são capazes de desabrochar a capacidade latente de um indivíduo. É o mundo dos Espíritos sozinho que é a autoridade última.

Há um componente importante que também aborda a atual pobreza de mediunidade de alta qualidade, que, como toquei anteriormente, provém da natureza frenética e desancorada da vida contemporânea.

Durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, os círculos domésticos existiam em grande número por toda a América, Europa e Inglaterra. Era um tempo em que milhares de pessoas se sentavam em silêncio apaixonado, tentando desenvolver os dons do Espírito e a capacidade de comungar com o mundo espiritual. Era um tempo em que os espiritualistas escutavam atentamente a voz interior das suas próprias convicções, permitindo assim que o processo muitas vezes longo de desenvolvimento começasse e se expandisse numa atmosfera de aspiração harmoniosa. Era um tempo em que médiuns maravilhosos, tanto mentais como físicos, emergiam da obscuridade dos seus círculos para trabalhar publicamente.

Ao mesmo tempo, há muito que se suspeita que muitos mais escolheram evitar os holofotes públicos e permanecer nos seus círculos para ficarem para sempre desconhecidos do mundo exterior. Durante mais de cem anos, antes da chegada e infiltração do comercialismo no movimento, a mediunidade era principalmente desenvolvida atrás de portas fechadas. Isto removia qualquer pressão de expetativa. Ao participar em condições estáveis e harmoniosas, os chamados «dons do Espírito» emergiriam por vezes. O círculo doméstico era o coração do movimento. A importância da diminuição destes círculos não pode ser exagerada.

Infelizmente, vivemos num mundo acelerado e poucas pessoas estão preparadas para se dedicarem a anos de participação paciente. Os círculos domésticos existem, mas em números muito menores, muitas vezes com pouco para mostrar. Essa é uma das tragédias do movimento.

Peritos Aqui – Peritos Ali – Peritos Quase em Todo o Lado

Embora o declínio geral da mediunidade possa ser dito ser em grande parte responsável pelo estado lamentável do Espiritualismo hoje, há fatores adicionais envolvidos.

Penso na minha descoberta inicial do movimento espiritualista como resultado da leitura do notável *On the Edge of the Etheric* de Arthur Findlay. O livro procurava estabelecer em linguagem simples, fácil de compreender para leigos, a base científica sobre a qual o Espiritualismo repousava. De forma desafeiçoada e cuidadosa, Findlay abordava muitas questões vitais, como a evidência mediúnica para a sobrevivência; a localização do mundo dos Espíritos em relação ao nosso; a forma como a mediunidade funciona; a natureza da vida na terra; e a experiência do homem no momento da morte – e depois. As suas perguntas foram respondidas porque ele falava diretamente e extensivamente com alegados comunicadores espirituais.

Quando publicado pela primeira vez, *On the Edge of the Etheric* recebeu críticas extensas e excelentes nunca antes concedidas a qualquer outro livro que tratasse do assunto. Por um tempo pelo menos, cínicos, críticos e céticos foram efetivamente desarmados e silenciados.

A minha própria jornada de descoberta – toda ela – deve tudo a esse livro. Em breve percebi que Findlay não era o único. Homens e mulheres de intelecto considerável, e posição académica e social, tinham escrito de forma semelhante. Estas eram as pessoas que acenderam o meu interesse e iluminaram continuamente o meu caminho de descoberta. Após um período de tempo, saturado pelo que lera, decidi visitar as igrejas. Então tudo mudou para mim.

---

[1] Nota: A "Fraudulent Mediums Act" de 1951 revogou a Witchcraft Act de 1735 e legalizou a prática da mediunidade no Reino Unido, desde que não fosse usada para fraude.

Com o tempo, descobri pessoalmente as mudanças no Espiritualismo que descrevi. Vez após vez, sentar-me-ia e ouviria um discurso proferido por um médium visitante ou por um responsável da igreja, e invariavelmente encontrava-me perdido e incapaz de compreender. Era algo muito distante do que Findlay e outros semelhantes haviam descrito. Alguns discursos de «peritos» eram grosseiramente enganadores, com tanta

relevância para o Espiritualismo como a quiromancia. Noutras ocasiões, os discursos eram muito mais adequados ao púlpito da religião cristã ortodoxa.

Hoje, peritos em todo o lado sufocaram a essência do movimento, dispensando livremente a sua sabedoria questionável, falsa ou talvez equivocada com autoridade e aparente convicção.

Lembra-me a igreja cristã primitiva e o que posteriormente se tornou sob a influência e manipulação do oficialismo e do seu sacerdócio emergente. A simplicidade tornou-se gradualmente complexidade, com os seus aderentes a tentar constantemente decifrar o indecifrável.

Além disso, o Espiritualismo ampliou gradualmente o seu foco dinâmico, abraçando e englobando filosofias e práticas orientais – todas, sem dúvida, altamente louváveis em si mesmas, mas sem relevância aqui. Saberiam os médiuns da histórica «idade de ouro» do Espiritualismo o que era um chakra? Duvido. Compreenderiam o que significava a força de Deus ou campos de energia ou Chi? Claro que não. No entanto, tais conceitos estão agora firmemente enraizados e incorporados no movimento.

Mudança e Progresso

A televisão agora transmite ocasionalmente demonstrações altamente editadas de mediunidade apresentadas como entretenimento, com qualquer semelhança de espiritualidade removida. O espetador não vê nada do verdadeiro Espiritualismo, da sua filosofia, ensinamentos e da rica veia de história que o atravessa. Os espectadores permanecem na ignorância do movimento outrora grande e vital que, durante mais de cem anos, ameaçou derrubar a religião estabelecida e reescrever os livros de texto científicos.

A questão agora é se o Espiritualismo pode no futuro encontrar novamente o seu caminho legítimo, erguer-se das suas próprias cinzas e recuperar terreno perdido. Se o pode, então deve começar por reconhecer a sua situação atual. Então terá feito um início positivo. Deve reavaliar o ponto na história em que tudo começou a correr mal. Deve identificar as razões, procurar retificá-las e, ao fazê-lo, talvez possa conceber corrigir o seu curso e avançar com positividade e compromisso recuperados.

Acredito que alguns passos poderiam ser tomados para ajudar a reverter a maré trágica de declínio do Espiritualismo.

Em primeiro lugar, as várias fações e organizações dentro dele deveriam unir-se pelo bem do «bem maior». Em segundo lugar, o movimento deveria tornar-se clarividente e livre de egocentrismo. Acima de tudo, deveria começar mais uma vez a «ouvir o mundo dos Espíritos», porque ao fazê-lo tudo é possível. Há cerca de quarenta anos, ou mesmo antes, o movimento simplesmente parou em grande parte de ouvir.

E a questão do desenvolvimento mediúnico comercial deve ser urgentemente abordada. Os espiritualistas interessados no desenvolvimento deveriam ser encorajados a participar ou a formar os seus próprios círculos domésticos. De uma nova geração inteira destes círculos, os bons médiuns de amanhã poderiam muito bem emergir, levando-nos para o futuro.

Um Apelo Poderoso

Em março de 1998, Alf Winchester, então Presidente da Noah's Ark Society, proferiu um discurso comovente nas celebrações do 159.º aniversário do Espiritualismo Moderno. Organizado e conduzido pela maior organização espiritualista do mundo, o encontro fora realizado para prestar tributo aos pioneiros do Movimento.

Na esperança de inspirar unidade, Alf aproveitou a oportunidade para fazer um apelo emocional veemente à audiência de representantes de várias organizações espiritualistas. Este discurso complementa e cristaliza perfeitamente os meus próprios pensamentos. Infelizmente, na altura da sua entrega, falhou completamente em motivar ou influenciar os ouvintes e, de facto, para alguns provou ser controverso.

Com a gentil permissão de Alf Winchester, aqui está esse importante discurso. Espero que possa finalmente cumprir a sua intenção original.

Tributo aos Pioneiros

Originalmente publicado no Noah's Ark Newsletter, maio de 1998. Por Alf Winchester

Estamos aqui para prestar tributo aos pioneiros do nosso Movimento. Gostaria, portanto, que considerassem se estamos a fazer justiça ao seu legado. Acham que tudo está bem no Movimento Espiritualista? Estamos a atrair os jovens? Acham que temos o respeito do mundo em geral?

Há cinquenta anos, as celebrações do 100.º aniversário foram realizadas no Albert Hall. O Espiritualismo, nessa altura, tinha um perfil mais elevado, com muitas pessoas distintas a promover a nossa causa. Há cinquenta anos, artigos sobre Espiritualismo eram comuns em jornais de qualidade. Nenhum jornal de qualidade agora publica tais artigos. Porquê, pergunto-me? Será porque a nossa imagem pública mudou? Somos vistos como uma espécie de piada ou um grupo de excêntricos? A nossa imagem não é ajudada por programas de conversa na TV que se orientam para fazer os espiritualistas parecerem tolos. Muitas vezes negam tempo a espiritualistas eloquentes para exporem o seu caso, tendendo a concentrar-se nos que são menos capazes de apresentar as suas visões e, em particular, nos excêntricos.

Se a nossa imagem pública não está certa, não deveríamos fazer algo a respeito? Talvez o Espiritualismo devesse formar um Comité de espiritualistas devidamente qualificados para analisar a nossa imagem pública e fazer sugestões sobre como a podemos melhorar. Pode até ser necessário contratar uma empresa de consultores de imagem, como fazem os partidos políticos. Não estou a sugerir que fabriquemos uma ilusão, apenas que devemos mostrar o Movimento Espiritualista na sua verdadeira luz. Tornemos o Movimento Espiritualista atrativo para mentes inquisitivas no século XXI.

Os nossos predecessores lutaram para que o Espiritualismo fosse reconhecido na lei como uma religião. Se somos uma religião reconhecida, por que razão então muitas vezes não nos é permitido expressar as nossas visões na televisão sem a visão equilibrada obrigatória de parapsicólogos e padres? Se estamos a ser tratados injustamente ou se o Espiritualismo é retratado na televisão de forma depreciativa, o que estamos a fazer a respeito?

Como indivíduos, podemos bombardear as autoridades de radiodifusão com queixas. Melhor ainda se nós, como um Movimento unido, pudermos apelar às autoridades de radiodifusão. Se a resposta delas for desfavorável, então talvez possamos considerar tomar ação legal através dos Tribunais Britânicos e Europeus. Enquanto os espiritualistas, tanto indivíduos como organizações, se sentarem e não fizerem nada, a situação nunca melhorará e poderá muito bem deteriorar-se.

Lemos no *Psychic News* instâncias em que igrejas espiritualistas e médiuns foram recusados o uso de instalações. Por que permitimos que isto

aconteça sem fazer um grande alarido? Poderíamos, por exemplo, enviar uma avalanche de queixas à pessoa responsável e também à imprensa. Se a discriminação contra o Espiritualismo puder ser provada e houver um caso suficientemente bom, então podem ser instaurados processos legais. Os proprietários de instalações pensarão duas vezes antes de ceder à pressão de vigários e cristãos «renascidos» se souberem que, ao fazê-lo, pode seguir-se ação legal. A ação legal está provavelmente além das possibilidades da maioria dos indivíduos. A criação de um fundo legal e uma linha de apoio seria um grande trunfo.

Sinto que precisamos de regressar aos fundamentos do Espiritualismo. O Movimento foi inundado com práticas de outras religiões, outras filosofias e culturas que agora estão a ser aceites como parte do Espiritualismo. Alguns dizem que os padrões de mediunidade estão a declinar. O Movimento Espiritualista tem, infelizmente, a sua quota-parte de médiuns de padrão questionável. Parece haver um desejo obsessivo entre os espiritualistas de serem médiuns em transe. Estes «aspirantes» incluem alguns que são bons médiuns mentais mas falham miseravelmente como médiuns em transe. Muitos deles estão iludidos. Chamo-lhe clairdelusão. É uma coisa enganar-se a si mesmo, outra bem diferente enganar os outros, particularmente aqueles que precisam de ajuda.

Todas as formas de mediunidade têm o seu lugar. Nenhuma deveria ser considerada superior às outras, mas é essencial que, seja qual for a forma, apenas o padrão mais elevado possível de mediunidade seja encorajado. Os espiritualistas, tanto como indivíduos como organizações, são os reguladores do padrão. Se não fizerem nada, os padrões continuarão a declinar.

Não nos deixemos dividir pelas nossas diferenças, mas unidos no conhecimento certo de que a alma sobrevive à morte. Gostemos ou não, a realidade é que a maioria da humanidade não está pronta para aceitar a nossa mensagem, mas, não obstante, o Espiritualismo deve colocar-se numa posição proeminente para que os buscadores da verdade o possam encontrar facilmente. Unidos, podemos revitalizar o Espiritualismo e, de cabeça erguida, tomar o nosso lugar legítimo entre as religiões. Não tenho a certeza se somos na realidade uma religião; penso em nós mais como custódios de uma verdade universal. Construamos sobre conquistas passadas e deixemos aos nossos sucessores um legado que poderia

beneficiar toda a humanidade. Devemo-lo aos nossos predecessores e aos nossos inspiradores no Mundo dos Espíritos.

Peço-vos que considerem o que disse e, se sentirem que tem algum mérito, então por favor façam algo a respeito. A apatia, a desarmonia e o egocentrismo mataram muitas causas nobres. Por favor, não permitam que o Espiritualismo se torne uma vítima.

---

[1] *A Fraudulent Mediums Act foi revogada em 2008 e substituída pela Legislação Geral de Proteção ao Consumidor.*

CAPÍTULO 2
Fraude, Mediunidade Mista e o Cético

Debates sobre fraude mediúnica envolveram os mundos espiritualista e de investigação em disputas amargas durante muito tempo. Acusações e contra-acusações foram feitas entre os apoiantes de médiuns físicos célebres e os seus detratores, e os argumentos intermináveis mostram poucos sinais de abrandar. Eventos de tempos agora distantes continuam a ser analisados e dissecados. Os espiritualistas invariavelmente ignoram factos desconfortáveis, enquanto os investigadores se agarram a eles e ignoram qualquer coisa que não se encaixe nas suas conclusões desejadas.

Ao longo da história do movimento, a fraude e a mediunidade física sempre estiveram ligadas, e as chamadas «exposições» de médiuns enganadores foram comuns. Até médiuns pouco conhecidos, juntamente com os de reputação internacional (com muito poucas exceções), foram invariavelmente, em algum momento das suas carreiras, acusados de práticas astutas. Poucas reputações permaneceram intactas e imaculadas.

Algumas acusações eram justificadas. Mas, inversamente, com o benefício da retrospetiva, pode argumentar-se razoavelmente que algumas podem não o ter sido. De facto, com base nos meus anos de investigação, estou convencido de que acusações injustas foram ocasionalmente feitas.

O Espiritualismo, claro, sempre reconheceu que a mediunidade física genuína existiu em paralelo com a fraudulenta. Devido a exposições de médiuns falsos que negociavam com as emoções dos crédulos e enlutados, o movimento foi repetidamente mergulhado em controvérsias embaraçosas. Claro, não se pode negar que uma das maiores «fraquezas» da sala de

sessões física foi, e ainda é, que geralmente as manifestações devem ocorrer no escuro. Portanto, e compreensivelmente, tais condições levaram muitos a suspeitar de artimanha.

No entanto, como o leitor sabe agora, a eliminação de toda a luz é geralmente necessária, independentemente de como possa parecer.

Assim, dada a exigência de escuridão, a suposição de que a escuridão na sala de sessões serve como escudo para fraude seria um erro monumental. Como apontei anteriormente, poderia argumentar-se igualmente que a câmara escura era desnecessária para o desenvolvimento fotográfico inicial. Nenhuma pessoa informada disputaria o facto de que a luz é fatal para determinados micro-organismos, nem que a escuridão é essencial para a criação da vida em si, na germinação de uma semente ou no desenvolvimento de um embrião no útero. Portanto, dificilmente é lógico ou justo fazer suposições depreciativas sobre a sala de sessões escurecida com base em mera suspeita e/ou ignorância dos factos.

E há outro componente que é difícil para o cético aceitar, e isto também é compreensível. Não podemos escapar ao facto de que as manifestações físicas repousam e dependem da presença da energia viva ectoplasma, uma substância protoplásmica exsudada pelo médium em transe diretamente através dos ouvidos, nariz, boca ou plexo solar, que pode então ser manipulada pelo mundo dos Espíritos. No seu estado primário, pode ser visível ou invisível. Pode ser tangível; pode ser intangível. Muitas vezes foi relatada como tendo o odor de ozono. Quando visível, pode ter a aparência de um vapor ou um líquido; pode assumir a semelhança de pele e cabelo; e por vezes assemelha-se a musselina ou gaze. (Em casos de manifestações fraudulentas, o último é geralmente o que foi usado.)

Assim, esta combinação misteriosa de energia e matéria parece possuir uma capacidade extraordinária de converter rapidamente a sua estrutura molecular. Pode num momento parecer etérea e no seguinte transformar-se em algo pesado e sólido. Pode brilhar com uma luz interna. Fenómenos físicos de todos os tipos – desde o movimento de objetos sem contacto físico, às vozes audíveis dos mortos, a fantasmas sólidos visuais – devem a sua génese a esta substância. Como poderia tal coisa possivelmente existir? Parece magia. Muito simplesmente, esta substância energética misteriosa é o próprio fundamento de todos os fenómenos

físicos da sala de sessões. E foi bem estudada e fotografada por cientistas e outros investigadores credíveis, sob controlos estritos.

Embora compreendamos pouco sobre a natureza do ectoplasma e a forma precisa como opera, sabemos que é extremamente sensível à luz. A introdução súbita de luz (natural ou artificial) na sala de sessões, sem permissão prévia do mundo dos Espíritos, pode fazer com que o ectoplasma regresse rapidamente à sua fonte com um efeito catastrófico na saúde do médium. Tais instâncias, envolvendo vários médiuns físicos passados, estão bem documentadas.

Não obstante, a própria existência do ectoplasma tem sido questionada há muito por muitos no mundo da investigação. E, embora tudo o que digo seja verdade, deve reconhecer-se que, por outro lado, salas escuras podem inquestionavelmente prestar-se a fraude.

No passado, quando a fraude era descoberta e exposta, o efeito no movimento era compreensivelmente duplo. Por um lado, era importante para o Espiritualismo que fosse autoregulador, e esforçava-se sempre por manter a sua própria casa em ordem. De facto, o próprio movimento era provavelmente responsável por expor mais fraude do que os investigadores externos. Quando descoberta, a prática fraudulenta podia ser erradicada.

Mas as acusações de fraude eram compreensivelmente embaraçosas, particularmente quando envolviam médiuns estimados e altamente respeitados que anteriormente haviam sido acreditados pelo movimento. Embora geralmente desconhecidos hoje, os nomes Frank Herne, Mary Showers, Charles Williams, Charles Eldred, Albert Beare, John Scammell, Arthur Phillips, Charles Basham, Harold Barnett, Ronald Edwin Cockersell e William Roy são apenas alguns dos muitos no Reino Unido que, por um tempo, foram conhecidos por estar no auge do seu desenvolvimento. Eventualmente, no entanto, um a um foram expostos como charlatães que produziam fenómenos físicos falsos utilizando, sob o manto da escuridão ou luz fraca, todo o tipo de subterfúgios, como varas extensíveis (usadas para controlar trompetes de sessões), gaze e barbas e máscaras falsas. Imitavam formas materializadas e extrusões ectoplásmicas.

Estes médiuns fraudulentos exploravam os crédulos, os ingênuos e a relutância geral de alguns espiritualistas em enfrentar factos desagradáveis e reconhecer fraude. Quando há dinheiro a ganhar e enquanto existir um desejo avassalador de acreditar, haverá sempre indivíduos sem escrúpulos

demasiado felizes por capitalizar e enganar. Os mundos da investigação psíquica e do Espiritualismo concordam nesse ponto.

No entanto, nem sempre é assim tão simples. O falecido Maurice Barbanell, editor de longa data do *Psychic News* e um homem de vasto conhecimento do Espiritualismo, mantinha que, no que concernia à mediunidade física, era fácil gritar fraude – qualquer um podia fazê-lo. Muitos médiuns físicos genuínos foram assim acusados e, consequentemente, roubados da sua credibilidade, após o que ou afundavam na obscuridade ou, na melhor das hipóteses, ficavam a partir de então rodeados de grave suspeita. Uma simples acusação – com prova ou não – era tudo o que era necessário para destruir reputações. Estes médiuns sinceros, com as reputações em farrapos, eram então consignados às páginas espúrias e lamentáveis da história do Espiritualismo, deixando o mundo em geral com a suposição de que a mediunidade física era fraudulenta mais vezes do que realmente era.

Mediunidade Mista

A verdade é que nem todas as «exposições» estabeleceram fraude para além de dúvida razoável, e os acusados muitas vezes falhavam em apresentar uma defesa coerente. E, para complicar ainda mais as coisas, temos de compreender que a mediunidade física nem sempre é preto ou branco, toda genuína ou toda fraudulenta. A história conta-nos que, de forma confusa, há áreas cinzentas – uma mistura dos dois – fraudulenta em algumas ocasiões enquanto genuína noutras. Como anteriormente afirmado, isto é denominado «mediunidade mista».

Embora a fraude em alguns casos seja claramente consciente e premeditada, noutras pode ser inconsciente. Neste último cenário, talvez seja concebível que tais médiuns genuinamente não compreendessem as suas próprias ações aparentemente fraudulentas. E mais, poderia ser que, na presença de manifesto ceticismo na atmosfera delicada e sensível da sala de sessões (um terreno fértil no qual os pensamentos dos participantes podem tornar-se altamente potentes), um médium possa agir sem saber sobre tais pensamentos negativos poderosos e produzir a ação fraudulenta que o participante espera encontrar? Se assim for, então, de forma bastante irónica, o participante seria indiretamente responsável por ajudar a criar a própria fraude suspeitada.

E o médium, sem conhecimento das suas ações, ficaria – quando confrontado mais tarde – genuinamente mistificado e incapaz de explicar as suas ações. Isto certamente iria longe para resolver um enigma que tem desconcertado e confundido estudantes sérios da mediunidade física durante muitos anos. Claro, enquanto tal proposição possa, para alguns leitores, parecer uma desculpa conveniente para explicar e desculpar fraude, isto não deveria ser motivo para falhar em reconhecê-la e propô-la para alguns casos.

Claro, o cético endurecido, sempre imóvel numa posição cínica de certeza, descartará casualmente esta possibilidade como indigna de consideração. Mas então tal postura rígida certamente não é mais legítima do que a do espiritualista altamente crédulo. Seja verdade ou falso, uma coisa é certa: a mediunidade em geral, mas particularmente a mediunidade física, é profundamente complexa, e não há dúvida de que incorpora uma compulsão para agradar e produzir resultados.

A médium física italiana Eusapia Palladino é talvez o exemplo mais conhecido de mediunidade mista. No final do século XIX e início do século XX, participou para os principais investigadores do mundo em muitos países. Sempre, avisava-os de que, dada a oportunidade, enganaria. No entanto, quando estava sob controlo perfeito e estrito, e não podia possivelmente enganar, os fenómenos físicos mais excelentes ocorreriam – muitas vezes a distância de onde se sentava. Isto incluía o movimento de objetos, a levitação de mesas sem qualquer contacto físico aparente, o dedilhar de cordas de guitarra e outros fenómenos como a materialização de mãos.

Inversamente, Eusapia invariavelmente tomaria a opção fácil de produzir o que era esperado se os controlos fossem quebrados, quando pudesse libertar a mão ou um pé. Para ela, parecia ser uma compulsão psicológica, e isto ocasionalmente levava a truques flagrantes, com recriminações amargas e disputas acaloradas entre investigadores e ocasionalmente entre eles e os espiritualistas.

Na altura, a Society for Psychical Research (SPR) tinha uma política de que qualquer médium apanhado em fraude nunca mais seria examinado por eles. Como resultado, e após uma série de sessões arranjadas pela Sociedade em 1895 em Cambridge durante as quais Eusapia foi repetidamente detetada em fraude descarada, a SPR publicou um relatório condenatório e efetivamente decidiu que ela nunca mais seria examinada.

No entanto, alguns anos mais tarde (1908), após repetidos relatórios excelentes e positivos dos seus homólogos europeus, a SPR decidiu fazer uma exceção e investigar a sua mediunidade mais uma vez. Três dos principais e mais experientes investigadores céticos da sociedade, Everard Feilding, Hereward Carrington e W.W. Baggally (dois dos quais bem versados em magia de palco), foram comissionados. Conduziram uma série de sessões em Nápoles, com a única intenção de determinar de uma vez por todas se Eusapia era capaz de produzir fenómenos genuínos.

O local das sessões e os protocolos mais estritos para os experimentos foram arranjados e controlados inteiramente pelos investigadores. Tudo o que ocorreu foi documentado por um anotador objetivo, minuto a minuto. Totalmente bem-sucedido, isto levou a um dos relatórios mais completos, meticulosos e credíveis de uma investigação em mediunidade física alguma vez publicados. «Relatório sobre uma Série de Sessões com Eusapia Palladino», publicado nos Proceedings of the Society em novembro de 1909, não deixou brecha para contra-explicação e argumento cético. A ironia era que noutras ocasiões esta médium soberba enganava! Isto ilustra o dilema da mediunidade mista e faz o ponto de que não podemos deitar fora as manifestações genuínas com as fraudulentas, se as genuínas puderem ser provadas. Eusapia, como outros que viriam depois dela, era verdadeiramente um enigma.

Durante mais de oitenta anos, o relatório de Nápoles permaneceu como um documento cuidadoso, abrangente e detalhado que desafiava críticas. No entanto, eventualmente seria colocado sob a luz fria da análise cínica por céticos, embora quaisquer tentativas de o minar falhassem completamente. Argumentos avançados para evitar uma explicação paranormal parecem-me sugerir que nenhuma quantidade de evidência cuidadosamente adquirida convencerá aqueles que simplesmente se recusam a acreditar. De facto, leitores familiarizados com o relatório e com tais críticas poderiam prontamente concluir que são um insulto aos investigadores envolvidos, todos os quais tinham reputações impecáveis e estavam entre os mais cuidadosos, experientes e respeitados da sua época.

É pois, justo dizer que, assim como há espiritualistas que sofrem de credulidade e relutância em enfrentar a realidade, assim há cínicos tão presos a uma mentalidade irracional de ceticismo que também lhes falta objetividade imparcial? Sir Arthur Conan Doyle, um dos grandes campeões

do Espiritualismo, disse: «O homem que não acredita em nada é tão tolo como o homem que acredita em tudo».

Tendo investigado o assunto durante muitos anos, concluí que o verdadeiro motivo por trás de algumas exposições de fraude mediúnica alegadas não era o que parecia na altura. Tenho pouca dúvida de que por vezes «exposições» eram alegadas puramente para elevar o perfil dos acusadores que procuravam alcançar estatuto elevado entre os seus pares. A desonestidade existe em todos os estratos da sociedade, e os mundos da investigação psíquica e da magia não podem ser destacados como isentos.

O Cético

O ceticismo, claro, toma muitas formas. Mencionarei apenas algumas à medida que se relacionam com o Espiritualismo.

Em primeiro lugar, e mais comum, são as alegações de céticos que falham em familiarizar-se com o assunto e cujas opiniões se baseiam puramente na ignorância.

Em segundo lugar, outros podem ser referidos como «céticos informados». Tendo-se dado ao trabalho de investigar o assunto, afirmam que a copiosa evidência a favor do paranormal acumulada ao longo dos últimos 150 anos por corpos augustos como a SPR e investigações científicas do mais alto calibre não os convence.

Em terceiro lugar, os céticos de «visão fixa» imóveis atacam ativamente todos os aspetos do assunto, particularmente na internet. Não surpreendentemente, a mediunidade física em particular prestou-se aos seus comentários e ataques derisórios, pretensiosos e sem reservas. De facto, pareceria que tais críticos estão unicamente informados, pois no seu mundo não pode haver espaço para dúvida quanto aos seus pronunciamentos. A lógica, parece, é invariavelmente a primeira vítima. Muitas vezes são feitas alegações extravagantes e totalmente enganadoras e factos são ignorados ou corrompidos. Espiritualistas e investigadores simpáticos são todos «iludidos» tendo «perdido as suas faculdades críticas». Todas as manifestações da sala de sessões não são mais do que «palhaçada» e todos os que acreditam nelas foram enganados.

Que notável que estes céticos, ao estarem tão certos das suas conclusões, tenham claramente chegado à verdade inquestionável. Visões opostas são bastante simplesmente indignas de consideração, mesmo

quando baseadas em longa investigação cuidadosa, conhecimento e experiência. Aos seus olhos, todo relatório favorável concernente à mediunidade é o produto de uma «vontade de acreditar», resultando assim na faculdade crítica ser tornada inoperativa e no abandono do bom senso. Todos os médiuns – físicos ou mentais – não são meramente duvidosos, mas são inquestionavelmente falsos. Em resumo, no seu mundo, a mediunidade genuína não pode e por conseguinte não, existir.

Não parece ocorrer-lhes que algumas das maiores mentes do mundo, ao longo dos últimos 150 anos, foram convencidas pela evidência. Descartar isso arrogantemente é certamente descartar todo o testemunho humano informado. Mas então, no mundo dos céticos de «visão fixa», ai de mim, não há espaço para os factos e, de muitas formas, são semelhantes aos espiritualistas crédulos inquestionáveis que são incapazes de separar ocorrências normais de supernormais. Para estes crentes crédulos, todo o ranger de uma tábua do chão ou expansão de um cano de água quente; todo o ruído de uma fonte não identificada; todo o sentimento de frio ou toda a luz tremeluzente é creditado aos «espíritos».

De facto, ao longo de muitos anos, observei tanto o absurdo como o ridículo a correr em paralelo com o racional. Em tantos aspetos, o espiritualista crédulo e o cético de «visão fixa» têm muito em comum.

Em seguida, o «cético profissional dos media» aparece como uma fixação obrigatória sempre que programas concernentes ao paranormal são transmitidos na rádio e televisão.

Estas figuras «autoritárias» aparentemente fornecem um «equilíbrio de visões» com a pretensa noção de que possuem mentes abertas e estão dispostos a ser convencidos. Infelizmente, talvez para salvaguardar as suas carreiras nos media, o inverso é verdadeiro. A mediunidade mental bem-sucedida (como clarividência e clariaudiência) quando sob investigação dos media é invariavelmente atribuída à «leitura a frio» – lendo a linguagem corporal dos participantes e outros sinais, enquanto os manipula para fornecer a informação necessária. Obviamente, tal prática não pode explicar a mediunidade mental no seu melhor.

E a maioria dos médiuns genuínos colocados num ambiente de estúdio frio e insensível, sabendo que estão sob observação cética (independentemente de garantias em contrário), não atuarão bem. Não são máquinas frias e sem sentimentos – a sua mediunidade funciona como resultado de sensibilidade extrema. Apenas nessa base, resultados positivos

são muitas vezes altamente improváveis, embora se ocorrerem, o «cético profissional» quase certamente os descartaria como produto do acaso ou da «leitura a frio».

A mediunidade física não se saiu melhor. Em várias ocasiões, estúdios de televisão recriaram a sala de sessões escura com a alegação de que, por meio da câmara infravermelha, todos os segredos seriam revelados. Os espectadores foram autorizados a ver como alegados fenómenos físicos são produzidos por meios fraudulentos sob o manto de escuridão impenetrável. Embora tais produções possam superficialmente parecer convincentemente condenatórias e excitantes para os espectadores, não têm relação com a sala de sessões espiritualista.

Por exemplo, o cético profissional, enquanto age como o médium nesta demonstração, pode não estar totalmente controlado e está, pois, perfeitamente livre para se mover pela sala como desejar. Pode usar dispositivos escondidos na sua pessoa para criar fenómenos falsos. No caso de estar preso ao seu lugar, então um cúmplice invisível e insuspeito estará presente para criar os fenómenos enquanto o participante incauto observa.

Como os leitores podem saber, numa sessão genuína que seja corretamente conduzida, o médium está totalmente restringido e preso a uma cadeira com as mãos firmemente seguradas pelos vizinhos. Além disso, antes de entrar na sala de sessões, o médium é revistado para garantir que nenhum artifício foi escondido na sua pessoa que pudesse mais tarde ser usado para produzir fenómenos fraudulentos. A porta da sala de sessões é trancada para que nenhum cúmplice possa entrar e ajudar nos procedimentos. E os fenómenos que se manifestam não têm relação com os mostrados nestas recriações dos media.

O facto indisputável é que nenhum mágico – nenhum cético, profissional ou outro – alguma vez foi capaz de criar e apresentar fenómenos semelhantes aos do médium físico genuíno enquanto participa sob exatamente as mesmas ou mesmo condições semelhantes.

Finalmente, devemos considerar os «céticos científicos» que, tendo feito os seus nomes em vários ramos da ciência, acreditam que isto os qualifica para fazer pronunciamentos sobre fenómenos paranormais sem se darem ao trabalho de aprender algo sobre eles. Tais pessoas podem até pensar que têm um dever para com o público de limpar o mundo de superstição ridícula. O falecido Dr. Walter Franklin Prince, um oficial de investigação altamente respeitado da American Society for Psychical

Research e Presidente da SPR inglesa (1931-32), disse uma vez que «ao cruzar a fronteira do seu conhecimento, tais pessoas perdem o julgamento e equilíbrio adequados»[1]. Tais pessoas podem tornar-se tão fixadas e dependentes da sua própria disciplina científica e visão do mundo que estão preparadas para acreditar em qualquer coisa em vez de aceitar a evidência para fenómenos psíquicos. Aceitar isso talvez ameaçasse o próprio fundamento e tecido da sua ciência estabelecida. O ceticismo é de facto um assunto complexo e multifacetado.

Para o Desconhecido!

---

[1] Nota: A citação de Walter Franklin Prince é uma paráfrase; a original pode variar ligeiramente em fontes históricas.

Enquanto seres humanos, esforçamo-nos por racionalizar, simplificar e absorver novos factos a um nível igual à nossa capacidade de compreensão. Se aplicarmos o bom senso a assuntos espiritualistas e considerarmos a dinâmica da mediunidade na sala de sessões à luz dos nossos conhecimentos existentes, a confusão deverá eventualmente ser superada. E, no entanto, não se pode negar que frequentemente encontramos aspetos que nos deixam perplexos e transcendem a nossa compreensão.

Os leitores devem compreender que não procurei oferecer soluções rígidas no que respeita à «mediunidade mista», mas apresentar as minhas opiniões cuidadosamente ponderadas em relação a ela. Contudo, no seio do Espiritualismo, e no que diz respeito à mediunidade em geral, há aparentemente muitas anomalias que desafiam a compreensão. Mas seguramente isto não é de estranhar, dada a natureza de todo o assunto.

Devemos sempre lembrar-nos de que a humanidade se encontra em absoluta ignorância sobre muitas coisas. Um leigo pode considerar que as fronteiras sempre em expansão da ciência levaram a uma compreensão extensa, talvez quase completa, do mundo e do universo em que vivemos. Mas, em tantas áreas, como a da própria consciência, permanecemos em absoluta ignorância apesar de séculos de intelecto humano aplicado, perspicácia e esforço sofisticado. Porque razão deveríamos então imaginar que as questões da vida e da morte e da comunicação entre os dois estados (em qualquer nível) seriam assuntos que não guardam segredos?

Talvez não devêssemos assumir – como muitos espiritualistas tendem a fazer – que a morte confere àqueles sem corpo um conhecimento absoluto e uma compreensão profunda da totalidade de tudo. Se realmente estamos em contacto com um mundo espiritual e os seus habitantes, deverá assumir-se que eles são infinitamente mais sábios do que nós em todas as matérias? Terá o mistério de todas as coisas sido descoberto na vida após a morte e terão todos os segredos da própria vida sido desvendados ao cruzar para outra dimensão?

Eu sugeriria que, tal como nós no nosso mundo somos ignorantes de tanto, também eles no deles compreendem pouco mais. Podemos afirmar com confiança que, num sentido espiritual, o mundo seguinte supera em muito tudo o que presentemente podemos imaginar ou experimentar no nosso próprio. Mas não podemos ter a certeza quanto ao nível de conhecimento que nos será revelado enquanto habitarmos nesse reino, ou o que alcançaremos. Talvez existam diferentes «níveis» dentro dessa dimensão para a qual viajamos, eventualmente deixando para trás o contacto com o plano terrestre e ganhando a capacidade de expandir a nossa consciência. Não creio que alguém saiba ao certo. Esse mistério será revelado no mundo seguinte.

---

1 The Enchanted Boundary (1930)

CAPÍTULO 3
George Valiantine

Em 1924, o dramaturgo, autor e homem de negócios irlandês Herbert Dennis Bradley (1878-1934) publicou *Rumo às Estrelas*[1], no qual descreveu de forma coerente e dramática a sua introdução ao Espiritualismo e, especificamente, à mediunidade de trombeta. No ano anterior, tinha visitado a América em negócios e fora convidado para uma sessão por Joseph De Wyckoff, um advogado americano rico e influente profundamente envolvido no Espiritualismo. Bradley descreveu Wyckoff como intelectual, astuto, crítico e perspicaz. Aceitou o convite na base de que a experiência «poderia revelar-se divertida».

E assim, a 16 de junho de 1923, Bradley chegou à residência campestre do seu amigo e foi apresentado ao médium George Valiantine, que julgou ser um americano provincial comum. Após o jantar, Bradley sentou-se com outros quatro convidados num círculo, numa sala às escuras. Dois trompetes de alumínio encontravam-se no centro. Valiantine usava faixas luminosas em cada pulso para que qualquer movimento seu fosse imediatamente detetado.

Bradley escreveu que todo o assunto lhe pareceu algo idiota; perguntou-se como pessoas inteligentes podiam envolver-se numa forma tão infantil de entretenimento. E depois, quando nada aconteceu, achou-o aborrecido. Disse que os participantes começaram a cantar para passar o tempo, e o som era horrível. Passaram vinte minutos. Entediado, começou a pensar nos bons livros que poderia estar a ler e no bom conhaque que poderia estar a beber. Estava «meio interessado de forma divertida, depois irritado, depois desdenhoso».

De repente, sentiu outro ser na sala. A voz suave de uma mulher quebrou o silêncio. Escreveu em *Towards the Stars* (o texto foi condensado) o seguinte:

Fui chamado pelo meu nome duas vezes e a voz soava a cerca de um metro à minha direita, cheia de emoção.

Mantive a minha calma habitual, crítica e observadora, e não fui minimamente afetado ou perturbado.

Num tom normal, respondi: «Sim». O meu nome próprio foi repetido duas vezes e houve uma quebra emocional na voz, como se o seu possuidor estivesse extasiado por poder saudar um amigo após uma longa viagem.

A Voz – «Oh, amo-te! Amo-te!»

As palavras estavam carregadas de uma beleza eletrizante e grande ternura. Já ouvi a mesma frase dita na vida comum por algumas das maiores atrizes do mundo, mas nunca a ouvi expressa com mais sentimento terno.

A minha mente viajou para trás, procurando no passado recordar a memória de alguém que pudesse ter-me amado. Não encontrei qualquer pista.

H.D.B. – «Poderia por favor dizer-me quem é – o seu nome?»

A Voz – «Annie»

Então compreendi tudo, mas com ceticismo pedi o nome completo.

A Voz – «Sou Annie, a tua irmã.»

Então falámos – não em sussurros, mas em tons claros e audíveis, e o que dissemos um ao outro foram coisas de alegria maravilhosa. Cada palavra foi ouvida pelos outros presentes, mas nenhum, tenho a certeza, sabia algo dos assuntos da minha família e não poderia saber que eu tinha uma irmã que morrera dez anos antes. Quando na Terra, ela e eu tínhamos uma simpatia peculiar um pelo outro: uma compreensão mental não invulgar entre irmão e irmã.

Esta compreensão entre nós é indizível. A voz dela na Terra era suave e maravilhosamente modulada, e a sua elocução era distinta. Na conversa, era purista na escolha das palavras. Nunca conheci uma mulher que falasse da mesma maneira estranha.

Quando me dirigiu a palavra após 10 anos de silêncio, usou expressões no seu modo característico.

Cada sílaba foi perfeitamente enunciada e cada peculiaridade de entoação foi reproduzida. Estava extasiada por ter encontrado um meio de falar comigo.

Falámos tanto e de forma tão íntima que, de momento, ambos sentimos que não era cortês para com os presentes ocupar tanto do seu tempo a ouvir uma conversa tão pessoal.

Antes de ela partir, perguntei-lhe se voltaria e ela disse que sim. Assim experimentei o evento mais espantoso da minha vida.

Este evento comovente, que Bradley registou com tanto cuidado, marcou o início do seu patrocínio a George Valiantine. De facto, o seu apoio e influência rapidamente catapultaram o médium para a fama e a fortuna.

Valiantine não descobrira a sua mediunidade até aos quarenta e três anos – seis anos antes de conhecer Bradley. Aparentemente, desenvolvera-se rapidamente de sons audíveis de pancadas até à eventual obtenção de vozes de trombeta. Após ser descoberto por De Wyckoff, que fez muito para o dar a conhecer ao público americano, tornar-se-ia por um tempo o médium de trombeta mais célebre do mundo. Era relativamente desconhecido em Inglaterra até Dennis Bradley receber a sua primeira visita no início de 1924.

No entanto, o estatuto de celebridade de Valiantine como médium notável foi efémero. Quando o livro final de Bradley, *And After*[2], foi publicado em 1931, Valiantine já fora em grande parte desacreditado, e a sua carreira terminara devido a muita suspeita e dúvida, visto por alguns como uma farsa. Rapidamente, desapareceu numa obscuridade ignóbil – exceto pelos argumentos, especulações, teorias e suposições que têm sido intermináveis desde então. Nenhuma pessoa informada, objetiva e imparcial conseguiu desvendar a verdade sobre Valiantine e aqueles eventos de há tanto tempo.

Para os espiritualistas da época, ele era um dos médiuns mais notáveis. Para muitos investigadores, era parcial ou totalmente fraudulento. Elementos positivos desconfortáveis da mediunidade que inconvenientemente favoreciam o sobrenormal foram e ainda são em grande parte ignorados com a presunção de que fraude numa direção deve aplicar-se em todas. Então, qual é a verdade, e pode agora lançar-se alguma luz para iluminar um dos mistérios mediúnicos mais intrigantes da história?

Os Anos de Glória

Em dezembro de 1923, De Wyckoff informou Bradley de que descobrira Valiantine em fraude consciente inegável, deixando Bradley tanto chocado como perplexo. Como membro da SPR inglesa e do seu equivalente americano, De Wyckoff era conhecido de Bradley como um investigador justo, escrupuloso e cuidadoso que simplesmente abominava o engano. Fora o homem que, desde o início, fora tão instrumental no lançamento e apoio da carreira pública de Valiantine. Bradley teve de levar o assunto a sério. No entanto, declarara em *Towards the Stars* que nem De Wyckoff nem o próprio Deus poderiam abalar a sua convicção pessoal de que, durante trinta e cinco minutos, falara com o espírito desencarnado mas

vivo da sua irmã sobre assuntos familiares que eram desconhecidos de qualquer outra pessoa além deles próprios. Fora a voz dela, a personalidade dela e o espírito e alma dela.

De Wyckoff reuniu-se com Bradley e explicou que o engano tomara a forma de escrita manual cobrindo várias folhas de papel. O médium mostrara-lhas, alegando que tinham sido escritas diretamente pelos espíritos. Na verdade, De Wyckoff descobrira que a caligrafia correspondia à de Valiantine, conforme confirmado por um perito em caligrafia. O médium, no entanto, negou veementemente e enfaticamente qualquer irregularidade e disse que nunca agira de forma fraudulenta na vida, deixando De Wyckoff com dúvidas de que, afinal, apanhara o médium em flagrante. Moderado pela sua insistência de que, apesar deste engano, Valiantine possuía inquestionavelmente poderes mediúnicos marcados, De Wyckoff restaurou a sua relação positiva com Valiantine.

No início de 1924, Bradley convidou George Valiantine para Inglaterra, onde deu várias sessões. Sentou-se para o British College of Psychic Science (uma organização espiritualista sediada em Londres) e também, numa ocasião, para a augusta Society for Psychical Research (SPR).

Durante essa visita, e as que se seguiram, muitas pessoas notáveis da época experimentaram as sessões de Valiantine. Estas incluíam luminares como Sir Arthur Conan Doyle, P. G. Wodehouse, Dame Clara Butt, Ivor Novello e Somerset Maugham. Editores de jornais, jornalistas, escritores conhecidos, músicos, atores e vários do mundo da política e da medicina sentaram-se pelo menos uma vez e alguns em várias ocasiões. Como detalhado nos três livros de Bradley, muitos convenceram-se de que tinham ouvido vozes espirituais genuínas emanando através dos trompetes; frequentemente, participantes profundamente impressionados afirmavam que fora a experiência mais maravilhosa das suas vidas. Muitos disseram que acreditavam firmemente que as vozes que lhes falavam através dos trompetes, envolvendo-os em conversas íntimas, tinham sido os seus entes queridos falecidos.

Extremamente impressionantes foram os relatos de que muitas das vozes de trombeta tinham falado em várias línguas, incluindo espanhol, português, italiano, siciliano, francês, russo, japonês, alemão, galês idiomático, árabe e chinês arcaico. O médium era um homem sem educação que falava apenas inglês. Bradley insistiu: «…se ele apenas se

tivesse feito passar por iletrado – então, na verdade, teria sido um dos eruditos mais cultos do mundo».

Uma das comunicações mais extraordinárias na história paranormal envolvendo uma língua estrangeira ocorreu na América, que ainda hoje confunde os críticos.

Vozes orientais começaram a surgir nas sessões que nenhum dos participantes compreendia. O Dr. Neville Whymant, uma autoridade respeitada em história chinesa, filosofia e literatura antiga, foi convidado pelo notável juiz e advogado nova-iorquino W. M. Cannon para assistir a algumas sessões. Antigo conferencista de chinês na Universidade de Oxford, Whymant falava trinta línguas, incluindo muitos dialetos; participou nestas sessões puramente na sua capacidade de linguista oriental.

Nas sessões a que assistiu, várias línguas manifestaram-se e algumas foram faladas longamente. Whymant afirmou que, em ocasiões, as comunicações tinham sido tão íntimas que se sentira como um intruso, embora felizmente a escuridão tivesse coberto o seu rubor.

No entanto, uma sessão em particular verdadeiramente o espantou. Uma voz falou em chinês arcaico, alegando pertencer ao filósofo chinês Confúcio. Whymant relatou:

… da escuridão ouviu-se um som estranho, crepitante e entrecortado, que de imediato transportou a minha mente diretamente para a China. Era o som de uma flauta, tocada de forma bastante medíocre, como a que se pode ouvir nas ruas da Terra Celestial, mas em nenhum outro lugar.

Seguiu-se então uma voz audível que transmitiu uma forma oriental de Confúcio – um título em oposição a um nome. Este seria o início de uma das comunicações diretas de trombeta aparentemente mais notáveis em toda a história do Espiritualismo.

Bradley, escrevendo em *And After*, afirmou que Whymant fez várias perguntas ao suposto Confúcio e que, em cada ocasião, recebera a resposta correta (em chinês arcaico). Intrigado, Whymant colocou então uma pergunta cuja resposta derrotara e intrigara eruditos durante séculos. Explicou que: «… entre os escritos mais famosos do ilustre filósofo havia uma certa passagem que parece estar incorretamente escrita, pois o seu significado é obscuro». Whymant decidira procurar informação quanto à interpretação correta desta escrita, acreditando que não representava as verdadeiras palavras de Confúcio – que, no decurso da edição por escritores subsequentes, o seu significado se tornara distorcido e perdido.

Perguntou então à voz de Confúcio: «Há entre os vossos escritos uma passagem escrita incorretamente; não deveria ler-se assim?» e diz ao leitor:

Neste ponto, comecei a citar até onde sabia, isto é, até cerca do fim da primeira linha. Imediatamente, as palavras foram tiradas da minha boca, e toda a passagem foi recitada em chinês, exatamente como está registada nas obras de referência padrão. Após uma pausa de cerca de quinze segundos, a passagem foi repetida novamente, desta vez com certas alterações que lhe deram um novo significado. «Lida assim», disse a voz, «não se torna o seu significado claro?»

Deste evento extraordinário, o Dr. Whymant sustentou que «se assumirmos fraude e postularmos a presença oculta de algum erudito chinês, fazendo-se passar pelos participantes como Confúcio, teria de ter sido alguém quase sobre-humanamente perito».

Aparentemente, na altura, havia apenas seis eruditos no mundo cujo conhecimento e domínio do chinês arcaico usado o teriam impressionado. Nenhum deles estava na América na altura.

Claramente, a mediunidade de George Valiantine não era meramente uma questão de trompetes a voar por salas escuras – era muito mais do que isso, como tantos participantes relataram. Por vezes, Valiantine realizava sessões à luz do dia. As vozes saíam da extremidade pequena do trompete que ele segurava ao ouvido do destinatário. Geralmente, eram sessões individuais, com apenas o médium e o participante presentes, mas quando havia testemunhas (incluindo notáveis investigadores experientes da SPR) com uma visão clara da boca do médium, relataram não ter discernido qualquer movimento dos lábios de Valiantine.

Por exemplo, um cirurgião, o Almirante Nimmo, teve duas sessões privadas com Valiantine à plena luz do dia. Disse a Bradley que a voz comunicante vinha distintamente de dentro do trompete, exibía inteligência e fornecia informação evidencial de forma voluntária. Juntamente com um médico associado que veio à segunda sessão, Nimmo manteve o rosto de Valiantine sob observação aguda. Tanto ele como o seu colega não detetaram qualquer movimento.

Ao longo da sua carreira, George Valiantine foi muitas vezes testado e atestado por observadores inteligentes e cuidadosos. Uma série particularmente impressionante realizada em 1931 – o ano em que o médium visitou Inglaterra pela última vez – foi organizada pela Dr.ª Vivian, uma investigadora bem conhecida da época. Ela trouxe dois

colegas médicos que tinham uma visão crítica das sessões. A Dr.ª Vivian e os outros dois médicos disseram a Bradley que, numa sessão, dezasseis vozes tinham falado. Enquanto duas vozes falavam simultaneamente, a própria voz do médium foi ouvida a chamar a atenção dos participantes para este fenómeno extraordinário.

O próprio Bradley Bradley próprio experimentara ocasionalmente exatamente o mesmo, e descreveu-o em *And After*:

A Voz Espiritual falou com cada um de nós. A conversa com Valiantine era rápida e natural, as perguntas e respostas sobrepondo-se. Quando Valiantine se dirigia à voz, falava em tons distintamente respeitosos e algo subservientes, como «Doutor, pode dizer-me por que tal e tal e tal?» e a voz sobreposta do Dr. Barnett respondia-lhe. A sobreposição destas duas vozes era notável e dramática. A única analogia que posso dar para descrever o efeito é a obtida em certas produções do Theatre Guild de Nova Iorque, quando o produtor, através de ensaios cuidadosos, treinou os atores para falar através das vozes uns dos outros, isto é, para ser explícito, ensaiá-los de tal forma na rapidez do diálogo que as últimas três palavras de uma frase dita por uma personagem são antecipadamente respondidas pelas primeiras três palavras da frase proferida pela segunda personagem; portanto, pelo menos três palavras das duas vozes sobrepõem-se e são proferidas simultaneamente.

Noutra ocasião descrita por Bradley, três vozes individuais falaram com fluência todas ao mesmo tempo, duas de cima na sala e a restante do centro do chão. Os leitores compreenderão, portanto, que, a menos que assumamos a presença de um cúmplice (ou mais do que um!) para explicar estes fenómenos aparentemente extraordinários, o inexplicável deve ser considerado como a única explicação que nos resta!

A Farsa das Impressões Digitais

Apesar das conquistas notáveis da mediunidade de Valiantine, os críticos de hoje agarram-se às acusações registadas de fraude, que de tempos a tempos foram lançadas contra o médium. Estes críticos ignoram e passam por cima dos fenómenos inexplicáveis ao condenar o médium como fraudulento.

Embora as provas apoiem claramente a paranormalidade de grande parte dos fenómenos de Valiantine, mesmo os seus principais apoiantes (Bradley e De Wyckoff) acabariam por concluir que ele recorrera, de

tempos a tempos, à fraude. No seu livro final, Dennis Bradley tornou isto muito claro.

Em sessões realizadas em 1931 na casa de Bradley, descobriu-se que impressões digitais feitas em papel enfumado na sala de sessões, supostamente pelos Espíritos, eram na verdade do dedo grande do pé direito ou da articulação do cotovelo do próprio médium. Dennis Bradley consultou a Scotland Yard com as impressões e elas confirmaram conclusivamente as suas suspeitas. Quando confrontado, Valiantine, segundo Bradley, desmoronou-se e alegou não compreender como tal coisa poderia ter acontecido. Quando lhe foi dada a oportunidade de se exonerar parcialmente da culpa admitindo obsessão parcial ou fraude inconsciente, e novamente, quando lhe foi oferecida uma escapatória sob a forma de mediunidade mista (isto é, parcialmente genuína – parcialmente fraudulenta), recusou-se a aceitá-la. Em vez disso, manteve firmemente que não tinha explicação.

Diante de provas irrefutáveis, Bradley afirmou que os «Guias» deviam ter sido cúmplices. Escreveu:

Ele não aceitou, e disse, num tom estranhamente genuíno: «Nunca direi uma palavra contra eles». Argumentei com ele que, com base nos factos provados e deduções lógicas, no que me dizia respeito, tinha de ser uma de duas coisas. Ou ele era genuíno e os seus «Guias» eram ocasionalmente fraudulentos, ou os seus «Guias» eram genuínos e ele era ocasionalmente fraudulento. Expus-lho desta forma para o levar a avançar, mas não teve efeito. Dei-lhe a escolha de confessar a sua própria culpa e defender os fenómenos espirituais, ou manter a sua inocência e condenar tais fenómenos como maliciosos e malignos. Mas a lógica disto não lhe causou impressão.

Nunca vacilou na sua negação de culpa pessoal.

Os céticos da época e os que se seguiram agarraram-se prontamente a estas revelações, convenientemente esquecendo todas as provas anteriormente apresentadas a favor da mediunidade. Fraude numa direção específica deve certamente indicar fraude em todas. Muitas pessoas (tal como hoje) pensavam em termos de preto e branco. Tudo era genuíno ou tudo era fraudulento; não poderia haver meio-termo. Os céticos e os espiritualistas exerceram previsivelmente memórias seletivas e assumiram as suas posições inamovíveis.

Alguns dias após o confronto, o médium envergonhado deixou a casa do seu patrocinador para cumprir compromissos adicionais. O primeiro foi para um homem meramente identificado por Bradley como «Sr. X», mas que era claramente um homem de substância e posição, pois possuía uma propriedade rural. Uma impressão digital obtida em papel enfumado numa das sessões foi, após exame subsequente, descoberta como sendo do dedo médio da mão esquerda de Valiantine. Todo o assunto parecia contradizer o bom senso básico. Antes daquelas sessões, o médium, como sabemos, já estava sob grave suspeita quanto à natureza das impressões digitais na sua sala de sessões. Parece, pois, inexplicável que tentasse perpetrar a mesma fraude novamente, a um anfitrião solidário. Tomado ao valor facial, certamente beirava a insanidade! O que devemos então fazer de um ato tão irracional?

Talvez, como o próprio Bradley sugeriu, tenha sido uma questão de «mediunidade mista» – uma compulsão psicológica para agradar. Se tal fraude foi consciente (premeditada) ou inconsciente permanecerá sem dúvida um mistério para sempre.

O que podemos dizer com segurança, no entanto, é que, desde então, muitos escritores bem informados e menos informados ofereceram as suas próprias visões sobre o estranho caso de George Valiantine.[3]

A minha contenção no caso de Valiantine é que nem o episódio das impressões digitais nem as alegações ocasionais de fraude devem ser permitidas para desacreditar do facto de que, para além de dúvida razoável, ele parece ter desenvolvido e demonstrado uma forma de mediunidade que era, e ainda é, extremamente rara. Se pudermos atribuir alguma importância ao testemunho humano, essa conclusão parece-me inescapável.

Dito isto, deve admitir-se que os eventos que levaram à sua queda em desgraça não podem ser duvidados, nem a sua culpa pode ser defendida. As impressões digitais falsificadas podem levar-nos à conclusão inescapável de fraude flagrante, mas isto não deve levar a que a mediunidade de Valiantine seja sumariamente descartada na sua totalidade. Estes assuntos infelizes devem ser vistos à luz dos muitos elementos positivos da sua mediunidade. Como repetidamente disse, ao examinar qualquer caso, todos os factos devem ser considerados, e a tentação de ser seletivo e manipulador com eles deve ser evitada.

E Finalmente

Esta biografia resumida e análise de um médium tão enigmático fica aquém em muitas áreas. Mas espero ter apresentado um caso *prima facie* para concluir que, quando confrontado com as provas condenatórias contra ele, George Valiantine pode ter estado a dizer a verdade quando insistiu que simplesmente não compreendia como a fraude ocorrera. Tendo dito isto, devo acrescentar que a minha única intenção ao longo de tudo não foi tentar exonerá-lo, mas simplesmente apontar que, em assuntos da sala de sessões, dois mais dois nem sempre igualam quatro. Há tanto que simplesmente não compreendemos. Pode haver pouca dúvida de que o mistério em torno da mediunidade de George Valiantine durará, tal como o de Eusapia Palladino e outros, para sempre.

Herbert Dennis Bradley era ele próprio uma personagem complexa que frequentemente despejava vitríolo sobre quem quer que tivesse uma opinião diferente sobre a mediunidade de Valiantine da sua própria. Mas isso à parte, era também destemidamente honesto. Todo o affair foi detalhadamente descrito no seu livro final, apesar de dever ter percebido o inevitável repercussão contrária que estava destinado a surgir. Portanto, é apropriado terminar com o seu comentário final sobre o enigmático George Valiantine do que chamou de «O Último Capítulo» em *And After*:

A ascensão e queda de Valiantine apresentam um estudo psicológico intrigante.

Os registos da sua mediunidade fenomenal provam que, na altura em que estava no auge dos seus poderes, podia ser considerado o médium físico mais notável da história. Mais tarde, quando a sua mentalidade desenvolveu uma perspetiva materialista, a decadência instalou-se. A razão para tentar estas fraudes de impressões permanecerá incompreensível. Não recebia dinheiro de mim, e imaginar que, na presença de peritos em impressões, poderia cometer fraude palpável e escapar à deteção era um sinal de pura loucura. Com as impressões pessoais reais de homens famosos (falecidos) na nossa posse, só um louco ofereceria o seu dedo grande do pé para comparação.

No entanto, Valiantine, apesar da sua iliteracia, não é de forma alguma um homem estúpido. …

Das minhas observações dele, desde o primeiro momento da sua última e final visita, era aparente que desenvolvera uma forma de

megalomania. Adulação, adoração e os dons de grandes somas de dinheiro levaram-no a imaginar-se um homem de importância exacerbada. Desde que desenvolvera a mediunidade profissional, Valiantine tornara-se inquestionavelmente o médium vivo mais bem pago.

….. Considerando a acumulação maravilhosa de fenómenos subjetivos – isto é, provas mentais incontroversas dadas na «voz direta» sobre assuntos completamente fora do seu conhecimento – permanece um enigma que tenha tentado uma fraude objetiva tão palpável e estúpida. Nenhum homem no seu juízo perfeito destruiria uma reputação brilhante por atos imbecis e sem sentido, com a distinta possibilidade – mesmo probabilidade – de uma descoberta ruinosa.

O facto das impressões de dedo do pé produzidas fraudulentamente por Valiantine não pode negar nem explicar o facto de que, sob a mediunidade deste americano provincial imperfeitamente educado e semi-iletrado, o chinês arcaico foi falado pela voz de «K'ung-fu-T'zu» em várias ocasiões, durante as quais esta voz discutiu problemas abstrusos na literatura chinesa. Aqui está então um exemplo dos píncaros e das profundezas.

E com isso, deixo George Valiantine e passo para «Margery Crandon», o médium físico mais controverso e difamado da história. Escrutínio e controvérsia intermináveis – produções de rádio e televisão, livros e artigos sem fim – tentaram oferecer «a verdade» sobre a sua mediunidade, mas invariavelmente falharam em apresentar os factos sem adornos. Para os crentes, era a «oitava maravilha do mundo», mas para os seus detratores era (e ainda é) considerada a perpetradora da maior fraude psíquica da história.

---

[1] Towards the Stars – 1924. (London. T. Werner Laurie Ltd). O seu segundo livro foi The Wisdom of the Gods – 1925 (London. T. Werner Laurie Ltd) [2] And After – 1931. (London. T. Werner Laurie Ltd) [3] Uma das narrativas mais moderadas, eruditas, cultas e sóbrias foi publicada em junho de 1932 nos Proceedings of the SPR. «The History of George Valiantine», da Sra. W. H. Salter, uma conselheira da SPR altamente respeitada, credível e vastamente experiente, apresenta uma análise detalhada da mediunidade de Valiantine. Se é justa e imparcial é uma questão aberta a séria dúvida.

CAPÍTULO 4
A Notável Sra. Crandon

Vários anos após a morte do marido, no final de 1941, uma mulher jazia em coma, a morrer. Sofria de cirrose hepática resultante de abuso de álcool. Sentado à sua cabeceira num hospital de Boston, Massachusetts, na esperança de que recuperasse a consciência, estava Nandor Fodor, um dos principais investigadores psíquicos do mundo. Por volta do meio-dia de 1 de novembro, a sua paciência foi finalmente recompensada. Ela abriu os olhos e fitou-o. Rapidamente, ele inclinou-se e sussurrou: «Mina, esta é a tua oportunidade final de dizer a verdade. A tua mediunidade era genuína?»

A senhora pensou por um momento e depois, com um sorriso, sussurrou de volta: «Vocês, investigadores psíquicos, podem todos ir para o inferno. Porque não adivinham? Na verdade, todos vocês vão estar a adivinhar pelo resto das vossas vidas.» Depois, escorregou de novo para o olvido e, às 15h30 daquela tarde, morreu.

Assim terminou a vida terrena de Mina Crandon que, durante mais de uma década, foi conhecida no mundo como Margery, a médium.[1] Era internacionalmente celebrada por investigadores e espiritualistas em todo o mundo. Considerada «A Joia da Coroa do Espiritualismo Americano» e também «A Oitava Maravilha do Mundo», foi, durante vários anos, universalmente vista como possuidora de uma forma única de mediunidade. A sua notoriedade e fama foram sem dúvida realçadas pelo estatuto do marido. Le Roi Goddard Crandon, A.M., M.D., F.A.C.S., ligado à Universidade de Harvard, era um cirurgião respeitado e um pilar da sociedade de Boston. A sua personalidade era dita ser sóbria e algo sombria. No entanto, uma vez que a mediunidade da esposa começara a revelar-se e a tornar-se conhecida como uma das mais notáveis da época, o doutor começou a entreter pensamentos de que o seu nome e o da esposa poderiam, um dia, ser ligados à maior revelação de todos os tempos: que sobrevivemos à morte.

Dos primeiros anos de 1920 até aos anos 30, o seu endereço – 10 Lime Street, Beacon Hill, Boston (América) – tornar-se-ia bem conhecido dos espiritualistas e investigadores da época. Cientistas, jornalistas, clérigos, homens e mulheres de letras, mágicos e investigadores assistiram às suas sessões. Comités académicos foram formados e empreenderam

longas investigações na tentativa de quantificar e qualificar a sua mediunidade.

Nos anos que se seguiram, o caso de Margery foi analisado, dissecado e ferozmente debatido. No entanto, apesar de todas as provas a favor e contra – as acusações, a amargura, as alegações e contra-alegações –, apoiantes e críticos geralmente falharam em mover um centímetro das suas posições. Para muitos, era simplesmente uma médium incomparável que suportou com resignação agradável e boa vontade os ataques à sua honestidade – uma espécie de cordeiro sacrificial no altar da investigação psíquica. Para outros, era enigmática, e o seu caso era de complexidade psicológica em que o genuíno e o fraudulento estavam tão entrelaçados que parecia impossível decidir com qualquer grau de certeza onde um começava e o outro terminava. Para ainda outros, o caso exemplificava como uma mulher inteligente e atraente poderia usar os seus atributos femininos para enganar mesmo os homens mais inteligentes. Qualquer que fosse a verdade, o nível de desacordo na altura era tão intenso que eventualmente a American Society for Psychical Research (ASPR) foi virtualmente dividida de cima a baixo pelos seus apoiantes e detratores, e quase destruída.

Desde então, o mundo da investigação psíquica académica bestow unanimemente aos Crandon o destino de ignomínia, acreditando que juntos perpetraram a maior fraude na sala de sessões da história. Em 1927, um jornalista do *Boston Herald* escrevendo à ASPR comentou:

É profundamente e sardonicamente humorístico. … Tem mistério, motivações veladas, verdadeira tragédia, farsa estridente e uma aura pervasiva diretamente de «Alice no País das Maravilhas». Quase todos os que se envolvem disparam em tangentes; clérigos respeitados e sábios tornam-se subitamente mentirosos volúveis; há declarações sem sentido a propósito de nada; a lógica e a normalidade tiram férias prolongadas.[2]

E em 1934, o Dr. Walter Franklin Prince, um dos investigadores mais importantes e influentes da época, disse: «A mediunidade de Margery virá, com o tempo, a ser considerada o complexo de fraude mais engenhoso, persistente e fantástico na história da investigação psíquica».[3]

Por outro lado, Eric Dingwall, oficial de investigação estrangeira da SPR inglesa, afirmou após investigar a mediunidade em nome da Sociedade que achava Margery «… uma jovem mulher altamente inteligente e encantadora, extremamente bem-humorada e possuidora de

um fundo de humor e coragem que a tornava um sujeito ideal para investigação».

O marido julgou ser:

… um cirurgião trabalhador e habilidoso com um vasto conhecimento de muitas questões e problemas sociais. Os fenómenos, se fraudulentos – e havia pouca ou nenhuma prova direta em apoio de tal suposição –, devem ter sido resultado de conluio entre os dois.

Especulou que, se isto fosse uma farsa, poderia ter sido desenhada para desacreditar o Espiritualismo devido ao racionalismo fervoroso de Crandon.[4]

Embora houvesse visões amplamente divergentes, Margery dominou literalmente a investigação psíquica americana durante alguns anos e capturou a imaginação de um grande número de pessoas, muitas das quais acreditavam nela.

Outros, e houve muitos, escolheram equilibrar-se na cerca gasta da indecisão. O Dr. Hereward Carrington, investigador distinto, autor e perito tanto em mediunidade fraudulenta como genuína, sentara-se com alguns dos médiuns mais notáveis do início do século XX. A respeito de Margery, disse: «É certamente um dos casos mais desconcertantes e extraordinários da história. Isto é verdade independentemente da forma como o consideremos.»

Continuou dizendo:

… Apesar das dificuldades envolvidas em chegar a qualquer estimativa justa deste caso, e apesar da incerteza de muitos dos fenómenos e dos fatores sociais, éticos, pessoais, físicos e psicológicos complicados envolvidos, permanece um número de manifestações aparentemente genuínas e sobrenaturais, que são do mais profundo interesse para a ciência psíquica, bem como para a ciência ético-sociológica.

Talvez essa declaração devesse refletir a posição da maioria das partes interessadas, mas, infelizmente, não o faz. Poucos, ao que parece, conseguiram concentrar-se e considerar cuidadosamente tanto os aspetos negativos como positivos da mediunidade. Tal como no caso de George Valiantine, muitos revisores foram culpados de selecionar provas para apoiar as suas conclusões predeterminadas.

Perto do fim da sua carreira como médium, Margery era considerada por muitos como totalmente fraudulenta. E, desde a sua morte, essa crença

foi convertida num facto estabelecido. Como tal, é geralmente aceite e raramente questionado.

Após investigar exaustivamente a mediunidade de Margery durante muitos anos, identifiquei em artigos e livros uma mistura de especulação considerável, verdade, meia-verdade, inverdade, facto e ficção apresentados como facto – ocasionalmente com uma grande dose de licença dramática adicionada à mistura. Como poderia qualquer pessoa interessada esperar deslindar tudo isso? Olhar para a superfície, especialmente com ideias preconcebidas, nunca é suficiente, dada a complexidade da mediunidade física.

Cinquenta Anos de «Margery»

Mina Crandon – Margery – era um verdadeiro paradigma no mundo do Espiritualismo, que possuía, segundo os seus apoiantes, mediunidade mental e física em grau extraordinário. Ao longo da sua versátil vida mediúnica e até aos dias de hoje, hectares de papel impresso e outro material publicado volumoso apareceram sobre as muitas controvérsias que constantemente a rodeavam e fervilhavam à sua volta. Ela e o marido foram, por turnos, brindados, celebrados, criticados, repreendidos e castigados. Em resumo, «Margery» foi literalmente morta à exaustão.

O Dr. Crandon, ao partilhar os holofotes com a esposa, apoiou-a firme e inabalavelmente ao longo de tudo e parecia acreditar que, um dia, através da mediunidade dela, seria provado que o mundo espiritual estava para sempre a bater à porta do nosso próprio. Como resultado da sua determinação em realizar esse sonho, a esposa enfrentou com fortaleza toda a espécie de indignidades às mãos de investigadores com quem cooperou continuamente.

A minha fascinação pessoal pela mediunidade dela remonta a mais de cinquenta anos. Os leitores familiarizados com o caso de Margery saberão que Walter Stinson, o irmão falecido dela, era o principal comunicador e orquestrador de todas as manifestações reputadas na sua sala de sessões. Quando, portanto, em 1992, ele apareceu no meu próprio círculo caseiro e rapidamente se estabeleceu como uma adição importante à nossa equipa espiritual, o meu interesse aumentou consideravelmente, como é compreensível. Aqui, seguramente, era uma oportunidade de aprender os factos e a verdade diretamente da fonte. Agora poderia ter um relato de

testemunha ocular dos eventos em torno da mediunidade da irmã, que, durante tanto tempo, fora banhada em mistério – uma elucidação que poderia responder aos críticos.

No entanto, desde o início, e bastante lamentavelmente, Walter deixou cristalino que não tinha intenção de desperdiçar tempo e esforço a discutir tais assuntos. Pertenciam ao passado e nada poderia ser alcançado ao deter-se neles. Se tivesse escolhido fazê-lo, o único resultado possível teria sido, sem dúvida, mais disputa e controvérsia. De facto, sempre que convidados do círculo tentaram falar com ele sobre o círculo dos Crandon, respondeu invariavelmente: «Perguntem ao Stewart – ele sabe mais sobre isso do que eu próprio.» Desde o dia da sua chegada, Walter insistiu que a sua única intenção ao trabalhar com e através do nosso círculo era refinar e desenvolver ulteriormente a comunicação a nível físico. Está determinado a fazer tudo ao seu alcance para ajudar a provar, para além de qualquer dúvida, que a vida continua para além da sepultura.

Ocasionalmente, insistiu que, em algum momento no futuro, vindicará a irmã da injustiça e difamação que há muito estão associadas ao seu nome. Disse-nos que «naquela altura» cooperara de bom grado com a ciência porque fora persuadido de que era correto fazê-lo. Partilhava o otimismo do cunhado de que a mediunidade poderia ser estabelecida numa base científica. No entanto, na análise final, nada foi provado e nada foi alcançado. A decisão de prosseguir por esse caminho levou apenas a disputa incessante entre os apoiantes e os críticos da mediunidade de Margery. Declarou que «falhara» no passado. Desta vez, Walter, armado com o benefício da retrospetiva, pretende plenamente fazer as coisas «à sua maneira».

Formulei a minha própria posição sobre Margery muito antes da chegada de Walter ao nosso círculo. Ao estudar todos os factos conhecidos, cheguei finalmente a acreditar que a destruição sistemática da sua credibilidade pelos críticos fora uma grave injustiça. Ao risco de incitar protestos do mundo da investigação, sugeriria que os muitos críticos da sua mediunidade lidaram em grande parte com conjetura e suposição. Adicionalmente, e invariavelmente, os factos conhecidos do caso foram, como previamente afirmado, frequentemente selecionados de propósito por aqueles que apresentavam uma posição e, no processo, transformados e corrompidos em pseudo-factos. Para provar o seu caso, estes críticos concentraram-se em grande parte em fenómenos que, dos registos

documentados, se prestam a uma explicação normal. Aqueles que desafiam tal interpretação foram repetidamente ignorados ou simplesmente descartados por completo. Erros factuais, declarações cínicas e alegações feitas por escritores e comentadores anteriores foram frequentemente recolhidas e repetidas por críticos posteriores, estabelecendo assim uma conclusão baseada na corrupção da realidade.

Como resultado, hoje, uma das médiuns mais notáveis do Espiritualismo é principalmente recordada por todas as razões erradas. Para abordar isto, apresento não uma revisão longa e exame detalhado da mediunidade, mas uma visão geral breve de factos agora em grande parte esquecidos.

Testes e Ainda Mais Testes

Desde os seus primeiros dias, foi Le Roi Goddard Crandon quem influenciou a esposa a aceitar que, para autenticar a sua mediunidade, esta tinha de ser examinada pelo mundo da ciência. Como resultado, engenhocas mecânicas e eletrónicas foram concebidas e levadas para a sala de sessões de Lime Street por investigadores visitantes e por comités académicos criados para examinar a mediunidade. Ao longo dos anos 1920 e início dos anos 30, várias destas foram apresentadas a Walter com o propósito de estabelecer se os alegados fenómenos paranormais eram genuínos ou espúrios.

Uma dessas invenções envolvia uma campainha montada dentro de uma caixa de madeira ou vidro especialmente construída. Só poderia ser feita soar pela operação de contactos elétricos que tinham sido efetivamente selados no seu interior. E, no entanto, em conformidade com as instruções dos cientistas, Walter faria a campainha soar uma, duas ou três vezes e frequentemente enquanto um investigador carregava a chamada «caixa da campainha» pela sala de sessões nas suas mãos.

Outro dispositivo chamado «Sísifo» envolvia uma bola de celuloide que, em luz vermelha e perante os olhos dos observadores, seria feita por Walter desafiar a gravidade ao rolar por um canal inclinado. Este seria montado dentro de uma caixa com laterais de rede para que o acesso normal, sob o olhar dos investigadores, não fosse apenas improvável, mas impossível. Outro envolvia o uso de balanças químicas finamente equilibradas com pratos equalizados. Um pequeno peso seria colocado num

dos pratos, o que deveria fazê-lo descer, ao passo que Walter fazia com que subisse para que o prato vazio descesse até à base do aparelho.

Uma das experiências mais difíceis de explicar envolvia um microfone selado e trancado dentro de uma caixa na sala de sessões. A caixa pesava mais de 100 libras e era à prova de som com revestimento exterior. Ligado ao microfone no interior estava um altifalante posicionado numa sala num andar inferior. Um investigador sentava-se ao lado do altifalante durante a sessão. Na sala de sessões, outro investigador pediria a Walter que falasse para o microfone dentro da caixa à prova de som. Pouco depois, o investigador no andar de baixo – incapaz de ouvir quaisquer sons da sala de cima – ouviria a voz de Walter a sair do altifalante remoto. Ninguém no andar de cima podia ouvir a voz de Walter, pois ele falava apenas para o microfone dentro da caixa.

Claro, os céticos podem razoavelmente perguntar-se se as precauções dos investigadores para isolar os seus engenhosos dispositivos de interferência poderiam ter sido contornadas pelos Crandon. A resposta a isso deve ser que não existe prova que sugira que era uma possibilidade e qualquer sugestão em contrário só poderia ser especulativa. Um estudo dos documentos originais (e há muitos) confirmaria isto.[5]

Uma das experiências mais elaboradas tinha Margery sentada dentro de um gabinete com laterais de vidro (semelhante a uma cabina telefónica) com as mãos a sair através de orifícios em cada lado. Estas eram fixadas no lugar por arame de piano num laço ancorado fora do gabinete. As mãos dela eram também seguradas pelos investigadores estacionados um de cada lado para que não pudesse puxá-las para dentro. À volta do pescoço tinha uma coleira de cão, à qual estava preso um cinto com a outra extremidade fixada a um tensor aparafusado ao chão atrás do seu assento. Os pés estavam ancorados ao chão com arame a circundar os tornozelos. Este controlo elaborado destinava-se a garantir que qualquer fenómeno físico que se manifestasse dentro do gabinete não poderia ter sido resultado de truque de qualquer tipo. Sob controlo tão bárbaro e rigoroso, Walter ainda assim conseguia fazer com que fenómenos se manifestassem.

E finalmente, noutra experiência, foi usado um dispositivo engenhoso (uma chamada máquina de corte de voz) para confirmar conclusivamente que a voz de Walter era genuinamente independente da médium e não emanava dela. Mais uma vez, Walter foi bem-sucedido. Investigadores e comités vinham e iam. Testes e mais testes eram exigidos. Ocasionalmente,

eram feitas acusações contra a mediunidade. Ao longo da inevitável controvérsia feroz que se seguia, o Dr. Crandon defendia a esposa insistindo que os argumentos avançados eram ou absurdos ou baseados em falsidades.

O escapologista Harry Houdini foi um caso em ponto. Foi nomeado para uma investigação da *Scientific American* em 1924 que conduziu uma longa investigação à mediunidade de Margery. Como membro do distinto comité académico de investigação, Houdini sentou-se com Margery em apenas cinco ocasiões – outros membros do comité sentaram-se muitas mais vezes. Pouco depois, apressou-se a publicar um pequeno folheto contendo diagramas que, alegava, revelavam os métodos pelos quais Margery criara os seus fenómenos fraudulentos.

Naquela altura, Harry Houdini era bem conhecido pela sua exposição de médiuns duvidosos. É razoável suspeitar que, desde o início, estava determinado a expor a célebre Margery. O público esperaria que o grande Houdini visse através de tudo, e ele não estava prestes a desiludir. Como o notável investigador Brian Inglis apontou: «Quando Houdini chegou para investigar Margery, já se comprometera a si próprio, pela sua própria admissão, como disse ao editor da *Scientific American*: 'Perderei mil dólares se não a detetar em truque'.»

Numa digressão de palestras pelos Estados Unidos como publicidade antecipada para o seu livro, Houdini denunciara veementemente o Espiritualismo como causa de angústia, loucura e suicídio. Não poderia, nesta fase, recuar. Um amigo mútuo mostrou de facto a Conan Doyle uma carta em que Houdini deixava claro que a sua simples intenção era expor os Crandon.[6] Não surpreendentemente, o seu folheto demonstrava a sua própria mentalidade de egocentricidade e incredulidade. As suas explicações detalhadas ignoravam as condições de controlo sob as quais Margery se sentara.

Tal como muitos que vieram depois dele, Houdini enganou ao transformar fantasia em realidade. Como o notável jornalista Paul Tabori disse: «O conhecimento de Houdini em libertar-se de camisas de forças e algemas era tão grande como a sua ignorância de psíquicos, e a sua mente estava decidida antes de começar».[7]

O grande mágico exemplificou o que recorreria muitas vezes no futuro, quando críticos se envolveram livremente em especulação selvagem e fizeram alegações sem se darem ao trabalho de as justificar.

Certamente desejar-se-ia sempre saber em que bases e em que informação se basearam revisões passadas. Foi isso que me motivou a passar anos a investigar a mediunidade de Margery. Fiquei frequentemente com a impressão inescapável de que os detratores da mediunidade de Margery falharam frequentemente em apreciar o que constitui prova adequada. Como pode a importância disso ser exagerada?

Ela Esteve Lá

Há alguns anos, tive a sorte de corresponder-me com a Sra. Marion Nester,[8] uma filha idosa do Dr. e da Sra. Mark Richardson, que eram amigos dos Crandon. Os pais da Sra. Nester eram participantes regulares nas sessões de Lime Street e apoiantes leais da mediunidade ao longo de toda a sua duração. De facto, o Dr. Richardson foi responsável por inventar e criar a engenhosa «máquina de corte de voz» que estabeleceria as vozes diretas como independentes de Margery.

Estar em comunicação com a Sra. Nester foi, para mim, extremamente significativo e um privilégio, pois proporcionou-me a oportunidade de ouvir diretamente de alguém que fora pessoalmente íntima da mediunidade. Qualquer coisa que me pudesse contar considerava-a de grande valor. As suas opiniões não se baseavam nas recolhidas de escritores anteriores, mas eram inteiramente suas.

A Sra. Nester disse-me que ela e as irmãs tinham crescido com a mediunidade e que testemunharam toda a espécie de fenómenos físicos que hoje só podemos ler. Estiveram lá e viram, em boa luz vermelha, Walter fazer a bola rolar pelo plano inclinado do Sísifo. Ouviram a campainha soar dentro da caixa selada, remota e fora do alcance de Margery. Ouviram a voz de Walter sair de um altifalante enquanto ele falava através de um microfone montado dentro de uma caixa à prova de som trancada na sala de sessões no andar de cima. De facto, foram testemunhas de fenómenos que, segundo a nossa compreensão, não deveriam ter sido possíveis. Mas ocorreram. E a Sra. Nester pôde verificar isto.

Disse-me também que o único tópico de conversa à volta da mesa de jantar dos pais era a mais recente controvérsia a explodir em torno dos Crandon. Investigadores vinham e iam. Embora a maioria aceitasse como genuínos os fenómenos da sala de sessões que acabavam de testemunhar, e até assinassem declarações juradas a seu favor, no dia seguinte tinham

segundas pensamentos e exigiam mais testes. Disse que o pai se referia a eles como «aqueles investigadores malditos» e achava esta situação repetitiva difícil de suportar.

Um investigador, quando desafiado a explicar como um fenómeno particular poderia ter sido produzido fraudulentamente, só conseguiu responder: «Algum pequeno dispositivo, provavelmente». A partir daí, «algum pequeno dispositivo, provavelmente» tornou-se uma frase de ordem entre os apoiantes de Margery. A Sra. Nester apontou que o pai não tinha então o benefício da visão do que o investigador Brian Inglis chamou «dissociação retro-cognitiva» e o investigador D. Scott Rogo referiu como «a síndrome da manhã seguinte».

Hoje, reconhece-se que as pessoas bloqueiam da memória eventos que o seu sistema de crenças não pode aceitar. «Mas», disse a Sra. Nester, «o meu pai só podia atribuí-lo a pura teimosia.»

Em abril de 1985, ela finalmente registou as suas recordações por escrito num artigo intitulado «A Mediunidade de Margery – Eu Estive Lá», publicado na revista americana *Fate Magazine*. Para mim, isto foi de profundo interesse, pois ela era uma das últimas testemunhas sobreviventes das sessões de Lime Street. Conseguia captar o que fora sentar-se com Mina Crandon.

Descrevendo a personalidade de Walter, escreveu:

Ele falava a partir de um ponto no espaço por voz direta, no sentido em que não usava as cordas vocais da médium. Falava ao longo de cada sessão, conversando com os participantes, participando plenamente no que se passava. Ainda quase consigo ouvir a sua voz. Surgia como uma pessoa real. Nunca o considerámos um comunicador suposto. Era simplesmente Walter, o nosso amigo e conselheiro, uma parte integral e funcional do círculo. Não o víamos, mas estava certamente ali na sala. Quase fervilhava com uma personalidade enérgica. Não havia nada de assustador em Walter Stinson.

Embora o artigo da Sra. Nester incluísse muitos outros pontos importantes, um dos mais salientes era uma citação da excecional médium irlandesa Eileen Garrett, fundadora da Parapsychology Foundation na América, que aparentemente dissera um dia que «“os melhores amigos de Margery eram os seus piores inimigos”».

Marion Nester explicou que «eles» (estes melhores amigos) estavam tão ansiosos por avançar com a mediunidade que realizavam sessões noite

após noite. Num único mês (julho de 1925), houvera 29 sessões. Como a mediunidade física é conhecida por impor uma tensão ao médium, a constituição de Margery devia estar sob enorme pressão. Ser amarrada e mantida imóvel com fita cirúrgica grossa[9] em salas extremamente quentes (antes da existência de ar condicionado) devia ter sido terrivelmente desconfortável para Margery, segundo a Sra. Nester. Mas ela apontou que Margery fora geralmente agradável e complacente.

Mais Factos Inconvenientes!

Desde o início da mediunidade no início dos anos 1920 até à morte prematura de Margery em novembro de 1941, manifestaram-se muitos fenómenos de sala de sessões persistentes e inexplicáveis. Além dos já mencionados, um dos mais espantosos, do qual existe registo fotográfico, ocorreu a 13 de novembro de 1931 na sala de sessões de Lime Street trancada, revistada e selada. Os presentes eram a médium, um fotógrafo e um investigador. O evento foi subsequentemente relatado nos *Proceedings of the American Society for Psychical Research* e cito:

Estamos a mostrar, como exemplo de desenvolvimento teleplásmico (ectoplásmico), um braço e mão bem formados ampliados a partir de uma secção de uma fotografia com flash tirada em Lime Street. De facto, está tão bem formado que alguns críticos alegam que pertence a uma pessoa viva. «… Esta mão, de que acabámos de falar, foi materializada sob as condições de controlo mais rigorosas.»[10]

A fotografia mostra o investigador a segurar as mãos da médium nas suas enquanto ela está à plena vista em frente do seu gabinete. Um braço e mão masculinos, claramente visíveis, sai através das cortinas do gabinete e são vistos a segurar um pequeno banco a uma altura de aproximadamente 1,5 metros, o qual, segundo nos dizem, acabara de apanhar do chão.

Se não estamos preparados para aceitar o relatório publicado destes dois profissionais, resta apenas uma outra explicação: a mão pertencia a um terceiro homem, de pé fora de vista atrás das cortinas. Nesse caso, ambos os investigadores estariam a mentir. Se devemos acreditar nisso, então temos de nos perguntar quanto ao motivo. O cético confirmado, claro, tomaria a única rota de escape restante, criando uma história quase risível: devia haver uma ligação romântica entre Margery e o investigador e Margery e o fotógrafo. Ambos os homens teriam conhecimento da relação

íntima clandestina um do outro com ela e teriam sido cúmplices numa conspiração para «encobrir» o que sabiam ser fraude. Claro que tal explicação conveniente e sumária poderia ser lançada contra qualquer investigador masculino que chegasse a conclusões a seu favor. Acreditem ou não, esta explicação foi, e ainda é, avançada por críticos. O que acham? Será possível que esta proposição pudesse ter sido desonesta?

Um fenómeno extraordinário adicional, que desafiou qualquer explicação normal, envolveu o entrelaçamento de anéis[11] cada um feito de dois tipos diferentes de madeira. Os experimentadores, antes do início de uma sessão, colocariam ambos os anéis numa mesa em frente de Margery apenas para descobrir, no final, que Walter os entrelaçara. Por vezes, o entrelaçamento era feito durante uma sessão e disponibilizado para exame próximo. Depois, momentos mais tarde, seriam separados novamente. Este era um fenómeno bem documentado que ocorreu em várias ocasiões.

Infelizmente, em todos os casos, o entrelaçamento não sobrevivia por muito tempo. Após um período de semanas (ou meses, no máximo), aparecia uma fenda num deles, destruindo assim para sempre prova duradoura da sua paranormalidade. Parece que a sua estrutura molecular era instável. Isto levou William H. Button, um advogado famoso que se sentara com Margery, a propor a teoria de que alguma espécie de «lei da frustração» estava em ação para negar e remover qualquer vestígio de prova física permanente. «Walter deu-nos prova vezes sem conta de que esta prova final é possível, mas depois algo acontece sempre para a tirar», disse ele.[12]

Ao apresentar estes muitos elementos positivos da mediunidade, poderia argumentar-se que, ao ignorar o negativo, fui tão culpado como os críticos; que fiz o que repetidamente os acusei de fazer. Tentei autenticar e estabelecer uma conclusão selecionando e apresentando provas cuidadosamente. Mas, se o fiz, espero, pelo menos, ter mostrado que Margery pode ter sido descartada demasiado prontamente? Acredito que estes são os factos que precisam de ser apresentados, dada a visão aceite atualmente de que era uma fraude. Com base na minha investigação, sinto-me compelido a contrariar esse argumento prevalecente.

No entanto, no próximo capítulo, serei mais equilibrado ao introduzir os leitores na questão das alegadas impressões digitais espirituais. Estas lançam sérias dúvidas sobre todos os fenómenos de Lime Street e, aos

olhos de muitos, removeram, talvez para sempre, todo o vestígio de confiança na mediunidade de Margery.

---

[1] Este era o nome dado à médium pelo investigador J. Malcolm Bird durante a primeira investigação académica da mediunidade, a fim de proteger a identidade dos Crandon. A partir daí, e ao longo do resto da sua carreira, foi sempre referida como «Margery». [2] Margery – 1973 – Thomas Tietze. (Harper & Row) [3] Margery – 1973 – Thomas Tietze. (Harper & Row) [4] Science and Parascience – 1984 – Brian Inglis (Hodder and Stoughton) [5] Os leitores podem estar interessados em ler o chamado Relatório Tillyard no próximo capítulo, pois pode ajudar a substanciar este argumento. [6] Science and Parascience – 1984 (Hodder and Stoughton) [7] Companions of the Unseen – 1968 (H.A.Humphrey Ltd – London) [8] De 1967 até à sua reforma em 1983, Marion Nester foi membro da equipa da ASPR – diretora de educação e editora do seu boletim informativo. [9] Para fins das sessões de teste, os braços e tornozelos de Margery seriam presos à cadeira por meio de fita cirúrgica grossa, tornando-a assim imóvel. [10] Proceedings A.S.P.R. 1926-1927. Volume 3. The Margery Mediumship. (1933) [11] Há alguns anos, no meu próprio círculo, Walter retomou a experiência envolvendo o entrelaçamento de anéis, desta vez usando abraçadeiras de plástico em loop. [12] My Greatest Story por Hannen Swaffer. Psychic Book Club, Vol. II, p. 209

CAPÍTULO 5
A Denúncia Final

Embora a fraude fosse ocasionalmente suspeita nas sessões de Lime Street, não foi até 9 de março de 1932 que foi feita uma alegação séria. E. E. Dudley, um investigador líder e oficial da SPR, descobriu que algumas das alegadas impressões digitais espirituais feitas em sessões ao longo de vários anos e reclamadas por Walter como pertencentes a ele eram idênticas às do dentista de Margery.[1] Ele estava, na altura, muito vivo.

Compreensivelmente, esta foi uma revelação condenatória – um golpe mortal que levaria à queda da mediunidade, da qual nunca se recuperaria. Tudo o que acontecera antes – as experiências cuidadosamente controladas conduzidas ao longo de todos os anos anteriores – acabaria, no final, por não valer nada. Apesar das tentativas enérgicas do Dr. Crandon para fornecer uma explicação convincente para contrariar a revelação esmagadora, a credibilidade de Margery foi perdida.

Como foi corretamente apontado na altura, muitas pessoas tinham sido condenadas por crimes graves com base em muito menos prova de impressões digitais do que esta e, portanto, as tentativas do doutor para reabilitar a mediunidade provaram-se fúteis. Impressões digitais suspeitas de furtivas, como no caso de George Valiantine, marcaram o fim de toda a investigação séria em Lime Street. Os sonhos do Dr. Crandon de estabelecer cientificamente a autenticidade da mediunidade da esposa nunca se realizariam.

Embora uma assunção de fraude flagrante pareça inescapável, exorto grande cautela. Pois, se as impressões foram produto de fraude, como equacionamos isto com o aspeto fenomenal da mediunidade para o qual existe uma plêiade de provas? Em vez de ignorar tudo isso, um crítico mais equitativo poderia perguntar sobre as condições de controlo que vigoravam na altura da produção das impressões.[2] O Dr. Crandon estava geralmente presente nas sessões da esposa. Portanto, se as impressões tivessem sido produzidas fraudulentamente, a assunção seria que ele poderia ter sido cúmplice na sua criação. No entanto, o facto é que ocasionalmente eram obtidas em chamadas «sessões solus», quando a médium se sentava sozinha com um único investigador.

Em 1928, o Dr. Robin J. Tillyard, M.A., Sc.D., F.R.S., na altura Entomologista-Chefe da Commonwealth da Austrália, a caminho da Nova

Zelândia para Inglaterra, parou em Boston para se sentar com Margery. Ficou tão impressionado com o que testemunhou que, ao chegar a Inglaterra, arranjou uma reunião com o mundialmente renomado físico Sir Oliver Lodge, que ele próprio estava profundamente envolvido em investigação psíquica. Como resultado dessa reunião, Lodge escreveu ao Dr. Crandon o seguinte:

Caro Dr. Crandon,

Ouvi de Tillyard que ele regressa à Nova Zelândia via América. Ele está, creio, a escrever sobre as suas experiências com «Margery» na *Nature*. Se o artigo for admitido, será um passo importante para desafiar a atenção do mundo científico.[3] Ele tem a ideia de que diminuiria as oportunidades para acusações se lhe fosse permitida uma sessão solitária com «Margery» numa sala arranjada por ele próprio, claro com a sua aprovação; e pensa que, se obtivesse resultados sob essas condições, os céticos seriam reduzidos a acusá-lo de conluio – o que, considerando a sua posição como homem científico, seria absurdo. Sei que ele está impressionado com «Margery» e pode ter confiança de que a trataria justamente. …

Não é um privilégio que recomendaria conceder a demasiadas pessoas, embora, se fosse viável, eu próprio o valorizasse. Confio que ela mantém boa saúde e que nenhum de vós foi incomodado com controvérsias recentes.

Atenciosamente,
Oliver Lodge.

O Dr. Crandon respondeu favoravelmente à carta e concordou com o pedido de Lodge. A sessão solus de Tillyard teve lugar a 10 de agosto de 1928. Em julho de 1931, a carta, juntamente com um relato extenso e detalhado da sessão e das condições em que foi realizada, foram publicados no *Journal of the British College of Psychic Science*.[4]

O local selecionado por Tillyard pertencia a um especialista em olhos que identificou meramente como Dr. X, que se certificou de que a sala a ser usada para a experiência fora «fechada» horas antes e ninguém fora autorizado a entrar. Sabendo da importância da sessão, o Dr. Tillyard procurou a assistência de E. E. Dudley, que era oficial da American Society for Psychical Research. Caberia a ele tomar conta do equipamento de

sessão, incluindo a engenhosa «máquina de corte de voz»[5] instalada para provar que a voz de Walter era absolutamente independente de Margery. Adicionalmente, Dudley tinha posse exclusiva das roupas de sessão de Margery, que revistou exaustivamente para estabelecer que nada estava escondido nelas. Preparou também a cera especial na qual se esperava que Walter deixasse as suas impressões digitais.

Os Crandon foram conduzidos aos aposentos do Dr. X e, à chegada, Margery foi levada por uma enfermeira para uma sala traseira, despida, revistada exaustivamente (incluindo na boca e no cabelo) e vestida com as suas roupas de sessão. Mais tarde, a enfermeira forneceu uma declaração escrita confirmando todos os detalhes da revista. O Dr. X revistou então exaustivamente Tillyard para que os críticos não pudessem mais tarde alegar conluio caso a sessão se provasse bem-sucedida. Dudley e Tillyard entraram então na sala de sessões e arranjaram uma pequena mesa de madeira imediatamente em frente da cadeira de madeira em que a médium se sentaria. Uma segunda cadeira foi colocada ao lado da cadeira de Margery para Tillyard.

As duas taças que seriam usadas na experiência de impressões digitais[6] foram então colocadas na mesa e Dudley instalou a «máquina de corte de voz» numa mesa adicional. Ambas as mesas e cadeiras foram examinadas de perto e confirmou-se que não continham gavetas ou ocos que poderiam ter sido usados para fins de ocultação. A enfermeira trouxe então Margery para a sala e relatou uma revista negativa da sua pessoa, e depois retirou-se com Dudley, deixando Tillyard e a médium sozinhos. A porta foi fechada e trancada. Margery fora fixada na sua cadeira por meio de fita cirúrgica à volta dos pulsos nus e à volta dos tornozelos, prendendo-a efetivamente ao assento. Uma grossa marca de lápis azul foi desenhada através das ligaduras e continuada na pele para que fosse impossível remover as mãos ou os pés das restrições sem que as linhas de lápis mostrassem mais tarde que o fizera.

O Dr. Crandon, o Dr. X, a enfermeira e E. E. Dudley esperavam do lado de fora. Lá dentro, a médium severamente restrita sentava-se com Robin Tillyard a segurar-lhe as mãos por medida de segurança.

Mais tarde, o Dr. Tillyard relatou que, após as luzes serem apagadas, notou que feixes de luz entravam na sala apesar das persianas descidas. Esforços para retificar a situação foram infrutíferos, de modo que nunca esteve realmente escuro. Conseguia ver vários objetos de forma ténue ao

longo de toda a sessão. Isto, claro, é um ponto importante. Não haveria forma de Margery saber com certeza quanto o doutor conseguia realmente ver. Obviamente, sob tais circunstâncias, teria sido extremamente imprudente da parte dela tentar agir fraudulentamente.

O relatório de Tillyard afirmava que Walter o saudou rapidamente em voz direta e continuou a falar clara e alto ao longo da sessão, com animação. Emitiu instruções quanto à taça com água quente na qual a cera seria colocada para amolecê-la, e quanto à outra com água fria para a qual a cera seria transferida para fixar a impressão. Todo este procedimento, como sempre, seria conduzido por Walter. O doutor ouviu enquanto a água era agitada e salpicada, com Walter a brincar num ponto de que estava tão quente que acabara de escaldar a mão. Embora haja muito mais detalhe no relatório, o resultado mais importante é que as impressões digitais foram obtidas com sucesso.

Mais tarde, com a «máquina de corte de voz» ativada[7] e com a médium acordada e a participar, Walter disse ao doutor: «Bem, aqui estou, o que quer que eu diga?» Tillyard, apanhado de surpresa, respondeu: «Diga o que quiser, Walter» e ele assim o fez com aparente facilidade.

No final da sessão, que durou quarenta minutos, a luz vermelha foi aumentada, a porta destrancada e os outros regressaram. Notou-se que não houvera qualquer alteração nas marcas de lápis azul e a fita de ligação só pôde ser removida com dificuldade, pois o tempo quente fizera a cola derreter, de modo que a fita aderiu firmemente à pele de Margery. O relatório de Tillyard concluiu com a menção ao facto de que, ao regressar com os Crandon a 10 Lime Street, o Victrola[8] no patamar do primeiro andar começara a tocar antes de qualquer um deles ter passado para além do vestíbulo de entrada. Embora a máquina fosse mantida trancada, isto fora uma ocorrência frequente que inquietava os visitantes. Walter alegava sempre com deleite que era responsável.

No dia seguinte, Robin Tillyard escreveu a Sir Oliver Lodge:[9]

Meu Caro Lodge,

A sessão solus de Tillyard teve lugar na noite passada, entre as 21h e as 22h, num tempo abafado, não adequado para bom trabalho de sessão, com uma tempestade a formar-se que rebentou pouco após o nosso regresso a casa. Foi de longe a sessão mais maravilhosa a que alguma vez assisti, e no que me diz respeito agora não me preocuparia se nunca mais tivesse

outra sessão na vida. O Dr. Crandon não impôs condições e colocou Margery incondicionalmente nas minhas mãos. Penso que os arranjos que fizemos foram cientificamente severos e ao mesmo tempo registaram o resultado mais maravilhoso em toda a história da investigação psíquica. Estou a enviar-lhe o meu relatório completo desta sessão … Anexarei à narrativa publicada a declaração do Dr. X quanto à revista que fez a mim próprio e à Sr.ª Y (a enfermeira) e a declaração dela sobre as suas duas revistas a Margery. … Parece-me completamente impossível encontrar uma única falha neste resultado maravilhoso.

Se a Ciência, sob as suas limitações atuais, pode alguma vez esperar oferecer qualquer explicação, filosófica ou outra, destes fenómenos extraordinários, duvido muito. Mas o meu objetivo é registar cientificamente que eles ocorrem, que são parte dos fenómenos da Natureza, e que a Ciência, que é a busca pela Verdade e pelo Conhecimento, só os pode ignorar com o perigo mortal da sua própria existência futura como força orientadora para o mundo.

Esta sessão é, para mim, o ponto culminante de toda a minha investigação psíquica … Para si, meu muito caro amigo, que nunca viu nada parecido com isto, só posso pedir que o senhor e toda a sua família aceitem a minha declaração como verdade absoluta …

Quanto a Margery e ao marido, nem um homem em dez mil poderia ter entregue a esposa com tanta confiança a um estranho comparativo como o Dr. Crandon fez na noite passada, e nem uma mulher em dez mil poderia ter enfrentado tal situação com coragem, como Margery fez. O privilégio que me concederam considerá-lo-ei sempre um dos maiores eventos da minha vida, e eles estão agora ligados a mim por laços espirituais que nunca podem ser quebrados e que, estou plenamente persuadido, durarão para além daquela vida maravilhosa da qual a morte é apenas a porta de entrada.

O seu amigo afetuoso
(Assinado) Robin Tillyard.

P.S. Não devo omitir prestar tributo a Walter – o melhor «fantasma» que conheço.

Tillyard não mandou analisar ou identificar as impressões digitais, tanto quanto consigo determinar. No entanto, alguns anos mais tarde, Walter criaria impressões digitais pertencentes a uma pessoa viva

escolhida, sob condições semelhantes, que foram subsequentemente identificadas por um perito da Scotland Yard.

Walter anunciou numa sessão em junho de 1931 que planeava produzir impressões de alguém vivo sem o conhecimento dessa pessoa. Numa série de quatro sessões começando a 13 de julho de 1931, produziu dezanove impressões de polegar direito e esquerdo em cera Kerr que declarou serem nada menos do que as de Sir Oliver Lodge. Na altura, Lodge estava a 3000 milhas de distância em Inglaterra e não tinha ideia de que isto acontecera. Walter alegou que obtivera as impressões de Lodge enquanto Lodge dormia profundamente durante o horário das sessões noturnas em Boston.

Estas experiências foram sob o controlo estrito do engenheiro e investigador Brackett K. Thorogood, que as documentou num relatório detalhado com muitas fotografias das impressões. Em todos os momentos, controlou a cera que nunca saíra da sua posse exceto durante as sessões. Ninguém mais sabia de antemão que isto fora planeado com Walter exceto um associado de confiança. O Dr. Crandon não estava na sala, e numa sessão, Thorogood foi a única pessoa presente com Margery, cujas mãos foram seguradas ao longo de tudo.

Thorogood concluiu o seu relatório:

Parece que as provas apresentadas por estas experiências (nas quais impressões digitais tridimensionais com um padrão definitivo foram produzidas num meio plástico), quando vistas em conjunto com a experiência ganha ao conduzir muitas experiências, com as precauções tomadas e o cuidado técnico observado, parecem apoiar a contention de que o fenómeno de produzir estas impressões, através ou com a ajuda da médium «Margery», é sobrenormal.[10]

Um Enigma Enigmático

Leitores, nesta fase, podem encontrar-se confusos. Temos agora condições de sala de sessões aparentemente impecáveis com controlos estritos que vão longe na autenticação da paranormalidade de algumas das impressões digitais. Isto, no entanto, tem de ser equilibrado contra o facto de que algumas, como previamente afirmado, foram mais tarde descobertas como idênticas às do dentista de Margery, que fora quem originalmente

sugerira o uso de cera Kerr para obter impressões paranormais. As impressões dele não deveriam estar nessa cera, mas estavam.

Esta anomalia tem de ser uma das mais desconcertantes alguma vez surgidas na história da mediunidade física bem documentada. Este enigma tem agora fervilhado sem abrandar durante noventa anos, e duvido que alguma vez seja resolvido. Nos anos desde a morte de Margery, tudo isto foi transformado numa espécie de novela. De facto, o seu fascínio duradouro é tal que, em setembro de 1989, a BBC transmitiu uma produção dramática intitulada «The Witch on Beacon Hill» na Radio 4. Como é típico, provou ser altamente especulativa e dramatizada. Contou a história dos supostos eventos em torno do encontro de Margery e Harry Houdini e da sua interação subsequente. Devia pouco à precisão e muito à fantasia.

E em tempos recentes, embora ela própria nunca os tivesse conhecido, uma neta dos Crandon entrou na contenda, para deleite dos críticos, adicionando a sua própria perspetiva negativa. Investigadores continuam de tempos a tempos a oferecer o seu viés sobre o que agora deteriorou em grande parte em disparate.

Mas isso à parte, parece não haver explicação para contrariar a proposição de que as impressões do dentista foram produto de fraude, pura e simples. Críticos teorizaram há muito que um molde artificial tridimensional (um dedal) pode ter sido usado. Quando pressionado em cera mole, à maneira de um carimbo de borracha, isto criaria as impressões. Perguntamo-nos, claro, quão difícil seria criar tal molde? Se, no entanto, aceitarmos esta explicação, isso levanta a questão de porquê (assumindo que o Dr. Crandon o criara) ele não escolheu reproduzir as impressões de alguém totalmente desconectado da mediunidade da esposa? Ao fazê-lo, teria evitado habilmente qualquer possibilidade futura de que a identidade real do doador inadvertido alguma vez fosse descoberta. Uma mente inventiva e astuta poderia certamente obter tais impressões.

Em 1994, numa reunião do nosso círculo caseiro, Walter foi convidado a comentar o affair na esperança de que pudesse lançar luz sobre o assunto. Era uma oportunidade para ele responder aos críticos, e então talvez a mancha escura associada à mediunidade da irmã fosse finalmente removida. Essa era a minha esperança. Mas não apreciei que simplesmente não havia respostas fáceis que, de um golpe, varressem o mistério.

Embora, como sempre, relutante em discutir o passado, nessa ocasião Walter não se esquivou a fazê-lo. Falou ao círculo com paixão e com

evidente candura. Começou avisando-nos que «qualquer coisa» que escolhesse dizer levaria inevitavelmente apenas a mais controvérsia. Não tinha dúvida de que seria até duvidado que ele era quem alegava ser. Além disso, falaria de acordo com as suas próprias recordações. Qualquer coisa que dissesse seria inevitavelmente examinada minuciosamente, e qualquer discrepância do registo histórico seria notada, criando mais argumentos. Portanto, a situação não seria resolvida de todo, mas apenas mais complicada, e o círculo caseiro sentiria inevitavelmente os efeitos. Isto poderia interferir grosseiramente com o seu desenvolvimento ulterior. Walter lembrou-nos que aprendera com os dias de Lime Street e não tinha intenção de repetir os seus erros passados. Tudo isto acredito ser incontestavelmente verdadeiro, e por todas essas razões hesitei consideravelmente antes de tomar a decisão de revelar o seguinte.

Primeiro, insistiu que originalmente as impressões digitais tinham sido genuínas. Mais tarde, o cunhado Dr. Crandon criara um molde como «salvaguarda» para uso durante testes cruciais (quando ele estava presente e não controlado) se houvesse energia psíquica insuficiente para permitir impressões paranormais. Embora sem dúvida a verdade, esta admissão de Walter era algo inútil. As impressões, falsas ou genuínas, eram idênticas e um duplicado das do dentista vivo. Mas, tendo feito a declaração, continuou a manter firmemente que a irmã nada sabia sobre o molde.

Claro, seria simples concluir que tal ato lamentável pelo doutor era inexcusável. Mas então, ele evidentemente não era um paradigma de virtude e, como todos nós, tinha as suas fraquezas. Fomos informados de que, ao longo de um período de anos, tendo tentado sem sucesso estabelecer a mediunidade cientificamente, ele finalmente se sentira justificado em criar o molde – seria uma espécie de apólice de seguro, como se o fim justificasse os meios. Sob o stress sustentado e a pressão implacável que estava tão frequentemente presente nas chamadas «sessões de teste», talvez possamos compreender e não condenar.

Quando, nessa noite, perguntámos a Walter se ele soubera na altura desta ocasional deceção e portanto fora cúmplice, respondeu que sim. Se isso for verdade, e insistiu que era, pode-se perguntar como um «guia espiritual» poderia falhar em objetar a tais ações fraudulentas. Os leitores podem considerar tal perspetiva impensável. Mas estamos a lidar aqui com uma matéria complexa envolvendo a natureza humana e a fraqueza humana básica.

Pode perguntar-se, porquê, se o doutor falsificara as impressões posteriores, Walter escolhera não o expor! Deveria ter deixado o proverbial gato sair do saco? Bem – talvez devesse ter feito isso, mas então, pode algum de nós dizer com certeza que, se confrontado com tal situação, teríamos agido de forma diferente? Teríamos escolhido revelar a farsa, ou teríamos nós também encoberto escolhendo fazer vista grossa?

Este é um ponto discutível. O que podemos dizer, com base na admissão de Walter, é que no final cometeu um erro de julgamento sem dúvida justificado na sua própria mente com base em sentimentos de lealdade, compaixão e bondade mal colocada. As implicações de uma exposição podem ter sido demasiado terríveis para contemplar. Qualquer que seja a explicação, o facto, segundo ele, é que durante muito tempo todos os envolvidos acreditaram que as impressões digitais eram genuínas e na sua maioria eram. Todos estes anos mais tarde, Walter ainda é incapaz de explicar o facto de que, para além de qualquer dúvida razoável, aquelas que ele sabia serem paranormais foram eventualmente descobertas como idênticas às da irmã do dentista. É tanto um mistério para ele hoje como era então.

No entanto, só podemos maravilhar-nos com a desonestidade do Dr. Crandon e especular. Foi uma simples questão de ambição feroz que não permitiria um único falhanço? Nunca saberemos. E se colocássemos a pior interpretação possível sobre aquelas impressões – se concordássemos com os céticos e concluíssemos que eram todas produto de fraude, então o que restaria seria ainda um mistério irresolúvel. Como explicaríamos então os fenómenos que persistiram durante vários anos como delineados anteriormente neste e no capítulo anterior? Ignorá-los – fazer pouco deles – varrê-los para debaixo do tapete – argumentar e inferir que, uma vez que fraude foi estabelecida numa direção, provavelmente explicava tudo – seria seguramente um insulto à justiça e à razão!

Omnipotente ou Humano?

Desde o nascimento do Espiritualismo moderno, tem sido geralmente assumido pelos espiritualistas que guias espirituais, trabalhadores e ajudantes do mundo seguinte são santos e portanto incapazes de erro. A perspetiva de que poderiam realizar um ato incongruente seria impensável. A comunicação deles é invariavelmente vista como sacrossanta. A verdade,

no entanto, é algo diferente. Deve reconhecer-se que comunicar com o mundo espiritual é comungar com «seres humanos» e não com omnipotentes.

O meu próprio conhecimento íntimo de, e contacto com Walter Stinson, e a minha longa avaliação de todos os factos relevantes, levaram-me à firme convicção de que nem a irmã nem os seus muitos apoiantes compreenderam plenamente as provas aparentemente condenatórias que foram, na altura, lançadas contra a autenticidade das impressões digitais. De facto, compreendemos pouco mais do que os fundamentos da mediunidade física, se tanto. Devemos lembrar que, neste empreendimento, dois mais dois nem sempre igualam quatro. Isto não é uma desculpa, é simplesmente a realidade tal como se aplica a algo que não compreendemos. Apenas a arrogância sugeriria o contrário.

Muitos anos de envolvimento pessoal no movimento do Espiritualismo, tanto dentro como fora da sala de sessões, convenceram-me de que a única diferença entre nós e aqueles que nos falam após passar pelos portões da morte é que eles estão um pouco mais adiante no caminho da vida. Portanto, a sua perspetiva em todas as coisas é um pouco mais ampla. Como Walter disse tantas vezes: «Ainda somos muito parte da raça humana.» Como tal, oferecem as suas opiniões e «a verdade» como a veem – expressa de acordo com o seu conhecimento ganho dos seus arredores – a sua realidade. Não são omniscientes – têm as suas próprias limitações. Com poucas exceções, não são almas altamente evoluídas ou avançadas, mas meras pessoas muito parecidas connosco, mas que estão no próximo estágio da vida. Por causa disso, podem ver um «quadro maior» – e são capazes de por vezes manifestar fenómenos físicos extraordinários em conexão com a mediunidade física – mas é tudo.

E, quanto à questão das impressões digitais, porquê as de Walter e as do dentista provaram ser (para além de dúvida razoável) as mesmas, e porquê Valiantine estava tão certo de que não produzira uma do seu dedo médio, o que seria além da razão – duvido que alguma vez saibamos. E, em comum connosco, o mundo espiritual pode não ter mais ideia de como explicar o enigma do que nós próprios. Com o nosso conhecimento limitado atual do mundo em que vivemos, talvez não possamos, ainda, esperar por uma solução. É um pensamento sóbrio!

A Última Palavra

Ao longo deste e do capítulo anterior, tentei mostrar que a única Mina (Margery) Crandon merece melhor do que a posteridade lhe conferiu de forma ingrata. Os leitores podem, claro, considerar que ao longo de tudo tentei defender o indefensável e/ou que tentei fazer um caso para a justificação da fraude. Alguns podem acreditar que a minha defesa era inevitável, pois a legitimidade da minha própria mediunidade repousa em grande parte na personalidade de Walter tal como se manifesta hoje. O cético eterno acreditará em todas estas coisas. Se os leitores concordarem com eles, então sentiria uma sensação de deceção.

No entanto, espero que, pelo menos, leitores imparciais possam conceder que «tentei pensar fora da caixa da limitação» e que procurei introduzir argumentos que merecem consideração séria. Se assim for, então não posso pedir mais nada. E assim, fico feliz em concluir dando a última palavra a Marian Nester.

A minha justificação para fazê-lo repousa no facto de que ela esteve lá. Por essa razão, as suas conclusões sobre aqueles eventos de há muito merecem ser ouvidas. Esta é então a sua mensagem a todos os que ponderaram, especularam, pontificaram, debateram, argumentaram e maravilharam-se sobre «Margery, a Médium»:

Publicado originalmente na *Fate Magazine* (EUA) Do artigo «A Mediunidade de Margery – Eu Estive Lá.» Marion Nester

Hoje em dia, ao olhar para trás para a mediunidade de Margery, é a minha opinião que o caso produziu de facto muitos fenómenos psíquicos válidos, especialmente psicocinese. Esta avaliação ponderada baseia-se não só nas minhas experiências iniciais, mas nos meus muitos anos de contacto profissional na American Society for Psychical Research e noutros locais, com o pensamento contemporâneo e a investigação moderna sobre mediunidade e a questão da sobrevivência. Ao ler os volumosos registos no local (as atas de centenas de sessões de Margery de 1923 a 1937), parece claro que experiências impressionantes à prova de fraude estavam a ser realizadas por pessoas conhecedoras e honestas.

Por exemplo, o entrelaçamento paranormal dos anéis de madeira foi espetacular e nunca foi explicado. Alguma força poderosa estava em ação. Brigas e turbulência certamente atormentaram a mediunidade de Margery.

Penso que talvez fossem inevitáveis, dadas as amplas diferenças de personalidade, abordagem e mesmo sistemas de crenças fundamentais entre os muitos indivíduos de mente forte que participaram nas investigações. Mas sinto fortemente que as brigas não devem ofuscar as conquistas. Margery não deve ser sumariamente descartada, como muitas vezes parece acontecer hoje em dia.

Há muito nos registos para mostrar o quanto o caso tinha para oferecer e quão importante Margery é na história da investigação psíquica.

---

[1] O dentista dos Crandon sugerira o uso de um composto dentário conhecido como «Cera Kerr» para que as impressões fossem feitas. Submersão numa taça de água quente colocada numa mesa em frente de Margery tornava-a maleável. Uma vez feita uma impressão «paranormal», era fixada submergindo então o composto numa taça de água fria. O dentista foi, no entanto, exonerado de qualquer cumplicidade no affair.

[2] A revista científica Nature publicou o seu artigo «Evidence of Survival of a Human Personality», 122, pp. 243–246, 18 de agosto de 1928.

[3] Essa questão foi colocada a 11 de novembro de 1976 durante uma palestra apresentada numa reunião da SPR pela eminente conselheira de longa data e então vice-presidente da Sociedade, Mary Rose Barrington.

[4] Psychic Science: The Quarterly Transactions of the British College of Psychic Science. (Julho de 1931)

[5] Ver notas de rodapé 6 e 7.

[6] Os leitores que desejem aprender detalhes sobre a Máquina de Corte de Voz e sobre o método de obter impressões digitais de sessão em cera devem consultar documentos originais, dos quais há um grande número. Considerei desnecessário incluir tais detalhes nesta narrativa.

[7] Idem.

[8] Um tipo inicial de gramofone.

[9] Psychic Science: The Quarterly Transactions of the British College of Psychic Science. (Julho de 1931)

[10] «The "Margery" Mediumship», reimpresso do Journal of the American Society for Psychical Research, «The Sir Oliver Lodge Finger Impressions» por Brackett K. Thorogood, março de 1932

CAPÍTULO 6
Alguns Pensamentos Finais

Desde 2010, quando *o Uma Jornada Extraordinária* foi publicado pela primeira vez, a minha jornada continuou para a frente. Eventos interessantes e experiências maravilhosas desenvolveram-se para mim e para o meu círculo desde então, e isso é parcialmente por que reli, retrabalhei e atualizei cuidadosamente o livro. Mas – isso à parte – deixarei principalmente este, o meu capítulo final, em grande parte inalterado do «posfácio» original, pois é altamente relevante e não mudou com a passagem do tempo.

Há uma questão final que quero abordar, que pode estar na mente de alguns leitores. Nunca recusei permitir que investigadores credenciados entrassem na minha sala de sessões como observadores da minha mediunidade. No entanto, estou ciente de que há muitos indivíduos e organizações interessados que há muito questionam por que sempre recusei permitir que a minha mediunidade fosse testada cientificamente. Sem dúvida, assumem e talvez impliquem que, ao recusar cooperar com tais investigações microscópicas, posso ter algo a esconder.

Tais defensores insistem que, ao comprometer-me com tais testes, conduzidos por investigadores alegadamente «simpáticos», prestaria um grande serviço ao movimento do Espiritualismo – de facto, a toda a humanidade. Sou ainda assegurado de que tal investigação faria uso de tecnologia não invasiva, perfeitamente segura. Portanto, de um golpe, a minha mediunidade seria autenticada (ou não). Essa é a teoria.

Infelizmente, a realidade seria, na minha opinião, inteiramente diferente. Sem desejar ofender ninguém, sugeriria que tal visão, embora sem dúvida perfeitamente sincera, se baseia em grande parte numa premissa falsa ou numa ignorância inocente.

No Capítulo 5 da Parte Um, toquei no uso de equipamento infravermelho na sala de sessões e delineei as minhas razões para resistir a ele. Expressei também os meus pensamentos sobre o exame científico da mediunidade física em geral. Embora seria inútil repetir esses argumentos, devo enfatizar mais uma vez que qualquer investigação, na minha opinião cuidadosamente ponderada, acabaria por não levar a lado nenhum.

Para clarificar isso, refiro-me mais uma vez ao facto histórico, que seria tolice ignorar. Isto diz-nos que virtualmente todos os médiuns físicos

conhecidos na história cooperaram em algum momento com a investigação psíquica organizada. Sempre lhes foi dada a garantia de que as investigações seriam justas, de mente aberta e simpáticas. No entanto – quase sem exceção – todos os estudos terminaram da mesma forma: exposição (em alguns casos justificada), alegações de fraude ou suspeitas de fraude. Nos casos em que a mediunidade parecia genuína – como mostrado por relatórios de investigadores peritos como os que descrevi em capítulos anteriores –, os testes eram geralmente considerados inconclusivos ou contrariados por uma segunda experiência conduzida por um investigador diferente.

Mas isso é apenas uma parte. Investigadores não envolvidos nas investigações raramente estavam preparados para aceitar descobertas positivas. Habitualmente, procuravam as brechas que suspeitavam terem permitido ao médium sob investigação produzir, por meios normais, fenómenos falsos. Isto levava então a uma exigência de mais testes, e depois ainda mais testes, com os médiuns constantemente sob pressão e numa situação de «não vitória».

Naturalmente, esperar-se-ia que relatórios favoráveis de investigadores com credenciais impecáveis fossem recebidos com respeito e aprovação. Infelizmente, a história mostra-nos que não foi assim. Invariavelmente, tais relatórios eram questionados e duvidados, e em alguns casos incitavam ridículo. Nunca nada foi conclusivamente provado para satisfação do mundo científico maior.

Os últimos cento e cinquenta anos de investigação na mediunidade física estão repletos de exemplos disto, envolvendo alguns dos médiuns espiritualistas mais célebres da história. De Eusapia Palladino a Eva «C»; de Margery Crandon a Helen Duncan; todos cooperaram com cientistas e investigadores, e todos encontraram o mesmo destino. Pelos seus esforços, ficaram para sempre rodeados de suspeita e dúvida.

Muitas vezes perguntei-me como a mediunidade deles poderia ter-se desenvolvido se tivessem escolhido sentar-se exclusivamente em círculos compostos por espiritualistas harmoniosos, livres da pressão para atuar e longe da atmosfera clínica fria que acompanhava tal escrutínio. Só podemos especular quanto aos fenómenos que poderiam ter-se desenvolvido. Infelizmente, isto nunca saberemos.

Hoje em dia, pode argumentar-se que a tecnologia moderna, que não estava disponível para os investigadores de outrora, poderia provar ser uma

panaceia. Embora possa parecer assim – que agora temos um «remédio para tudo» –, infelizmente não é. Seria um erro acreditar o contrário. Na pior das hipóteses, o uso de tal tecnologia na sala de sessões poria em movimento dúvida levando a disputa feroz e controvérsia, e não provaria a realidade da sobrevivência e comunicação. Na melhor das hipóteses, ver-se-ia que a ação paranormal era uma realidade, mas isso seria indubitavelmente explicado como uma função fisiológica anormal possuída por, e dirigida inconscientemente pelo, médium com o apoio dos membros do círculo.

A seguir, a igreja ortodoxa estabelecida envolver-se-ia. Tal como resistiu ao nascimento da ciência moderna, a estrutura de crenças da igreja seria ameaçada até ao cerne por resultados positivos. Sempre se opôs ao Espiritualismo, acreditando que de alguma forma é demoníaco. Entretanto, o desenvolvimento do médium físico e o círculo caseiro sofreriam de todas as formas concebíveis.

A minha posição em relação à minha própria mediunidade é que nunca procurei, nem procurarei, notoriedade nem qualquer forma de estatuto elevado através dela ou por causa dela. Tudo o que desejo – tudo o que sempre desejei – é desempenhar o meu papel em encorajar e inspirar outros a formar os seus próprios círculos para se sentarem no desenvolvimento da mediunidade – mental ou física. O meu propósito mais profundo é permitir que as pessoas testemunhem por si próprias a realidade da sala de sessões e derivem disso a tranquilidade da sobrevivência. Sempre, a minha visão para alcançar ambos foi de mente única. Se isso levou a oportunidades perdidas para ajudar a estabelecer a realidade de uma vida para além deste véu corporal através de alguma espécie de tecnologia, então verdadeiramente lamento. Cada pessoa deve traçar o seu próprio curso através da vida. O meu foi escolhido ao atender à minha voz interior e ao viver em deferência à influência dos «seres brilhantes».

E finalmente, sabendo que médiuns físicos passados foram, durante as suas vidas terrenas e após, acusados de práticas astutas, não tenho a menor dúvida de que, após a minha própria passagem, quando já não estiver aqui para me defender, os céticos e cínicos censurarão similarmente a minha mediunidade. Por essa mesma razão, tomei o tempo para escrever este livro, na esperança de que vá algum caminho para responder a quaisquer acusações que possam construir. Pois contido nestas páginas está tudo o

que desejo, e de facto tudo o que pretendo dizer sobre a minha vida como médium físico.

No final, serão vocês, os leitores; as centenas de pessoas que participaram nas minhas sessões; e ultimamente a posteridade, que me julgarão. A minha esperança singular é que este livro seja aceite por todos os que o lerem como um relato honesto e sem adornos da minha vida como médium físico, a história de «Uma Jornada Extraordinária».

Os Meus Mais Cordiais Cumprimentos, Stewart Alexander

Epílogo
Descobrindo Stewart Alexander

Nunca esquecerei o dia em que terminei de ler a primeira edição de *Uma Viagem Extraordinária*, um livro que mudou a minha vida. Abriu uma porta para um mundo novo, maravilhoso e inexplorado. Passei muitos dias a contemplar e absorver as palavras e mensagens enterradas nesta memória pouco conhecida mas explosiva. Fora jornalista, autor e explorador de mistérios há algum tempo, mas este material oferecia um nível de manifestação física do mundo invisível que nunca encontrara antes. Transcendendo religiões e sistemas de crenças, Stewart Alexander e numerosos outros fizeram crónica de manifestações reais que dizem ser fornecidas por aqueles que habitam numa dimensão da vida após a morte. Testemunhar estes eventos, combinados com comunicações evidenciais daqueles nessa dimensão, transformou as suas crenças em saber.

Anteriormente, estudara jornais publicados e vários tomos do passado nos quais alguns cientistas corajosos, ousando falar a verdade, documentaram tais fenómenos sob condições controladas. Sabia que eram reais. O debate concernia a fonte das energias por trás das manifestações. Como poderíamos saber que são realmente manifestações do «mundo da eternidade» em vez de uma criação poderosa de alguma forma gerada pelo médium e pelos participantes por si próprios? Ou poderiam ser causadas por alguma outra espécie de força ou energia externa na Natureza que ainda não compreendemos? As comunicações eram realmente de pessoas falecidas? Como via, essa era a questão subjacente crucial, em vez de se estes eventos aparentemente milagrosos realmente ocorreram, apesar do profundo desafio que a sua realidade proporciona à visão científica aceite.

Stewart Alexander era obviamente bem fundamentado, inteligente e um ser humano equilibrado. Nunca esperara tornar-se médium, nem conscientemente tinha esse objetivo. Em vez disso, queria sentar-se calmamente com um pequeno grupo simplesmente para ver se algo aconteceria. Teve de superar a sua própria dúvida e ceticismo sobre a natureza da voz inicial que falava através dele, lidando com a questão persistente: seria isto simplesmente um aspeto do seu inconsciente, uma parte de si próprio? Era racional e pensativo sobre o seu próprio processo. Stewart só aceitou que este guia, Pena Branca, era uma identidade separada quando sentiu que prova disso era fornecida através de circunstâncias inesperadas e altamente evidenciais, como descreve.

A mediunidade de Stewart levou décadas a desenvolver-se. Não a apressou, e não tinha nada a ver com uma carreira, ensinar algo, ganhar dinheiro, atrair atenção (pelo contrário), ou atrair alguém de fora do seu círculo. Parecia ter paciência ilimitada. Mentores guiaram-no e aprendeu com aqueles conectados aos maiores médiuns físicos do passado. Investigou a história do Espiritualismo e estudou a literatura, acumulando uma impressionante biblioteca académica na sua casa. Ao mesmo tempo, geria o seu próprio negócio, era casado e criava dois rapazes, sempre mantendo a sua mediunidade privada e inteiramente separada da sua vida pessoal e profissional.

Stewart demonstrou as suas habilidades invulgares com restrições físicas elaboradas, marcadores de joelho visíveis e as mãos seguradas de ambos os lados. A sua mediunidade foi escrutinada por investigadores em múltiplos locais, em espaços sob o controlo de outros. Muitas pessoas credíveis descreveram os eventos na sua sala de sessões ao longo das décadas. Alguns fenómenos ocorreram à luz. Muita prova foi trazida por entes queridos dos participantes que Stewart e os membros do seu círculo não poderiam possivelmente ter sabido.

Nenhuma grande controvérsia ou alegações de fraude explodiram concernentes à mediunidade de Stewart nos últimos quarenta anos. Isso diz muito.

Fui profundamente tocado pelo ser humano – não apenas o médium – que falava através destas páginas com uma integridade pura. A sua «energia» tocou o meu cerne espiritual. Honestidade – que ele referencia na última frase do livro – parecia ser a sua fundação inata, assim como a humildade. Descreve o despertar do seu dom quase como uma espécie de

acidente inesperado decorrente do seu sentar-se pacientemente no escuro, semana após semana e ano após ano, sem nada acontecer e sem expectativa, até que um dia – num momento – tudo mudou, para sua surpresa. A forma como conta, era quase como se não tivesse nada a ver com ele.

Conhecendo Stewart

Em 2014, quando descobri Stewart Alexander, estava a investigar provas sugestivas da sobrevivência da consciência após a morte e a escrever um livro a ser publicado pela Random House em Nova Iorque, onde vivo. Como jornalista investigativo, tinha um interesse de longa data em reportar o mundo inexplicado que tantas pessoas encontraram em várias formas mas sentem que não podem falar sobre. Passara mais de uma década a investigar OVNIs – um fenómeno muito real, intrigante e complexo mal compreendido pela maioria das pessoas – que culminou no meu bestseller do *New York Times* de 2010 *UFOs: Generals, Pilots and Government Officials Go On the Record*.

Quando comecei a minha investigação ampla sobre sobrevivência em 2013, a mediunidade física intrigou-me mais. Incrivelmente, estes fenómenos podiam ser vistos, ouvidos, documentados e repetidos – em horários marcados! Isso parecia bom demais para ser verdade.

Muitas vezes perguntei-me se todos os médiuns físicos simplesmente enganavam as pessoas, como tantas vezes se assume. Alguns foram apanhados a fazer exatamente isso, e não só no passado distante. Mas, escavando mais fundo, surpreendi-me ao aprender que, há muitos anos, alguns médiuns físicos tinham sido estudados exaustivamente – sob os controlos mais rigorosos – por cientistas vencedores do Nobel, físicos e céticos que esperavam provar fraude. Qualquer tipo de engano foi excluído. Devorei os estudos nos quais estes investigadores astutos conseguiram estabelecer que os fenómenos inexplicados gerados pelos seus sujeitos eram genuínos. E isso incluía a materialização de mãos «vivas». Os dados, ali em preto e branco, eram inequívocos. Portanto, uma vez que aconteceu então, porque não poderia acontecer agora?

Eventualmente, enviei um email a Stewart e expliquei as minhas intenções. Sabia que ele tinha uma forte (e compreensível) aversão a céticos e cientistas. Mais tarde soube, com alguma diversão, que «jornalista

investigativo» era quase tão mau na sua mente – como poderia ele confiar num repórter? No entanto, pouco depois de lhe escrever, foi suficientemente gracioso para me convidar a vir sentar-me com o círculo caseiro, para a minha própria experiência e não necessariamente para o meu livro. Qualquer cobertura da sua mediunidade por mim seria decidida mais tarde. Como podem imaginar, não tive qualquer problema em fazer este acordo. De facto, estava eufórico.

«O meu envolvimento pessoal e evolução nesta jornada superam qualquer coisa relacionada com a minha vida profissional», escrevi-lhe no meu primeiro email em novembro de 2014. «Embora o meu livro e a sua missão – alcançar o mundo mais amplo sobre a sobrevivência da consciência após a morte – seja muito importante para mim, nada significa mais do que a minha descoberta interior desta realidade.» E isso era a verdade. No entanto, tinha toda a intenção de fazer o meu trabalho como jornalista investigativo na medida do possível.

Durante uma série de trocas de emails ao longo de vários meses, Stewart e eu começámos a conhecer-nos, e depressa pareceu que éramos amigos. Mal podia acreditar no quanto aprendi dos nossos diálogos, e ainda nem nos tínhamos encontrado. Descobri os livros e gravações de Katie Halliwell que documentam eventos nas sessões de Stewart; também o maravilhoso «Physical Séance Room Recollections», um CD que Stewart compilou com testemunhos daqueles que se sentaram com médiuns famosos do passado; partilhámos papers e referências sobre Franek Kluski, Alec Harris e William Cartheuser; ele conectou-me ao trabalho de Tom Harrison e Alan Gauld; e enviei-lhe uma cópia do meu livro sobre OVNIs, que penso que o ajudou a apreciar a minha abordagem de mente aberta ao reportar fenómenos inexplicados. Fiquei espantado com o quão terra-a-terra, gracioso e amigável ele era – surpreendentemente, exatamente como uma pessoa «normal» (mas anormal na forma invulgarmente comunicativa e generosa que era).

Houve algumas circunstâncias que forçaram um atraso, mas consegui assistir ao seminário de Stewart em Cober Hill em abril de 2015, seguido de duas sessões com o círculo caseiro depois, na casa de Ray e June Lister, uma das quais tinha apenas três outros participantes. Foi então que segurei pela primeira vez a mão materializada de Walter Stinson. (Escrevi sobre estas sessões com algum detalhe no meu livro de 2017 *Surviving Death: A*

Journalist Investigates Evidence of an Afterlife, para o qual Stewart escreveu o capítulo final.)

Também fiz a minha devida diligência. Verifiquei cada centímetro da sala de sessões para me certificar de que não havia forma de entrar ou sair furtivamente, nada escondido na sala, e nada estranho sobre a cadeira de Stewart ou a mesa da sala de sessões. Trouxe as minhas próprias abraçadeiras de cabo e observei enquanto eram puxadas firmemente à volta dos pulsos nus dele, a parte mais fina do braço e não no antebraço sobre a roupa, o que permitiria a possibilidade de deslizar as mãos para fora. Foi trancado nos pulsos pelas abraçadeiras que passavam por um laço na parte inferior dos braços da cadeira. As correias só podiam ser removidas com cortadores de arame.

Stewart também usava almofadas luminosas coladas a cada joelho, para que todos na sala pudessem sempre ver onde ele estava. Não estava encerrado no gabinete. A porta era trancada durante a sessão e não havia acesso pela única janela, que fora permanentemente tapada para impedir que qualquer luz entrasse na sala.

Tenho estado a sentar-me com o círculo caseiro de Stewart sempre que posso desde então. Agora conheço-o a ele e aos membros do círculo muito bem, e tive muitas reuniões com Stewart na casa dele e no seu espantoso estudo, cheio de tesouros (livros antigos, fitas, artefactos, arte) do mundo do Espiritualismo.

Como jornalista que colocou a minha reputação em jogo com este material «estranho», posso assegurar-vos com completa certeza – após cinco anos de escrutínio – que tudo o que ocorre no círculo de Stewart Alexander é absolutamente genuíno. Sei isso tão bem como sei que o céu é azul.

O Nosso «Grupo da Outra Margem das Águas»

Pela primeira vez, quero partilhar convosco um desenvolvimento notável no círculo que tem estado em curso nos últimos três anos. Tenho podido sentar-me semanalmente com Stewart e o círculo, apesar de viver do outro lado do Oceano Atlântico, devido a um arranjo muito especial, uma «experiência» das mais importantes que parece ser histórica no mundo da mediunidade física e do Espiritualismo.

Tudo começou quando, em algum momento após as minhas sessões iniciais com o círculo, tentámos uma experiência telefónica. Liguei para a sala de sessões durante a sessão enquanto Stewart permanecia em transe. Com o altifalante ligado, consegui falar com Freda do meu quarto de estar em Nova Iorque. Ela achou isto extraordinário! E eu também. Aconteceu quando estava a escrever o meu livro; a equipa espiritual estava entusiasmada e solidária com esse processo. Que impulso esta chamada foi para mim, pois sentia tanto a falta de estar lá.

Pode ter havido uma ou duas chamadas telefónicas à moda antiga. Mas no final de 2016, a membro do círculo Carol Petch sugeriu que tentássemos ter-me a juntar a uma sessão completa através do FaceTime no iPad dela. O iPad era um dispositivo seguro, porque podia ser virado de cabeça para baixo e não emitiria luz. Não conseguiria ver para dentro da sala, mas poderia ouvir e conversar. Nenhum de nós tinha ideia de como o iPad afetaria a energia na sala, ou o que aconteceria. Mas em janeiro de 2017, com a sala de sessões agora na casa de Carol, Walter permitiu-nos prosseguir. Stewart estava justificadamente nervoso em introduzir nova tecnologia na sala, mas seguimos cuidadosamente as instruções de Walter. Funcionou lindamente, para espanto de todos de ambos os lados do Atlântico e também do lado de Walter.

Nunca esquecerei o quão excitada Freda estava enquanto também estava completamente mistificada. «Não sei como consigo ouvir Leslie, mas consigo!» exclamou na primeira ocasião na sua voz expressiva de professora. «É maravilhoso, é magia, é inacreditável, mas tenho de acreditar porque estamos a conversar! Não faço absolutamente ideia de como isto está a funcionar, mas sei que está, porque consigo ouvir a tua voz!» (Que irónico que isto a espantasse aparentemente mais do que a sua capacidade de falar do seu mundo para o nosso – eu poderia estar a dizer o mesmo a ela sobre isso!) O tempo de Freda na Terra fora muito antes dos computadores.

Do meu lado, parecia quase como se estivesse lá na sala. Conseguia sentir a energia familiar, ouvir tudo e comunicar facilmente. De uma pequena «sala de sessões» no meu apartamento – uma arrecadação que limpei e escureci – continuámos a ligar-nos desta forma sempre que possível.

Então Walter decidiu que me queria lá todas as semanas no iPad. Como me senti afortunado! Isto tornou-se o ponto alto da minha semana.

Cerca de dois meses mais tarde, Stewart enviou-me um email e disse: «Tenho de te dizer que agora parece tão normal juntares-te às nossas sessões todas as semanas. No início, compreensivelmente, parecia estranho, mas agora – todas estas semanas depois – parece ser uma norma muito aceitável, o que em si é ótimo.» E tem continuado até hoje.

Continuei a ir a Inglaterra para me sentar pessoalmente sempre que podia (como ainda faço), mas as sessões «ligadas» são onde a experimentação de ponta tem lugar. Walter (com ajuda de outros no seu mundo, como descreve) começou a tentar projetar-se a si próprio, ou alguma espécie de energia que transmite, para a minha sala de sessões para ver se eu conseguia sentir a sua presença. Pediu que música fosse tocada suavemente na sala de sessões de Stewart durante cerca de cinco minutos ou assim, e disse-me simplesmente para relaxar. No início, esforcei-me demasiado para perceber algo, e estava excessivamente preocupado em não desiludir Walter. Os meus pensamentos eram muitos… seria realmente Walter, ou estaria eu a criar uma sensação particular devido a pensamento desejoso?

No início, não senti nada. Depois, comecei a notar uma energia subtil localizada numa parte do meu corpo, ou uma sensação de formigueiro na cabeça, ou uma suave sensação de pressão à minha volta. Podia facilmente estar a criar estes sentimentos, percebi. Relatei de volta a Walter depois, como ele pediu, e ele disse que o feedback era valioso. Não indicou que eu estava a interpretar mal algo. Estaria ele a verificar a minha experiência simplesmente para me agradar? Não tinha forma de saber.

Mas lentamente as coisas começaram a evoluir mais. Durante uma experiência, senti claramente pressão numa pequena área das minhas costas superiores. Quando a música parou, Walter disse-me que aplicara pressão exatamente nesse local, antes de eu dizer algo. Mal podia acreditar. Essa confirmação aumentou a minha confiança, e gradualmente aprendi, com a ajuda de Walter, como diferenciar as minhas próprias sensações daquelas aplicadas por ele. Parei de me preocupar se isto era auto-gerado, e simplesmente relatei de volta. Walter disse que isto o estava a ajudar a ele e à sua equipa a aperfeiçoar a técnica. Frequentemente estava satisfeito e confirmava que o que lhe dizia correspondia ao que tentara fazer. Progresso estava a ser feito, por mais lento que fosse… desenvolvimentos na mediunidade física geralmente levam muito tempo. Walter disse

repetidamente que tempo e distância não significam nada para aqueles do seu lado da vida.

Freda também conduziu experiências comigo à distância, sob a forma de testes de livros. Dizia-me exatamente onde procurar palavras ou conceitos específicos num livro específico. Teve dificuldade no início, com alguns falhanços e alguns que eram parcialmente corretos ou muito próximos. Estava determinada a continuar a tentar até o fazer perfeitamente, e nada a demoveria. E porque falhava por vezes? A própria Freda não conseguia explicar isto; não fazia ideia.

Finalmente, teve 100% de sucesso. Durante uma sessão em novembro de 2017, disse-me: Vai à prateleira de cima da tua estante. Vai ao livro 7, 8 ou 9 a contar da esquerda. Abre o livro na página 102, que será uma página à esquerda. Na 15.ª ou 16.ª linha a contar do topo, haverá a palavra «Tony» ou «Anthony». E a linha onde o nome está localizado terminará antes da margem da página. Disse também que o título tinha três palavras.

Após o fim da sessão, fui ao 7.º livro a contar da esquerda numa prateleira de cima. O título era *The Elements of Journalism* de Bill Kovach e Tom Rosenthal, a edição de bolso de 2001. A página 102 estava à esquerda, exatamente como Freda dissera. Contei a partir da linha de cima. E lá estava: a palavra «Tony» estava 16 linhas abaixo («the commentary of William Safire and Tony Lewis»). Além disso, essa frase terminava antes da margem da página. O título não tinha três palavras, mas isto parecia insignificante em comparação com o que ela conseguira.

Achei isto espantoso. Não pode ser atribuído ao acaso. Stewart nunca estivera em lado nenhum na América, e nada sabia sobre a minha estante. Ele sente que isto é altamente evidencial, porque está convencido de que não poderia possivelmente fazer isto ele próprio (poderia qualquer ser humano?) e portanto deve ser atribuído a alguma agência separada. E a «leitura» de Freda do meu livro foi transmitida através de uma conversa por computador a partir de uma distância. A tecnologia estava a desempenhar um papel na antiga arte da mediunidade, provavelmente pela primeira vez.

E depois há Christopher, o rapazinho brincalhão que faz as pessoas rir e também gosta de pregar partidas aos membros do círculo. Um dia, os óculos que uso para trabalho no computador desapareceram. (Posso trabalhar sem eles, por isso não foi um desastre.) Procurei por todo o lado, revistei cada recanto da minha casa. Tinham desaparecido. Não os levara

para fora, nem ninguém estivera lá além de mim. Alguns dias mais tarde, apareceram numa cadeira na sala de estar, onde não há dúvida de que os teria visto várias vezes. Na sessão seguinte, Christopher confessou ter pregado esta partida. Não compreendo como ele faz isto, mas manipulou objetos físicos muitas vezes para outros de formas mais espantosas do que esta.

Após algum tempo, o meu amigo Mike Anthony, que escreveu o texto sobre a sua experiência em Cober Hill no Capítulo 16, começou a sentar-se comigo todas as semanas. Ter outro participante – especialmente um tão entusiástico e aberto como Mike – aumentou a energia na sala e tornou mais fácil para Walter trabalhar a sua magia experimental.

Além de simplesmente adorar sentar-se, Mike tinha as suas próprias razões pessoais para fazer parte disto. Perdera o pai subitamente cerca de cinco anos antes, o que fora um choque devastador. O luto tornara-o quase disfuncional.

Pouco depois, Mike procurou a assistência da mediunidade mental e teve algumas leituras poderosas e altamente evidenciais que o convenceram de que o pai Robert estava em comunicação com a família. Com o tempo, recebeu também uma série de comunicações após a morte do pai, sinais enviados diretamente a ele por vezes em momentos de profundo desespero, que lhe tornaram possível continuar com a vida. Mas sentar-se com Stewart tinha outro nível de possibilidade: que pudesse realmente falar diretamente com o pai. Mike manteve esta esperança no fundo da mente… e cerca de dois meses após começar a sentar-se comigo, as circunstâncias foram perfeitas para Robert vir através. O milagre finalmente aconteceu.

A 9 de julho de 2018, Mike trouxe a mãe Liz e a irmã Jen quando veio sentar-se comigo na casa de verão da minha família em Massachusetts. Era um dia lindo, e Jen e Liz instalaram-se no relvado para desfrutar da vista do oceano, enquanto Mike e eu entrávamos na casa para nos sentarmos com o círculo de Stewart à hora habitual. Ligámo-nos através do meu portátil ao iPad como de costume. Ninguém no círculo, incluindo Stewart, sabia que a família de Mike estava sentada mesmo fora da casa.

No final da sessão, Pena Branca geralmente fornece algumas palavras de encerramento, e ninguém do mundo espiritual fala depois disso. O círculo é então formalmente fechado. Mas nesta ocasião, após Pena Branca ter desempenhado este dever, alguém irrompeu, enquanto Stewart ainda estava em estado de transe. Anunciou-se como o pai de Mike e enviou o

seu amor. Tendo dificuldade em falar pela primeira vez, Robert disse algo sobre a irmã de Mike antes de desvanecer. Freda voltou então e disse que tentara fazer Robert esperar, mas ele simplesmente não o faria. Após sair do transe, Stewart disse que ouvira o nome «Gwen». Disse-me mais tarde que isto poderia facilmente ter sido «Jen» (o nome da irmã de Mike).

O facto de a família estar presente poderia ter sido o que motivou Robert a desafiar as instruções de Freda para esperar e em vez disso empurrar no final. Talvez quaisquer barreiras que estivessem no seu caminho mais cedo na sessão – como uma Freda severa no controlo das comunicações – caíssem após o círculo ser formalmente fechado e a Equipa Espiritual se retirar. Só então poderia ele romper.

Mike e eu saímos para trás para contar à mãe e à irmã dele as notícias maravilhosas. Relataram-nos que uma borboleta monarca passara pelas caras delas durante o final do tempo da sessão. Enquanto Mike e eu estávamos ali parados, com a mãe de Mike em lágrimas, uma borboleta monarca voou literalmente mesmo ao nosso lado e para o campo próximo. Esta fora a primeira vez que vira borboletas naquele verão.

Porque é isso importante? As borboletas representam um sinal de Robert para os membros da família. Após Robert morrer, Mike tivera numerosos encontros notáveis com borboletas em situações onde nunca deveriam ter sido vistas, como nas entranhas do metro de Nova Iorque ou num teatro encerrado no segundo andar perto de Times Square no momento em que Penn (de Penn and Teller) disse que a mediunidade era «treta». As borboletas apareciam quando Mike estava particularmente conectado ao pai, ou duvidando, ou pedindo algum tipo de sinal. A sua presença próxima na altura da primeira aparição de Robert na sessão de Stewart pareceu uma confirmação jubilosa aos três de que isto era realmente Robert.

Este evento que mudou a vida desta família aconteceu através de uma ligação proporcionada por um computador. Que potencial poderá isto ter para o futuro? E quantos outros grupos de sessões poderiam beneficiar de algo semelhante?

E não resisto a partilhar a história da borboleta «depois». Algumas semanas mais tarde, em casa dele, Mike reproduziu excitadamente algumas fitas de sessões de Stewart para um amigo próximo que por acaso era um cético comprometido. O amigo não conseguia aceitar que qualquer dos «comunicadores espirituais» de Stewart fosse algo além do próprio Stewart a falar com vozes engraçadas. Como poderia Mike acreditar que eram

«espíritos»? Mike também contou ao amigo sobre o significado das borboletas e as suas experiências extraordinárias com elas, incluindo a aparição delas naquele dia quando o pai falou pela primeira vez através de Stewart. «Pá», disse o amigo, «se olhasse pela tua janela e visse uma borboleta ali agora, então acreditaria em ti.»

Bem, talvez não precise de vos contar o que aconteceu a seguir. Pensaram que viram algo na janela. Aproximaram-se dela, e de facto havia uma borboleta monarca mesmo ali fora naquele exato momento. Esse amigo é agora um crente!

Mike e eu somos agora frequentemente acompanhados por Jen, Liz e o meu filho Paul nas nossas sessões de segunda-feira. Mike e a família receberam muitas comunicações subsequentes de Robert. Jen teve sensações físicas intensas na sala de sessões durante as experiências de Walter.

Desde que crescemos em número, mais fenómenos ocorrem durante a «entrada» de Walter no nosso espaço. Mike e a irmã experimentaram uma luz de escala LED a acender quando nenhum peso foi colocado nela, e portas de armário a serem sacudidas no escuro enquanto Walter experimentava. (Não estava presente então.) Mike tinha um brinquedo de gato redondo que só acende quando é movido, e acendeu enquanto estacionário sem ninguém o tocar durante a sessão num momento em que perguntava ao pai se ele estava lá. (Isto não pôde ser recriado sem mover a bola.)

Numa sessão, pudemos ouvir claramente vozes estranhas a falar por cima da música durante a «experiência» de Walter; vozes que não pertenciam a nenhum dos participantes. Era um pouco arrepiante; soava como duas vozes, talvez noutra língua, dizendo palavras que não conseguíamos distinguir bem. No final, a palavra «irmã» foi repetida cerca de cinco vezes, e todos em ambas as salas de sessões a ouviram. Acreditamos que estas vozes eram independentes (não vindas através de Stewart), ocorrendo perto do iPad na sala de sessões de Stewart. Vieram claramente na gravação feita da nossa sala, e noutro dispositivo mesmo ao lado do iPad na sala de Stewart. Mas as vozes não puderam ser ouvidas na gravação principal de qualidade profissional que Ray sempre usa a uma distância do iPad, que grava todos os sons na sala.

Se as vozes viessem de Stewart, teriam sido ouvidas na fita de Ray. E os participantes de ambos os lados de Stewart confirmaram que não eram.

Quem e o que eram estas vozes misteriosas e de outro mundo? Não sabemos, e provavelmente nunca saberemos. Mas nunca ouvi nada parecido antes, nem desde então.

Mais recentemente, manifestações físicas dramáticas têm ocorrido do nosso lado do oceano, tanto dentro como fora das nossas duas «salas de sessões» locais (Mike tem uma na casa dele em Connecticut). Durante a sessão de 10 de fevereiro de 2020, Walter disse a Mike que ele receberia uma surpresa. Quando Mike acendeu a luz após o fim da sessão, ainda ligado ao grupo em Inglaterra, descobriu um líquido estranho salpicado e espalhado na parede vazia à sua esquerda. Gotas de todos os tamanhos agarravam-se à parede, algumas em linhas retas ou curvas, algumas em manchas, que não pingavam nem evaporavam. Eram claras mas pareciam um pouco oleosas. Muitas semanas mais tarde, enquanto escrevo, ainda lá estão (exceto algumas que removemos e estão à espera de testes num laboratório).

Letras apareceram no pó numa prateleira no quarto de Mike e a gaveta do fogão foi puxada durante a noite. E eu tive uma das melhores surpresas da minha vida. Uma impressão clara de «mão» apareceu no interior da minha janela – cinco dedos e um polegar – na geada que se acumulou numa noite fria devido à névoa do meu humidificador. (Também me tinham dito que algo ocorreria na minha casa.) Todas estas quatro anomalias ocorreram na mesma semana; Walter ou Christopher reclamaram responsabilidade por todas elas. Até hoje, tudo o que tenho de fazer é soprar névoa na minha janela, e a impressão da mão aparece, como se fizesse parte da superfície do vidro. Tal como as gotas na parede de Mike, não desaparece!

E, na noite passada, mesmo antes de submeter este epílogo, uma segunda impressão aparente de mão apareceu noutra janela no meu quarto. Vi-a após sair do duche, quando o vapor encheu a sala e cobriu as janelas; saltou-me à vista, ainda mais clara do que a anterior nove semanas antes. Desta vez era uma mão direita; uma mão esquerda antes. Tinha limpo esta janela, por dentro e por fora, cerca de uma semana antes, e da última vez que tomei duche nada estava nessa janela. Foi um grande impulso para o meu ânimo durante um longo período de isolamento devido ao coronavírus, que significou nenhuma sessão há demasiado tempo.

O que virá a seguir? Walter diz-nos frequentemente que tem outros planos, planos mais grandiosos, para além de tudo o que podemos imaginar.

O Inefável

No início do meu tempo a sentar-me com Stewart, estava sempre à procura de mais «prova», a conceber experiências potenciais na minha mente e a fazer perguntas intermináveis. No entanto, cheguei a respeitar o quão difícil é produzir qualquer destas manifestações em primeiro lugar; o facto de acontecerem de todo é suficientemente extraordinário. Tornei-me menos exigente de prova clássica e «científica». De facto, as ferramentas da ciência convencional são limitadas quando se trata do estudo da mediunidade física, na qual o ambiente, o estado mental do médium e as energias dos participantes fazem toda a diferença.

Ocasionalmente, algo tão especial, tão «impossível», ocorre na sala de sessões de Stewart que leva a minha mente para outro lugar completamente.

Isto aconteceu quando consegui fisicamente juntar-me ao círculo caseiro em Inglaterra a 20 de maio de 2019 (anos após as sessões que descrevi no meu livro *Surviving Death*). O Dr. Barnett materializou-se e tive um encontro prolongado com ele. Normalmente fala em voz independente através do seu «mecanismo artificial», uma caixa de voz que constrói a partir de ectoplasma. (Em mais do que uma ocasião, Stewart acordou e ouvi-o a falar ao mesmo tempo que o Dr. Barnett.) Nesta sessão, Stewart estava imobilizado com abraçadeiras de cabo, e as suas almofadas luminosas nos joelhos eram visíveis. Manchas luminosas nas cortinas do gabinete permitiam aos participantes verem-nas a abrir ou fechar enquanto Stewart permanecia estacionário. As cortinas foram fechadas brevemente à volta de Stewart antes de o Dr. Barnett fazer a sua entrada na sala, deslizando as cortinas para abrir e deixando-as abertas atrás dele.

O Dr. Barnett materializado saiu do gabinete e veio ter comigo, tocou no meu cabelo e depois colocou ambas as suas grandes mãos no topo da minha cabeça, saltitando-as para cima e para baixo repetidamente. Isto durou cerca de um minuto e meio – muito tempo – enquanto falava mesmo à minha frente. A sua voz suave mas clara estava a centímetros de distância – Stewart estava preso à cadeira no gabinete. Reconheci a voz do Dr. Barnett que ouvira muitas vezes antes da sua caixa de voz independente. As suas palmadas firmes e rápidas na minha cabeça pareceram tão esquisitamente estranhas e belas que não consegui fazer nada além de expressar isso e agradecer-lhe repetidamente. As palavras pareciam

inadequadas, mas a gratidão jorrou de mim. «Só queria que soubesses que sou um ser humano sólido», disse ele. Isso deixou-me completamente atordoado. Dois minutos antes, ele não existia em forma física.

Sei que é um cliché, mas é impossível descrever como foi essa experiência de outro mundo. Euforia? Um estado alterado de consciência? Temor espiritual? De facto, foi uma espécie de êxtase. A mente mal consegue compreender a natureza fantástica de uma forma humana a emergir do ectoplasma, a andar, a falar, a tocar e depois a recuar para de onde veio. E de onde é isso? O Dr. Barnett diz que outrora viveu nesta Terra. É esta materialização prova de que sobrevivemos à morte física? Ou significa outra coisa? Penso que não podemos responder a essa questão com qualquer grau de certeza. Mas esta experiência viverá comigo para sempre.

E agora para regressar a este livro notável. Foi um privilégio ajudar Stewart Alexander com o delicado processo de edição e atualização da sua edição final de *Uma Jornada Extraordinária*. Convidou-me a adicionar uma descrição das nossas experiências em curso com o «grupo do outro lado da água» como epílogo, pois este é um desenvolvimento atual na sua mediunidade que é bastante revolucionário e proporciona um final apropriado à nova edição.

Ao longo do processo de edição, estava tantas vezes consciente tanto da modéstia de Stewart como da sua preocupação com os céticos. Stewart não é crédulo nem anti-intelectual. Não fecha os olhos às questões difíceis, mas enfrenta-as. Compreende a natureza do ceticismo, tanto razoável como irrazoável. Penso que fez todos os esforços para abordar preocupações céticas enquanto também elucidava a desonestidade inescrupulosa de alguns chamados investigadores do passado. Fez um trabalho soberbo ao dissecar e clarificar o fenómeno confuso da mediunidade mista nos capítulos finais. No entanto, está agudamente consciente da possibilidade de que céticos possam tentar danificar o seu legado após ele partir. Penso que *Uma Viagem Extraordinária* levará a sua mensagem para a frente indefinidamente e pode resistir a qualquer escrutínio cético.

Tive de considerar os riscos para a minha reputação como jornalista a escrever sobre as minhas próprias experiências invulgares, que provavelmente serão difíceis de aceitar para alguns. No entanto, posso permanecer objetivo mesmo tendo a boa fortuna de conhecer estas

experiências diretamente. E, nesta instância, tenho a sorte de estar a cavalgar na cauda de um livro por um indivíduo excecional e raro com a coragem de se colocar na linha como poucos outros que conheci.

Permaneço grato a Stewart Alexander por confiar em mim o suficiente para me permitir entrar no seu mundo. Encontrei mais do que procurava, e desde então estive numa jornada para além da minha imaginação que se torna mais maravilhosa com o tempo.

Mas também nunca pararei de sondar e fazer pelo menos algumas daquelas questões impossíveis, talvez irrespondíveis. Acima de tudo, quero que outros saibam que isto é real. Que estranho que a tecnologia que a equipa espiritual não consegue compreender conecte o meu pequeno grupo ao mundo deles que não conseguimos compreender. Quando expresso o meu deleite a Walter sobre isto, ele continua a dizer que isto é apenas o início. Tem dito isso há anos, por isso este processo parece um início contínuo sem fim. Não pode ficar melhor do que isso.

Leslie Kean Abril de 2020

Agradecimentos

Gostaria de oferecer os meus agradecimentos à Dr.ª Annette Childs e ao Dr. Alan Gauld pela ajuda, conselho e encorajamento inestimáveis que proporcionaram infalivelmente enquanto escrevia a versão original de 2010 deste livro. Embora nem sempre concordassem com as opiniões, visões e argumentos que expressei nele, pelo menos «compreenderam», e por isso estou grato. A minha apreciação vai também para Ann Harrison da Saturday Night Press Publications pelo seu apoio e perícia enquanto editava esse livro e, como sua editora, reunia os seus muitos elementos. Adicionalmente, a minha gratidão vai para Sue Farrow pela sua orientação no início do projeto em 2009.

Para esta edição atualizada, gostaria de expressar a minha gratidão primeiramente a Leslie Kean, que empreendeu a edição e revisão de cada capítulo, e também a Hilde Aga Brun pela sua contribuição inestimável no design do fundo da capa. E finalmente, os meus sinceros agradecimentos vão para Jon Beecher da White Crow Books, que gentilmente concordou em assumir a publicação desta memória revista.